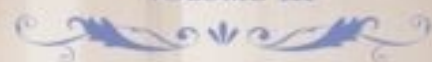




Série WESTCOTT
VOLUME III



*Ela não escondeu do mundo
apenas o seu rosto.
Escondeu-se a si própria.*

A TENTAÇÃO
DO
CASAMENTO

L Mary
Salogh



Ficha Técnica

Título: **A TENTACÃO DO CA SAMENTO**

Título original: **SOMEONE TO WED**

Publicado por acordo com Maria Cervainis Agency, Inc. e Julio F. Yañez, Agencia Literaria.

Traduzido do inglês *Someone to Wed* © Copyright © 2017, Mary Balogh

Publicado originalmente nos EUA por Jove/Berkley, uma chancela da

Penguin Random House LLC, Nova Iorque

© 2019, Edições ASA II, S.A.

"MEB"

Tradução: Ana Álvares

Revisão: Lúcia Sarmento

Capa: Alexandra Rezende Costa

Imagem da capa: Shutterstock

1.ª edição: junho de 2019

ISBN: 9789887345871

Edições ASA II, S.A.

Uma editora do Grupo Leya

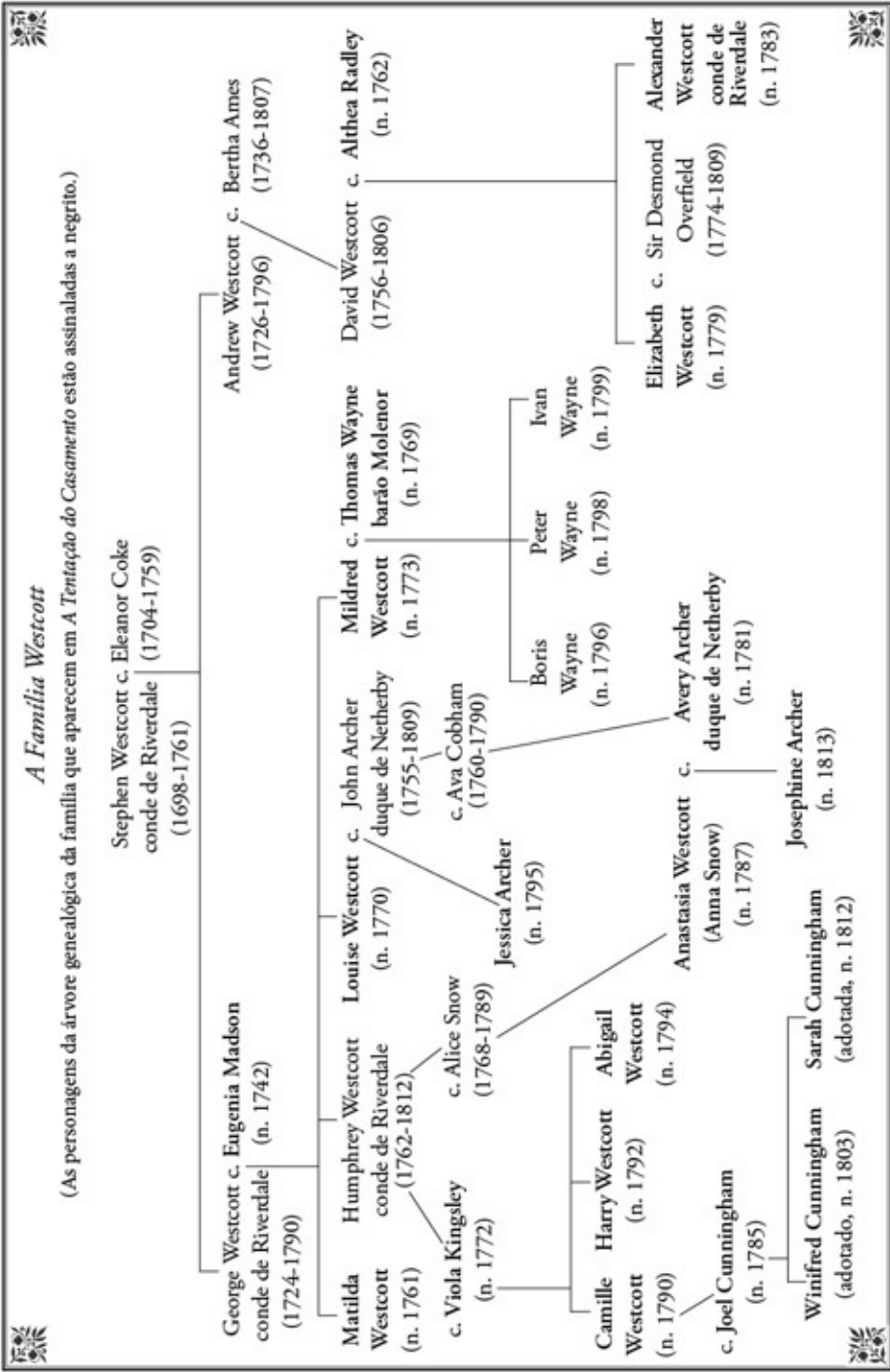
Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

www.leya.com

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.



CAPÍTULO 1



— O conde de Riverdale – anunciou o mordomo, depois de abrir de par em par a porta dupla da sala de visitas como se se preparasse para acolher um regimento, afastando-se, então, para dar passagem ao cavalheiro, que avançou em passo decidido.

Não seria imperativo anunciá-lo pois Wren ouvira o veículo chegar, adivinhando que se tratava de um cabriolé desportivo e não de uma pesada carruagem, embora não se tivesse levantado para o confirmar. E o homem chegara praticamente à hora exata. Gostou disso. Os dois cavalheiros que o precederam tinham chegado atrasados, um deles meia hora. Instigara ambos a seguirem o seu caminho, assim que tal fora minimamente aceitável, embora os atrasos não fossem a única motivação. Mr. Sweeney, que a visitara uma semana antes, tinha dentes fracos e o hábito de abrir a boca para os expor com desconcertante frequência, rindo-se ou não. Mr. Richman, que a visitara quatro dias antes, não possuía personalidade discernível, facto que se revelara quase tão desconcertante quanto a dentição do primeiro. Chegava agora o terceiro.

Este avançou alguns passos, detendo-se abruptamente quando o mordomo fechou a porta. Passou os olhos pela sala evidenciando surpresa ao constatar que a ocupavam tão-somente duas mulheres, uma das quais – Maude, a criada pessoal de Wren – se encontrava sentada a um canto debruçada sobre a sua costura, cumprindo o papel de dama de companhia. Pousou o olhar em Wren e fez uma vénia.

– Miss Heyden? – Era uma pergunta.

Após a aprovação inicial da sua pontualidade, a primeira reação que ela experimentou foi de profundo desalento. Bastou um olhar para compreender que ele não era, de todo, aquilo que desejava.

Tratava-se de um homem alto, atlético, vestido com uma elegância irrepreensível, moreno e insuportavelmente belo. E jovem. Vinte e muitos ou trinta e poucos, diria. Se a sua pretensão fosse encontrar o herói perfeito para o conto de fadas perfeito, não poderia desejar melhor do que aquele homem de carne e osso que no meio da sala aguardava a confirmação de que fora ela quem o convidara para tomar chá em Withington House.

Mas não se tratava de um conto de fadas e a absoluta perfeição da figura dele alarmou-a, fazendo-a reclinar-se mais na poltrona e resguardar-se na penumbra proporcionada pelos cortinados corridos sobre a janela, junto à lareira. Não pretendia um homem bonito, nem sequer um homem particularmente jovem. Esperava alguém mais velho, de aspeto mais comezinho, com calvície incipiente, talvez, ou alguma barriga. Agradável ao olhar mas, sobretudo... comum. Com dentes decentes e pelo menos *alguma* personalidade. Porém, dificilmente poderia negar ser quem era e dispensá-lo sem mais demoras.

– Sim – declarou ela. – Como está, Lord Riverdale? Sente-se, por favor – ofereceu, indicando a poltrona à frente da sua, do outro lado da lareira. Não desconhecia por completo as boas maneiras e sabia que devia levantar-se para o cumprimentar, mas tinha os seus motivos para se manter na penumbra, pelo menos de momento.

Ele desceu os olhos para a poltrona enquanto se aproximava, sentando-se com evidente relutância.

– Peço-lhe que me desculpe – disse – por vir demasiado cedo. Receio que a pontualidade seja o mais desconcertante dos meus pecados. Cometo sempre o erro de julgar que, quando me convidam a comparecer às duas e meia em algum lado, é precisamente a essa hora que sou aguardado. Espero que cheguem em breve mais convidados, incluindo algumas senhoras.

Ela ficou ainda mais alarmada quando ele sorriu. Era impossível existir um homem mais bonito. Tinha dentes perfeitos e quando sorria surgiam-lhe pequenas rugas nos cantos dos olhos muito azuis. Oh... que pena. Quem era o número quatro da lista?

– No meu entender, a pontualidade é uma virtude, Lord Riverdale – declarou. – Sou uma mulher de negócios, como talvez saiba, e, para se vencer nos negócios, é necessário respeitar o tempo das outras pessoas, assim como o nosso. Chegou a horas. Veja – rematou, esticando uma mão para o relógio que marcava as horas sobre a lareira. – São três menos vinte e cinco. E não espero mais nenhum convidado.

O sorriso desapareceu do rosto de Lord Riverdale, que olhou para Maude antes de se concentrar em Wren.

– Estou a ver – disse este. – Talvez não seja do seu conhecimento, Miss Heyden, mas nem a minha mãe nem a minha irmã se instalaram comigo no campo. Ou talvez não tenha percebido que não disponho da companhia de uma esposa. Peço que me desculpe. Não desejo causar-lhe nenhum constrangimento nem comprometê-la de forma alguma.

Apertou os braços da poltrona, assinalando que estava prestes a partir.

– Mas o meu convite foi dirigido somente a si – replicou ela. – Não sou

nenhuma menina dependente da proteção constante de familiares contra os perigos da exposição a homens solteiros. E conto com a presença da Maude para salvaguardar o decoro. Podemos considerar-nos vizinhos, Lord Riverdale, embora Withington House e Brambledean Court distem mais de doze quilómetros e eu nem sempre me encontre aqui nem o senhor lá. Ainda assim, agora que sou proprietária de Withington, e decorrido o ano de luto pelo meu tio e a minha tia, decidi travar conhecimento com alguns dos meus vizinhos. Recebi Mr. Sweeney na semana passada, assim como Mr. Richman, alguns dias depois. Conhece-os?

Com o sobrolho carregado e apertando ainda os braços da poltrona, ele parecia desconfortável e preparado para se levantar de um salto ao menor pretexto.

– Já me cruzei com ambos os cavalheiros, embora não possa dizer que os conheça – explicou ele. – Há apenas um ano que detenho o título e a propriedade e ainda não me demorei muito tempo cá.

– Então, considero-me afortunada por estar cá neste momento – declarou ela, ao mesmo tempo que a porta se abria para dar entrada à bandeja do chá, que foi pousada à sua frente. Ela sentou-se na beira da poltrona, inclinando-se ligeiramente para a esquerda num movimento inconsciente, e serviu o chá. Maude abeirou-se silenciosamente, do outro lado da sala, para entregar ao conde a sua chávena e lhe estender o prato dos doces.

– Não conheci os seus tios, Mr. e Mrs. Heyden – retomou ele, com um aceno de agradecimento a Maude. – Lamento a sua perda. Sei que faleceram em dias muito próximos.

– Sim – devolveu ela. – A minha tia faleceu poucos dias depois de ficar de cama com uma dor de cabeça muito forte e o meu tio partiu nem sequer uma semana depois. Há algum tempo que estava com a saúde fragilizada e creio que simplesmente desistiu de lutar depois de ela partir. Adorava-a. – E a tia Megan adorava-o a ele, apesar da diferença de trinta anos e da natureza apressada do matrimónio que tinham contraído há quase vinte anos.

– Lamento – repetiu ele. – Foram eles que a criaram?

– Sim – confirmou ela. – Se fossem meus pais não me teriam tratado melhor. Sei que o seu antecessor não vivia em Brambledean, nem visitava a propriedade com frequência. Refiro-me ao falecido conde de Riverdale, não ao seu desafortunado filho. Tenciona estabelecer residência permanente aqui?

O desafortunado filho, ficara a saber Wren, herdara o título até se descobrir que o pai contraíra matrimónio em segredo quando era muito jovem e que a sua primeira mulher ainda vivia quando ele casou com a mãe dos seus três filhos. Estas crianças, já adultas, tinham descoberto que eram ilegítimas e o jovem

conde perdera o título a favor do homem que, naquele momento, se encontrava sentado do outro lado da lareira. Do primeiro casamento do falecido conde nascera uma criança, uma menina, que crescera num orfanato de Bath, ignorando por completo a sua identidade. Wren sabia tudo aquilo e ainda mais, quando adicionara o conde à sua lista. A história causara sensação no ano anterior, tendo alimentado semanas a fio a verve das colunas sociais, e não era difícil apurar informações mais pormenorizadas quando criados e comerciantes se mostravam ansiosos por partilhar aquilo que descobriam.

Claro que era impossível saber onde a verdade terminava exatamente e dava lugar ao exagero e aos mal-entendidos, ou onde começava a especulação e até a invenção pura, mas Wren conhecia surpreendentemente bem os seus vizinhos, atendendo a que não mantinha com estes qualquer contacto social. Sabia, por exemplo, que tanto Mr. Sweeney como Mr. Richman eram cavalheiros respeitáveis mas empobrecidos e que Brambledean fora quase completamente negligenciada pelo falecido conde, que a abandonara às mãos de um administrador preguiçoso, que visitava com muito mais frequência a taberna da estalagem local do que o seu escritório e que quase a conduzira à ruína. Naquele momento, tanto o solar como a propriedade careciam de um investimento avultado.

Wren ficara a saber que o novo conde era um cavalheiro consciencioso que possuía um rendimento confortável mas cujos recursos não bastavam para fazer face à calamidade financeira da qual, de forma tão inesperada, era herdeiro. O falecido conde não era um homem pobre. Na verdade estava muito longe disso. Mas a sua fortuna fora herdada pela filha legítima, que poderia ter salvado a situação casando-se com o novo conde, unindo, assim, o morgadio ao capital. Contudo, esta optara por se casar com o duque de Netherby. Wren não tinha dificuldade em compreender por que motivo a multifacetada história dominara as conversas tanto nos salões como nas cozinhas durante o ano anterior.

– É um facto que tenciono viver em Brambledean – informou o conde de Riverdale, fitando a chávena com o sobrolho carregado. – Posso outra casa no Kent, da qual gosto muito, mas sou necessário aqui e um proprietário ausente raramente é um bom senhor. As pessoas que dependem de mim merecem melhor.

Era tão atraente com aquela expressão sisuda como quando sorria. Wren hesitou. Não era demasiado tarde para incentivá-lo a seguir o seu caminho, como fizera aos dois homens que o precederam. Dera-lhe um motivo plausível para o convite e mimara-o com chá e bolos. Ele partiria, seguramente, julgando-a excêntrica e era provável que lhe censurasse ter-lhe dirigido um convite singular, sendo uma mulher solteira e contando apenas com a vigilância de uma simples

criada. Mas não demoraria a esquecer o encontro, e também a ela. Fosse como fosse, ela não se importava minimamente com o que ele pudesse pensar ou dizer de si.

Naquele momento, porém, lembrou-se do número quatro da lista, um homem com cinquenta e muitos anos que sempre se professara solteirão inveterado; e o número cinco era conhecido pelas queixas constantes de padecimentos reais e imaginários. Adicionara-os apenas porque a lista lhe parecera pateticamente curta restringida a três nomes.

– Sei, Lord Riverdale – prosseguiu –, que o senhor não é um homem rico. – Agora provavelmente seria demasiado tarde, ou muito perto disso. Se o mandasse embora naquele momento sujeitava-se a ser considerada grosseira, além de excêntrica e pouco ciosa da sua reputação.

Foi com lentidão que ele pousou a chávena na mesa antes de a fitar. Um ligeiro dilatar das narinas advertia-a de que o irritara.

– Sabe, deveras? – devolveu ele, em tom de manifesta altivez. – Agradeço o chá, Miss Heyden. Não tomarei mais do seu tempo. – Levantou-se.

– Eu poderia propor-lhe uma solução – insistiu ela, impossibilitando qualquer recuo. – Quero dizer, para a sua situação de relativa carência. Necessita de dinheiro para corrigir a negligência a que Brambledean esteve votada e para cumprir o seu dever para com as pessoas que dependem de si. O que poderá exigir anos, ou o resto da sua vida, até, se contar apenas com uma gestão responsável. Infelizmente, torna-se necessário investir uma soma considerável em qualquer negócio antes de extrair dele qualquer rendimento. Talvez pondere recorrer a um empréstimo ou uma hipoteca, caso a propriedade ainda não esteja hipotecada. Ou talvez pense escolher uma mulher abastada.

Ele permanecia muito direito, com a boca numa linha dura. Continuava com as narinas dilatadas. Tinha um aspeto magnífico, ligeiramente ameaçador, até, e, por um instante, Wren lamentou ter proferido aquelas palavras. Mas não poderia retirá-las.

– Tenho de informá-la, Miss Heyden, que a sua curiosidade me é ofensiva – comunicou o conde com brusquidão. – Tenha um bom dia.

– Talvez seja do seu conhecimento – voltou ela –, que o meu tio era um homem espantosamente rico, graças, sobretudo, à vidraria que possuía no Staffordshire. Como a minha tia o precedeu na morte, deixou-me tudo a mim. Ensinou-me muito sobre o negócio, que ajudei a gerir durante os seus últimos anos de vida e está agora à minha responsabilidade. No ano transato, não perdeu nenhum do seu dinamismo, encontrando-se, até, em expansão gradual. Existem também outros investimentos e propriedades. Sou uma mulher muito rica, Lord Riverdale. Mas há algo em falta na minha vida, tal como o dinheiro falta na sua.

Tenho vinte e nove anos, quase trinta, e gostaria de ter... a certeza de um casamento. Não sou uma noiva desejável, mas tenho dinheiro. E o senhor não tem.

Fez uma pausa para saber se ele teria algo a dizer, mas Lord Riverdale, que estava com o olhar fixo nela e uma expressão granítica, parecia pregado ao chão. Subitamente, Wren sentiu uma enorme satisfação pela presença de Maude na sala, embora tal fosse também confrangedor. A criada pessoal não aprovava aquelas diligências e não se coibia de lho exprimir quando estavam a sós.

– Talvez possamos unir esforços e cada qual obter aquilo que deseja – concluiu.

– Está a propor-me... casamento? – reagiu ele.

Não tinha sido suficientemente clara?

– Sim – declarou ela. Ele continuava a olhá-la fixamente e Wren, desconfortável, começou a ouvir o tiquetaque do relógio.

– Miss Heyden – disse ele, por fim. – Nem sequer vi o seu rosto.

Alexander Westcott, conde de Riverdale, teve a sensação de entrar num daqueles sonhos extravagantes que não pareciam albergar qualquer semelhança com as suas experiências de vigília. Dirigira-se àquela casa para corresponder ao convite de uma vizinha distante, um entre muitos que aceitara desde que se estabelecera no Wiltshire, no solar da propriedade que preferiria não ter herdado. Competia-lhe conhecer as pessoas junto das quais tencionava viver e cultivar com elas relações favoráveis.

Nenhum daqueles com quem falara soubera dar-lhe grandes informações sobre Miss Heyden, além de que esta era sobrinha de uns tais Mr. e Mrs. Heyden, que tinham falecido a poucos dias um do outro, há cerca de um ano, e lhe tinham legado Withington House. O casal participara em eventos sociais, não longe de Brambledean, parecia recordar o mordomo, embora não de forma assídua, provavelmente em virtude da distância. Mas nunca ouvira comentar que os acompanhasse uma sobrinha. William Bufford, administrador de Alexander, não soubera acrescentar mais nada. Assumira o cargo há apenas quatro meses, quando o antigo administrador fora dispensado com uma generosa gratificação da qual não era, de todo, merecedor. Segundo o mordomo, Mr. Heyden era um homem bastante idoso, pelo que Alexander presumira que a sobrinha seria uma mulher que ultrapassara a meia-idade, e que se esforçava por se estabelecer na propriedade que agora lhe pertencia enviando convites aos vizinhos, próximos e afastados, para tomar chá.

Não esperara, seguramente, ser o convidado solitário de uma mulher que

aparentava ser mais jovem do que ele julgara. Não chegara a perceber se muito mais. Ela não se levantara para o cumprimentar, permanecendo sentada num cadeirão bastante mais distante da lareira do que o cadeirão por ele ocupado, ao abrigo da sombra projetada pelos espessos cortinados que cobriam a janela próxima. Com exceção daquele recanto, toda a sala estava inundada de luz, o que tornava mais notório o contraste e a dona da casa menos visível. O seu vulto, esguio, aparentando juventude, ocupava o cadeirão com graciosidade. As mãos, elegantes, de dedos compridos, estavam bem arranjadas e também tinham aspeto jovem. A voz, grave e suave, já não era de rapariga mas tão-pouco pertencia a uma mulher consideravelmente mais velha. A sua previsão confirmou-se quando ela lhe comunicou que tinha quase trinta anos – a idade dele.

Envergava um vestido cinzento, de meio luto, talvez. Era bastante elegante e ficava-lhe bem. Tinha a cabeça e o rosto cobertos por um véu negro. Ele entrevia o cabelo e o rosto dela para lá do véu, mas sem nitidez. Era impossível identificar a cor do cabelo e igualmente impossível distinguir os traços do seu rosto. Não comera nada para acompanhar o chá e quando bebia levantava o véu inclinando graciosamente uma mão e fazendo desaparecer a chávena.

Dizer que se sentia desconfortável desde que pisara aquela sala seria um tremendo eufemismo. E quanto mais os minutos passavam mais ele desejava ter simplesmente dado meia-volta e partido assim que compreendera a situação. Poderiam considerá-lo rude, mas, santo Deus, estar ali sozinho com ela (a presença da criada não era relevante) era absolutamente impróprio.

Naquele momento, porém, além de desconfortável, sentia-se indignado. Ela falara sem reservas sobre a dramática situação de Brambledean e o empobrecimento a que fora votada. Não que ele próprio tivesse dificuldades financeiras. Passara cinco anos, após a morte do pai, a trabalhar arduamente para resgatar a prosperidade de Riddings Park, no Kent, e conseguira-o. Acostumava-se à vida confortável de cavalheiro razoavelmente próspero quando se dera a catástrofe, no ano anterior, pela qual se vira detentor de um título que não desejava e de um morgadio em estado quase ruinoso que desejava ainda menos. De súbito, a sua razoável fortuna parecera mais uma insignificância.

Mesmo assim, como se atrevia ela, uma desconhecida, a referir abertamente aquela situação? A vulgaridade da sua atitude paralisara-lhe o pensamento durante alguns instantes. Contudo, proporcionara também uma solução, que o seu cérebro só agora começava a reconhecer. Ela era rica e queria um marido. Ele não era rico e necessitava de uma mulher abastada. Ela sugerira que colmassem a necessidade um do outro e se casassem. Mas...

Miss Heyden, nem sequer vi o seu rosto.

Era bizarro. Definitivamente matéria daquele tipo de sonhos em que uma

pessoa acorda a perguntar-se de onde raio é que teria saído uma embrulhada daquelas. Subitamente, outras palavras dela fizeram eco nos seus pensamentos. *Não sou uma noiva desejável.* Que diabo teria querido ela dizer com aquilo?

– Pois não – devolveu ela, quebrando o silêncio. – É verdade. – Voltou-se para a esquerda e olhou para a criada. – Maude, corres os cortinados, por favor?

A criada correspondeu e, de imediato, Miss Heyden viu-se banhada pela luz. O vestido era mais prateado do que cinzento e o véu, contrastante, parecia mais escuro. Ergueu as mãos.

– Suponho que deva saber o que receberá juntamente com o meu dinheiro, Lord Riverdale.

Estaria a ser deliberadamente ofensiva? Ou, pelo contrário, seriam as suas palavras e a sua atitude ligeiramente trocista uma defesa, uma forma de esconder o seu desconforto? Porque era impossível ela não se sentir desconfortável. Levantou o véu, que atirou por cima da cabeça, fazendo-o cair atrás de si, no cadeirão. Durante alguns instantes, permaneceu de rosto meio voltado para a esquerda.

O seu cabelo, volumoso e brilhante, era de um castanho intenso, acobreado, liso na parte da frente e dos lados, com caracóis apanhados sobre a nuca. Tinha um pescoço longo e gracioso. De perfil, o seu rosto era singularmente belo, a testa larga, as compridas pestanas da cor do cabelo, o nariz reto, as maçãs do rosto finamente esculpidas, os lábios macios, o queixo decidido e a pele clara e suave. Foi então que ela se voltou para ele e ergueu os olhos. Eram cor de avelã, embora só posteriormente ele notasse esse pormenor. Reparou, sim, que a sua face esquerda, da testa até ao queixo, tinha uma cor arroxeadada.

Inspirou lentamente, dominando o impulso imediato de franzir a testa e recuar ou mesmo dar um passo atrás. Ela olhava-o de frente. Não havia qualquer distorção dos seus traços, apenas as manchas arroxeadas, algumas mais unidas e de tonalidade mais escura, outras mais esbatidas e isoladas. Parecia que alguém lhe atirara tinta roxa para um dos lados da cara, que ela ainda não tivera tempo de limpar.

– Queimaduras? – perguntou, embora lhe parecesse improvável. Teria outras marcas.

– Um sinal de nascença – disse ela.

Ele já vira outros sinais, mas nenhum comparável àquele, que marcava duramente, de forma cruel, até, um rosto que, de outro modo, seria de uma beleza notável. Interrogou-se se ela usaria o véu sempre que se apresentava em público. *Não sou uma noiva desejável.*

– Mas sou rica – assinalou ela.

E ele soube que, de facto, se tratava de defesa, aquele olhar de desdém, aquele

alardear de riqueza, a insolência do queixo erguido e do olhar direto. Soube que a frieza da sua postura era o mais fino dos vernizes. *Tenho vinte e nove anos, quase trinta, e gostaria de ter a certeza de um casamento.* E como a morte do tio fizera dela uma mulher rica, podia dar-se ao luxo de ter o que desejava. Pareceu-lhe de extremo mau gosto. Contudo, não o seria também a sua própria decisão de partir para Londres a seguir à Páscoa, assim que a temporada arrancasse plenamente, para procurar uma noiva abastada?

De repente, lembrou-se de um comentário dela.

– Também apresentou a mesma proposta a Mr. Sweeney e Mr. Richman? – perguntou. Nome irónico, aquele, «Richman»¹. A pergunta era rude, mas, de qualquer modo, não havia nada de normal naquela situação. – Recusaram?

– Não – respondeu ela. – Portanto, também não. Embora nenhum dos dois tenha ficado mais de meia hora, percebi muito antes disso que nem um nem outro se adequavam a mim. Posso desejar casar-me, Lord Riverdale, mas não estou desesperada a ponto de o fazer a qualquer preço.

– Concluiu, então, que eu me adequo a si, que valho o preço a pagar? – prosseguiu ele, de sobrelhas erguidas, apoiando as mãos nas costas. Continuava de pé, a fitá-la. Se aquilo a intimidava, ela não o mostrava. Adequava-se por causa do seu título, não era? Então porque o colocara ela em terceiro na lista?

– É impossível ter certezas no espaço de meia hora – devolveu ela –, mas creio que sim. Creio que é um cavalheiro, Lord Riverdale.

– E os outros dois convidados não eram? O que quer dizer com isso, exatamente? – indagou ele. Santo Deus, dispunha-se mesmo a permanecer ali especado a debater o assunto com ela?

– Creio que significa que me trataria com respeito – devolveu ela.

Ele baixou os olhos para o rosto desfigurado e franziu a testa.

– É tudo o que espera de um casamento? – perguntou. – Respeito?

– Não é pouco.

Seria mesmo assim? Seria suficiente? Era sem dúvida algo que ele se perguntaria por diversas vezes nos meses que se seguiriam. Era na verdade uma boa resposta.

– E seria capaz de me tratar com respeito se me casasse consigo pelo seu dinheiro?

Após fazer uma pausa para pensar, ela devolveu:

– Sim, pois creio que não o esbanjaria para satisfazer prazeres pessoais.

– Em que informação fundamenta essa conclusão? – perguntou ele. – Ainda há pouco afirmou que só me conhece há meia hora.

– Tanto quanto sei, detém uma propriedade no Kent, que é suficientemente

próspera, e poderia escolher continuar a habitá-la até ao fim dos seus dias, de forma confortável, e esquecer Brambledean Court. Foi o que o seu antecessor escolheu fazer, apesar de se tratar de um homem muito rico. Contudo, esta riqueza transitou para a filha dele e não para si. O senhor herdou apenas o título e a propriedade em morgadio. Ainda assim, instalou-se cá, empregou um administrador competente e tudo indica que tenciona empreender a hercúlea tarefa de reabilitar a propriedade e as quintas de forma a melhorar as condições de vida das inúmeras pessoas que dependem de si para ganhar o seu sustento. Quem age assim não é homem de esbanjar uma fortuna numa vida dissoluta.

Afinal, não se limitava àquela meia hora, o conhecimento que ela detinha de si. Informara-se. Trocaram olhares avaliadores.

– A questão é, Lord Riverdale – retomou ela, ao não obter reação dele às suas palavras –, conseguiria viver com isto? – Indicou a face esquerda com um gesto gracioso.

Ele ponderou seriamente a pergunta. O sinal desfigurava-a de forma evidente. Contudo, mais importante ainda, devia ter tido um impacto significativo na formação do seu carácter, se nascera assim. Ele já lhe testemunhara a postura defensiva e ligeiramente trocista, a frieza aparente, o isolamento, o véu. A mancha da face poderia bem ser o menor dos seus males. Não seria difícil conviver com aquele rosto, e pensar o contrário seria cruel. Mas, conviver com ela, como seria?

Estaria ele a ponderar seriamente a proposta dela? Certo era que teria de pensar muito a sério em casamento, muito em breve. Quanto mais tempo permanecia em Brambledean, mais testemunhava os efeitos da pobreza sobre aqueles cujo bem-estar dele dependia.

– Deseja apresentar-me um não definitivo, Lord Riverdale? – perguntou Miss Heyden. – Ou um possível talvez? Ou, quem sabe, um talvez definitivo? Ou até um sim?

Mas ele não respondera à pergunta inicial.

– Todos nós temos de aprender a viver por detrás do rosto e no interior do corpo que nos foram dados – respondeu ele. – Ninguém merece ser rejeitado, ou adulado, meramente pelo seu aspeto exterior.

– O senhor é adulado? – interpelou ela, com um sorriso levemente trocista. Ele hesitou.

– Por vezes, dizem-me que sou alto, moreno e bem-parecido como os proverbiais protagonistas dos contos de fadas – declarou ele. – Pode ser um fardo.

– Curioso – devolveu ela, com o mesmo sorriso.

– Miss Heyden – voltou ele. – É-me impossível dar-lhe uma resposta agora.

Planeou tudo muito antes de eu a visitar. Teve tempo para pensar e ponderar e, inclusive, para se informar. Está claramente em vantagem.

– Quem sabe, um possível talvez? – insistiu ela, levando-o a suspeitar por instantes da existência de um forte sentido de humor. – Voltará, Lord Riverdale?

– Sozinho não – devolveu ele com firmeza.

– Eu não recebo socialmente – advertiu ela.

– Vejo bem que não se trata de uma visita social – observou ele –, apesar do convite, do chá e dos bolinhos. Mas sim de uma entrevista de emprego.

– Sim – replicou ela sem vacilar.

– Marcarei algo em Brambledean Court – prosseguiu ele. – Um chá, talvez, um jantar ou um sarau. Alguma coisa. E irei convidá-la, assim como a vários outros vizinhos.

– Não convivo socialmente, sejam vizinhos ou não – assinalou ela.

Ele franziu novamente o sobrolho.

– Enquanto condessa de Riverdale não teria escolha – disse ele.

– Hum... – devolveu ela. – Creio que teria.

– Não.

– Iria tyrannizar-me? – inquiriu ela.

– Garanto-lhe que não permitiria que a minha mulher se tornasse uma eremita, meramente devido a umas manchas arroxeadas na face.

– Não permitiria? – voltou ela, com voz débil. – Talvez seja melhor ponderar mais cuidadosamente se o senhor será um partido adequado para mim.

– Sim – avançou ele –, talvez deva fazê-lo. É o melhor que posso oferecer, Miss Heyden. O convite será enviado durante esta semana. Se tiver coragem de lhe corresponder, talvez consigamos perceber com um pouco mais de clareza se a sua sugestão é algo que valerá a pena considerar mais seriamente. Caso não o faça, teremos uma resposta.

– Se eu tiver coragem – articulou ela, levemente.

– Sim – devolveu ele. – Agora peço licença para me retirar. Obrigado pelo chá. Não se incomode a acompanhar-me.

Ele fez uma vénia e atravessou a sala com passo enérgico. Ela não se levantou nem disse uma palavra. Momentos depois, ele fechou a porta atrás de si, suspirou, tenso, e desceu as escadas. Informou o mordomo que ele próprio se encarregaria de ir buscar o cabriolé às cavalariças.

¹ Literalmente, «homem rico». (N. da T.)

CAPÍTULO 2



O conde de Riverdale era um homem de palavra. Dois dias após a visita, foi entregue em Withington House um convite formal. Organizava um chá para alguns vizinhos, dali a três dias, e teria muito gosto que Miss Heyden pudesse estar presente. Esta, que tomava o pequeno-almoço, pousou o cartão ao lado do prato e recomeçou a comer a torrada com compota e a beber o café, mas sem verdadeiramente lhes sentir o sabor.

Aceitaria?

Maude dera-lhe a sua opinião assim que ele abandonara a sala, há dois dias, como não podia deixar de ser. Maude, que, no ano anterior, se tornara criada pessoal da tia Megan e de Wren, tinha sempre uma opinião a dar. Mas, mesmo antes disso, nunca se coibira de dar voz aos seus pensamentos.

– É bem-parecido – dissera depois de ele ter saído.

– Demasiado bem-parecido? – perguntara Wren.

– Quer dizer, para o seu próprio bem? – No momento em que levantava a bandeja da mesa à qual Wren se sentara, Maude franzira os lábios e pusera-se a pensar. – Não me pareceu que o homem se visse como um presente de Deus para as mulheres. Não gostou nada de ficar sozinho consigo, pois não? Eu avisei-a que não era adequado, quando congelou este plano louco, mas a menina nunca tem em consideração aquilo que eu digo. Os outros dois gostaram de cá estar, embora parecessem ficar um bocado desalentados com o véu. Provavelmente ouviram dizer que a menina vale uma pipa de massa e alimentaram alguma esperança.

– Mr. Sweeney e Mr. Richman foram um erro – admitira Wren. – Será que o conde de Riverdale também é um erro, Maude? Embora, ao que tudo indica, a resposta seja irrelevante. Não é provável que volte a ter notícias dele. Nem sequer quis admitir um possível talvez, pois não? E a seguir desafiou-me, com aquela ideia de me convidar para uma reunião social, com a presença de outras pessoas. *Se tiver coragem para aceitar*, nem mais.

– E tem? – perguntara Maude, endireitando-se, com a bandeja nas mãos. – Nunca teve quando os seus tios eram vivos, nem depois da morte deles. Se não fosse a vidraria seria uma eremita. Além disso, na verdade, a vidraria não conta,

pois não? Não é lá que vai encontrar um marido. E mesmo na vidraria está sempre de véu.

Não esperara pela resposta à pergunta da coragem. Ainda bem, pois dois dias depois, enquanto ponderava o convite, Wren continuava sem saber. Um chá. Em Brambledean Court. Com um número indeterminado de convidados da vizinhança. Escolheria ir? Ou, mais exatamente, conseguiria fazê-lo? Maude estava certa no que dizia: ela vivia a sua vida como uma eremita. Em mais de vinte e nove anos, não comparecera a um único evento social. Esporadicamente, os tios recebiam convidados mas ela ficava sempre no quarto e eles, justiça lhes fosse feita, nunca tentavam insistir com ela para que descesse, embora o tio Reggie por várias vezes tentasse persuadi-la.

– Deixaste que esse sinal definisse a tua vida, Wren – dissera ele uma vez –, quando, na verdade, é algo a que uma pessoa facilmente se habitua e que rapidamente deixa de notar. Somos sempre mais sensíveis às nossas falhas físicas do que as outras pessoas, assim que se habitua a nós. Poderás ter deixado de reparar que as minhas pernas são demasiado curtas para o corpo que tenho, mas é algo que eu não esqueço. Às vezes parece que me arrasto em vez de andar.

– Oh, tio Reggie, que ideia! – protestara Wren. Mas o tio alcançara um dos seus objetivos, que era fazê-la sorrir. Em contrapartida, ele nunca a vira antes dos dez anos de idade, altura em que o sinal era muito pior do que no presente. Ele não fazia ideia do que ela via quando se olhava ao espelho.

Fora o tio que lhe dera o nome de Wren², porque quando a vira, com os seus braços e pernas escanzelados e os olhos grandes e tristes, fizera-lhe lembrar uma avezinha. Mais a mais, Wren assemelhava-se a Rowena, o seu verdadeiro nome. A tia Megan também começara a tratá-la por Wren; um nome novo para uma vida nova, dissera, dando à sobrinha um dos seus abraços monumentais. E Wren gostara. Não se lembrava de ouvir usar Rowena com afeto ou aprovação, ou mesmo com neutralidade. Os tios tinham uma forma de dizer o seu novo nome como se o considerassem, e a ela, algo de especial. Um ano depois mudaram-lhe também o seu último nome, com a sua total aprovação, e passara a ser Wren Heyden.

Naquela manhã, não conseguia ter mão nos seus pensamentos, constatou, obrigando-os a regressar à mesa do pequeno-almoço. Acederia a tomar chá em Brambledean Court? Seria capaz de o fazer? Eram aquelas as perguntas a que necessitava de responder, embora, na verdade, redundassem numa só. Enquanto condessa de Riverdale, frisara ele, ela não poderia continuar a viver como uma eremita. Ele não o permitiria. O que merecia dela detida ponderação, tanto no que respeitava à vida de eremita como à não-autorização. Há muito tempo que

não era obrigada a fazer nada que não desejasse. Quase se esquecera de que, segundo a lei, tanto a civil como a eclesiástica, os homens detinham domínio total sobre as mulheres, fossem estas esposas ou filhas. Não o tivera em consideração quando decidira comprar um marido.

Comprar. Soava-lhe terrivelmente mal. Mas era precisamente isso que tentava fazer. Queria casar-se. Sentia uma mistura angustiante de necessidades e anseios, a nível físico e emocional. Por vezes, à noite, não conseguia dormir, fruto de uma sensação indefinível que lhe percorria o corpo e a mente, parecendo alojar-se sobretudo no seu coração, como um peso. No entanto, só tinha uma coisa que poderia induzir um homem a casar-se consigo, que era o seu dinheiro. Felizmente, tinha-o em abundância. Não tinha grande interesse em aplicá-lo a comprar bens mundanos, pois possuía tudo aquilo de que necessitava. Portanto, decidiu que iria utilizá-lo para adquirir aquilo que desejava, e pretendia concretizar uma compra tão sensata quanto possível, dada a sua falta de experiência naqueles assuntos. Agora devia colocar-se uma nova pergunta. Ao dar a sua pessoa a um marido juntamente com o seu dinheiro, estaria ela a prescindir também da sua liberdade?

Seriam os homens, na sua maioria, tiranos por natureza? Mais precisamente, sê-lo-ia ele, o conde de Riverdale? Não se afigurava difícil deixar-se levar pela sua atratividade. Não que tal tivesse acontecido. Muito pelo contrário, por sinal. Não desejava um homem visivelmente atraente, quando ela própria era como era. Seria insuportavelmente assustador. O conde, contudo, era mais do que atraente, mais do que belo. Era a perfeição. Mas isso era o seu aspeto. E enquanto pessoa, como seria? Tratar-se-ia de um tirano mesquinho que arrebataria o seu dinheiro e a encerraria num lugar esconso, onde não fosse vista nem lembrada? Não. Ele dissera precisamente o contrário e este era o verdadeiro problema. Não lhe permitiria viver como uma eremita.

Por vezes dizem-me que sou alto, moreno e bem-parecido como os proverbiais protagonistas dos contos de fadas. Pode ser um fardo. O que é que ele queria dizer com aquilo, que podia ser um fardo?

Wren atirou o guardanapo para cima da mesa e levantou-se. Havia trabalho à sua espera no escritório do tio, agora seu. Havia documentos e relatórios da vidraria e, uma vez que esta era agora sua, e da sua responsabilidade, estes exigiam a sua atenção imediata. Deixaria para mais tarde uma decisão sobre o convite. Talvez se limitasse a recusar educadamente e a conservar a sua liberdade, o seu dinheiro e as suas dores, angústias e inquietações, as suas noites agitadas e tudo o resto que constituía a sua vida habitual. A familiaridade albergava alguma virtude.

Ou talvez, remotamente, pudesse aceitar.

... se tiver coragem...

Foi quase com expressão vingativa que olhou para o cartão pousado junto ao prato, pegando-lhe impulsivamente e levando-o consigo para o escritório.

Parecia-lhe algo confrangedora, enquanto homem solteiro que não contava com a presença da mãe nem da irmã para fazer as honras da casa, a perspectiva de receber um grupo de vizinhos, especialmente tratando-se de um chá a meio da tarde. Contudo, se desejava dar à sua convidada de honra, por assim dizer, uma oportunidade de comparecer, deveria atender não só à sua condição de mulher solteira mas também à deslocação a que ela seria obrigada, pelo que não seria prático propor-lhe algo ao final do dia.

Vários vizinhos seus, da aldeia e das propriedades mais próximas, haviam tomado já a iniciativa de o convidar, mostrando-se encantados com a sua chegada, o que o lisonjeava, e algo esperançosos de que viesse a estabelecer ali a sua residência principal. Os homens procuravam explorar o seu interesse pela atividade agrícola e os cavalos, assim como a dedicação à caça e à pesca. As senhoras mostravam-se mais interessadas no que pensava das celebrações locais e das festas, dos piqueniques e do convívio em geral. As mães faziam perguntas com o claro intuito de descobrir até que ponto era descomprometido e as filhas coravam, entre risinhos abafados e alguma agitação. Tudo aquilo lhe parecera surpreendentemente reconfortante, tendo em conta a monotonia de Brambledean, e estava na hora de retribuir aquela hospitalidade com a sua. Um chá seria uma oportunidade tão boa como qualquer outra, mesmo que Miss Heyden não comparecesse.

Com um brilho intencional no olhar, explicara a quem convidava que desejava proporcionar-lhes a possibilidade de verem a sua sala de visitas em todo o seu desbotado esplendor, para que dali a alguns anos, depois de concretizar alguns trabalhos de remodelação, pudessem admirar a transformação. Efetivamente, a casa precisava de obras, embora não se encontrasse em tão mau estado de conservação como ele receara quando fora obrigado a assumir o encargo da propriedade. O pessoal doméstico não era muito quando chegara e pouco aumentara desde então, mas Mr. e Mrs. Dearing, o mordomo e a governanta, marido e mulher, haviam zelado pela limpeza de todas as divisões da casa, mesmo com o estorvo dos lençóis que protegiam a mobília nos aposentos principais. Todas as superfícies que podiam ser polidas brilhavam e, nos cortinados e estofos, embora desbotados, não se notava um grão de pó. Havia uns quantos problemas estruturais, algumas chaminés periclitantes, zonas do telhado que se encontravam danificadas, um punhado de infiltrações nas caves,

entre outras situações, e o equipamento das cozinhas era antiquado. O estado das cavalariças e dos *paddocks* não era animador e sobre os muros heras cresciam desenfreadamente.

Seria necessário investir uma enorme quantia na propriedade para a converter no imponente solar que devia ser, assim como não seria pequeno o labor de devolver ao parque o esplendor capaz de enquadrar um edifício daquela envergadura, mas tanto um empreendimento como o outro podiam, e deviam, aguardar, apesar do facto de virem a proporcionar trabalho a um grande número de pessoas que tinham pouco ou nenhum. Havia coisas mais importantes a fazer em primeiro lugar. As quintas não prosperavam, nem em terras cultivadas nem em gado, nem em instalações ou equipamentos. Consequentemente, todos quantos nelas trabalhavam sofriam. As suas habitações pouco mais eram do que cabanas e os seus salários não eram aumentados há dez anos, ou mais. Quando eram pagos. As crianças mal tinham o que vestir e não iam à escola, e quase todas as mulheres tinham um ar extenuado.

Havia problemas em número mais do que suficiente para o preocupar, mas Alexander decidira que durante uma tarde os poria de lado para organizar um convívio social, o qual talvez pudesse, por remota hipótese, proporcionar uma solução para esses mesmos problemas. Aquela vaga esperança redundaria em nada, evidentemente, se Miss Heyden declinasse o convite. Ele próprio não tinha a certeza se desejava a sua vinda.

Não simpatizara especialmente com ela aquando da visita a Withington House, o que em nada se deveria ao aspeto físico da jovem. Sentira nela uma certa frieza e... uma estranheza. O véu e o obscurecimento daquela parte da sala na qual permanecera sentada sem se levantar uma única vez fizeram-no pensar, com algum divertimento, em bruxas e maléficos covis. Além disso, o pedido de casamento por ela apresentado ofendera-o. Parecera-lhe terrivelmente errado, escandaloso, até. Perguntara-se novamente, claro está, durante a longa viagem de regresso a casa, no seu cabriolé desportivo, se aquela sua reação se devia ao facto de o pedido ter partido dela e não dele. Por que razão seria aceitável ser ele a apresentar um pedido baseado quase exclusivamente em fatores monetários, mas não ela? Contudo, admitir que aplicava dois pesos e duas medidas em nada contribuiria para aumentar a sua simpatia por ela. A verdade era que a sentia pouco *feminina*, fosse qual fosse o significado daquilo.

Seria assim tão abastada? Segundo ela própria, era muito rica, mas «muito» não era a palavra mais precisa, pois não? Detestava sentir que aquela informação importava, que colocava a possibilidade de ignorar quaisquer receios que sentisse relativamente a ela se a sua fortuna o justificasse. Detestava constatar o que isto revelava de si. Esperava que ela não viesse. Mas, no dia anterior ao da

festa, chegou uma breve mensagem, aceitando o convite que ele enviara.

Foi uma das últimas pessoas a chegar. Estavam já onze convivas na sala de visitas, além do próprio Alexander, alguns dos quais sentados, a maior parte ainda de pé, contemplando abertamente a sala ou a vista das janelas, em alegre disposição, animados, felizes por se encontrarem ali. Uma jovem acabava de executar uma pirueta no meio da sala, unindo as mãos sobre o peito, declarando que seria o espaço *perfeito* para um baile informal, caso Lord Riverdale admitisse utilizá-la para tal. A mãe tratava de a repreender, não sem lançar a Alexander um olhar divertido, quando Dearing anunciou a décima segunda convidada e Miss Heyden passou diante dele, parando à frente da porta. Alexander avançou na sua direção, com a mão estendida e um sorriso no rosto.

Albergara ainda a esperança de que ela não comparecesse.

Era manifestamente alta, para mulher. Graciosa e esguia, por pouco não alcançava o metro e oitenta e cinco do próprio Alexander. Não fazia nada para minimizar a sua estatura, como era hábito entre as mulheres mais altas. Apresentava-se muito direita, com porte altivo. Vestia com elegância e simplicidade, envergando um modelo de cintura subida cor de alfazema e um chapéu cinzento-claro de aba curta com véu facial a condizer. Algumas senhoras continuavam de chapéu, por isso o seu não parecia completamente despropositado. Mas o véu sim, que deixava entrever o rosto, mas não o sinal de nascença. Desprendiam-se dela uma altivez, uma frieza e um distanciamento que deram a Alexander a impressão de que a temperatura da sala descera alguns graus. Até a mão, elegante, de dedos compridos, que ela pousava na sua estendida, estava gelada.

– Como está, Lord Riverdale? – saudou ela, com a voz grave que ele reconheceu, com a sua dicção precisa.

– Encantado com a sua presença, Miss Heyden – mentiu ele. – Conhece algum dos meus vizinhos? – Alexander sabia perfeitamente que não. Tivera o cuidado de não convidar Sweeney nem Richman. – Permita-me que a apresente.

O burburinho de conversas praticamente cessara, o que não deixava de ser compreensível, claro. Um rosto novo revestia-se sempre de grande interesse para pessoas que passavam a maior parte da sua vida no campo, com os mesmos vizinhos e amigos. Aquele rosto, porém, pertencendo a uma jovem que vivia a doze ou treze quilómetros dali e que, portanto, não deveria ser completamente desconhecido, mas que o era, de facto, tornava-se ainda mais aliciante. Certo é que, inclusive naquele momento, continuava ocultado. Mesmo vendo-se conduzida por Alexander pela sala, que a ia apresentando aos presentes, não levantava o véu. Este observava que os vizinhos a tratavam educadamente mas que mantinham uma distância quase impercetível, de um ou dois centímetros,

claramente incomodados com o anonimato da sua aparência e o arrogante distanciamento da sua postura, embora a jovem não deixasse de repetir os seus nomes e de os saudar com cortesia.

Havia algo de... distinto nela, pensou Alexander, sem conseguir encontrar um termo mais preciso.

Durante a hora e meia que se seguiu, ao longo da qual foram chegando os restantes três convivas, os vizinhos dedicaram-se a conversar com ânimo e boa disposição. Era evidente a satisfação geral que sentiam por terem sido convidados, por ver o interior da casa e julgar por si próprios o quão deteriorada estava, por o ver a ele no seu elemento. Tinham comparecido para o melhor proveito de ambas as partes, para serem amáveis, para fazerem amizade com ele. Afinal, Brambledean Court e o conde de Riverdale eram a joia da vizinhança e a sua chegada alimentara a esperança generalizada de uma vida social mais expressiva do que aquela de que gozavam há vários anos ou até, conforme os casos, há uma vida inteira. Sentavam-se ou circulavam livremente pela sala, enquanto usufruíam do banquete que Mrs. Mathers, a cozinheira de Alexander, elaborara com grande engenho e entusiasmo com o seu equipamento antiquado.

Miss Heyden permaneceu o tempo todo sentada no meio deles. Inicialmente, interagira com o pastor e a mulher deste, assim como com um coronel do exército e a respetiva esposa. Depois, outros tomaram os seus lugares, claramente curiosos com a sua presença e suficientemente gentis para não a deixar isolada. Ela não saiu do cadeirão para onde ele a conduzira depois de a apresentar a todos os presentes. Não era antissocial. Falava quando lhe dirigiam a palavra e escutava com certa dignidade e elegância. Sorvia o chá por baixo do véu mas não comia nada.

Era difícil, descobriu Alexander, não estar sempre a reparar na sua presença. Seria cruel dizer que ela era a nota dissonante numa festa em tudo o mais harmoniosa e acolhedora. Não era. Mas todos os que se aproximavam acabavam por se mostrar demasiado solícitos e ninguém permanecia junto dela mais do que alguns minutos. Seria incorreto descrever a sua postura como fria. Não era. Não se mostrava taciturna, nem arrogante, nem nada que um convidado não devesse ser. Era apenas... distinta. E era o véu. Sem dúvida que era o véu. Parecia quase que se encontravam numa festa, que um dos convidados tomara por um baile de máscaras, mas onde ninguém se dispunha a revelar-lhe o engano. Todos pareciam algo constrangidos, mas todos pareciam igualmente determinados a não reparar no rosto velado.

Um casal de rendeiros foram as primeiras pessoas a retirar-se. Foi o sinal para os restantes, embora, para agrado de Alexander, a maior parte das pessoas parecesse relutante em partir.

– Tomei a liberdade – disse Alexander ao ver que também Miss Heyden se erguia – de mandar regressar a Withington a sua carruagem, Miss Heyden, e de dar a mim próprio o prazer de a levar a casa na minha.

Ela olhou-o fixamente através do véu, acabando por voltar a sentar-se sem lhe devolver qualquer resposta, unindo as mãos sobre o colo.

Alexander trocou apertos de mão com os seus convidados, num processo demorado e lento, pois todos, antes de partir, desejavam agradecer o convite para o chá de modo efusivo. Alguns pediram-lhe que felicitasse a cozinheira. Uns quantos fizeram votos, reiterados de outras ocasiões, de que permanecesse no campo, concedendo-lhes o prazer de com ele se cruzarem muito mais amiúde. Um ou dois perguntaram como se encontrava Mrs. Westcott, sua mãe, e Lady Overfield, sua irmã. Um rendeiro considerava que o tempo que aquela primavera lhes trazia até então prenunciava um ano de boas colheitas, enquanto outro, ouvindo o comentário do primeiro, advertia que uma primavera seca e quente não raro era presságio de um verão seco e frio, e pobre em colheitas. A jovem que executara a pirueta no início do convívio repetiu a observação de que a sala de visitas de sua senhoria seria o sítio perfeito para acolher um baile informal, recebendo nova repreensão da mãe. Entretanto, por fim, todos saíram e Alexander ordenou que trouxessem a sua carruagem.

Quando se viram a sós, Miss Heyden voltou a levantar-se.

– Mandou a minha carruagem embora sem me consultar, Lord Riverdale – disse. Estava claramente a repreendê-lo.

Ele desejou não o ter feito. Seria uma felicidade para si assistir à sua partida na esperança de não voltar a vê-la. Tê-la-ia apreciado mais, porventura, se ela tivesse batido o pé e feito uma cena, mas a sua irritação estava perfeitamente controlada. Alexander levou as mãos atrás das costas e devolveu-lhe o olhar firme e direto. Era alta. Não estava habituado a olhar praticamente ao mesmo nível para os olhos de uma mulher; melhor dizendo, para o que entrevia deles através do véu.

– Miss Heyden – principiou –, da última vez que nos encontrámos pediu-me em casamento. Não lhe parece que devemos conhecer-nos um pouco melhor antes de decidirmos se corresponde à vontade dos dois? A não ser, porventura, que já tenha tomado uma decisão e deseje retirar a sua proposta. Se realmente for esse o caso, fá-la-ei acompanhar por uma criada e enviarei um laçao para se juntar ao cocheiro.

– Não mudei de ideias – afirmou ela. – Pondera a minha proposta, então?

– Pondero, de facto – devolveu ele com relutância. – Seria uma tolice não o fazer. Mas tenho a certeza de que nenhum de nós pretende casar a correr para se arrependar a vida inteira, como diz o velho adágio. – Vamos? – convidou,

indicando a porta. – Creio ter ouvido a carruagem a parar há instantes.

Ela começou a caminhar na sua direção e ele abriu uma das portas para ela passar. Enquanto seguia atrás dela, ponderou oferecer-lhe o braço mas decidiu não o fazer, numa renúncia nada habitual em si ao comportamento cavalheiresco. Mas havia algo nela... Era como se estivesse rodeada por uma muralha de gelo invisível. Embora a observação fosse injusta, pois não podia classificar como manifestamente frio ou distante o seu comportamento. Era apenas... distinto. Continuava sem conseguir encontrar a palavra que a sua mente buscava, se é que existia.

De súbito, ocorreu-lhe que aquele chá poderia ser uma estreia para ela, o seu primeiro evento social. Pareceu-lhe inacreditável, sabendo que ela contava com quase trinta anos. No entanto... Talvez, até àquela tarde, tivesse de facto vivido em completa reclusão. Talvez tivesse passado a tarde aterrorizada, só conseguindo manter a compostura devido a uma grande força de vontade. Ele desafiara-a a ter coragem de comparecer. Talvez ela tivesse mostrado mais coragem do que ele alguma vez poderia imaginar.

Talvez estivesse desesperada para casar. Embora «desesperada» fosse uma palavra pouco gentil. «Desejosa», então. Talvez o seu desejo de ter a certeza de um casamento, nas palavras da própria, se sobrepusesse a tudo o resto. Esta possibilidade fazia-a parecer mais humana e talvez até o fizesse simpatizar mais com ela.

Estendeu-lhe a mão para a ajudar a subir para a carruagem e foi com alguma surpresa que a sentiu agarrá-la.

Ele mandara Maude para casa com a carruagem. Era possível que, como seu presumível noivo, não tivesse sentido necessidade de atender às leis do decoro. Seria ele o seu presumível noivo? Nada fizera nem dissera durante aquele abominável chá que pudesse dá-lo a entender. Nenhum sinal dirigido aos vizinhos, dos quais vários conheciam o tio e a tia e lhe manifestaram condolências pela sua perda, exprimindo satisfação em conhecê-la. Não sentira, contudo, verdadeiro entusiasmo por parte de nenhum deles. O que devia ser culpa sua. De facto, só podia sê-lo.

Fora, de longe, a pior tarde da sua vida; desde os seus dez anos, pelo menos. Sentou-se no banco da carruagem de Lord Riverdale, deixando espaço para ele ao seu lado, mas desejando a segurança da sua própria carruagem. Esperara durante o que lhe parecera uma eternidade, mas, na verdade, não ultrapassara as duas horas, que aquela provação terminasse e pudesse deixar-se desabar sobre os estofos conhecidos, fechar os olhos e sentir a reconfortante presença de Maude

ao seu lado. Não era capaz de fazer aquilo. Simplesmente não era capaz. Ele era demasiado viril, demasiado belo, e o mundo era um lugar demasiado vasto habitado por demasiadas pessoas.

Desejava encolher-se sobre si mesma, em cima do sofá ou no chão, era indiferente. Não sabia como poderia evitar sucumbir ao pânico durante... Quanto tempo demoraria a percorrer treze quilómetros? Não conseguia pensar com clareza.

– Poderia levantar o véu? – pediu ele quando a carruagem começou a afastar-se da porta principal.

Será que ele não compreendia? Do que ela precisava era de outro véu para sobrepor ao primeiro, de um véu que a cobrisse toda. Desejava desesperadamente estar sozinha. Mas de nada servia dirigir contra ele a sua raiva. Fora ela a instigadora daquele pesadelo. Faria sentido recuar? Fora ela que tomara a decisão e que planeara o seu desenrolar com fria determinação. Ergueu as mãos e levantou o véu, pousando-o sobre a aba do chapéu. Mas voltou ligeiramente a cabeça na direção da janela, à sua esquerda.

– Obrigado – devolveu ele. Após alguns instantes de silêncio, acrescentou: – Viveu sempre em reclusão, Miss Heyden?

– Não – replicou esta. – Sou proprietária de um negócio próspero e não me limito a ficar em casa sentada durante o ano inteiro, a viver dos lucros, enquanto outras pessoas tratam de planificar, decidir e trabalhar. Aprendi a atividade com o meu tio e passei horas a fio na oficina com os artesãos e nos escritórios com o pessoal administrativo e o pessoal criativo. Sou uma mulher de negócios de pleno direito.

Os tios haviam condescendido com vários dos seus caprichos e respeitado a sua liberdade fundamental, mas sempre tinham frisado com insistência a necessidade de que recebesse uma boa educação, algo que seguramente não acontecera antes dos seus dez anos. Para tal, contrataram Miss Briggs, uma precetora de alguma idade, com ar de velhinha simpática. Não deixava de o ser, de certa forma, mas impusera à sua pupila um desafiante currículo académico e, mais do que encorajá-la a perseguir a excelência, insistia na sua concretização. Miss Briggs ensinara-lhe igualmente a ter boas maneiras, porte e eloquência, e habilidades sociais, tais como manter uma conversa educada com desconhecidos. Fora finalmente dispensada um dia depois de Wren fazer dezoito anos, com uma pensão confortável e uma casinha de telhado de colmo, tendo o seu tio tido o cuidado de trazer a sua amada irmã do outro lado do país para viver com ela.

A verdadeira educação de Wren, porém, a que ela assim considerava, fora-lhe ministrada pelo próprio tio. Um dia, quando ela tinha doze anos, constatará,

depois de a levar com ele para a fábrica vidreira, que despertara nela uma paixão pelo trabalho da sua vida. *Não consegui dizer uma palavra durante o caminho até casa*, desabafou mais tarde com a tia Megan. *E, depois das primeiras trinta e nove, perdi a conta ao número de perguntas. Temos aqui uma jovem prodígio, Meg.*

– Sempre viveu com os seus tios, até à morte deles? – indagou o conde de Riverdale.

– Desde os meus dez anos – respondeu ela. – A minha tia levou-me para casa dele em Londres, antes de ele a vender, claro, e eles casaram-se uma semana depois.

– Tem o nome do seu tio – devolveu ele.

– Adotaram-me – explicou ela. Só após a morte do tio, quando encontrara a certidão entre os papéis dele, teve a certeza de que fora adotada dentro da lei. Vira a assinatura do pai no documento, um choque tremendo na altura.

Seguiu-se mais um curto silêncio. Aguardaria ele mais alguma explicação?

– Costuma olhar para mim quando fala, mas sem voltar a cabeça. Deve ser um esforço grande para os seus olhos – assinalou ele, por fim. – Porque não volta também a cabeça? Vi o lado esquerdo do seu rosto quando a visitei e, se bem se lembra, não fugi da sala a gritar, não fiz nenhuma expressão horrorizada nem tive um ataque de nervos.

Ela sentiu vontade de rir ao ouvir aquelas palavras inesperadas, mas, em vez disso, voltou-se para ele. Seria, algum dia, capaz de o fazer sem constrangimento? Já agora, teria mais alguma ocasião para tal? Continuava sem saber ao certo se desejava continuar com aquilo; ou se ele o desejava.

– Sabe, na verdade não é horrível – declarou ele, depois de se permitir observar o rosto dela. – Compreendo que possa deixá-la constrangida. Compreendo que, como a jovem que é, possa lamentar algo que considera um atentado grave à sua beleza. Mas não é necessariamente desagradável à vista. Claro que alguém que olhe para si irá reparar imediatamente. Algumas pessoas poderão até evitar ter mais contacto consigo. São pessoas que, de qualquer modo, não merecem a sua atenção. Mas a maior parte irá olhar e depois ignorar. Eu, embora tenha reparado da primeira vez e agora tenha voltado a reparar, estaria disposto a apostar que depois de me cruzar consigo mais algumas vezes deixarei até de ver o sinal. Irei vê-la apenas a si.

Irei, disse ele, e não *iria*. Contaria vê-la novamente, então? Ela inspirou lentamente. O tio costumava dizer algo muito semelhante ao que acabava de ouvir da boca de Lord Riverdale. *Que sinal?*, perguntava, se acontecia ouvi-lo mencionar, fingindo, então, olhá-la, reparar e sobressaltar-se de surpresa. E, às vezes, pedia-lhe que olhasse de frente para ele e detinha-se, de testa franzida, a

observar-lhe uma face e depois a outra, dizendo algo como: *Pois é, as marcas arroxeadas ficam do lado esquerdo. Já não me lembrava.*

– E antes de fazer dez anos? – perguntou o conde, ao não obter dela qualquer comentário. – Os seus pais morreram?

– A minha vida começou quando eu tinha dez anos, Lord Riverdale – declarou ela. – Não me lembro de nada antes disso.

Ele fixou o olhar nela, uma ligeira ruga entre as sobrancelhas. Mas não insistiu na pergunta.

Estava na altura de dirigir a conversa para ele, já que, ao que tudo indicava, ela não teria a mínima hipótese de desaparecer da vista dele e não estava disposta a deixar-se dominar pelo pânico que continuava a tentar apoderar-se de si.

– E a sua vida, como era, antes de herdar o título? – perguntou. Tinha alguma informação básica, mas desconhecia os pormenores.

– Era uma vida monótona mas feliz. Monótona de relatar, mas feliz de viver – explicou ele. – Tive os meus pais até há sete anos, e tenho uma irmã, da qual gosto muito. Nem todas as pessoas têm esta sorte com os irmãos. O meu pai era dedicado aos seus cães, cavalos e à caça. Era expansivo e bem-amado, mas não muito cuidadoso com o dinheiro, devo dizer. Precisei de uns bons cinco anos para dar consistência financeira a Riddings Park, depois de ele falecer. Por essa altura, a minha irmã, a quem a morte prematura do marido libertara de um casamento infeliz, vivia novamente comigo e com a minha mãe, e eu habituava-me a uma vida cujo curso, até ao dia do meu desaparecimento, não deveria sofrer grandes alterações. Havia apenas uma ligeira névoa de inquietude no meu horizonte, que consistia no facto de eu ser herdeiro de um jovem conde de vinte anos de idade, que dificilmente se casaria e geraria um herdeiro nos anos seguintes. Mas pouca preocupação suscitava. O Harry era saudável e, basicamente, um bom rapaz. Deu-se ao trabalho de investigar alguns factos da minha vida portanto saberá exatamente de que forma se tornaram realidade as minhas preocupações.

– O pai do jovem conde vivia em bigamia com a mãe deste – principiou ela –, o que fez do jovem filho ilegítimo, sem direito ao título, que acabou por passar para si. Qual era... ou é... o seu parentesco com ele?

– Primo segundo – informou ele. – O Harry e eu temos um bisavô comum, o venerável Stephen Westcott, conde de Riverdale.

– Não desejava o título? – perguntou ela.

– Porque o desejaria eu? – devolveu ele. – Trouxe-me deveres e responsabilidades e dores de cabeça em troca da dúbia honraria de ser tratado por «conde de Riverdale», e «vossa senhoria», em vez de um simples Alexander

Westcott, o qual, aliás, sempre tive por um nome bastante distinto.

Muitos homens matariam por um título daqueles, pensou ela, mesmo desprovido de fortuna. Intrigou-a, descobrir que significava tão pouco para ele. Via-se que a deferência, ou respeitoso temor, até, com que os vizinhos o tinham brindado durante o chá não era importante para ele, que preferiria permanecer na sua preciosa Riddings Park, gozando uma vida monótona mas feliz, na descrição do próprio.

Antes de o conhecer, suspeitava que seria um aristocrata arrogante e presunçoso; fora esta a razão pela qual o colocara em terceiro na sua lista, em vez de primeiro. Assim que o viu, reforçou ainda mais a suspeita.

Reparou subitamente em quão sós estavam no exíguo espaço da carruagem e sentiu novamente todo o desconforto que lhe provocava a sua magnífica masculinidade. Porque não se tratava apenas da sua excecional aparência. Algo nele tinha o condão de lhe tirar o fôlego, algo indizível que a envolvia de forma assaz opressiva. Algo que em circunstância alguma sentira. Mas como poderia tê-lo sentido?

– Pensou alguma vez em se casar, antes de herdar o título? – retomou ela.

Ele ergueu as sobrancelhas mas não respondeu de imediato.

– Sim – disse.

– E tinha alguém específico em mente? – Wren esperava que a resposta fosse negativa.

– Não – respondeu ele, e ela não acreditou que estivesse a mentir.

– O que procurava? – prosseguiu ela. – Que tipo de... qualidades? – Nada daquilo lhe dizia respeito, era evidente, e a resposta dele, a existir, só poderia trazer-lhe dor ou constrangimento. Dificilmente ouviria da boca dele que andava atrás de uma mulher alta como uma estaca, com pendor para a reclusão, de rosto desfigurado e um envolvimento nada feminino com o mundo dos negócios. Além de ter praticamente trinta anos.

– Nenhuma em particular – devolveu ele. – Esperava apenas conhecer alguém com quem pudesse sentir-me confortável.

Parecia uma resposta inusitada, vinda de um homem com o aspeto dele e que tanto tinha para oferecer mesmo antes de ser herdeiro de Brambledean.

– Não procurava amor? – perguntou ela. – Ou beleza?

– Esperava, sem dúvida, afeto no meu casamento – replicou ele. – Mas a beleza como um fim em si mesma? Existem diversos tipos de beleza, muitos dos quais não evidentes no imediato.

– Será que se sentiria confortável comigo? – questionou ela. – Será que poderia vir a sentir afeto por mim? – Abster-se-ia de perguntar, evidentemente, se algum dia viria a considerá-la bela.

Ele fixou tão demoradamente o olhar nela que Wren se viu obrigada a um esforço considerável para não voltar o rosto. Nunca mais chegaria ao fim, aquela tarde pavorosa?

– Só posso usar de toda a honestidade, Miss Heyden – retomou ele por fim. – Não sei.

Bom, fora ela que perguntara. Estaria à espera de que ele mentisse? Pelo menos fora cavalheiro o suficiente para dar uma resposta diplomática. Se aquela viagem não terminasse depressa, iria, sem dúvida, começar aos gritos. Não conseguiu, contudo, ficar por ali.

– Seria um preço demasiado elevado a pagar pelo meu dinheiro? – insistiu.

– Há uma dor imensa por detrás dessas palavras – comunicou ele. – É essa dor que me faz hesitar, Miss Heyden.

Foi um pouco como ele lhe tivesse acertado com o punho no estômago, tão inesperada fora a sua resposta. O que sabia ele acerca da dor? E, concretamente, da sua dor?

– É uma característica demasiado odiosa? – prosseguiu ela, com toda a altivez que lhe foi possível. Voltou a cabeça.

– Claro que não – replicou ele. – Pelo contrário.

Ela franziu a testa, confusa. Mas ele não explicou e não houve oportunidade para fazer mais perguntas. A distância entre Brambledean e Withington fora, finalmente, vencida e a carruagem preparava-se para parar junto à sua porta.

– Posso visitá-la novamente? – perguntou ele.

Seria uma tolice da sua parte permiti-lo. Abriu a boca para responder que não. Tinha as emoções de tal modo à flor da pele que se assemelhavam a uma dor física e a privacidade do seu quarto parecia-lhe estar a quilómetros de distância. Mas todo o seu futuro poderia estar pendente daquela decisão... Da diferença simples entre um sim e um não.

Ah... O plano que engendrara afigurara-se tão promissor, ao início. Como pôde imaginar que seria viável?

– Sim – respondeu, ao mesmo tempo que reparava no cocheiro que, do outro lado da porta, pronto para a abrir, aguardava um sinal do seu amo.

² Em português, «carriça», pássaro dentirrosto de cor acastanhada, de muito pequeno porte mas forte trinado. (N. da T.)

CAPÍTULO 3



A questão era, pensava Alexander enquanto percorria o mesmo caminho, quatro dias depois, que os velhos sonhos possuíam o irritante hábito de se arrastar no tempo, muito depois de deixarem de ter qualquer aplicação prática na sua vida.

Não fora feito para perseguir sonhos, pois sempre se sentira compelido a colocar o dever e a responsabilidade antes das inclinações pessoais, e os dois não eram compatíveis. Pusera os sonhos de lado há quase sete anos, aquando da morte do pai. Trabalhara incansavelmente para organizar a situação de Riddings Park, embora, na altura, fosse ainda um homem muito jovem. Cometera o erro de reviver esses sonhos, há cerca de um ano, quando a propriedade começara a prosperar, mas vira-se obrigado a recomeçar novamente, com Brambledean Court.

Daquela vez, porém, a tarefa era, de longe, mais assustadora. Estavam em jogo as vidas e o ganha-pão de muitas pessoas. E a única forma que ele tinha de levar a situação avante era casar-se por dinheiro. Tentara pensar noutras possibilidades, mas não havia mais nenhuma. Uma hipoteca ou um empréstimo teriam de ser liquidados. Alimentar a esperança de fazer grande fortuna nas corridas ou às mesas de jogo seria, no mínimo, arriscado, pois poderia facilmente reverter para uma perda catastrófica. Não, impunha-se o casamento.

O sonho, quando se permitira entregar-se à sua doçura, era a eterna quimera dos jovens e esperançosos, supunha, a visão de uma vivência mágica e magnífica como nenhuma outra, por ninguém jamais experimentada, a paixão grandiosa, a história de amor, que inspirara a poesia mais memorável da humanidade. Era-lhe algo embaraçoso recordá-lo no presente. Fosse como fosse, muito provavelmente teria sido impossível encontrar um tal amor. Persistia, porém, mesmo naquele momento, a ânsia profunda por algo diferente do que lhe era dado esperar. Ansiava... paixão. Mas não estava destinado a acontecer. A vida tinha outros planos para si.

Contemplou as sebes floridas, as árvores cujas folhas conservavam ainda o verde vivo da primavera, o céu azul salpicado de fofas nuvens brancas, a luz do sol que tudo aquecia com a frescura da primavera em vez do calor sonolento do

verão. Sentia, através da janela aberta, os odores campestres, naturais e sadios, e ouvia cantar os pássaros, apesar do rangido das rodas da carruagem e da batida seca dos cascos dos cavalos. A vida era boa, apesar de tudo. Devia recordá-lo. Uma pessoa facilmente ignorava as suas bênçãos se se deixava enredar em desejos não concretizados. Os sonhos estavam muito bem no sítio deles, desde que não contaminassem a realidade.

Planeara deslocar-se a Londres antes da Páscoa, embora a sessão parlamentar e a temporada social que a acompanhava só se iniciassem a seguir. De uma forma geral, a temporada era também conhecida como o grande mercado matrimonial e, naquele ano, ele dispusera-se a frequentá-la com o intuito de negociar uma mulher abastada. Palavras medonhas para um pensamento e uma realidade igualmente medonhos. Como se as mulheres fossem mercadorias. E eram, de facto, vezes de mais. Podia contar com o sucesso. Afinal, era um par do reino; jovem, para mais. Havia, evidentemente, a questão da sua relativa pobreza, que era, de facto, *relativa*. Há pouco mais de um ano era Mr. Westcott de Riddings Park, próspero celibatário, perfeitamente adequado. Temia a experiência do mercado matrimonial. Existiria deveras a possibilidade de encontrar uma mulher rica sem se sujeitar àquele penoso empreendimento?

Continuava sem conseguir precisar o que o levava a empreender aquela deslocação. Por que razão pareciam encurtar-se as distâncias sempre que o destino não era particularmente apetecido?, perguntava-se quando a carruagem enveredou pela alameda que conduzia a Withington House. Talvez não devesse ter regressado. Algo em Miss Heyden o repelia. Não era o rosto dela. Ela nada podia fazer quanto a isso e ele acreditava piamente naquilo que lhe expusera, que não demoraria a ficar tão habituado ao sinal de nascença que deixaria de reparar nele. Também não era a sua altura, embora o facto de ter mais de um metro e oitenta pudesse ser intimidante para muitos homens. Ele era mais alto. Não. Nada tinha a ver com a aparência dela.

O que o repelia era, paradoxalmente, o mesmo que o fizera regressar. A sua dor. Cuidadosamente resguardada, mais pesadamente encoberta, até, do que o seu rosto, encontrava-se revestida por uma atitude de destemida dignidade, mas gritava-lhe do seu interior mais profundo, deixando-o horrorizado e fascinado ao mesmo tempo. Deixava-o horrorizado porque não queria ser arrastado para aquela dor e porque suspeitava que esta poderia dominá-la caso a sua atitude vacilasse. Ao mesmo tempo cativava-o porque ela era um ser humano e ele fora abençoado, ou amaldiçoado, com a compaixão pelo sofrimento.

Entretanto, ali estava, independentemente de todos os pensamentos e de todas as dúvidas que o assolavam e o impediam de apreciar o seu entorno como era devido. Ela devia tê-lo ouvido chegar, embora não fosse aguardado em nenhum

dia específico, pois viu um cavaleiro a sair dos estábulos. Miss Heyden poderia estar fora, embora tal lhe parecesse improvável, atendendo à sua condição de reclusa.

Não estava. Mas também não estava na sala de visitas. Veio ao seu encontro poucos minutos depois de o terem conduzido para a dita sala, com um vestido cinzento de aspeto gasto e algo amarrotado, o cabelo apanhado numa coque simples e bastante desarranjado na nuca, a face direita bastante corada, pormenor que, surpreendentemente, lhe era acessível pois ela não trazia véu. Parecia algo ofegante, com um certo brilho no olhar, e, pela primeira vez, viu nela mais do que uma beleza distante. Na verdade, era bastante bonita.

– Lord Riverdale – saudou.

– Peço-lhe que me desculpe – disse ele. – Apanhei-a de surpresa. É uma altura inconveniente?

– Não. – Ela atravessou a sala e estendeu-lhe a mão. – Estava no escritório a somar uma longa coluna de números. Terei de reiniciar a tarefa quando voltar mas é culpa minha, por não a ter subdividido em secções e as somar separadamente. Não contava que regressasse e estava tão absorta que nem reparei na sua chegada. Espero não o ter feito esperar demasiado tempo.

– De todo. – Ele segurou-lhe na mão e olhou-a demoradamente. Via-se que a surpreendera e que ela demorava alguns minutos a envergar a habitual armadura. Testemunhou-o com os seus olhos. A respiração tornava-se mais controlada. A cor esbatia-se do rosto e o brilho do olhar. A postura tornava-se mais fria e grave. Era uma transformação impressionante.

Ela olhou para as mãos unidas e retirou as suas.

– Diga-me – retomou –, hoje reparou?

Que ela não trazia véu? Então ele compreendeu o que ela queria dizer. *Embora tenha reparado da última vez e agora tenha voltado a reparar, estaria disposto a apostar que depois de me cruzar consigo mais algumas vezes deixarei até de ver o sinal.*

– Sim – respondeu ele. – Mas é só a terceira vez que a vejo. Contudo, continuo sem recuar de pavor nem sair a correr da sala.

– Talvez deseje desesperadamente o meu dinheiro – replicou ela.

Ele expirou lentamente antes de se permitir responder.

– Ou talvez, Miss Heyden, me vá embora e a deixe a refazer as suas somas – reagiu.

O rosto dela voltou a tingir-se de vermelho.

– Peço perdão – disse ela. – Não devia tê-lo dito.

– Porque o fez? – perguntou ele. – Valoriza-se tão pouco que acredita que só o seu dinheiro lhe dá algum mérito?

Ela levou a pergunta a sério, via-o. Pensava na resposta.

– Sim – declarou.

Naquele momento, ele devia, realmente, ter-se despedido e partido. Era uma resposta devastadora, que nem sequer fora dada apressadamente. Era impensável compactuar com tal desolação, ainda que ela tivesse todas as riquezas do mundo para oferecer. Santo Deus... Tudo aquilo por causa de um sinal desagradável à vista?

– O que é que lhe aconteceu? – perguntou ele, mas ergueu uma mão ainda antes de terminar a pergunta. – Não. Não tenho direito a receber uma resposta. Mas eu *não* a desposarei apenas pelo seu dinheiro, Miss Heyden. Se acredita verdadeiramente não ter mais nada a oferecer, e se acredita verdadeiramente que um casamento é tudo o que posso oferecer-lhe em troca do seu dinheiro, então diga-o sem demora e colocamos um ponto final neste assunto. Eu partirei e não terá de me ver nunca mais.

Ela demorou bastante tempo a responder. Retirou-se ainda mais para dentro da sua concha, tornando-se, aparentemente, mais alta, mais magra, mais distante, mais austera. Santo Deus... A mulher não precisava de véu nenhum, só se fosse mesmo para esconder o sinal de nascença. Conseguia esconder-se perfeitamente à vista de todos. Ele sentiu-se novamente desconfortável, repellido. Desejou que ela o descartasse e rezou para que não o fizesse.

– Creio – retomou ela, por fim – que é um homem bom, Lord Riverdale. Creio que merece e que... precisa de mais do que eu poderia alguma vez proporcionar-lhe. Foi colocado numa situação desesperante, agravada pelo facto de ser um homem com consciência. A única coisa que posso dar-lhe é dinheiro. Deve procurar outra pessoa. Desejo-lhe todo o sucesso.

Santo Deus!

Chegou ao ponto de dar um passo ao lado, pousando as mãos firmemente na cintura, para lhe deixar o caminho aberto até à porta.

Mais uma vez, ele inspirou lentamente, expirou e voltou a inspirar antes de dizer alguma coisa. *E porque é que ele não se limitou a partir?*

– Sai de casa, alguma vez? – perguntou. – Está um dia de primavera magnífico; fresco mas quente. E o seu jardim parece bastante grande e bonito. Venha dar um passeio comigo. Deixamos para trás este drama em que nos enredámos e falamos do tempo e das flores e de tudo o que é agradável e significativo nas nossas vidas. Tratemos de nos conhecer um pouco melhor.

Ela nunca dizia nada irrefletidamente, aquela mulher. Olhou-o em silêncio durante algum tempo antes de responder.

– Vou buscar um xaile e um chapéu – anunciou, por fim –, e trocar de sapatos.

O dia estava, efetivamente, encantador. Wren parou ao fundo dos degraus da porta principal, ergueu o rosto para o céu e inspirou profundamente.

– Não é algo inusitado – principiou ele – que necessitemos de todas as chuvadas melancólicas que tantas vezes nos assolam nas ilhas britânicas para podermos desfrutar da exuberante beleza de jardins como este?

– Já vi imagens de países onde não cai praticamente um pinga de chuva – comentou ela. – De vegetação ressequida ou, então, autênticos desertos. Ainda assim, parecem possuir uma certa beleza, muito própria. O nosso mundo é composto destes contrastes, tal como a própria vida. Talvez nunca fôssemos capazes de apreciar «isto» se não existisse também «aquilo», ou o «aqui» se não existisse também o «ali», ou o «agora» se não existisse também o que foi.

– Ou uma face direita perfeita sem o contraponto de uma esquerda imperfeita.

Ela voltou-se para ele, estupefacta. Viu-lhe um sorriso nos lábios e um brilho risonho no olhar. Ela, porém, em vez de ficar ofendida com as suas palavras, sentiu-se... impressionada.

– *Perfeita?* – repetiu.

– Já lho devem ter assinalado – devolveu ele.

Não tinham. Mas, vendo bem, poucas pessoas conheciam o seu rosto. Não gostou da direção que a conversa tomava.

– Venha ver a colina dos narcisos – desafiou, voltando-se para a sua direita e atravessando o relvado sul na diagonal, em passos largos.

A sua precetora aplicara bastante tempo e esforço a ensiná-la a caminhar com passinhos contidos, femininos, e ela aprendera. Em Brambledean, há alguns dias, não entrara na sala de visitas com largas passadas, por exemplo. Mas continuava a abrir o passo sempre que podia, sobretudo quando caminhava no exterior e as suas pernas compridas lhe permitiam avançar agilmente.

Ele seguia ao seu lado parecendo confortável. Ela não conhecia muitos homens. Aliás, não conhecia muitas *pessoas*. Mas os homens que conhecera eram, na sua maioria, mais baixos do que ela. O tio dava-lhe praticamente pelo pescoço, mas o conde de Riverdale era alguns centímetros mais alto, facto que o situava acima do metro e oitenta.

Não esperara vê-lo regressar, embora ele tivesse perguntado se poderia fazê-lo. Não mencionara nenhum dia específico, algo que lhe parecera significativo. Desejava estar vestida de forma um pouco mais atraente, mas não se dispunha a fazê-lo esperar com o mero intuito de trocar de roupa e compor o cabelo. Além do mais, agora tinha posto um chapéu.

– É um caramanchão de rosas, ao lado da casa? – indagou ele, inclinando a cabeça naquela direção.

– Sim – respondeu ela. – A criação, o orgulho e a alegria da minha tia. Ela adorava o seu jardim, e o seu jardim adorava-a. Eu bem podia dispor uma fileira de sementes, à distância correta umas das outras, com a profundidade adequada e na altura própria do ano e bem podia cobri-las de terra com todo o cuidado e regá-las diligentemente, que não voltava a vê-las. Acabei por lhe sugerir uma divisão equitativa do trabalho: ela plantava as flores e eu apreciava-as.

– Tem saudades da sua tia? – perguntou ele. – E do seu tio? Quanto tempo já passou, exatamente?

– Quinze meses – respondeu ela. – Julguei que a dor acalmasse com o passar do tempo. Depois pensei que, quando o ano de luto terminasse e eu pusesse de lado a roupa preta, também, de alguma forma, o pior da dor passasse. E talvez tenha passado. Mas por vezes penso que a dor é preferível ao vazio. Pelo menos é *alguma coisa*. Acabei por perceber, suponho, que não tinham apenas morrido, mas que tinham desaparecido. Não ficou nada.

Tinham cruzado o pequeno arvoredado e atravessado a ponte em arco, de pedra, que há cinco anos viera substituir a velha ponte de madeira que se estendia sobre o ribeiro. Este descia a colina no seu canto melodioso, e ela, quando estava só, passava horas a ouvi-lo e a contemplá-lo. Entretanto chegaram ao topo da suave encosta que constituía o limite oeste do jardim. Há uma semana ou duas cobria-a uma profusão de alegres narcisos, com as suas folhas verdejantes e, embora alguns tivessem morrido, continuavam a proporcionar uma visão esplêndida.

– O caramanchão de rosas é maravilhoso no verão – retomou ela –, mas sempre tive preferência por esta colina, onde os narcisos crescem livremente durante a primavera.

– E prefere as flores bravias às cultivadas? – perguntou ele.

– Talvez – disse ela. – Nunca pensei na questão dessa forma. Mas não pode haver flor mais maravilhosa do que o narciso. O alegre arauto da esperança. – Sentiu-se patética. *O alegre arauto da esperança*, nem mais.

– Podemos descer? – perguntou ele.

– Sim – replicou ela. – São ainda mais bonitos vistos dali de baixo.

Ele ofereceu-lhe a mão. Ela hesitou. Não precisava de ajuda. Subira e descera milhares de vezes aquela colina. Uma vez, sentava-se entre os narcisos, abraçando os joelhos, outras deitava-se no meio deles, de braços muito abertos, sentindo a terra a girar debaixo de si, com os olhos lá em cima, no céu. Mas se ia casar-se com ele – o que continuava a ser uma grande incógnita para os dois –, teria de se acostumar aos seus gestos cavalheirescos. Miss Briggs dera-lhe a conhecer todos os pormenores do comportamento elegante, da forma como um cavalheiro devia comportar-se com uma senhora e da forma como esta devia comportar-se para com ele. Ela pousou a mão na dele, deixando que a

envolvesse, firme e quente, e começaram a descer tranquilamente a colina. Ela sentia-se quase delicada, quase feminina. Por norma descia-a praticamente em passo de corrida. Por vezes agitava os braços como se fossem asas e dava gritos esganiçados. Que escândalo não seria se ele a visse...

Quem sabe, pensou ela, quando chegaram ao fundo e pararam, encostando as costas à cerca rústica de madeira, a olhar para o alto – a mão dela ainda pousada na dele –, quem sabe, se usasse amarelo, ou verde, ou uma cor diferente do cinzento ou do lilás do meio luto, não recuperaria mais rapidamente o seu ânimo. Talvez o vazio se lhe afigurasse menos vazio. Poderia a cor da roupa afetar o estado de espírito de uma pessoa?

– Gostava muito deles – comentou Alexander.

Voltava a falar nos seus tios. Wren sabia que não era simplesmente para fazer conversa. Sabia que ele tentava conhecê-la e provavelmente também queria que ela o conhecesse. Não previra nada daquilo. Esperara, por qualquer razão, escolher o seu homem praticamente por instinto, com uma dose mínima de investigação e muito pouca convivência, fazer a sua proposta, ser aceite, casar-se com ele e... E o quê? Viver feliz para sempre? Não, não era assim tão pateta. Só queria casar-se. Um casamento verdadeiro. Queria o contacto físico, e queria ter filhos. No plural, sem qualquer sombra de dúvida. Não pensara muito na necessidade de conhecer o homem que escolhesse para marido, nem em permitir que ele a conhecesse. Era quase como se esperasse que a vida de um e do outro, enquanto casal, comesse no dia em que eles se conhecessem. Sem mundo exterior. Sem histórias. Sem bagagem.

Não seria assim. Pelo menos, não com ele. *Não a desposarei apenas pelo seu dinheiro, Miss Heyden.* Não excluía a possibilidade de se casar com ela. Não dissera sequer que não se casaria com ela pelo seu dinheiro. Mas não se casaria com ela *apenas* pelo seu dinheiro. O que, na verdade, significava que não a desposaria.

Valoriza-se tão pouco...

– Eram a minha vida e a minha salvação – declarou ela. – Sabia que iríamos perder o meu tio. Tinha oitenta e quatro anos, o coração fraco e dificuldade em respirar, por vezes. Não caía de cama tantas vezes como muitos homens com o seu problema de saúde e nunca se queixava. Continuava muito ativo, mais do que deveria, talvez, e com a mente ágil. Mas tornara-se consideravelmente mais lento e todos estávamos cientes de que o fim se aproximava. Teria sido terrivelmente triste e eu teria chorado a perda dele durante muito tempo. Mas teria sido... Falta-me a palavra... Aceitável? Todas as pessoas perdem os familiares mais idosos. É a ordem natural das coisas. Ninguém vive para sempre. Mas a tia Megan ter ido antes dele, de forma tão súbita, tão completamente

inesperada...

Ela engoliu em seco mas não conseguiu continuar. Também não era necessário. Estava tudo dito e a mão dele fechou-se mais sobre a dela, num gesto óbvio de compreensão.

– Peço-lhe que me desculpe – retomou ela. – Não fui a única a perder entes queridos. Também o conde perdeu pessoas que amava.

– O meu pai – devolveu ele. – Era frequente deixar-me exasperado. Vivia a vida dele segundo princípios muito diferentes daqueles que eu adotei. Vivia para aproveitar a vida, e aproveitava. Provavelmente só depois da sua morte é que percebi até que ponto gostava dele, e até que ponto ele gostava de mim.

Em mudo consentimento, recomeçaram a subir a colina, caminhando cautelosamente entre os narcisos, para não esmagar nenhum.

– A sua tia também era idosa? – perguntou ele.

– Não... De todo. – Tinha cinquenta e quatro anos. Tinha trinta e cinco quando me levou a visitar o homem que se tornaria meu tio, na casa dele, em Londres. Foi ter com ele para lhe perguntar se ele poderia ajudá-la a encontrar emprego. Trabalhara para ele, em tempos, como dama de companhia da sua primeira mulher, que permanecera inválida durante muitos anos. Casou-se com a tia Megan uma semana depois e fomos viver com ele. Eram felizes. Estenderam-me a sua felicidade e adotaram-me. Fui a mais abençoada das crianças. E deixou-me uma vasta fortuna, Lord Riverdale. Terá o direito de saber quão vasta, evidentemente, se decidir avançar.

Sabia bem que deixava mais perguntas por responder do que questões esclarecidas. Ele tinha todo o direito, supunha, de lhas colocar, mas esperou que não o fizesse. Tinham parado em cima da ponte, a contemplar o curso melodioso do ribeiro, e ela retirou discretamente a mão ao reparar que ele ainda a segurava. Cingiu o xale ao peito. Estava mais frio ali, à sombra das árvores.

– Há algo de apaziguador no som da água, não acha? – observou ele, ao que ela soube que não faria nenhuma das perguntas. – E na sua contemplação.

– Sim, sem dúvida – devolveu ela. – Adoro vir aqui, mesmo quando os narcisos não estão em flor. Há uma ilusão de recolhimento e de serenidade. Ou talvez não seja uma ilusão. Talvez seja real. O que aconteceu ao seu jovem primo que perdeu para si o título no ano passado?

– O Harry? – Ele voltou-se para ela e olhou-a brevemente. – Está na Península a lutar contra os exércitos de Napoleão Bonaparte, como lugar-tenente do nonagésimo quinto regimento de infantaria, os fuzileiros, como também são conhecidos. Afirmo que está a adorar a experiência, embora já por algumas vezes tenha sido ferido e seja uma fonte de preocupação constante para a mãe e as irmãs. Não esperaria menos dele. Sempre foi um rapaz cheio de energia e de

entusiasmo pela vida e não é do tipo de se lamentar ou se deixar amargar por circunstâncias que estão fora do seu controlo. Ainda assim, deve ter ficado virado do avesso. As mudanças que a minha vida sofreu não são nada comparadas com as dele. Sabendo, além do mais, que o pai enganou a mãe da pior maneira possível, votando-o a ele e às irmãs à ilegitimidade. Sinto-me culpado pelo desfecho da situação, como se também eu fosse responsável pelas provações deles. Teria recusado o título, se pudesse. Infelizmente, não foi possível.

– E as irmãs dele? – indagou ela.

– A Camille e a Abigail foram viver com a avó materna, em Bath – informou Alexander. – A Camille escolheu ensinar no orfanato onde a Anna, a única filha legítima do seu pai, agora duquesa de Netherby, cresceu, e casou-se com o professor de artes no verão passado. Ele é também um retratista com algum renome e recebeu uma herança inesperada, no ano passado. Os dois vivem agora numa grande mansão, nas colinas que ombreiam com a cidade, e gerem uma casa de retiro que proporciona um ambiente tranquilo para o estudo, além de aulas sobre diversos temas, como dança, teatro, pintura ou escrita. Promove palestras, concertos e peças de teatro. Às vezes, as crianças do orfanato participam em piqueniques e em festas organizados por eles. Têm dois filhos adotados e mais um a caminho, de sangue. A Camille foi uma surpresa enorme para todos nós. Não havia dama mais decorosa e mais ativa nem, com toda a franqueza, mais antipática, do que ela, enquanto Lady Camille Westcott.

– O desastre que lhe aconteceu revelou-se, então, uma bênção? – perguntou ela.

– Acredito que sim – devolveu ele –, embora pareça quase desumano dizê-lo. A mãe, inicialmente, foi viver com o irmão, que é pastor no Dorsetshire, mas agora foi persuadida a voltar para a sua antiga casa do Hampshire, com a Abigail, a irmã mais nova. Na verdade, Hinsford Manor pertence à Anna e foi a pedido desta que as senhoras se mudaram para lá. Ainda estão a tentar adaptar-se, suspeito, à transformação das suas vidas, tal como o resto dos membros da família Westcott. Por vezes sinto-me muito impotente.

– Mas não está a fazer exatamente a mesma coisa? – perguntou ela. – Não é um dos mais afetados por toda a turbulência?

– Sou aquele que mais parece ter beneficiado – declarou ele. – Recreei, por diversas vezes, que o Harry, a mãe e as irmãs me detestassem, embora, a bem da justiça, nunca tenham mostrado qualquer ressentimento evidente.

– Os outros familiares apoiam-nos? – perguntou ela. – Ou foram ostracizados?

– Oh... Isso nunca – garantiu ele. – Os Westcott reorganizaram-se e cerraram fileiras. A condessa viúva, desde logo, que é prima direta do meu pai, com as

suas três filhas e respectivas famílias. Há ainda o duque de Netherby, cujo pai casou em segundas núpcias com uma das filhas Westcott. O Netherby foi tutor do Harry até há muito pouco tempo, até este completar vinte e um anos. Foi ele quem lhe comprou a patente de oficial. E ainda temos a minha mãe e a minha irmã. Contudo, inicialmente, a prima Viola, a antiga condessa, as filhas e o Harry não estavam dispostos a aceitar nenhum tipo de apoio por parte da família. A prima Viola ressentia-se muito do facto de o seu casamento nunca ter sido válido e, portanto, não ter qualquer parentesco connosco. Voltou até a adotar o nome de solteira: Kingsley. E a Camille e a Abigail sentiram profundamente a ilegitimidade da sua filiação e decidiram lamber as suas feridas em privado durante algum tempo. A propósito, faremos um teste escrito sobre estes graus de parentesco quando regressarmos à casa.

Ela voltou-se para ele e sorriu. Gostava dos seus ocasionais lampejos de humor.

– Seria muito fácil passar com nota máxima – comentou ela. – Não me disse o nome de todos os Westcott, e respetivos consortes e filhos.

– Nomes próprios, nomes de família e títulos? – devolveu ele. – Precisaria de uma semana a estudar.

Wren tomou a dianteira ao descer a ponte, mas caminharam lado a lado através do arvoredado até ao jardim. Levou-o até ao caramanchão de rosas, embora fosse ainda muito cedo para estas flores. Ele dera-lhe muita informação sobre si próprio e ela pouco oferecera em troca.

– O meu tio provinha de uma família pequena – principiou – e viveu mais do que qualquer outro parente. Não teve filhos nem com a primeira mulher nem com a tia Megan. Tiveram ambos a gentileza de me dizer que eu era a única filha que poderiam desejar. – Ela quase o via a debater-se interiormente se havia de lhe perguntar ou não sobre a família da tia. Estava voltado para ela, embora ela escolhesse não o encarar. – No verão – acrescentou, não lhe dando hipótese de intervir –, era capaz de encontrá-lo de olhos fechados, se me desse a tolice de o tentar. Até eu tenho de admitir que as rosas, no que toca à fragrância, batem os narcisos aos pontos.

Abstiveram-se de voltar a falar de temas pessoais até ao fim da visita. Quando regressaram à casa, ele não voltou a entrar e optou por se despedir, garantindo-lhe que não seria necessário trazerem-lhe a carruagem.

Não falou em voltar a vê-la.

Ela ficou a vê-lo dirigir-se em passo largo para as cavalariças, desejando, absurdamente, ser uma mulher normal. Não era. Sabia-o mesmo sem ter grande termo de comparação, com exceção, talvez, das senhoras, jovens e menos jovens, com quem se cruzara no chá, em casa dele, que eram simpáticas,

sorridentes, divertidas e que falavam, com perfeito à-vontade, sobre dezenas de tópicos. Mas, se fosse normal, não o teria conhecido, pois não?

Desejava voltar a vê-lo? Tinha a estranha sensação de que poderia sair magoada se procurasse aprofundar a relação. Fora algo que não avaliara, pois não?

Oh... Como desejava ser normal. Lamentavelmente, porém, era como era.

CAPÍTULO 4



Depois de passar um dia inteiro a pensar, mudar de ideias, regressar à conclusão anterior e mudar de ideias uma vez mais, Alexander enviou uma mensagem a convidar Miss Heyden a visitá-lo em Brambledean, sozinha. Não era muito adequado. Na verdade, não era nada adequado. Mas pouco sentido fazia organizar uma nova reunião social para tornar mais aceitável a sua vinda. Não seria propício a conhecê-la melhor. E ele necessitava de saber se se dispunha a pensar seriamente em casar com ela.

Fora um início, em Withington. Estava longe de ser suficiente, mas fora um início. Pensou com os seus botões se ela saberia exatamente o que a esperaria se decidisse comprá-lo como marido. Na verdade, *ele* precisava de saber o que o esperaria. A perspectiva de ser comprado causava-lhe repulsa, no mínimo.

Ela visitou Brambledean dois dias depois, fazendo-se acompanhar pela criada, a bem do decoro. O dia estava sombrio, borrascoso, facto que não deveria ter importância se permanecessem no interior. Mas teve. A criada foi conduzida para a ala dos serviçais e ele levou Miss Heyden a visitar a casa. As divisões decadentes e abandonadas tinham um aspeto ainda mais sombrio com as pesadas nuvens cinzentas a obscurecer as janelas. Mostrou-lhe tudo. Desde logo, a antiga biblioteca que não via um livro novo há meio século ou mais, ou, se vira, Alexander ainda não o descobrira. Mostrou-lhe os salões e escritórios destinados aos visitantes, todos no piso inferior. Ignorou a sala de visitas do primeiro piso, pois ela já a conhecia, mas mostrou-lhe o que seria a sala da música, logo a seguir, embora estivesse completamente desprovida de instrumentos. Até lhe mostrou os compartimentos sem uma descrição específica, bem como a sala de jantar e o salão de baile, o qual dificilmente vira dançarinos no decorrer do último século. Mostrou-lhe alguns dos quartos reservados às visitas e, no segundo piso, a galeria dos retratos, tristemente desatualizada e cujas obras e molduras, na sua totalidade, necessitavam desesperadamente de ser limpas e restauradas. Fê-la descer às cozinhas, onde Mrs. Dearing e Mrs. Mathers nada disseram sobre as muitas lacunas do equipamento, que não era renovado há sabe-se lá quanto tempo.

Percorreram a parte mais próxima do parque, a oeste da casa, embora ele lhe

tivesse dado a opção de permanecerem no interior e tomarem chá na sala de visitas. Ela munira-se de um casaco pesado e uns robustos sapatos de caminhar. Trazia também um chapéu, que mantivera mesmo dentro de casa, com o véu tombado sobre o rosto, supostamente para benefício dos criados que não conhecia. Olhava em redor enquanto circulavam, sem dizer muito, e voltava-se com frequência para observar a casa de diferentes perspectivas. Analisava com olho crítico, ele via-o, o telhado, as chaminés, as trepadeiras que cobriam as paredes. Olhou para as cavalariças e a cocheira. O vasto parque não estava propriamente ao abandono mas não tinha o aspeto cuidado que seria de esperar de um jardim, nem a autenticidade de um recanto selvagem. Não cumpria a sua função de espaço próprio para caminhar e relaxar.

– Está pouco cuidado e com mau aspeto – declarou ele –, embora os jardineiros lhe dediquem muitas horas de trabalho, fazendo o melhor que podem. Mas não são em número suficiente. – E também não havia dinheiro suficiente para contratar mais, poderia ter acrescentado, embora tal devesse ser óbvio para ela.

– Fale-me das quintas, dos cultivos, do gado, dos trabalhadores – pediu ela. – São progressivos, os métodos que utilizam?

Eram perguntas diretas, profissionais, tal como a sua atitude. Ela analisava tudo com olhar avaliador e escutava com dedicada atenção. Vendo bem, era praticamente uma entrevista, algo que ela tinha todo o direito de fazer. Afinal, ele não a teria convidado se não ponderasse a sua proposta e ela não teria comparecido se a proposta tivesse sido retirada. Ele esperaria ter uma reunião daquele teor, assim como responder àquele tipo de perguntas, com o pai de qualquer jovem a quem pedisse em casamento, não com a própria noiva. Era estranho e desadequado, além de tremendamente embaraçoso; humilhante, até. Mas não havia motivo para ela não tratar dos seus próprios interesses, quando era óbvio que se tratava de alguém inteligente e igualmente óbvio que não via razão para o esconder, para se limitar a fitá-lo de olhos abertos de devoção, sorrindo com ar sonso e fingindo ser uma mulher indefesa. Imaginá-la a comportar-se daquela forma era algo divertido, para dizer a verdade.

– É uma tarefa hercúlea que me espera – disse ele, por fim. – Ainda se pergunta porque não queria o título?

– Não. Não pergunto – frisou ela. – Mas tem-no, ponto final. Vejo que tem uma escolha evidente a fazer. Pode ir-se embora e esquecer isto tudo, enquanto o seu administrador faz o melhor que sabe, ou o pior, para manter as coisas nos moldes em que se têm aguentado, ou casar-se com uma mulher rica. Sei que no seu caso não se trata de uma verdadeira escolha, pois é um homem com consciência. Suspeito que não seja tanto a casa e o parque, nem sequer as quintas

que o preocupam, mas as pessoas envolvidas. Em rigor, não é uma simples suspeita. Portanto, terá de ser uma mulher rica. Mas até nisto o atrapalha a sua consciência. Podia ter aceitado de imediato a proposta que lhe fiz há cerca de dez dias, apesar da minha aparência, e estar com os seus problemas resolvidos. Mas não conseguiu fazê-lo. Não se casaria... Não se casará comigo sem que eu saiba exatamente o que me espera. Acredito agora que o sei. E não se casará comigo sem ter a certeza de que consegue, pelo menos, respeitar-me. Consegue? Isto é, respeitar-me?

Ela era a mulher mais estranha que alguma vez conhecera, e isto era dizer pouco. Na verdade, era a pessoa mais estranha, independentemente do sexo. Era tão direta na sua forma de falar e de estar que não havia esconderijo possível; não havia arestas a limar diplomaticamente, nem falinhas mansas. Contudo, irritava-o o facto de ela ser franca e aberta nos negócios mas nada dizer acerca de si própria.

– Miss Heyden – retomou ele, parando debaixo de um enorme carvalho, encostando-se ao tronco e cruzando os braços sobre o peito. – O motivo que me leva a pensar casar-me consigo é perfeitamente óbvio. E quanto ao que a leva a casar-se comigo? Parece ter tudo aquilo de que precisa, incluindo independência, um bem raro numa mulher. Porquê entregar tudo a alguém que é praticamente um estranho? Comunicou-me que desejava casar-se. Mas com qualquer um? E, por favor, pode retirar o véu?

Ela hesitou mas rapidamente respondeu. Ele percebeu então que tivera a impressão de falar com uma miragem. Agora pelo menos ela parecia humana.

– Cresci com uma consciência muito forte de mim mesma como pessoa – declarou ela. – Os meus tios são fortemente responsáveis por isso. Além de me atribuírem uma precetora rigorosa, que me ensinou tudo o que uma senhora deve saber, tanto a nível académico como social, o meu tio expôs-me a tudo o que implica comandar uma atividade próspera e bem-sucedida e a minha tia deu o seu incentivo, tanto a ele, como a mim. Embora, no ano passado, tenha ficado sem chão, em muitos aspetos, consegui evitar cair num desespero profundo tomando as rédeas do negócio nas mãos. Mesmo enquanto estou aqui, no campo, continuo a ter essa responsabilidade, embora possua um gerente capaz.

«A maior parte das mulheres, pelo contrário, cresce adquirindo consciência delas próprias enquanto *mulheres*. Veem-se nos papéis que se espera que desempenhem, de filha, esposa, mãe e dona de casa, dedicadas a cuidar dos homens presentes na sua vida e das crianças que têm a seu cargo. Suspeito que muitas, se não todas, nunca se veem verdadeiramente como pessoas, embora suponha que algumas sim. A minha tia era uma delas, embora assumisse os papéis de esposa e mãe, os desempenhasse com toda a perfeição e tivesse sido

muito feliz durante os últimos dezoito ou dezanove anos da sua vida. Se tiver de escolher entre ser uma pessoa e ser uma mulher típica do nosso tempo, Lord Riverdale, escolheria sem hesitar a primeira opção. Depois de ter essa experiência, dificilmente poderia abdicar dela. Mas porque não posso ser as duas? É isto que me tenho perguntado recentemente. Porque não posso, enquanto pessoa, ser também mulher? Porque não posso casar-me?»

Inalterado, ele olhou-a longamente depois de ela ficar em silêncio, de sobranceiras erguidas, aguardando a sua resposta. Estava a poucos passos de si e a luz do sol incidia nela; alta e esguia, orgulhosa, de queixo erguido, deixara de tentar esconder o rosto. Sim, pensou ele, era aquilo que, até então, ele procurara definir nela sem conseguir. Ela não era tipicamente feminina. Era mais pessoa do que mulher, uma estranha ideia que teria de ponderar detidamente. Não obstante... Não poderia ela ser as duas coisas? Poderia uma mulher com uma forte noção da sua identidade enquanto pessoa não ser tão atraente como as mulheres que eram educadas para o casamento e a maternidade... e para a dependência?

– E se eu, ou outro homem, nos revelássemos diferentes daquilo que esperava? – perguntou ele. – E se eu fosse como me vê agora quando estou sóbrio mas fosse um homem horrível depois de estar a beber e virasse essa fealdade contra a minha mulher e os meus filhos? – Acontecera à sua irmã, embora não houvesse crianças envolvidas.

Ela meditou na pergunta.

– A vida envolve toda a espécie de riscos – afirmou. – A única coisa que podemos fazer para nos protegermos é ponderar as nossas escolhas. Ou podemos não fazer escolha nenhuma e ficar estáticos na vida. Contudo, mesmo isto não é realmente possível nem isento de riscos. A vida muda à nossa volta e a nossa vida muda também, quer queiramos quer não. Eu não desejava que o meu tio e a minha tia morressem. O senhor não desejava herdar tudo isto – prosseguiu, fazendo um gesto amplo com ambas as mãos.

– Mas se escolher mal o seu marido – insistiu ele –, perderá tudo: a sua independência, o seu dinheiro, a sua felicidade.

– Isso não, Lord Riverdale – devolveu ela. – Não lhe entregaria todo o meu dinheiro. Não sou totalmente louca, nem tão-pouco tonta. Antes de nos casarmos, assinaríamos ambos um contrato cuidadosamente redigido.

Por vezes, achava-a desconcertante. Muitas vezes. Mas ficaria assim tão incomodado se fosse um homem a falar? O pai, o tio ou o tutor dela? E o que revelaria sobre ele, o facto de a resposta ser «não»? Afinal, estaria à espera de negociar e assinar um acordo de casamento com um possível sogro. Seria expectável para si que este procurasse salvaguardar os interesses futuros da filha.

– Então, iria manter o controle do dinheiro – replicou ele – e abrir os cordões à bolsa quando lhe parecesse apropriado?

– Claro que não. – Ela deu meia-volta iniciando o regresso a casa com a sua passada que, embora caracteristicamente masculina, por qualquer razão, não era deselegante. – Como poderia tolerar um casamento no qual tivesse feito pensionista ou escravo do meu marido? Não o faria, tal como não seria capaz de tolerar um casamento no qual fosse escravizada pelo meu marido. Homem nenhum se casaria comigo se eu não tivesse dinheiro, Lord Riverdale; muito dinheiro. Mas não tenho qualquer desejo de comprar um marido para fazer dele refém para o resto da vida.

Percorreram alguma distância em silêncio.

– Explicou que deseja casar-se porque quer ser mulher, além de pessoa – retomou ele. – Miss Heyden, o que é que significa para si, ser mulher? – Talvez fosse uma pergunta injusta. Não sonharia fazê-la a mais ninguém. Mas ela era diferente de todas as mulheres que conhecera e, ele, Deus o ajudasse, ponderava casar-se com ela.

Ela inspirou, soltou a respiração e voltou a inspirar.

– Quero ser beijada – respondeu ela, ativa, cheia de dignidade. – Não sei quase nada do que há por detrás dos beijos. Mas quero saber. Quero saber tudo. E quero um filho. Quero filhos. Nunca me faltou carinho e afeto do meu tio e da minha tia, mas desejava insistentemente a companhia de outras crianças. Ter irmãos. Amigos. Agora tudo desapareceu com eles. Quero voltar a sentir calor humano, mas desta vez quero mais do que isso. Quero... Bem, não sei muito bem como posso dizê-lo de outra forma. Sou ingênua e provavelmente pareço patética, mas fez a pergunta e tem direito a uma resposta.

– Sim – devolveu ele. – Obrigado.

Falando cruamente, ela queria sexo. Decidira comprar o que desejava, acreditando não poder tê-lo de outra forma, devido ao maldito sinal. Um homem podia comprá-lo facilmente sempre que desejasse, sem se obrigar ao fardo do casamento. Mas ela, embora fosse uma mulher de negócios abastada e senhora de si, não era um homem. Além do mais, não era apenas sexo que ela desejava. Era calor humano na forma de uma relação sexual. Ela queria muito mais do que parecia reconhecer. Queria amor, e, Deus a ajudasse, parecia julgar que era comprável.

Ele sentiu-se desconfortável. Outra vez. O que poderia ele oferecer em justa troca por aquilo que ela lhe daria? Era capaz de apreciar a beleza e a elegância dela, apesar do sinal, e era capaz de admirar a sua independência e inteligência. Mas... onde estava a atração? Não sentia nenhuma. Ela desejava ser beijada. E nem sequer isso se imaginava a fazer.

– O que nos espera a seguir, Lord Riverdale? – questionou ela, quando se aproximavam da casa. – Viu-me. Eu vi a sua casa e parte do parque, e fiquei a saber algumas coisas da propriedade. Dialogámos e, de certa forma, começamos a conhecer-nos. Agora será a sua vez de me visitar? E depois a minha, de lhe devolver a visita? O tempo é valioso. Teremos ambos de continuar a nossa busca de parceiro, se se revelar que não somos compatíveis.

La insistir na questão, estava visto. Mas ela tinha razão quanto ao tempo. Quando se deslocara à propriedade, para ver como estava a adaptar-se o novo administrador, para avaliar com ele o que era necessário fazer e o que poderia ser feito com os seus recursos limitados, e definir prioridades, tencionara ficar apenas até ao final daquela semana. Planeara seguir para Londres, onde a mãe e a irmã se reuniriam com ele para passar a Páscoa, mas tomara já a decisão de adiar a partida até à semana seguinte, já depois da Páscoa, e escrevera à mãe nesse sentido. Chegara a acrescentar que não tinha completa certeza sobre se regressaria nessa semana. Não explicara o motivo porque não sabia se valia a pena partilhá-lo, limitando-se a escrever algo vago sobre a pressão das suas obrigações e em certo sentido não mentira. Era sua obrigação casar-se com uma mulher que lhe desse herdeiros e lhe proporcionasse fundos, mas aquela era uma forma abominável de encarar o seu futuro e o futuro da jovem que desposaria e, por um momento, dominou-o uma repulsa por si próprio.

– Miss Heyden – disse, parando abruptamente ao lado dela, ao chegar aos degraus que conduziam à porta principal, e reparando, despropositadamente, nas ervas que cresciam por entre as frinchas. – Tem de haver afeto ou a esperança de algum tipo de apreço. Não lhe chamarei amor. Isso é para poetas e sonhadores. Mas tem de haver... afeto. Não consigo encarar a perspetiva de um casamento sem isso. Há alguma possibilidade remota de poder vir a haver afeto entre nós? – Ele não conseguia imaginar-se nesse papel, mas conseguiria ela? E, se a resposta dela fosse sim, estaria ele disposto a tentar corresponder à sua esperança?

– Era a isso que me referia quando falei em calor humano – declarou ela. – Não sei se é possível entre nós. Tenho perfeita consciência de como são diferentes, as nossas perspetivas. Eu olho para si e vejo uma beleza extraordinária. O conde olha para mim e vê... isto – disse, indicando o lado esquerdo do rosto com uma mão. – Seria difícil para si...

– Maldito seja o seu rosto! – exclamou ele, fitando-a, consternado, ao mesmo tempo que a mão dela estacava, a escassos centímetros da sua face e os seus olhos se arregalavam. – Oh... Que diacho... Peço-lhe que me desculpe. Não quis dizê-lo assim. Quis...

Mas o que viu e ouviu a seguir emudeceu-o. Ela ria-se.

– Julguei que era a perfeição na forma de um homem – replicou ela. – Que

delícia descobrir que é humano. O que quis dizer?

Ele recordou-se, então, da imagem dela durante aqueles breves instantes, quando a apanhara de surpresa em Withington, corada, de olhos cintilantes e ligeiramente desalinhada, ofegante... E bonita. Olhou para ela naquele momento, rindo, surpreendida, pela sua exclamação, e, de repente, constatou que era possível sentir atração por ela, mas só quando a surpresa a levava a permitir vislumbres da personalidade que normalmente ela mantinha bem escondida.

– O seu rosto é só o seu rosto – disse ele. – Não a substitui. E não é, de todo, feio como julga. Permitiu que a definisse, facto que, evidentemente, não lhe faz bem nenhum. Peço-lhe novamente que me desculpe, Miss Heyden, e que perdoe a minha linguagem, mas, ao recear que o seu rosto a prive do calor e do afeto humanos para o resto da sua vida, está precisamente a condenar-se a isso.

– Conseguiria, algum dia, sentir afeto por mim? – perguntou ela.

Ele hesitou.

– Não sei – respondeu. – Honestamente, não sei, Miss Heyden. E não fingirei afeto apenas para a convencer de que o seu rosto não me repugna.

– É justo – devolveu ela.

– Conseguiria, algum dia, sentir afeto por mim? – perguntou ele.

Ela fitou-o durante alguns instantes.

– Se conseguisse habituar-me à sua excelente aparência – replicou ela. – Mas creio que ainda me intimida um pouco.

Desta vez, foi ele a rir-se, discreto, mas genuinamente divertido. Não era costume as mulheres, e os homens, apaixonarem-se com base na aparência e só mais tarde descobrirem o afeto, ou o seu contrário?

– Então – perguntou ela –, continuamos? Ou não continuamos?

Existia uma série de razões pelas quais deviam fazê-lo, e igual número de razões pelas quais não deviam. Ele hesitou antes de responder. Seria um passo enorme, dar início a um noivado formal. Irrevogável, talvez. Fora, contudo, o motivo que o levava a convidá-la a visitá-lo naquele dia: decidir se o passo seguinte deveria ser dado e se haveria condições para tal. Naquele momento continuava a ser difícil para si decidir. Mas talvez continuasse a sê-lo. Talvez a ideia de se casar exclusivamente por motivos mercenários fosse sempre atormentá-lo. Mas seria ele capaz de lidar com a obscuridade que se ocultava por detrás daquela aparente firmeza de ideias e de carácter? E seria ele capaz de lidar com a independência e o sucesso dela? Tratava-se de uma pessoa com tantas complexidades... E provavelmente ele não conhecia sequer a metade... O que o deixava meio zozinho. Mas a vida não era feita para procrastinadores. Pelo menos, ele não se imaginava a viver assim. E ninguém sabia o que o futuro reservava.

De manhã encontrara uma resposta à carta que enviara para casa.

– A minha mãe e a minha irmã estão a vir do Kent para cá – informou. – Iam ter comigo a Londres esta semana, mas, quando lhes escrevi a dizer que chegaria mais tarde, elas decidiram vir antes para aqui, para celebrar a Páscoa comigo. Gostaria que tomasse chá connosco, aqui, no domingo.

Ela ficou a olhar para ele, durante bastante tempo.

– Ficariam horrorizadas – declarou.

– Por acaso imaginou, quando decidiu casar-se – principiou ele –, que viveria o resto da sua vida isolada com o seu marido?

– Suponho que sim – admitiu ela, depois de se deter a pensar.

– Não seria possível – devolveu ele. – Vem?

– Prosseguimos, então, não é verdade? – perguntou ela.

– Sem compromissos de nenhum dos lados – frisou ele.

– E suponho que espera que entre sem véu na sua sala de visitas.

– Sim.

Ela deu meia-volta e começou a subir os degraus à sua frente sem dizer mais nada.

– Deve estar a pensar seriamente na sua proposta – disse Maude –, se quer que conheça a mãe e a irmã dele.

Dentro da carruagem, Wren, sentada ao lado da criada, permanecia de olhos fechados. Que tola tinha sido. E tão ingénua. Era tão pouco o que sabia do mundo. O tio pusera-a em contacto com o negócio que agora lhe pertencia, mas tal não envolvera interação social com nenhum dos seus empregados, agora dela, nem sequer com Philip Croft, o gerente. O tio tentara persuadi-la a conviver socialmente com os seus pares, mas nunca insistira. A tia Megan, mais protetora, sempre apoiara a sua decisão de permanecer atrás de portas, sempre que existisse a possibilidade de ser vista, ou atrás de um véu, quando ser vista não era evitável. Miss Briggs, a precetora de Wren, nunca exprimira qualquer opinião, embora se mostrasse irredutível quanto a educar a sua pupila em todos os aspetos necessários para ser uma senhora. Até lições de dança recebera.

Mas Miss Briggs partira quando ela tinha dezoito anos e, dez anos depois, a tia e o tio faleceram. Ficara isolada do mundo e ocorrera-lhe a ideia brilhante de usar a sua riqueza para comprar um marido. Parecera-lhe maravilhosamente prático, mas agora tornava-se quase embaraçoso reconhecer com que dose de ingenuidade concebera aquela ideia e passara à sua execução. Pensara em escolher os seus candidatos com cuidado, pois havia sempre pessoas junto de quem obter informações, e depois restar-lhe-ia entrevistá-los até encontrar o pretendido. Ela apresentaria a sua proposta, que seria aceite e passava-se ao

casamento. E, sim, na sua imaginação seria um casamento onde estavam presentes apenas duas pessoas, além do número de testemunhas necessário, ao qual se seguiria uma vida em comum que incluía somente essas mesmas duas pessoas até ao fim dos seus dias.

Ultrapassava o *quase* embaraçoso. Como é que alguém que se orgulhava da sua inteligência e bom senso podia ser tão tonta e ignorante?

Primeiro, ele convidara-a para tomar chá com os vizinhos.

Agora convidava-a para tomar chá com a mãe e a irmã.

O que viria a seguir? A família Westcott inteira? Os parentes do lado da mãe? Nem sequer lhe perguntara por eles, ainda.

– Não tenho a certeza se consigo – replicou, ao sentir que Maude duvidava de que fosse obter um comentário seu. – Não tenho a certeza se quero fazê-lo.

– Vai deixar-se transformar numa solteirona excêntrica? – perguntou Maude.

Sem abrir os olhos, Wren sorriu.

– Já sou uma solteirona excêntrica – assinalou. – Tenho quase trinta anos, Maude.

– Vai deixá-la ganhar, é isso? – insistiu a criada.

Wren ficou tensa. Sabia perfeitamente a quem Maude se referia, pois a tia Megan contara-lhe a história. Chegara a ouvi-las, sem querer, quando era criança. *Afastá-la fisicamente da mulher foi uma coisa, Mrs. Heyden, dissera Maude, mas de que serve isso se não consegue tirá-la também da cabeça da criança? Vai destruí-la. É isso que vai acontecer. Ouça o que lhe digo. Precisa de obrigá-la a sair um pouco da redoma para ela saber que o mundo não é nenhum inimigo.* Ambas tinham terminado em lágrimas enquanto Wren se esgueirava silenciosamente e se distraía com algum jogo ou atividade já esquecidos.

– Sou uma mulher autónoma – declarou Wren. – Sou senhora da minha vida, Maude, e não te pedi nenhum conselho.

Maude estalou a língua.

– Desculpa – retificou Wren, abrindo os olhos, por fim, e voltando a cabeça. – Sei que te preocupas comigo. Qual será o próximo passo, então? Tomar chá com a mãe e a irmã dele ou dedicar-me a uma vida de excentricidade para todo o sempre?

Maude adotou uma expressão de teimosia deliberada, cruzou os braços e cravou o olhar no banco em frente.

Wren riu-se.

– Oh, está bem, ganhaste – disse. – Eu vou.

– Não disse uma palavra – protestou a criada.

– Não foi preciso – devolveu Wren, com nova risada. – Esse olhar e os braços

cruzados são sobejamente eloquentes, tal como muito bem sabes. Eu vou para te orgulhares de mim, embora não o admitas, nem sequer sob tortura. Mas, Maude, quem me dera que ele não fosse tão bonito. Ele prevê que, depois de se encontrar comigo algumas vezes, vai deixar de reparar no meu sinal. Parece-te que, depois de algumas vezes, eu deixarei de reparar na beleza dele?

– Quem é que quereria não reparar na beleza do homem? – retorquiu Maude, exasperada. – Eu podia passar o dia inteiro a olhar para ele, sem ficar minimamente cansada.

Wren suspirou e voltou a fechar os olhos. E viu-o encostado ao tronco do carvalho, com ar elegante e relaxado, com os braços cruzados sobre o peito, e tão belo, que a enraivecia. Ouvia-se a si própria dizer que queria ser beijada, e imaginava-o a fazê-lo.

Desejava-o. Mesmo muito.

Mas não era possível que ele pudesse desejar beijá-la. O seu rosto...

Maldito seja o seu rosto!

A memória arrancou-lhe um novo sorriso. As palavras dele, aquela explosão, tinham sido tão inesperadas. E tão estranhamente enternecedoras.

Oh... Não podia, não podia. *Não podia de forma alguma apaixonar-se por ele.*

CAPÍTULO 5



Mrs. Althea Westcott, mãe de Alexander, e Elizabeth, Lady Overfield, sua irmã, chegaram a Brambledean Court dois dias depois, ao início da tarde. Alexander ouviu a carruagem, apressando-se a sair para ajudá-las a descer, abraçando-as carinhosamente no meio da profusão de saudações.

– O que vos parece? – não resistiu a perguntar, indicando a casa e o parque com um gesto aberto. – Posso atrever-me a perguntar?

– Tarde de mais. Acabas de o fazer – devolveu Elizabeth, rindo-se. – Deve ter sido de uma imponência fascinante, no seu tempo, Alex. Ainda conserva um certo esplendor.

– Ah... Mas espera até veres o interior – advertiu ele.

– Pobre Alex. Mas pelo menos o telhado não parece ter cedido – observou a mãe, dando-lhe o braço para subir os degraus que conduziam ao vestíbulo.

Parou para olhar à sua volta, pousando finalmente os olhos no pavimento em cerâmica branca e preta do chão, marcada e gasta.

– Ainda bem que nunca gostei muito do primo Humphrey, o teu antecessor. Teria sido uma triste desilusão. Era um dos homens mais ricos de Inglaterra, e um dos mais egoístas. Negligenciou completamente as suas responsabilidades, que te caíram todas em cima dos ombros, enquanto o dinheiro foi para a Anastasia, que eu não culpo por um momento sequer, Deus a proteja. Deviam ter dado um tiro ao Humphrey, no mínimo. Não lhe devia ter sido permitido morrer pacificamente deitado no seu leito. Não há justiça.

– Pelo menos a casa está habitável – realçou Alexander. – Minimamente. Nunca me choveu em cima quando durmo nem nada igualmente sinistro. Por outro lado, nunca dormi em nenhum dos quartos que foram preparados para vocês.

Elizabeth riu-se novamente.

– Mas passamos a Páscoa juntos – disse. – Não nos agradava a perspectiva de celebrá-la em Londres enquanto tu te sentias obrigado a permanecer mais algum tempo aqui.

– E há que admitir, Alex, que sentíamos curiosidade em averiguar por nós próprias a tarefa que tens em mãos – completou a mãe.

Alexander apresentou-as ao mordomo e à governanta, e Mrs. Dearing ofereceu-se para conduzi-las aos quartos, para se refrescarem antes do chá. As senhoras subiram a escada atrás dela, lançando olhares de curiosidade à sua volta.

– Já conheceste algum dos vizinhos, Alex? – perguntou a mãe, mais tarde, já sentados na sala de visitas diante de um chá, *scones* e bolos. – Com certeza que sim. Já aqui estás há algum tempo e todos deviam estar ansiosos por conhecer o novo conde e descobrir se pretende estabelecer residência cá e desposar uma das filhas da terra.

– Já conheci alguns – replicou ele –, e todos eles se mostraram amáveis e generosos. Fui convidado para jantar, para tomar chá, jogar cartas e ouvir música e todos os domingos depois da missa sou obrigado a ficar uma hora à porta da igreja, para além de receber vénias e cortesias na rua. Até já recebi convidados aqui. Corria o risco de ter de esperar mais de vinte anos até receber alguém, se aguardasse até a casa estar mais apresentável. Uma destas tardes convidei diversas pessoas para um chá e tive a felicidade de contar com a presença de todas. Estavam curiosas, suponho, para ver até que ponto o interior da casa está deteriorado. E, sim, claro que quase todos perguntaram pelos meus planos. Garanti-lhes que tenciono estabelecer residência cá, ainda que os meus deveres parlamentares me obriguem a permanecer alguns meses em Londres durante a primavera.

Seguiu-se um compasso de silêncio.

– Tencionas abandonar Riddings Park para viver aqui? – perguntou Elizabeth, visivelmente desgostosa. – Mas, Alex, tu adoras Riddings. É a tua casa e trabalhaste tanto, e durante tanto tempo, para lhe devolver a prosperidade. É, no mínimo, deplorável... Contrataste um novo administrador, que descreves como sendo uma pessoa cumpridora e cuidadosa. Porque sentes necessidade de aqui ficar? Ah... Não te dês ao incómodo de responder. É o teu infernal sentido do dever. – Elizabeth pousou a chávena no pires com pouca brandura. – Desculpa. A forma como vives a tua vida não me diz respeito. E viemos aqui para te animar, não para te repreender, não é assim, mãe? No entanto, sinto-me obrigada a dizer-te que gosto de ti e me preocupo contigo e que desejo ver-te feliz.

– Não me vês infeliz, Lizzie – assegurou ele. – Mas há algumas coisas que necessito de fazer aqui, pessoalmente, entre as quais, desde logo, mostrar às pessoas que dependem de mim que me preocupo e estou solidário com elas, que estamos todos juntos nesta luta. Espero que o Bufford e eu possamos encontrar formas de trazer mais prosperidade às quintas ainda este ano, mesmo sem grande investimento novo. Quero começar por tratar de reparações urgentes nas casas dos trabalhadores e de lhes aumentar os salários; mesmo não sendo muito, será

melhor que nada. O Bufford quer investir em novas culturas e equipamentos, e em mais gado. Juntos, complementamo-nos, como estão a ver. Mas basta deste assunto. Não quero adormecer-vos. Falem-me da vossa viagem.

Elas assim fizeram e todos se riram a bom rir, pois Elizabeth, em especial, tinha uma mente sagaz e olho para o absurdo. O que provavelmente fora uma viagem maçadora, como o são quase todas as deslocações, assumiu, com o relato, tons de peripécia emocionante. Mas a mãe também tinha algo mais em mente e abordou o assunto antes de darem o chá por terminado.

– Prevês dedicar-te a procurar uma mulher durante a temporada, Alex? – perguntou. – Preocupa-me saber que tens trinta anos e que nunca te deste uma oportunidade para desfrutar da vida. No ano passado, admitiste finalmente que estavas atento, mas depois surgiu esta maldita questão familiar e voltaste a pôr de parte qualquer dedicação à tua felicidade pessoal.

– Irei seguramente aproveitar a ocasião para desfrutar do prazer de acompanhá-las, a si e à Lizzie, a diversas distrações quando a temporada iniciar, mãe – afirmou ele.

– O que não é resposta nenhuma – declarou esta.

– Alex. – A irmã segurava os cotovelos nas mãos, como se sentisse frio, e inclinara-se ligeiramente sobre ele. – Não vais procurar uma mulher rica, pois não?

– Há algo de inerentemente errado numa mulher rica? – perguntou ele, sorridente. – Deverei excluir as jovens abastadas tendo como base esse único critério? Parece-me um pouco injusto para elas.

Ela estalou a língua.

– Sabes muito bem o que quero dizer – retorquiu. – E a ambiguidade da tua resposta é muito elucidativa. Seria tão típico de ti, fazê-lo. Nunca colocas a tua felicidade em primeiro lugar. Mas não faças isso. Por favor. Mereces a felicidade mais do que ninguém. – Disse-o com um brilho real de lágrimas no olhar.

– Não há mal nenhum em ter dinheiro – devolveu ele.

– Há, quando lhe damos mais importância do que à felicidade – declarou ela. – Por favor, Alex. Não o faças.

– Escusas de insistir, Lizzie – interveio a mãe, olhando um e outro com ar arguto. – Sabes que, depois de ter uma decisão tomada, é impossível demover o teu irmão. É precisamente isso o que mais irrita e mais cativa nele. Mas espero sinceramente que não te cases apenas por dinheiro, Alex. Seria um desgosto para mim. Não, esquece que o disse, não quero pressionar-te. Escolhas tu quem escolheres, e espero que escolhas alguém brevemente, estou totalmente preparada para ser avó, estragar os teus filhos com mimos e deixar-te furioso. Escolhas tu quem escolheres, irei recebê-la de braços abertos e farei questão de

gostar dela também.

– E o Alex também, mãe – frisou Elizabeth. – Ele é assim. Mas será que ela terá o mesmo empenho? Esta é a questão que me preocupa. Não faltarão mulheres a quererem casar-se com o conde de Riverdale, mas verão o homem por detrás do título?

– Prometo não me casar com alguém que me seja detestável ou para quem eu o seja – declarou ele, sorrindo para uma e para a outra. E, de momento, talvez fosse melhor ficar por ali. Mas o chá de domingo à tarde teria de ser mencionado e explicado muito em breve. Talvez devesse ter convidado outros vizinhos para os acompanharem, mas tal teria sido tremendamente injusto para ela.

– Convidei uma das pessoas que vivem mais longe para tomar chá connosco no domingo à tarde.

– No domingo de Páscoa? Oh, que maravilha, Alex! – disse a mãe, mais animada. – Mas uma só? Quem é ele?

– É uma ela – informou ele. – Miss Heyden. Vive em Withington House, a doze ou treze quilómetros daqui.

– E ela vem sozinha? – assinalou a mãe. – Quem é ela?

– O tio dela era Mr. Reginald Heyden, um cavalheiro que fez fortuna na área vidreira – explicou ele. – As oficinas e o escritório ficam no Staffordshire, mas comprou Withington há cerca de dez anos, como casa de campo. Era casado com a tia de Miss Heyden. Ela viveu com eles até que ambos morreram, com poucos dias de diferença, há pouco mais de um ano.

– E ele deixou-lhe a casa? – indagou Elizabeth.

– Assim como tudo o resto – explicou ele. – Ele e a mulher adotaram-na. Não tiveram filhos e, aparentemente, não tinham mais nenhum parente próximo. Miss Heyden é quem detém o negócio e tem um papel ativo na sua gestão.

– Deve ser uma mulher extraordinária – comentou a mãe.

– Sim – devolveu ele. – Creio que é.

Seguiu-se mais um compasso de silêncio, repleto de significado.

– É solteira? – perguntou a mãe. – Que idade tem?

– Uma idade próxima da minha – respondeu ele. – Nunca casou.

– E vem tomar chá no domingo. Sem mais nenhum convidado. – A mãe olhava intensamente para ele.

– Sem mais ninguém – confirmou ele.

– Oh, Alex! Seu provocador! – exclamou Elizabeth. – Conta-nos o resto da história antes que eu ta arranque.

– Pouco há a dizer – ajuizou ele. – Desloquei-me a casa dela há cerca de duas semanas, numa visita de cortesia, como compreenderão, pois espero travar conhecimento com todas as famílias que vivam num raio de quinze quilómetros

de Brambledean. Convidei-a para o chá que mencionei há pouco. Temo-nos visitado desde então.

– Estás a cortejá-la? – quis saber a mãe.

– Estou a conhecê-la, mãe – retrucou ele, franzindo a testa. – E ela a mim. Acontece, sabes, entre vizinhos.

Elizabeth levantou-se.

– Não devemos sujeitar o pobre do Alex a mais perguntas, mãe – declarou. – Este provocador não vai admitir que é significativo convidar uma jovem da idade dele para tomar chá em sua casa na presença da mãe e da irmã. Teremos de esperar até domingo para decidir. Adoraria ver o resto do solar, Alex. Pelo menos, penso que sim. Fazes-nos uma visita guiada?

– Com todo o gosto – declarou ele, levantando-se de um salto, francamente aliviado. – Começamos pelo piso inferior e subimos? Mãe, também vens ou preferes ficar aqui a descansar, ou no teu quarto, antes de jantarmos?

– Oh, também vou! – assegurou. – Ainda não estou senil, embora já tenha dois filhos com mais de trinta anos. Meu Deus, como é possível?

Pousou a mão no braço que o filho oferecera.

*

Wren gostava de ir à igreja e fazia-o com regularidade. Era um sítio onde podia estar sozinha e acompanhada ao mesmo tempo. Um sítio onde ninguém a importunava nem olhava de soslaio para o seu véu e onde quase todas as pessoas lhe dedicavam breves acenos de reconhecimento, e algumas até lhe sorriam e lhe davam os bons-dias. Sentava-se sempre junto ao fundo, onde os tios se sentavam. Com o estatuto e a riqueza deles, podiam ter feito questão de se sentar à frente, mas tal nunca aconteceu.

Nunca prestava particular atenção às palavras proferidas durante a missa e era frequente deixar os seus pensamentos divagarem durante a homilia. Apreciava a cadência compassiva do discurso do vigário, que renunciava a retóricas inflamadas e a apelar fervorosamente às emoções da sua congregação. Não sabia sequer se acreditava em todos os ensinamentos e doutrinas da sua religião. Havia, contudo, algo na própria igreja, como na maior parte das igrejas que visitara, que conduzia a sua mente e as suas emoções, o seu ser, até, a um ponto de quietude, fazendo-a interrogar-se se não seria aquilo o que a sua religião designava por Espírito Santo. Independentemente do que fosse, porém, não desejava atribuir-lhe nome algum. Os nomes eram limitantes, restritivos; embora pudessem ser igualmente libertadores. «Wren», com a sua alusão a asas e céus azuis, libertara-a de forma surpreendente de «Rowena», quando tinha dez anos.

«Heyden», em vez do apelido de nascimento, completara a transformação.

A igreja, repleta de lírios e outras flores primaveris, estava particularmente bonita naquele domingo de Páscoa, já longe do ambiente sombrio da Sexta-Feira Santa. Mas não eram as flores nem o carácter festivo da ocasião que deixavam Wren feliz. Era aquela quietude, aquela sensação de calma no seu íntimo, aquela convicção de que, de algum modo, mesmo no meio da turbulência da vida, tudo estava bem e assim continuaria sempre. Necessitava daquilo, pois nessa mesma tarde iria fazer algo que nunca tinha feito antes – participaria numa reunião social, num chá, em Brambledean Court, com duas pessoas que não conhecia, a mãe e a irmã do conde de Riverdale, e iria sem o véu.

Iria, sem qualquer sombra de dúvida, embora a sua parte covarde, que conseguia ser muito reivindicativa, insistisse veementemente que não, que não precisava de ir, que se ele tivesse um pinga de sentimento não lho teria pedido, que devia simplesmente passar ao quarto cavalheiro da lista e esquecer que algum dia conhecera o conde de Riverdale, tão desmedidamente belo quanto exigente.

Foi. Sentou-se com as costas direitas, o queixo erguido e as mãos crispadas ao lado de Maude, na carruagem. Viajaram em silêncio depois de a criada a informar de que parecia estar a caminho do cadafalso, ao que Wren respondera asperamente que se quisesse a sua opinião lha pediria, não primando pela originalidade. Foi, sem contar sequer com o conforto silencioso de um vestido cinzento ou lilás de meio luto, envergando o seu vestido azul-celeste cuja bainha, pulsos e modesta linha do decote eram debruados a seda da mesma cor. Era o seu preferido até o trocar pelos vestidos de luto, e usava-o com um chapéu de palha ao qual retirara o véu, não querendo ser tentada pela sua presença. Foi, com a penosa sensação de ter deixado naquela mesma manhã, na igreja, a paz que lá encontrara. Se estivesse despida, não se sentiria tão desprotegida. Bom, talvez exagerasse um bocadinho. Tentou que o pensamento a divertisse, mas fracassou.

Se o terror fosse algo tangível, seria ela quem o encarnaria.

A viagem parecia interminável e terminou num piscar de olhos. Sentiu as palmadinhas ternas dos dedos frios de Maude nas costas da mão quando a carruagem enveredou pela alameda que conduzia a Brambledean.

– Está muito bonita, Miss Wren – tranquilizou a criada. – Se conseguisse acreditar nisto, a sua vida daria uma volta.

Wren abriu a boca para dar mais uma resposta torta, mas logo se inclinou e beijou o rosto da criada, de forma inesperada e surpreendente para ambas.

– Adoro a minha vida tal como é, Maude – disse, sem completa honestidade –, e adoro-te a ti.

A criada abriu a boca de espanto.

O conde de Riverdale devia estar à sua espera. A porta principal abriu-se assim que a carruagem se deteve e ele desceu os degraus até ao veículo antes de o cocheiro ter oportunidade de saltar do seu lugar. Abriu a porta, puxou os degraus e, com um sorriso, estendeu a mão para ajudá-la a descer. Ela podia apostar, porém, que ele se sentia muito menos tranquilo do que deixava transparecer. Afinal, que homem poderia estar ansioso por apresentá-la à sua mãe? Teria desejado ele que ela perdesse a coragem e não comparecesse?

– Veio em muito boa hora – saudou ele. – Feliz Páscoa para si, Miss Heyden.

– E hoje, reparou? – perguntou ela, quase em desafio, quando assentou os pés no chão.

O sorriso do conde acentuou-se e os seus olhos pareceram ficar mais azuis, e ela perguntou-se que diabo andava a fazer, ao pensar em casar-se com ele. Aquele homem podia ter qualquer mulher que desejasse, mais do que uma, até, tão rica quanto ela ou mais. Não era possível que quisesse casar-se consigo.

– Reparei na elegância do seu vestido e na vivacidade da cor, que lhe fica muito bem – replicou ele. – Reparei que o seu chapéu de palha faz lembrar o verão, tal como o tempo de hoje. Reparei que não traz nenhum véu. E... Ah! Agora que olho melhor para si, reparo que parece ter uma ligeira marca no lado esquerdo do rosto. Atrevo-me a dizer que da próxima vez, ou da vez que se seguir, não a verei de todo.

Uma ligeira marca, pois sim. E da próxima vez ou da vez que se seguir, pois claro.

– E uma feliz Páscoa para si também, Lord Riverdale – devolveu ela, um tanto ríspida, embora o bom humor dele a tivesse animado.

– Venha conhecer a minha mãe e a minha irmã – prosseguiu ele, oferecendo-lhe o braço. – Estão na sala de visitas.

Ela interrogou-se se elas saberiam, se ele as teria advertido. Contou-lhe, enquanto subiam as escadas, apenas porque estava a ficar nervosa naquele silêncio, como estava bonita a igreja, de manhã, repleta de lírios, ao que ele comentou que na igreja onde iam se viam tantos narcisos como lírios.

– «Alegres arautos da esperança» – recitou ele, ao que ela reagiu com um esgar.

– Senti-me muito estúpida, quando estávamos na colina dos narcisos, depois de me ouvir dizer essas palavras – declarou.

– Porquê? – reagiu ele. – De agora em diante, verei sempre os narcisos dessa forma.

O mordomo precedera-os e abria a porta dupla da sala de visitas, com um leve floreado. Wren sentiu os joelhos a fraquejar e, na sua mente, ouviu uma voz... A voz do tio. Dissera-lhe aquelas palavras quando ela tinha dez anos e a tia a levava

a Londres, a casa dele, e lhe levantara o véu que lhe cobria o rosto e ele a vira pela primeira vez. *Endireita as costas, rapariga*, disse ele, sem rispidez, *levanta o queixo e olha o mundo nos olhos. Se, por dentro, estás a tremer ou a morrer, deixa que seja o teu segredo*. Até então, vivia encolhida, de costas arqueadas, cabeça inclinada sobre o ombro, queixo enfiado no pescoço, procurando a invisibilidade. Naquele momento, endireitou a coluna já direita, levantou o queixo já erguido e olhou de frente para as duas senhoras que a aguardavam a meio da sala.

Tudo lhe parecia inusitadamente luminoso, fruto da ausência do véu que se interpunha entre ela e a dureza do mundo real.

– Mãe, Lizzie – principiou o conde de Riverdale –, apresento-vos Miss Heyden. A minha mãe, Mrs. Westcott e a minha irmã, Lady Overfield, Miss Heyden.

– Oh, Céus... – A mulher mais velha cruzou as mãos sobre o peito e deu alguns passos apressados, franzindo a testa de preocupação. – Queimou-se.

– Não – disse Wren. – Nasci assim. – Ele não as advertira, então. Estendeu a mão direita. – Como está, Mrs. Westcott?

A senhora pegou-lhe na mão.

– Fico muito aliviada por não ter sofrido a dor de uma queimadura – declarou. – É um prazer conhecê-la, Miss Heyden. Nunca estive em Brambledean, embora já pertencesse ao primo do meu marido quando casei e pertença ao Alex desde o ano passado. Foi um prazer conhecer alguns dos vizinhos mais próximos hoje de manhã na igreja e é um prazer poder contar com uma visita mais demorada da sua parte esta tarde. Os laços de amizade são muito importantes quando se vive no campo, não são?

Era uma senhora morena e esguia de rosto afável e graciosidade no trato. Tinha estatura média e devia ter sido uma mulher muito bela, no seu tempo. Era fácil de ver de onde provinha a beleza do filho, ainda que não a altura. A filha era mais alta, embora continuasse a ser consideravelmente mais baixa do que Wren. Tinha a tez mais clara e era bonita sem ser uma beldade. Devia ser um pouco mais velha do que o irmão. Estendeu a mão a Wren.

– É um prazer conhecê-la, também, Miss Heyden – cumprimentou. – Permita-me que lhe apresente as minhas condolências pela dupla perda que sofreu há pouco mais de um ano. Deve ter sido devastador.

– Foi – replicou Wren, apertando-lhe a mão. – Obrigada.

O conde encaminhou-a para um cadeirão e todos se sentaram. A bandeja do chá e os pratos de doces foram trazidos quase de imediato e Mrs. Westcott dedicou-se a servir o chá enquanto Lady Overfield fazia circular as chávenas e os bolinhos. Wren serviu-se de dois, depois de constatar que poderia comer

livremente, já que nenhum véu a impossibilitava de desfrutar dos acepipes.

– Passa muito tempo na sua casa de campo, Miss Heyden? – perguntou Mrs. Westcott. – Em Withington House. Julgo que foi assim que o Alex lhe chamou. Wiltshire é um condado particularmente pitoresco, não acha?

– Pois é – anuiu Wren. – O meu tio decidiu-se pelo Wiltshire depois de ponderar bastante e de muito conversar com a minha tia, quando decidiram comprar uma casa no campo, há alguns anos. Tinham outra no Staffordshire, perto da vidraria que herdei, mas é numa zona mais urbanizada do que Withington House, e também não é tão bonita. Ainda assim, passo lá algum tempo; semanas seguidas, por vezes. É que sou eu própria quem gere o negócio, embora, evidentemente, o gerente, que acompanhou o meu tio e durante muitos anos foi o seu homem de confiança, desempenhe muito bem o seu papel. Contudo, não me revejo no pensamento de que a mulher deve ficar em casa e deixar aos homens o cuidado de tudo o que se encontra fora dela.

Pronto. Falava com uma atitude que nem ela própria podia deixar de considerar beligerante, como se lançasse uma luva a alguém, como se sentisse necessidade de deixar bem claro às duas que não ia «caçar» o conde com o simples propósito de ficar pendente dele durante o resto da vida. Nunca fora essa a sua intenção. Desejava casar-se, era certo, mas o casamento nunca poderia ser tudo para ela, como, adivinhava, aconteceria com a maior parte das mulheres da sua classe. Por outro lado, talvez não julgassem que ela pretendia «caçá-lo». Afinal, tratava-se de um conde, e de um homem extremamente atraente, enquanto ela era... Bom. Algumas pessoas descreviam o seu tio de forma um tanto depreciativa, dizendo que era um cidadão, apesar de se tratar de um cavalheiro. Era frequente os membros das classes privilegiadas torcerem o nariz a alianças com tais pessoas.

– Oh! Aplaudo-a por isso, Miss Heyden – disse Lady Overfield com uma risada de agrado. – Mas como deve escandalizar a alta sociedade!

– Não sei nada da alta sociedade – devolveu Wren. – O meu tio era um cavalheiro e a minha tia uma senhora. Eu sou uma senhora. Mas, embora o meu tio tivesse uma casa em Londres antes de se casar com a minha tia, vendeu-a logo depois e dizia sempre que não sentia saudades da vida que lá levava. A mim nunca me atraiu. Dividíamos o nosso tempo entre o Staffordshire e a propriedade daqui.

– Então, nunca debutou? – indagou Mrs. Westcott.

– Não – declarou Wren. – Nunca o desejei, nem nenhum tipo de apresentação à alta sociedade. Continuo a não o desejar. Estou bastante satisfeita com a minha vida tal como é. – *Só propus casamento ao seu filho porque quero alguém com quem me casar.*

Estava a ser um tanto antipática, constatou, e não primava pelo relaxamento na sua postura. Miss Briggs estaria a abanar a cabeça, emitindo sons reprovadores, e a fazê-la praticar uma interação descontraída e graciosa, uma vez e outra. Sentia hostilidade por nenhuma razão evidente, pois nenhuma das senhoras a olhava com reprovação nem com altiva condescendência. Eram muito educadas. Todas as senhoras de sociedade eram treinadas para o ser. Mas estremeciam seguramente por dentro, perguntando-se por que razão o conde a distinguira com aquele convite para tomar chá. Deviam ter chegado à conclusão inevitável e estavam seguramente horrorizadas. Iriam, com toda a certeza, dizer-lhe cobras e lagartos dela quando ela partisse.

– Qual a impressão com que ficaram de Brambledean? – perguntou-lhes Wren na tentativa de desviar a conversa de si. A escolha de tema, contudo, não teria sido muito sensata, pois as senhoras dificilmente poderiam fingir estar encantadas com a casa e o parque, e o seu próprio estado de degradação recordá-las-ia de que ele era demasiado pobre para fazer alguma coisa, enquanto ela possuía riquezas inenarráveis.

– Foi, claramente, noutros tempos, uma casa majestosa de grande esplendor – respondeu Mrs. Westcott. – Poderá voltar a sê-lo no futuro, agora que o Alex aqui se encontra para se ocupar dela. Mas desde que chegámos, na quinta-feira, que a nossa preocupação tem sido aproveitar o tempo em família e desviar a atenção do Alex dos desafios que o esperam.

A conversa continuou mas Wren sentia-se censurada. As duas senhoras eram perfeitamente bem-educadas; contudo, a convicção de que a sua cordialidade mascarava a sua reprovação, ou antipatia, até, cresceu dentro de Wren. E, pelo menos em parte, era culpa sua, pois revelava-se incapaz de relaxar ou de abandonar a postura defensiva e levemente hostil com que iniciara a visita. Desejou voltar atrás e começar de novo. Mas comportar-se-ia de forma diferente? Conseguiria ela fazê-lo? Não lhe parecia, de todo, ser capaz de sorrir ou de se recostar no cadeirão e pelo menos aparentar algum relaxamento. O conde de Riverdale, em contrapartida, mostrava-se afetuoso, encantador e sorridente. O que não era nada justo.

Quando lhe pareceu que se passara meia hora, a duração necessária de uma visita educada, uma das muitas regras de etiqueta que a precetora lhe ensinara, Wren levantou-se para se despedir, assegurando simultaneamente às senhoras que estava encantada por as ter conhecido. Agradeceu ao conde o convite para o chá e sentiu-se profundamente aliviada por ter terminado. Por ter superado a situação, ainda que não da melhor forma, algo que há um par de semanas não teria julgado possível; que não julgara possível naquela mesma manhã. Mas tinha, de facto, terminado. Estava tudo terminado. Ninguém duvidaria disso,

muito menos a própria Wren. Ainda assim, apesar do alívio, sentiu também uma certa desilusão.

Parecera-lhe um plano tão simples quando o engendrara.

As senhoras dirigiram-lhe palavras educadas que ela não ouviu verdadeiramente. O conde de Riverdale acompanhou-a ao andar de baixo em silêncio e deu ordens ao mordomo para que trouxessem a carruagem dela dentro de meia hora.

– Meia hora? – repetiu Wren, fitando-o com o sobrolho carregado ao mesmo tempo que ele a encaminhava para o terraço.

– A viagem de carruagem até aqui não é curta – principiou ele – e, a seguir, passou o tempo sentada na sala de visitas. Agora tem de se fazer novamente à estrada. Pelo menos, tire um bocado para apanhar ar e fazer algum exercício. Vamos? – rematou, oferecendo-lhe o braço.

Ele sentia-se obrigado a comunicar-lhe, a colocar em palavras o que não podia ter ficado mais evidente durante a permanência naquela sala? Bom, talvez tivesse razão. Pelo menos, assim, ela não passaria os quinze dias seguintes na expectativa de ver surgir o seu cabriolé desportivo ou da chegada do correio, dizendo-se, contudo, que tal não acontecia.

Pousou a mão no braço dele, sentindo a pontada de um desgosto estranhamente intenso.

CAPÍTULO 6



Seguiram na direção oposta à que haviam tomado da última vez que ela ali estivera. A seguir ao relvado havia um denso arvoredor de aspeto abandonado, além do qual se estendia uma magnífica alameda de olmeiros. Continuava esplêndida, pensou Alexander, com as árvores enfileiradas de um lado e do outro até perder de vista e a avenida verdejante ao centro. As árvores necessitavam de poda e a erva de foice, embora tivessem sido cuidadas recentemente. Bancos de madeira estavam dispostos ao longo da alameda e, ao fundo, via-se uma casa de veraneio, a qual, do ponto onde estavam, aparentava estar mais bem conservada do que na realidade estava. Teria de mandar retirar os bancos, constatou, pois já não estavam em condições de servir o seu propósito, embora gostasse da ideia a que aludiam e do convite que representavam, a vagarosos passeios, pontuados por pausas, naquele cenário verdejante, de suaves sons, em que prevalecia uma sensação de paz e isolamento. Por entre a erva, cresciam margaridas, parecendo desafiar as foices dos jardineiros. Gostava bastante delas e parecia-lhe um desperdício que fossem tratadas como ervas daninhas.

– É simultaneamente um prazer e uma surpresa – comentou Miss Heyden. – Supunha que as árvores marcavam o limite oriental do parque.

– O parque é extenso – devolveu ele. – O seu tamanho é apenas um problema a adicionar aos outros, pois seria necessário um exército de jardineiros a trabalhar a tempo inteiro para mantê-lo imaculado. Acabará, quem sabe, por cumprir a dupla função de proporcionar emprego e se prestar à fruição.

– A alameda faz-me pensar numa grande igreja – declarou ela. – Desperta os mesmos sentimentos de serenidade e deslumbramento. Mas é diferente, pelo facto de estar viva.

– Prefere a natureza à arte, então? – indagou ele. – Já vi catedrais que me deixaram sem fala, diante da mestria aplicada a cada pormenor, desde os arcobotantes até às gárgulas que espreitam por entre as vigas.

– Mas há lugar tanto para a arte como para a natureza – replicou ela. – Empobreceremos seguramente a nossa vida se continuarmos a sentir-nos na obrigação de escolher entre supostos contrários. Porquê fazê-lo? Eu seria capaz de passar várias horas em contemplação numa igreja, estando, simplesmente,

presente. E seria capaz de passar várias horas na natureza, simplesmente absorvendo a sua vida e sabendo-me parte dela.

Era uma mulher diferente da que, há bem pouco tempo, sentada na sua sala de visitas, na ponta do cadeirão, alimentara uma conversa forçada com a sua mãe e a sua irmã, pensou Alexander. Aquela mulher mostrara-se rígida, formal, pouco amável. Pensou na forma como comunicara à sua mãe que era ela própria quem geria a vidraria, que não se revia no pensamento de que a mulher devia ficar em casa e deixar que um homem cuidasse das suas necessidades. E pensou na forma como lhe dissera que desejava casar-se e, numa ocasião diferente, como desejava ser beijada. Pensou no seu riso inesperado quando ele perdeu por momentos a paciência com ela e disse «Maldito seja o seu rosto». E pensou em como olhara para a colina dos narcisos, em Withington, apelidando-os de «alegres arautos da esperança».

Era necessário apreciar o «aqui» e o «ali» para viver a vida plenamente, dissera ela certa vez. Isto e aquilo. O antes e o agora. A arte e a natureza. Os narcisos e as rosas. A mulher que, naquela tarde, se sentara na sua sala de visitas e a mulher que passeava com ele naquele momento.

Atração e aversão. Eis outro par de contrários.

Prosseguiram com o passeio, sem falarem durante algum tempo.

– Obrigado – disse ele, por fim.

– Por...?

Ela voltou-se para ele, com as sobrancelhas arqueadas.

– Sei que foi incrivelmente difícil para si visitar-nos esta tarde – declarou ele.

– Sei que foi especialmente difícil deixar o seu véu para trás.

– Elas não gostam de mim – afirmou ela.

Ele franziu a testa. Nem a sua mãe nem a sua irmã tinham o hábito de se precipitar no julgamento de pessoas que mal conheciam, nem de o fazerem com dureza, mas sabia que a visita não fora completamente tranquila. A convidada parecia ter erguido um muro à volta dela, na ausência do véu físico, e não fora fácil, ou sequer possível, transpô-lo. Ele tentara colocá-la à vontade, aparentando, ele próprio, descontração. A mãe e a irmã tinham-se esforçado por a colocar à vontade, algo em que normalmente tinham facilidade, pois eram ambas mulheres naturalmente acolhedoras e afetuosas, mas a conversa progredira penosamente, carecendo de entusiasmo, detendo-se em banalidades, sem chegar a atingir um ponto em que fluísse naturalmente. Na verdade, fora bastante tenebrosa. Meia hora que parecera não ter fim.

– Porque não gostariam de si? – perguntou ele.

– Porque têm amor por si – declarou ela.

– Não comentei nada com elas sobre uma possível ligação entre nós, a não ser

enquanto vizinhos – garantiu ele.

– Certo. Mas não acredito que falte inteligência à sua mãe ou à sua irmã – refutou ela.

Ela tinha toda a razão, claro.

– Querem ver-me feliz – afirmou ele. – Sou filho e irmão único, e sempre fomos uma família unida. Mas elas não são possessivas. Não estão predispostas a rejeitar uma mulher pelo facto de poder vir a ser minha esposa. Na verdade, querem ver-me casado. Tenho trinta anos.

– Mas eu não sou uma simples mulher – refutou ela. – Não pode fingir que acredita que esta visita foi outra coisa que não um desastre. E não estou a culpar a sua mãe e a sua irmã. Foram muito amáveis. Nem o estou a culpar a si. Nem sequer a mim. Creio que devo desobrigá-lo, Lord Riverdale. Não que tenha estabelecido qualquer compromisso formal em relação a mim, mas é possível que comece a sentir algum tipo de obrigação, agora que já nos visitámos algumas vezes e que me apresentou a Mrs. Westcott e a Lady Overfield. Garanto-lhe que essa obrigação não existe. Julgo que devemos ambos esquecer a sugestão que lhe fiz aquando da sua primeira visita, há duas semanas. É um homem bom e um perfeito cavalheiro, e apreciei as tentativas que fez para travar conhecimento comigo. Mas deve terminar aqui.

Tinham parado no meio da alameda e ela libertara a mão do braço dele. Estavam de frente um para o outro e ele percebeu que franzia as sobrancelhas. Ela exprimia-se como a confiante mulher de negócios que era, olhando-o diretamente nos olhos. Não distinguia um vestígio de emoção no abandono de todos os planos e expectativas que alimentara em relação a ele. Mas... estaria a sofrer por dentro? Seria presunçoso da sua parte considerar essa possibilidade? Fora necessária uma dose enorme de coragem da parte dela para ir ter com eles, mas ela fizera-o. Porquê? Apenas para terminar tudo? Poderia tê-lo feito por carta, ou simplesmente não correspondendo ao convite. Não tinha sido necessário submeter-se a tal suplício. Devia-se à visita, então. Pensou em como deveria ter-se sentido sozinha e exposta. Tinham sido três contra um, três familiares que eram próximos contra uma mulher que não tinha nenhum. E ela nem sequer pudera contar com o véu para reforçar a coragem, como na última vez que tomara chá em sua casa.

Que diabo, ela tinha razão. Sentia uma obrigação para com ela, mesmo tendo ela acabado de desobrigá-lo. Convidara-a para sua casa e expusera-a àquela desagradável experiência. Devia tomar ao pé da letra o que dizia. Estava, sem dúvida, desejosa de regressar à reclusão do seu mundo, tão familiar. O que seria um alívio para ele. Era-lhe impossível imaginar-se casado e feliz com ela... Ou, na verdade, sequer casado com ela. No entanto...

– Vai perder a coragem, então? – retorquiu ele.

– Não se trata de uma questão de coragem – protestou ela.

– Permita-me discordar – insistiu ele. – Foi necessário muita coragem para me convidar para sua casa, para me apresentar a sua proposta, para me mostrar o seu rosto, para tomar chá com os meus vizinhos, para vir sozinha visitar-me, para voltar novamente hoje. Mas creio que já compreendeu que, contrariamente ao que julgava quando concebeu o seu plano, será praticamente impossível casar-se e continuar a viver em quase absoluto isolamento, como fazia com os seus tios. Admitiu isto mesmo da última vez que nos encontramos.

– Não tenho nada mais a dizer, Lord Riverdale – rematou ela.

– Hoje conheceu a minha mãe e a minha irmã e assustou-se – prosseguiu ele.

– Portanto, está a deixar-se levar pelo seu instinto, que é refugiar-se e permanecer escondida.

Sabia que estava a ser injusto. Mas havia, seguramente, verdade naquilo que dizia. Era como se, tendo posto um dedo no mar e achado a água fria, ela desistisse da intenção de se banhar.

– Faço uso do meu direito de viver a minha vida como escolher, Lord Riverdale – devolveu ela, distante, com altiva dignidade. – E não o escolho a si. Retiro a minha proposta. Nada tenho a dar-lhe a não ser rios e rios de dinheiro. *Nada.*

Era de assinalar que ela não dissera que ele não tinha nada para lhe dar, embora tal parecesse mais acertado. Ele apertou as mãos atrás das costas e fitou-a longamente, tentando adivinhar o que acontecia por detrás daquela impávida firmeza. Poderia ter concluído que nada ocorria, mas o olhar dela vacilou por um momento antes de voltar a fixar-se no seu. E quase conseguia sentir a dor por detrás das palavras que ela proferira: *Nada tenho a dar-lhe a não ser rios e rios de dinheiro.*

– Se nos casarmos – retomou ele –, irei arrancar-lhe a história dos seus primeiros dez anos de vida, Miss Heyden. E, embora não seja um homem violento por natureza, suspeito que há algumas pessoas às quais teria vontade de partir o nariz.

Ela levou uma mão à boca enquanto os olhos, arregalados, se enchiam de lágrimas. Então, deu meia-volta e, com passos enérgicos, aproximou-se de um dos olmeiros que ladeavam a avenida e encostou-se à árvore, escondendo o rosto entre as mãos.

Oh, Céus! Que havia feito ele?

Seguiu no seu encalço, permaneceu diante dela durante alguns instantes e, depois, apoiou as mãos no tronco, uma em cada lado da cabeça dela. Ela afastou as mãos do rosto e olhou para ele.

Tinha uma expressão carrancuda e ele soube que, pelo menos naquele momento, via a obscuridade que sempre soubera existir dentro dela. Ela não tinha nada a dizer e ele não conseguia pensar em nada que pudesse fazê-la sentir-se melhor. Pedir desculpa? De quê? Além do mais, as palavras tinham sido proferidas e ele sabia que, de algum modo, a fizera mergulhar em algum tipo de inferno, associado aos anos omitidos da sua infância.

– Disse-me que desejava ser beijada – ouviu-se dizer. – Deixe-me beijá-la.

– Porquê? – perguntou ela. – Para me fazer sentir melhor? Não pode negar o alívio que sente por ter sido libertado de uma eventual obrigação que pudesse sentir. Constatou a impossibilidade da situação durante aquela meia hora tenebrosa. Encontrará seguramente alguém com toda a facilidade quando for para Londres. Uma pessoa mais... normal. E suficientemente rica para o resgatar dos seus problemas.

– Deixe-me beijá-la – insistiu ele, deixando ceder os braços para aproximar mais o rosto e o corpo do rosto e do corpo dela, surpreendendo-se ao descobrir que *desejava* beijá-la, mesmo que por mera curiosidade.

– Porquê? – questionou ela novamente. E, ao não obter resposta: – Pois bem. Beije-me. E depois leve-me à minha carruagem.

Ele olhou-a nos olhos mais uns instantes e, depois, baixou o olhar para a sua boca. Beijou-a. Sentiu os lábios dela retraírem-se ao contacto com os seus, para depois se suavizarem e, finalmente, procurarem os seus, hesitantes. Ela acabou por lhe pousar as mãos na cintura, por cima do casaco. Ele segurou-lhe o rosto. Afagou-lhe com os polegares as pálpebras fechadas e depois as faces, constatando que a pele do lado marcado era tão suave como a do outro. Depois segurou-lhe o pescoço com uma das mãos, por baixo do chapéu, envolvendo-lhe a cintura com a outra, para a aproximar de si. Era alta, leve e esguia. Sentia as pernas dela, compridas, contra as suas. Sentia também a sua falta de à-vontade, a sua inexperiência. Podia apostar que se tratava do primeiro beijo dela. Na realidade, só poderia sê-lo.

Contudo, a bem da verdade, não se limitava a analisar o beijo de forma desapaixorada. Participava nele, rendendo-se à sua inesperada sensualidade, à igualmente inesperada feminilidade que sentia nela, ao desejo de ir mais longe, de lhe abrir a boca com a sua e explorar com a língua, de se permitir percorrer e acariciar o corpo dela.

Mas era, sem dúvida, o primeiro beijo dela e ele não cedeu aos desejos que o animavam. Ainda assim, de repente, ela entrou em pânico. Encostou as mãos, quase com violência, ao peito dele, baixou-se, passando-lhe por baixo do braço, e voltou a pisar a erva da alameda, detendo-se no centro.

– Peço-lhe que me desculpe – disse ele, seguindo no seu encalço.

Ela voltou-se subitamente.

– Eu permiti-o. Mas, Lord Riverdale, isto não muda nada. Volto agora para o terraço.

Agora, contudo, ele sentia uma obrigação incontornável.

– Miss Heyden – disse, novamente com as mãos atrás das costas, enquanto observava o rubor que tingira o rosto dela, o olhar cintilante, a perda de compostura –, vou para Londres durante a próxima semana. Tenho compromissos. Dispõe-se a vir comigo e ficar em Westcott House, como hóspede da minha mãe? Eu posso alojar-me noutro lado. Dispõe-se a conhecer a vida social londrina? Pouco ou muito, como entender? Dispõe-se a conhecer alguns dos seus pares, ou nenhum, conforme escolher? Permite-me que a corteje, durante esse período, sem nenhuma obrigação de nenhum dos lados?

– Não! – replicou ela com os olhos arregalados de perplexidade. – Por que razão acederia eu a fazer tal coisa? Porque o senhor tem compromissos? Eu também os tenho, se quer saber. Preciso de passar tempo na minha vidraria, no Staffordshire. Tenho um negócio para gerir. Talvez o senhor queira dispor-se a ir até lá e conhecer alguns dos meus colegas e empregados.

– Se algo resultasse da nossa aproximação – devolveu ele –, creio que gostaria de fazê-lo, Miss Heyden. Mas não na primavera.

– Eu não gostaria de ir a Londres em nenhuma estação do ano – declarou ela –, e muito menos na primavera. Esta é a minha palavra final – disse, dando meia-volta e caminhando em passos decididos por onde tinham vindo.

Ele seguiu ao lado dela em silêncio. Tentara. E tentara não aceitar a desobrigação dela sem um alívio demasiado evidente. Tentara sugerir uma nova iniciativa de aproximação, se é que algum dia se tinham aproximado. Agora a sua consciência podia descansar. Tratava-se da escolha e da vontade dela, e não havia mais nada a dizer.

A carruagem aguardava no terraço. O cocheiro estava junto da cabeça dos cavalos enquanto a criada permanecia, incerta, à frente da porta aberta do veículo. Alexander parou a pouca distância, pegou na mão dela e fez uma vénia.

– Obrigado por me dar o prazer de conhecê-la – declarou.

– Adeus, Lord Riverdale – disse ela.

– Adeus, Miss Heyden.

Aguardou que ela subisse para a carruagem e fechou a porta depois de a criada se ter sentado ao lado dela. O cocheiro subiu para o seu posto e pegou nas rédeas. Ela não olhou pela janela quando a carruagem arrancou e ele ficou a vê-la até a perder de vista, tentando, sem grande sucesso, sentir algum alívio.

Tudo por causa de um maldito sinal de nascença, pensou.

Que diabo acontecera durante os primeiros dez anos da vida dela? Fora, sem

dúvida, algo catastrófico.

Deu meia-volta, regressou à casa em passo lento e subiu à sala de visitas.

– Parece que aconteceu uma tragédia – disse Maude.

– Parece? – Wren encostou a cabeça às almofadas da carruagem, virou ligeiramente a cabeça para o lado oposto ao da criada e fechou os olhos. Era uma pergunta retórica e Maude não tentou responder-lhe.

Desejara atirar-se para os braços dele mesmo depois de lhe ter dito adeus. Não poderia voltar a fazer aquilo com outra pessoa. Fora uma ideia, experimentara-a e agora sabia que o casamento não constituía uma possibilidade para si, embora, evidentemente, não fosse esta a verdadeira razão pela qual não existiria outra pessoa, e não havia porque mentir a si própria. Não poderia fazer aquilo com outra pessoa porque essa pessoa não seria ele. E ele não poderia ser.

Reviveu a conversa, o beijo. Não fizera ideia, a menor ideia, de que pudesse ser assim. Pensou na visita com a mãe e a irmã dele. Pensou no convite que lhe fizera para ir a Londres como hóspede da família e na disponibilidade dele para conhecer o seu mundo. Não podia acusá-lo de ser pouco razoável, de encarnar o papel do homem imperioso, que só exige, sem nunca dar. Não podia acusá-lo de nada. Bem pelo contrário, na verdade. Não esperava que fosse um homem gentil. Por mais estranho que pareça, não era algo que se esperasse dos homens de extrema beleza. Não, se havia algo a apontar era a si própria. Não era capaz de entrar no mundo dele, resumia-se a isso.

Mas, ah... A dor, o vazio, a abjeta autocomiseração. Quando chegassem a casa estaria tudo controlado, mas naquele momento iria mergulhar naqueles sentimentos pelo simples facto de que não conseguia parar.

Se nos casarmos, irei arrancar-lhe a história dos seus primeiros dez anos de vida, Miss Heyden. E embora não seja um homem violento por natureza, suspeito que há algumas pessoas às quais teria vontade de partir o nariz.

Wren mordeu o lábio, com os olhos ainda fechados, e manteve a compostura, mesmo desfazendo-se interiormente em lágrimas.

A sala de visitas era um frenesim de atividade quando Alexander entrou. A mãe fazia espiguilha e Elizabeth tinha a cabeça debruçada sobre um quadro de bordar. Ambas ergueram a cabeça e lhe sorriram mas a sua mãe não demorou a perguntar, franzindo a testa:

– Alex, o que lhe aconteceu?

– É um sinal de nascença – respondeu ele.

– Sim, foi óbvio assim que percebi que não era uma queimadura – observou a mãe. – É uma pena cobrir-lhe quase metade do rosto e compreendo que seja uma dura prova, ter de suportar reações semelhantes à minha sempre que conhece pessoas novas. Mas não me referia a isso. O que lhe *aconteceu*?

Elizabeth também continuava de olhos postos nele, a agulha com linha vermelha suspensa no movimento.

– A mãe e eu chegámos à mesma conclusão, de que ela se fecha tanto dentro de si própria que se torna quase invisível – acrescentou.

Ele parara a meio da sala, com as mãos atrás das costas. Era uma daquelas alturas em que desejava estar sozinho em casa, para se entregar à melancolia e lamber em privado as suas feridas. Embora não compreendesse bem por que razão se sentia magoado. Fracassado, então. Ou simplesmente culpado. Parecia andar vergado ao peso da culpa há mais de um ano, apesar de saber que não havia absolutamente nada de que pudesse culpar-se. De qualquer forma, sentia-o sempre que pensava em Harry alistado num regimento de infantaria num sítio qualquer de Espanha ou Portugal e em Camille casada com um pintor de retratos, embora ela lhe parecesse bastante feliz com ele, e em Abigail, que, em vez de fazer a sua apresentação à sociedade naquela primavera, como deveria ser, se refugiava no campo, juntamente com a mãe, a qual, após praticamente vinte e cinco anos a viver como condessa de Riverdale, voltava a ser Miss Viola Kingsley, agora mãe de três filhos ilegítimos. Como seria possível não se sentir culpado? E agora cometera o erro de convidar Miss Heyden para sua casa, quando ela não estava pronta para tal. E magoara-a. Sabia que ela estava magoada.

– Não sei o que aconteceu – declarou ele. – Mas a reação dela à sua aparência física é completamente desproporcionada da realidade dos factos. Hoje foi a primeira vez que se apresentou diante de outras pessoas sem véu.

– Foi a primeira vez que a viste sem véu? – exclamou Elizabeth, claramente surpreendida, prendendo a agulha no tecido e pousando as mãos no regaço.

– Não. Ela tirou-o na primeira vez que nos encontrámos – explicou ele. – Convidou-me para Withington House e eu fui, presumindo, erradamente, que haveria outros convidados. Ela solicitara a minha comparência para... me propor casamento. O tio fez dela uma mulher muito rica, e suponho que não seja segredo que eu careço do capital necessário para uma propriedade como Brambledean.

– Oh, Alex... – A mãe, que abandonara a espiguilha, levou uma mão ao pescoço.

– Está completamente só desde que os tios faleceram, no ano passado – prosseguiu ele. – Viveu sempre em reclusão, mas julgo que no último ano se tem

sentido sozinha. Deseja casar.

– Mas tu não – devolveu a mãe.

– Respondeste que sim? – perguntou Elizabeth.

– Não – reagiu ele. – Nem respondi que não. Sugeri que nos conhecêssemos melhor para ver se existiria alguma outra razão para nos casarmos além de... dinheiro. Ela veio, munida do véu, ao chá que dei aqui em casa para os vizinhos, e visitámo-nos um ao outro uma ou duas vezes desde então. Hoje veio sem véu para vos conhecer. Foi preciso muita coragem.

– Oh, Alex... – disse a mãe. – Sinto toda a compaixão do mundo por aquela jovem. Verdadeiramente. Mas sinto um peso no coração ao pensar em ti casado com ela.

– Ela estava apavorada – comentou ele. – Nunca tinha feito nada semelhante.

– Receio por ti – voltou a mãe. – Sei bem que pensas casar-te por dinheiro, não por ti mas sim para o bem das pessoas daqui cuja subsistência depende da prosperidade de Brambledean. E sei que és bondoso. Mas, Alexander, ela não é a noiva indicada para ti. Oh... Bem tento não interferir com a tua vida. Tento não ser o tipo de mãe que não deixa o filho respirar. Mas... Oh... O primo Humphrey Westcott era um homem iníquo e não me importo com o que pregam, sobre não falar mal dos mortos.

Alexander sentou-se no cadeirão que estava mais próximo da porta e apertou o nariz entre o indicador e o polegar, fechando os olhos.

– Ela chegou à conclusão de que somos incompatíveis – declarou. – Disse-mo ainda agora, antes de partir. Percebeu que, enquanto minha mulher, seria necessário abandonar a vida de isolamento a que estava habituada e acredita que é incapaz de o fazer.

Ouviu um suspiro vindo da mãe.

– Convidei-a a ir a Londres, esta primavera, como sua convidada, em Westcott House – prosseguiu ele. – Ofereci-me para me alojar noutro lado. Ocorreu-me que talvez pudesse ser persuadida a conhecer algumas pessoas, a participar em algumas atividades sociais, a desenvolver algum à-vontade no convívio com os seus pares. Mas ela não quer, ou não consegue fazê-lo. Retirou a proposta e despediu-se.

Durante algum tempo, nenhuma das senhoras falou.

– E, suponho, Alex – disse Elizabeth –, que agora te sintas culpado.

Ele abriu mais os olhos e riu-se, embora sem vontade.

– Tal como tu e a mãe – retomou –, pergunto-me o que lhe aconteceu. Ela não fala do assunto. A única emoção que mostrou surgiu quando o abordei, há pouco. Julgo, porém, que esta experiência que decidiu fazer a deixou um pouco magoada. Talvez bastante magoada.

– Mas isso não é nem culpa, nem responsabilidade tua, Alex – frisou a mãe. Ele olhou-a com ar sério. Tinha razão, evidentemente.

– Eu sei – afirmou. – Mas detesto pensar que posso, de alguma forma, ter sido fonte de dor para ela.

– Também te sentes um pouco magoado, Alex? – indagou Elizabeth. Ele ponderou a questão.

– O seu sinal de nascença é apenas o símbolo visível de uma dor muito mais profunda – principiou. – Fiquei aliviado por vê-la partir, Lizzie, devo confessar. Mas não deixa de ser uma pessoa e fiquei a conhecê-la um pouco. Gosta de narcisos. – Olhou, de testa franzida, para as mãos que cruzara sobre os joelhos. – Chama-lhes «alegres arautos da esperança» mas ficou constrangida por dizê-lo em voz alta. Talvez gostasse de ser amigo dela, mas agora é demasiado tarde para isso. Seja como for, uma amizade entre um homem solteiro e uma mulher solteira nunca parece muito apropriada. Lamento ter perturbado o vosso dia. O que posso fazer para ajudar a melhorar a disposição? Convidá-las, talvez, para um passeio no exterior? – propôs, sorrindo para uma e para outra.

– Creio que preferia passar meia hora deitada na cama, sossegada – disse a mãe. – Foi um dia agitado. Mas tu e a Lizzie podem ir até lá fora, se desejarem.

– Talvez tenhas razão, Alex – disse Elizabeth, curvando-se para arrumar o bordado no saco que pousara ao lado da poltrona, antes de se levantar. – Poderá ser impossível para ti aproximares-te de Miss Heyden com o objetivo de uma amizade, mas para mim não. Gostaria de visitá-la em Withington House, com a tua permissão.

A mãe suspirou mas não disse nada.

– Fica a treze quilómetros daqui – disse o irmão –, talvez mais. Tens a certeza, Lizzie?

– É uma questão de boa educação, retribuir uma visita, não é? – devolveu ela. – Não precisará de ser mais do que isso. Se ela me rejeitar, regressarei incólume. Mas talvez necessite de uma amiga, mesmo que eu só esteja em condições de lhe propor uma amizade epistolar. Por outro lado, nós, as mulheres, tal como sabes, adoramos escrever – rematou Elizabeth, com um brilho no olhos.

Rejeitaria ela Lizzie? Ele não fazia a menor ideia. Mas proporcionou-lhe um certo alívio, saber que ela teria a possibilidade de, pelo menos, desenvolver uma amizade à distância e de vir a saber que não fora repudiada como acreditara.

– Obrigado – disse ele.

– E agora podes acompanhar a mãe até ao quarto dela, que eu vou subir também para pegar no meu chapéu. Estou a precisar da tal caminhada.

CAPÍTULO 7



Wren ocupava-se a preparar a viagem para o Staffordshire. Não previra fazê-lo tão cedo. Adorava ficar no campo durante a primavera mas, naquele ano, impunha-se ainda a prioridade de encontrar um marido. Este projeto estava terminado, sem que conseguisse ser bem-sucedida. Mas nem todas as iniciativas o eram, lição que aprendera com o seu tio. O fracasso devia ser encarado com naturalidade, tal como o sucesso. Se a pessoa mantiver a calma e a sensatez, os sucessos acabariam por se sobrepor aos fracassos, pois havia sempre algo novo e desafiante por que esperar. Isto era algo em que, naquele momento, tinha, sem dúvida, alguma dificuldade em acreditar, pois os seus sentimentos tinham sofrido e ela dava por si algo melancólica e até um pouco chorosa. Mas através daquela experiência ela aprendera que, no seu caso, devia procurar o sucesso sozinha e em aspetos não pessoais, sobretudo no seu negócio. Por este, pelo menos, podia estar grata.

Uma mudança de cenário iria revigorá-la e fazer-lhe um bem tremendo, decidira. Iria ocupar-se a fazer o que gostava e fazia bem. A sua presença no Staffordshire permitir-lhe-ia falar diretamente com Philip Croft, o gerente de muitos anos, e com todos os outros. Poderia visitar as oficinas vidreiras e voltar a maravilhar-se com o processo quase mágico de criar vasos, jarros, copos e estatuetas de algo tão etéreo e frágil como o vidro. Teria oportunidade de apreciar o trabalho dos sopradores, dos cortadores, dos gravadores e dos pintores, e de se saber na companhia de verdadeiros artistas. Era sempre uma lição de humildade. Sempre que lá estava, pensava em como era capaz de se ausentar durante tanto tempo.

Encontrava-se no seu quarto a preparar o baú e a mala que mandara trazer para o quarto de vestir. Era algo de que gostava de se encarregar, apesar dos protestos de Maude. Mas talvez não conseguisse terminar. Ouviu, lá em baixo, uma carruagem chegar ao terraço. Quem...? Nunca recebia visitas. Seguramente que não seria ele. Absteve-se de espreitar pela janela, não fosse ele erguer o olhar e vê-la. Não tinha qualquer intenção de recebê-lo, embora não fosse prova de grande educação rejeitar a sua visita depois de ele percorrer uma distância tão grande, para mais em tempo de chuva. Se fosse ele, claro está. Mas não havia

mais ninguém. Bem podia ter aguardado até ao dia seguinte, altura em que ela já teria partido e não teria de se preocupar em não ser mal-educada.

Foi Maude quem bateu à porta e a abriu, com a sua licença.

– Lady Overfield deseja saber se pode receber visitas, Miss Wren – disse a criada, olhando o baú aberto e a mala com ar reprovador e abanando a cabeça de exasperação.

– *Lady Overfield?* Está sozinha? – inquiriu Wren.

– Sim, está – devolveu Maude. – O conde não veio com ela, a não ser que esteja escondido na carruagem.

Que tolice sentir uma pontada de desilusão. Mas... A irmã dele? O que poderia ela desejar? Ele não lhe dissera?

– Bom, se lhe dissesse que vinhas ver se eu estava em casa, como suponho que tenhas dito, ela ficará a saber que, de facto, estou aqui. Leva-a para a sala de visitas, Maude, e diz-lhe que desço já em seguida.

– Já o fiz – disse Maude. – Dificilmente recusaria vê-la, não é?

E teria feito o mesmo relativamente ao conde, supôs Wren.

– Diz para servirem um chá na sala de visitas, por favor – pediu.

– Já disse – replicou a criada, desaparecendo em seguida.

Wren verificou como estava. Envergava um vestido antigo, cinzento, já desbotado, que usara havia vários anos e que resgatara para usar durante o meio luto. Alisou-o com as mãos. Teria de servir. Assim como o cabelo. Aproximou-se do espelho para ver como estava. Tinham-lho prendido com um laço simples na nuca mas pelo menos estava limpo. Olhou de relance para o véu, pendurado nas costas de uma poltrona, mas decidiu não o levar. Afinal, ela já a vira em todo o seu maculado esplendor. Dirigiu-se ao piso de baixo com andar relutante.

Lady Overfield estava parada junto a uma das janelas, a olhar para o exterior, e voltou-se assim que Wren entrou na sala. Não era nada parecida com o irmão. Wren procurou identificar semelhanças mas não encontrou nenhuma. Não possuía a sua extrema atratividade nem a sua presença de aristocrática formalidade. A principal fonte de beleza dela era um rosto amistoso que parecia estar sempre a sorrir.

Wren não a cumprimentou nem se aproximou dela depois de fechar a porta. Não sorriu. No fim de contas, não fizera qualquer convite, e era capaz de adivinhar o propósito da visita.

– Espero – principiou Lady Overfield – não ter vindo numa altura muito inconveniente. Se for o caso, deverá dizê-lo, que eu parto sem mais demoras.

– De todo – replicou Wren. – Estava apenas a fazer as malas. Por favor, venha sentar-se. – Regressavam as boas maneiras.

– A fazer as malas? – Lady Overfield sentou-se no cadeirão indicado por

Wren.

– Tenho uma casa no Staffordshire, junto à vidraria – explicou Wren, sentando-se diante da sua visita. – É possível gerir o negócio à distância, dado que posso contar com um gerente capaz, que nos acompanha há anos, mas, de vez em quando, gosto de passar algum tempo lá. Gosto de ver por mim própria o que se vai passando, de ter um papel ativo nos planos e nas decisões de desenvolvimentos futuros, de estar na própria oficina, de certo modo para mostrar aos meus trabalhadores que aprecio as suas capacidades, mas também para me maravilhar com o talento e a dedicação que empregam a produzir um trabalho perfeito. Alguns dos meus dias mais felizes, passei-os lá. O trabalho do vidro consegue ser extremamente belo e a nossa ênfase sempre foi produzir o que é verdadeiramente encantador, em lugar do meramente utilitário, de execução e venda rápidas. – Estava novamente à defensiva, revelava-o a hostilidade patente na sua voz.

– É maravilhoso ouvi-la descrever tudo isso – observou Lady Overfield. – Reconhece que é uma raridade entre as mulheres, Miss Heyden?

Seria um comentário trocista? Wren não tinha a certeza. A postura da sua interlocutora, porém, parecia afável e sincera. Talvez fosse melhor a dissimular do que ela.

– Reconheço-o – declarou. – Considero-me uma mulher muito afortunada.

Uma criada entrou com a bandeja do chá naquele momento e seguiu-se uma pausa durante a qual Wren serviu a bebida quente e ambas se recostaram nos cadeirões munidas de uma chávena e um biscoito de gengibre.

– Lady Overfield, a comprida viagem a que se dispôs era absolutamente desnecessária – disse Wren, mergulhando o biscoito no chá, gesto que, provavelmente, não era nada refinado. – Veio para me incentivar a afastar-me. Lord Riverdale não a informou, receio, que dissemos adeus um ao outro há poucos dias, e que eu fui a primeira a fazê-lo. «Adeus» não significa «até à próxima»; significa que não voltaremos a ver-nos, a não ser por casualidade. Visto que, aqui no campo, levo uma existência solitária, a treze quilómetros de Brambledean, pelo menos, e passo várias semanas noutras paragens, as hipóteses são praticamente nulas. Ele está a salvo de mim... e da armadilha do meu dinheiro. – Ah... Tanto pior para as boas maneiras. Parou, sem fôlego.

Lady Overfield pousou a chávena no pires antes de responder.

– Na verdade, ele disse-nos – comentou. – Parecia um pouco triste com isso, o que nos deixou, a mim e à minha mãe, também um pouco tristes. Mas a minha vinda não tem nada a ver com isso, Miss Heyden. Os seus assuntos com o Alex são algo que só diz respeito aos dois.

Triste? Ele ficara triste?

– Porque veio, então? – inquiriu Wren.

– Pareceu-me o mais educado, retribuir a sua visita – principiou Lady Overfield. Mas ergueu a mão, desencorajando a intervenção de Wren. – Não. As frases feitas não surtem efeito consigo, pois não? E porque deveriam? Porque não dizer a verdade? Pressenti, anteontem, quando nos conhecemos, que talvez precisasse de uma amiga. Sei que tem estado sozinha, desde que perdeu os seus tios, num curto espaço de tempo, no ano passado. E sei como é estar-se só.

– Depois de enviudar? – perguntou Wren.

Lady Overfield hesitou.

– Não foi após a morte dele que me senti só – disse –, mas durante. Ele era... Bem, ele era violento comigo, Miss Heyden, um facto que me senti obrigada a manter em segredo, até da minha família... Por uma série de razões, que não irei discriminar. Eu tinha uma família. E também tinha uma infinidade de conhecidos. Éramos muito ativos socialmente. Mas, no meio daquilo tudo, eu sentia-me muito só e desacompanhada. Não estou a sugerir que exista algo em comum entre a sua experiência de solidão e a minha, a não ser neste aspeto específico. Perdoe-me se a minha suposição lhe for ofensiva. Poderá ter inúmeros amigos próximos. Ou poderá não querer nenhum. E poderá, evidentemente, não me querer como amiga.

Wren fitava-a, incapaz de falar, vendo-se catapultada de forma imprevista para a sua infância e o anseio constante que a tornara insuportável. A recordação de, por mais de uma vez, se encolher no canto do quarto, atrás da cama, a chorar desalmadamente, balançando o corpo, desejando, inconsolável, os amigos da sua idade que nunca poderia ter. Um amigo sequer. Só um. Seria pedir demasiado? Mas tratava-se de uma pergunta de retórica, pois a resposta era sempre afirmativa. Embora ouvisse os gritos e o riso de outras crianças, no exterior ou noutras divisões, estava sempre sozinha, por vezes atrás de uma porta fechada; fechada pelo lado de fora. Havia apenas uma criança, um simples bebé...

Há muito que reprimira o desejo de ter amigos. Tinha, sim, um lar seguro e acolhedor, assim como o amor incondicional de duas pessoas que só poderiam ter sido anjos em forma humana, pensava ela, por vezes, com alguma extravagância. Mas ouvir declarar a ausência de amizade na sua vida reavivou aquela necessidade. O seu primeiro instinto foi permanecer à defensiva, pois parecia-lhe haver algo censurável naquela ausência de amigos. Contudo, aquela senhora sorridente, serena e elegante, que parecia nunca poder ter passado por um sofrimento profundo na vida, apesar do que dissera sobre o marido, sabia como era sentirmo-nos sós no mundo e estava disposta a partilhar com uma quase desconhecida o que, na altura, lhe deve ter parecido vergonhoso.

– Claro – prosseguiu Lady Overfield, ao não obter nenhum comentário de

Wren – que não vivo em Brambledean nem conto vir a viver. Mas se o Alex estabelecer residência aqui, tal como é intenção dele, atrevo-me a dizer que passarei algum tempo cá. Sempre fomos uma família próxima e ele mostrou-se particularmente bom para mim. Não posso oferecer uma amizade muito próxima, talvez, mas ofereço o que posso. Podemos sempre recorrer às cartas para manter o contacto. Sou uma adepta da escrita.

– Eu ando sempre ocupada com correspondência de trabalho – declarou Wren em tom cerimonioso.

Lady Overfield voltou a sorrir.

– Quer que lhe conte como é que o Alex se mostrou particularmente bom para mim? – perguntou ela. – Ou prefere não voltar a ouvir o nome dele?

– Como? – perguntou Wren, relutante, reparando na segunda metade do biscoito, que continuava intocada em cima do pires e mordiscando-o; já não tinha chá onde mergulhá-lo.

– Quando o Desmond, o meu marido, me agrediu gravemente pela primeira vez – retomou Lady Overfield –, fugi para casa, para Riddings Park. Mas ele foi atrás de mim e o meu pai, muito consciente do facto de eu me ter casado com ele de minha livre vontade, sendo, portanto, propriedade e posse dele, da qual ele podia dispor livremente, insistiu que eu voltasse para casa com ele. Em abono do meu pai, devo dizer que o Desmond se desfez em desculpas e garantias de que nada daquilo voltaria a acontecer. Quando, mais tarde, me agrediu com mais gravidade ainda... tinha um braço partido, entre outras coisas... e voltei a fugir de casa, o meu pai já tinha falecido. Quando o Desmond foi atrás de mim, o Alex deu-lhe um murro na cara e mandou-o embora. Ele voltou com um magistrado, mas o Alex não vacilou e recusou-se a entregar-me. Desde então que vivo com ele e a minha mãe. O Desmond morreu no ano seguinte. O meu irmão é um homem gentil de temperamento moderado, mas ninguém deve cometer o erro de considerá-lo um homem fraco. Agora, fale-me da sua tia. Sei que o seu tio era um homem de negócios de sucesso e que deve ter incentivado o seu interesse pelo negócio, e que até a terá treinado para lhe suceder. Mas, e a sua tia, de quem gostava tanto?

Como era possível Lady Overfield ter sofrido como sofrera sem mostrar qualquer sinal exterior disso? Como recuperara? Teria recuperado? Parecia muito serena e muito amável, mas era impossível saber em tão pouco tempo o que se passava no coração de outra pessoa. E porque lhe confiara aquela senhora algo de tão profundamente pessoal? Porque queria ser sua amiga? Seria possível? Seria muito fácil chegar às lágrimas, pensou Wren, pestanejando para afastar a possibilidade. Lady Overfield escolhera confiar-se a ela.

– Era uma mulher roliça e pacata que retirava uma enorme satisfação do seu

papel de esposa e de mãe substituta – respondeu ela – e que nunca mostrou o mínimo interesse pelo negócio além de admiração por algumas das peças mais belas que lhe eram apresentadas, para que as aprovasse. Nunca levantava a voz, nunca perdia as estribeiras, e, que eu ouvisse, nunca disse uma palavra indelicada sobre ninguém. Mas quando a desafiavam reagia duramente. Quando... – Wren parou bruscamente. – Bem. Houve uma altura...

Foi com alívio que recebeu a intervenção de Lady Overfield.

– Quem me dera tê-la conhecido – declarou. – Foi ela quem a educou ou teve uma precetora?

E, surpreendentemente, a meia hora adequada a uma visita decorreu sem se notar, e depois outra, enquanto as duas falavam sobre uma série de assuntos sem qualquer esforço visível de nenhuma das partes. Estava a falar, constatou Wren, e até a sorrir. Começava a desfrutar da primeira oferta de amizade que jamais recebera. Foi só quando Lady Overfield espreitou o relógio da lareira, pareceu sobressaltar-se e disse que já passara da hora de voltar para casa, que Wren percebeu o quanto apreciara aquele bocado.

– O tempo voou – disse, afastando a bandeja e erguendo-se. – Agradeço-lhe muito ter vindo. Espero que a chuva não tenha deixado a estrada traiçoeira.

– Não é o tipo de aguaceiro que transforme uma estrada em caminho lamacento muito rapidamente – devolveu Lady Overfield, espreitando pela janela ao levantar-se. Não se voltou imediatamente para a porta. Franziu a testa, hesitou e, então, voltou-se para Wren, olhando-a de frente. Preparou-se para falar, pareceu mudar de ideias, abanou a cabeça e sorriu. – Miss Heyden, vim dizer-lhe algo e perdi-me no prazer de conversar consigo. Mas devo fazer o discurso que preparei com tanto cuidado e ensaiei tão diligentemente na carruagem, ou passarei a viagem de regresso a martirizar-me. O Alex disse-nos que a convidou para ir a Londres durante esta primavera, como convidada da minha mãe, em Westcott House. Sei que recusou e respeito completamente. Desejo, contudo, dizer duas coisas. Primeiro, se a sua recusa se deveu em parte a uma sensação de que a sua companhia não seria apreciada, está bastante enganada. Tanto a minha mãe como eu somos pessoas muito sociais e seria um genuíno prazer recebê-la. Segundo, se, por qualquer razão, acabasse por escolher ir à cidade, ficaríamos encantadas em lhe mostrar Londres, que vale certamente uma visita, embora talvez não possa competir com a sua vidraria. A propósito, eu *gostaria muito* de visitar a sua vidraria, num próximo dia. Também seria um enorme prazer para nós acompanhá-la a qualquer uma das inúmeras distrações da temporada que julgue poder agradar-lhe. E deixá-la-íamos em casa de boa vontade sempre que escolhesse não nos acompanhar. Não existiria qualquer pressão para fazer nada que não quisesse nem para se encontrar com ninguém

que não desejasse. Pronto. Foi isto que vim dizer-lhe. A minha mãe desejava acompanhar-me hoje de tarde, devo acrescentar, mas eu achei que poderia ser intimidante aparecermos as duas à sua porta. Ah... Mais uma coisa. – Abrindo a carteira, retirou um cartão, que entregou a Wren. – Tem a morada de Londres. Espero que, seja como for, me escreva. Prometo responder.

– Obrigada. – Wren olhou para o cartão. – Eu... escrevo. – Não estava, de modo algum, convencida de que o faria. Mas também não estava convencida do contrário. Nunca ninguém lhe propusera amizade, mesmo à distância. Nunca iria a Londres, claro, mas... podia ter uma amiga. Talvez vê-la aqui, ocasionalmente. Talvez convidá-la a ir ao Staffordshire, numa futura oportunidade. Sim, iria escrever. Pelo menos, por uma questão de educação. – Vou acompanhá-la lá abaixo.

Quando regressou ao seu quarto, já Maude acabara de preparar tanto o baú como a mala. Wren olhou para o cartão que segurava e guardou-o na mala.

– Duvidei que coubesse tudo – disse. – És muito melhor a preparar malas do que eu, Maude. Agradeço-te.

– Dá-me sempre o dobro do trabalho – resmungou a criada. – Primeiro tenho de tirar aquilo que arrumou e depois tenho de arrumar tudo devidamente.

Wren riu-se e foi até à janela. Olhou para o exterior, perguntando-se se a chuva atrasaria a viagem que empreenderia no dia seguinte. Contudo, após alguns instantes, já não era a chuva que ela via, mas sim o conde de Riverdale a esmurrar o rosto do marido de Lady Overfield e a recusar-se a entregá-la, ainda que a lei estivesse contra ele e lhe batesse à porta na forma de um magistrado que o informou disso mesmo.

O meu irmão é um homem gentil de temperamento moderado, mas ninguém deve cometer o erro de considerá-lo um homem fraco.

E era o irmão da sua amiga.

Da minha amiga. Murmurou as palavras contra o vidro.

Alexander partiu para Londres com a mãe e a irmã um dia após Wren partir para o Staffordshire. Debatera com o administrador o que era e não era possível fazer com os recursos limitados que tinha à sua disposição. Não era muito, mas podiam fazer o melhor que conseguiam e esperar obter uma colheita razoável, e um pouco mais de dinheiro para investir no ano seguinte. A casa, assim como o parque, deviam esperar, embora Alexander estivesse decidido a regressar e habitá-la durante o verão.

Entretanto, seguiu para Londres pois era seu dever ocupar o seu assento na Câmara dos Lordes, e porque a sua mãe e Elizabeth deviam poder contar com a

sua proteção e companhia enquanto estavam na cidade. Não teriam de alugar uma casa, naquele ano. Westcott House, localizada em South Audley Street, moradia citadina das últimas gerações de condes, não era morgadio. No ano anterior, Anna transformara-se na proprietária da residência de Londres, mas nunca quisera assenhorar-se de tudo. Tentara dividir a sua fortuna em quatro partes, três quartos da qual pelos seus meios-irmãos deserdados. E tentara dar Westcott House a Alexander. Haviam finalmente acordado que ele viveria lá sempre que se encontrasse na cidade, embora ela o informasse de que o testamento que lavrara definia que, após a morte dela, a casa seria dele e dos seus descendentes. Ele esperava que tal não antecederesse a sua própria morte, pois Anna era quatro anos mais nova do que ele.

Também foi para Londres porque, naturalmente, necessitava de uma noiva rica, ainda que a simples ideia lhe fosse cada vez mais repugnante. Não gostara da interação que mantivera com Miss Heyden depois de reconhecer que o seu único móbil para um casamento com ela era a fortuna que ela lhe traria. Sentira-se... quase sujo, embora nunca tivesse havido qualquer artifício. Fora ela quem o abordara, afinal, porque ele necessitava de dinheiro e ela queria alguém com quem se casar. Santo Deus... Teriam bastado duas semanas de casamento para se detestarem.

Talvez. Embora talvez não. Recordava-a com uma certa mágoa...

Mas ele afastava qualquer pensamento dela sempre que algum ameaçava intrometer-se e concentrava a sua atenção no futuro; ou, melhor, no presente e nos meses que passaria em Londres. Fazia-o, porém, com muito pouco entusiasmo pela missão que definira para si próprio.

Cedo se tornou evidente que a tarefa seria muito mais simples do que previra. Conheceu inúmeras jovens nas três semanas que se seguiram à sua chegada. Tratava-se da temporada londrina, afinal, e ele era o conde de Riverdale, relativamente novo e completamente solteiro. O facto de não ser também um homem rico, de ser herdeiro de uma propriedade ancestral bastante delapidada, não poderia ser segredo, naturalmente. Mas, longe de atenuar o interesse, estes factos pareciam constituir encorajamento para alguns. Famílias abastadas de mais modesto estatuto, veio a compreender, estavam mais do que desejosas de dispor de somas avultadas para o casamento de uma das suas filhas, em troca da oportunidade de entrar na aristocracia, ascensão sem precedentes no seu estatuto social. Desde logo, era para isso que, no entender de alguns, as filhas serviam.

Alexander detestava ver-se enredado num cinismo tão gritante, mas não era em vão que se apelidava a temporada de mercado matrimonial. Tornava-se difícil e algo humilhante para ele comparecer a bailes, serões e concertos e outros eventos sociais sabendo que tudo o que as pessoas viam quando o

olhavam era um aristocrata desejável que procurava necessariamente uma noiva igualmente desejável..., e rica. E, diabos os levassem, acertavam em cheio.

Miss Hetty Littlewood era uma entre muitas. Alexander dançou com ela, certa noite, duas vezes, na verdade, mesmo não sabendo bem como se dera a segunda. Por vezes, um homem era apanhado desprevenido quando as mãos ambiciosas eram determinadas o suficiente. Ela tinha dezoito anos, acabara de sair da sala de aula, era loura e bonita, com covinhas em ambas as faces, e tinha um temperamento agradável. Agradava-lhe tagarelar sobre o tempo, as outras pessoas, os eventos anunciados da temporada e as modas. No entanto, olhava para ele com uns redondos olhos azuis, bastante inexpressivos, por sinal, quando ele tentava conversar sobre livros que ela dizia ter lido, alguma peça que se encontrava em cena em algum dos palcos londrinos, e que ela referira ter visto há um par de noites, e sobre a música tocada num concerto recente da qual ela dizia ter gostado «imensamente», e algumas das galerias que ela afirmava ter visitado e «adorado».

Aquele serão fora seguido, na manhã imediata, por um convite para se reunir aos Littlewood e um grupo restrito de amigos destes, em Vauxhall, dentro de três noites. E no mesmo dia, Mr. Oswald Littlewood, cavalheiro rubicundo e corpulento, conseguiu que um conhecido que tinham em comum os apresentasse no White's e sentou-se ao lado de Alexander na sala de leitura, tendo passado meia hora a apregoar a sua ascendência, para óbvia irritação daqueles que esperavam gozar de paz para ler os jornais, ou até um livro. Era o filho mais novo de um barão, mas acabara dez vezes mais rico do que o primogénito quando um tio que acumulara uma fortuna descomunal na Índia morreu e lhe deixou metade de tudo.

– Uma boa metade – acrescentou, num comentário ilógico. – E a outra metade, menor, não foi para o meu irmão. – Este facto parecia agradar-lhe imensamente. Solto uma risada e esfregou as mãos.

Aparentemente, o bom Deus abençoara-os, a ele e Mrs. Littlewood, ela própria notável herdeira, com apenas uma filha, a menina dos seus olhos, a alegria dos seus dias, modelo de virtude para todas as demais, que pretendia desertar rapidamente dos extremos pais, a miudita, casando-se com um cavalheiro atraente da sua escolha.

– E tão encantados estamos, a mãe e eu, com ela – acrescentou o cavalheiro depois de uma grande risada, provocada por aquilo que parecia acreditar ser uma excelente piada –, que lhe permitiremos levar a sua avante. Desde que seja um cavalheiro e que seja respeitável, claro. E desde que a trate bem. Temos a felicidade de não precisarmos de a incentivar a escolher um homem rico que possa sustentá-la. Na verdade, se ela escolhesse um cavalheiro sem posses, a

mãe e eu não levantaríamos qualquer objeção, desde que ele reconhecesse a sua boa sorte. Riverdale, já conheceu a minha excelente mulher e a nossa Hetty?

Infelizmente, Alexander já comunicara a aceitação do convite dos Vauxhall. Mais infelizmente ainda, teria de se prestar a ser cortejado. Não se podia dar ao luxo de não o fazer.

E Miss Littlewood e os seus devotos pais não eram os únicos, apenas os que mais persistentes se haviam mostrado até então.

Wren passou duas semanas e meia, atarefadas e felizes, no Staffordshire. Não tinha vida social, claro, mas não sentia necessidade dela. Passava os dias nas oficinas e nos escritórios. Era uma figura familiar e não sentia qualquer constrangimento, embora se apresentasse sempre com véu. Examinava atentamente os desenhos de novos produtos com o seu gerente e desenhadores, que envolvia frequentemente numa vigorosa troca de pontos de vista. Estas discussões nunca eram azedas nem tão-pouco obsequiosas. Existia respeito mútuo entre todos eles. Reviu planos para a venda dos produtos e previsões de custo com as pessoas adequadas e analisou longas colunas de lucros e perdas para participar de maneira informada em debates sobre finanças. Sugeriu, quando teve a certeza dos factos, que, dado o volume de lucro, poderiam voltar a subir os ordenados, o que foi aprovado.

Mas um dia ficou sozinha no seu gabinete, com a porta fechada para poder tirar o véu. Ninguém entrava ali sem bater previamente. Contudo, a qualquer pessoa que entrasse, pareceria tão ocupada como era habitual, sentada, como estava, atrás da sua secretária, com papéis espalhados à sua frente e uma pena na mão.

Em rigor, dedicava-se a elaborar duas listas, uma intitulada «Prós» e a outra intitulada «Contras». A lista dos contras era mais comprida do que a outra e mais fácil de completar.

Contras:

- 1. Nunca estive lá, a não ser com a tia M, quando tinha dez anos.*
- 2. Não quero realmente ir.*
- 3. Não quero voltar a vê-lo.*
- 4. Tenho a certeza de que ele também não.*
- 5. Não saberia onde ir nem o que fazer.*
- 6. Lady Overfield provavelmente não falava a sério.*
- 7. Mrs. W quase de certeza que não.*
- 8. Sou perfeitamente feliz aqui.*
- 9. Seria igualmente feliz em Withington.*

10. *Muitas pessoas lá. Demasiadas...*
11. *Não conheço ninguém lá a não ser Lady O, Mrs. W e ele.*
12. *Não quero conhecer ninguém.*
13. *Poderia encontrar-me com algum deles lá. Uma calamidade!*
14. *Concretamente, poderia encontrá-la lá. Impensável!*
15. *Não acordar cão que dorme.*
16. *Poderia parecer um pouco desesperado ou patético.*
17. *Não há muito que escrever na lista dos prós. Significa que não há verdadeiros prós.*

Prós:

1. *Iria exorcizar alguns demónios.*
2. *Podia sentir orgulho em mim.*
3. *Fui convidada.*
4. *Gostaria de ver St. Paul's e a National Gallery, entre outros sítios.*
5. *Poderia visitar algumas lojas que comercializam as nossas peças.*
6. *Provaria que não sou covarde. (O mesmo que o ponto 2?)*
7. *Porque sim. (Não é uma razão.)*
8. *Voltaria a vê-lo. (Contradiz um contra.)*
9. *Apenas porque desejo fazê-lo. (Outra contradição. Além disso, será o mesmo que o 7?)*

A ideia de que, afinal, deveria ir até Londres, não a largava desde que chegara ao Staffordshire. Não, para dizer a verdade, desde o dia anterior à sua partida do Wiltshire. Só por alguns dias. Uma semana, no máximo. Não teria de se alojar em Westcott House. Na realidade, não teria de avisar Lady Overfield, nem qualquer outra pessoa, da sua ida, ou da sua presença. Podia ficar num hotel. Não tinha receio de o fazer, como mulher entregue a si própria. Contaria com a presença de Maude e de outros criados em salvaguarda da respeitabilidade. Mas sentia-se ocupada e feliz onde estava. Porquê abdicar disso? Podia continuar ali tanto tempo quanto quisesse, regressar, depois, para o Wiltshire, para casa, e passar o resto do verão lá, ocupada e feliz.

Ele sugerira que ela visitasse Londres e ficasse com a sua mãe, e Lady Overfield repetira o convite. Em ambas as vezes a possibilidade aterrorizava Wren. Em grande medida, dissera adeus ao conde de Riverdale porque um casamento com ele a arrastaria para a vida social da aristocracia, algo que não iria acontecer. Porque gastava ela tempo a pensar sequer em ir? A lista dos contras tinha quase o dobro do comprimento da lista dos prós.

Contudo, a perspectiva de ir até Londres acossara-a insistentemente até –

horror dos horrores – ela se sentir francamente tentada a ir, nem que fosse para mostrar que podia fazê-lo. Mas, mostrar a quem? A si? A ele? À mãe e à irmã dele? Ao mundo em geral?

Tudo se resumia a uma questão de coragem, decidiu por fim. E embora não desejasse verdadeiramente ir e não quisesse, de todo, ver novamente o conde de Riverdale, também não queria ver-se a si própria como covarde. Seria covardia não fazer o que, desde logo, não se desejava fazer? Mas estaria ela a ser honesta consigo própria? Seria possível que desejasse secretamente visitar Londres? E existiria a possibilidade remota de ela ansiar por voltar a vê-lo?

Ansiar?

Wren agarrou noutro pedaço de papel e escreveu uma única palavra, num gesto quase vingativo.

PORQUÊ?

Mas olhar fixamente para a palavra não lhe trouxe respostas. Por que razão se sentiria tentada? Porque olhara para si própria e não gostara assim tanto daquilo que vira? E isto não tinha nada a ver com o seu detestável rosto. Porque Lady Overfield lhe oferecera a sua amizade, a ela, que nunca tivera uma amiga? Haviam já escrito umas duas cartas cada e Wren sentira um enorme e inesperado prazer, tanto a escrevê-las como a ler as respostas. Porque ele a convidara... antes de ela dizer adeus? Ou teria sido depois? Não conseguia lembrar-se.

Porque ele a tinha beijado?

Porque ela não o esquecera por completo?

Dispôs as três folhas muito direitas umas sobre as outras, pegou-lhes e bateu com elas na secretária para as acertar e, então, rasgou-as de um lado ao outro e de cima a baixo, deixou cair os pedaços no fundo da lareira, por detrás das brasas extintas, e decidiu que não iria.

Pronto.

Estava encerrado. Não iria.

Definitivamente e irrevogavelmente encerrado. A sua decisão final, que jamais seria revista.

Sentiu-se muito melhor.

CAPÍTULO 8



Alexander caminhava ao longo das margens do Serpentine, em Hyde Park, certa tarde, pouco mais de três semanas após a sua chegada, com Miss Hetty Littlewood pelo braço e Mrs. Littlewood ao lado desta.

Fora induzido a aceitar o passeio na noite anterior, enquanto assistia a um concerto com a sua mãe e Elizabeth. Tinham-se sentado com os Radley – o tio Richard, irmão da mãe, e a tia Lilian –, Susan, a filha destes e Alvin Cole, seu marido. Alexander fora com Alvin, durante o intervalo, buscar limonada para as senhoras e dera de caras com Mrs. Littlewood e a filha quando regressava da mesa, com um copo em cada mão.

– Que gentil da sua parte, senhor – comentara a mãe, abanando-se com o leque ao mesmo tempo que pegava num dos copos e gesticulava a Miss Littlewood que pegasse no outro.

E, sem saber como, durante o que restava do intervalo, Alexander deu por si a concordar que Hyde Park era deveras um sítio delicioso para passear durante a tarde, especialmente as margens do Serpentine. Aparentemente Miss Littlewood nunca tinha lá estado, pois o seu pai não gostava de andar e Mrs. Littlewood tinha sempre um certo receio de ir, sem companhia masculina, a algum lado que não fosse as ruas comerciais mais bem frequentadas. Alexander anuíra como uma marioneta.

E ali estava ele.

Miss Littlewood, muito atraente no seu vestido de passeio cor de pêssego, com sombrinha a condizer e um chapéu de palha, era pequena, delicada e sorridente. E não lhe faltava conversa, pois circulavam numa parte pitoresca do parque, num dia quente e soalheiro, onde se viam pessoas por todos os lados, o que propiciava observações e fervorosos comentários. Enquanto isso, Mrs. Littlewood cumprimentava todos quantos passavam, inclinando graciosamente a cabeça e fazendo inclinar ao mesmo tempo as altas plumas que lhe adornavam o chapéu, como se, cogitou Alexander com algum desconforto, fosse já a sogra do conde de Riverdale.

Mais desconfortável ainda era pensar que, ainda antes do final do verão, ela talvez viesse realmente a sê-lo, ou alguém igual a ela. Qualquer progenitor mais

do que disposto a fazer acompanhar a sua filha de um dote avultado, compreendia agora, queria muito mais em troca do que o mero casamento condigno da referida filha. Interrogou-se se seria capaz de fazê-lo. Sorriu, porém, para a jovem que o acompanhava e concordou que sim, que o rapazinho que vinha na direção deles, junto à margem, puxando um barquinho por um cordel, era um anjinho adorável.

– Oh, Céus... – soltou ela em súbita apreensão, puxando-lhe ligeiramente pelo braço para obrigá-lo a parar. – Oh, não!

Uma menina, ligeiramente mais velha do que o amoroso querubim, seguia aos saltinhos na direção oposta e optou por ultrapassar o rapaz pelo lado da água, sem reparar no cordel. Tropeçou nele, estatelou-se no chão e levantou-se, com dificuldade e olhar furioso, começando a debitar insultos em voz aguda, que incluíam pérolas como «descerebrado», «imbecil» e «bronco». O rapaz abriu a boca e começou a berrar, apontando pateticamente para o barco que fugia alegremente junto à margem, arrastando o cordel.

– Ah! Chegou ajuda! – exclamou Alexander, no preciso momento em que, pressentia, seria incitado a efetuar o resgate. Uma senhora vestida de verde apanhara o cordel e debruçava-se entre as crianças, dizendo algo que reduzira a tirada da rapariga a um murmúrio petulante e a angústia do rapaz a uns quantos soluços magoados, enquanto recuperava o domínio do barco. Ela endireitou-se ao mesmo tempo que duas mulheres, aparentemente ambas amas, chegavam vindas de direções opostas e se apoderavam das respectivas crianças. – Parece estar tudo resolvido.

– Pobre anjinho – disse Miss Littlewood, referindo-se, em princípio, ao rapazinho.

– Se aquela rapariga fosse minha – interveio a mãe –, ia imediatamente para casa e ficava fechada no quarto durante o resto do dia, a pão e água, depois de lavar a boca com sabão. A ama seria dispensada sem qualquer recomendação.

Alexander não chegou a ouvir nenhuma delas. A senhora de verde, alta, esguia e elegante, estava voltada para o outro lado, até se posicionar para retomar o seu passeio. Trazia um chapéu verde-claro com um véu facial a condizer. Deus do Céu. Seria? Ela voltou completamente a cabeça na direção deles, nesse preciso momento, parou de repente e girou para a direita, avançando a passo rápido – e familiar.

– Peço desculpa – disse ele, libertando o braço do de Miss Littlewood sem a olhar a ela nem à mãe; na verdade, naquele momento, esquecera-se das duas. – Está ali uma pessoa conhecida que devo cumprimentar. – E foi atrás dela, alcançando-a em poucos passos e pousando-lhe uma mão no braço. – Miss Heyden?

Ela parou novamente e voltou-se para ele. O véu, engenhosamente concebido, tinha um aspeto leve e agradável, não deixando de lhe ocultar eficazmente as feições.

– Lord Riverdale – devolveu ela –, que surpresa encantadora.

Não parecia nem surpreendida, nem encantada.

– Então, veio até à cidade, afinal? – perguntou ele.

– Tinha alguns negócios a tratar aqui – esclareceu ela. – Algumas lojas de Londres vendem os nossos artigos e eu queria conhecê-las.

Mas não lhe dissera ela que nunca vinha a Londres e que nunca o faria? Não fora aquele o cerne da questão da incompatibilidade entre os dois?

– Adoraria conhecer essas lojas, também – afirmou ele. – Tem de me dizer onde posso ver os vossos artigos. Mas, mais importante, onde está alojada? – E onde estava a criada, ou o lacaio? Parecia estar completamente sozinha.

– Num hotel para senhoras. Tranquilo – respondeu ela. – Cheguei à cidade há apenas uma hora ou duas e quis vir ao parque para apanhar ar e fazer algum exercício, depois da viagem, que é longa. Mrs. Westcott e Lady Overfield estão bem, suponho?

– Sim – devolveu ele. – Obrigado. A Lizzie gostou muito de receber as suas cartas. Ouviu-se uma tosse assertiva, não muito longe, e Alexander lembrou-se de que não estava sozinho.

– Está a fazer esperar as senhoras que estão consigo, Lord Riverdale – advertiu ela.

Devia regressar para junto delas.

– Voltarei a vê-la? – perguntou ele. – Diga-me o nome dessas lojas. Porque não visita a minha mãe e a minha irmã? Ficariam encantadas por a ver. Tem a morada?

Porque se sentia quase em pânico face à perspectiva de não voltar a vê-la?

A segunda tossidela foi ainda mais contundente.

– Vou visitar – disse ela. – Amanhã de manhã. Tenho a morada.

– Vou dizer-lhes – reforçou ele. – Ficarão encantadas.

Já o teria dito?

– Espero que não seja inconveniente para elas – observou ela.

– Não será. – Ele hesitou, mas não havia mais nada a dizer e já estava a mostrar-se muito rude para com as senhoras que acompanhava. Deu meia-volta, aproximando-se apressadamente destas.

Ela não lhe dissera o nome de nenhuma das lojas. Não identificara o hotel onde se alojara. E se não aparecesse, amanhã?

Isso importava?

– Que senhora tão invulgarmente alta! – comentou Miss Littlewood,

seguindo-a com o olhar.

– Que infelicidade para ela – corroborou Mrs. Littlewood. – E magra. E nada bonita, ousou dizer, se é possível tirar conclusões de um véu. A precetora devia tê-la ensinado a não abrir assim o passo; parece um homem. Ficaria muito surpreendida se me dissessem que é casada. – Olhou interrogativamente para Alexander.

Ele sorriu e ofereceu um braço a cada uma.

– Peço mil desculpas por fazê-las esperar – disse.

– Pobre senhora. Eu simplesmente queria morrer se fosse tão alta – retomou Miss Littlewood, enfiando a mão no braço dele. – Ouvi dizer que os cavalheiros não gostam de mulheres altas.

– É uma grande desventura – anuiu a mãe. – Só podemos ter compaixão dela. Mas, Lord Riverdale, onde está a dama de companhia da senhora?

– Não perguntei – devolveu ele. – O que achou da segunda metade do concerto de ontem à noite? O melhor ficou para o fim. Não admira que o violoncelista seja tão procurado.

Chegara a uma firme decisão, pelo menos, durante os últimos minutos. Se estava fadado a casar-se com uma noiva rica, na primavera ou no verão, esta não seria Miss Hetty Littlewood. Teria de ser mais vigilante para se precaver contra os persistentes ardis da mãe, embora não fosse tarefa fácil.

Porque teria ela vindo? Seguramente que não fora para apreciar artigos expostos em montras de lojas. Teria mudado de ideias quanto ao convite de Elizabeth? Quanto ao dele? O que faria se ela não comparecesse em South Audley Street na manhã seguinte? Vasculhar todos os hotéis para senhoras de Londres? Quantos existiriam, por amor de Deus?

E por que razão, exatamente, faria uma coisa dessas?

Wren era uma reputada fazedora de listas. Ajudavam-na a organizar os pensamentos e o tempo. Constituíam um aumento de eficiência e a garantia de que todas as suas tarefas eram cumpridas em tempo oportuno. Mas as listas que fizera no Staffordshire tinham sido uma mera perda de tempo, pois a decisão estava tomada ainda antes de começar a escrevê-las. Claro que encontrara mais contras do que prós. Era a sua mente racional a querer incutir bom senso no seu lado emocional. E como ela não tinha intimidade com o seu lado emocional, a razão arrasara-o sem qualquer problema. Mas o seu lado emocional era o mais persistente dos dois. Levantara-se do chão, sacudira o pó e seguira em frente.

Viera.

Mas não viera corajosamente disposta a conquistar o mundo. Em vez disso,

viera discretamente e alojara-se num hotel para senhoras de bem. Não que fazê-lo fosse necessariamente uma prova de covardia. Depois de recusar dois convites distintos para ficar na casa de South Audley Street, dificilmente poderia agora bater à porta da casa sem avisar. Pensar em tal possibilidade perturbava-a.

Instalara-se no quarto e decidira sair para apanhar ar e fazer exercício, recusando terminantemente a companhia de Maude, já que a criada estava exausta e precisava de se deitar um pouco. Dissera para si mesma que visitaria Lady Overfield antes que perdesse a coragem. Na realidade, acabara por perdê-la na mesma. E se ela não estivesse em casa? E se tivessem outras visitas? E se estas ficassem horrorizadas ao vê-la? Que ideia. Claro que não ficariam. Para começar, um criado trataria de avisá-las da sua chegada antes de fazê-la entrar. Além disso, eram umas senhoras. Mas... E se ele estivesse em casa? Ela despedira-se de forma muito definitiva.

Por que razão, então, se dera ao trabalho de ir até lá?

Optara por visitar Hyde Park, depois de pedir indicações. Afinal, era uma parte de Londres que ela desejava ver – fizera uma lista. Era um item que poderia riscar. No dia seguinte talvez visitasse a Catedral de St. Paul, a Abadia de Westminster, a Torre de Londres, o Palácio de St. James, Carlton House. Ficariam a pouca distância uns dos outros? E havia todas as galerias e museus. Talvez preenchesse com eles o dia seguinte. E, claro, ainda as lojas que vendiam os seus artigos. Não podia esquecer-se delas.

Na realidade, decidira enquanto entrava no parque que era uma criatura abjeta e vergonhosamente covarde. South Audley Street estava no topo da sua lista, sublinhada. Iria lá permanecer, como o único item não riscado, a tarefa por cumprir?

Encontrara, por puro acaso, uma das atrações mais famosas de Hyde Park e dedicara-se a seguir o curso do Serpentine. Pudera orgulhar-se, pelo menos, de uma coisa. Estava numa zona concorrida do parque mas erguera bem a cabeça e não vacilara. Tudo bem que trazia um véu, era verdade, mas, mesmo assim, estava ali, fora de portas, misturando-se com outras pessoas, ainda que não parasse para se dirigir a ninguém e ninguém reparasse nela. Ainda assim, concretizava-o.

E depois acabara por fazer as duas coisas – parar e falar – a duas crianças que se tinham desentendido, junto à margem, e que reagiam com previsível falta de lógica, uma gritando de descontentamento e a outra protestando e berrando de raiva. Entretanto, o barco de brincar do queixoso continuava em fuga. Ela apanhara o cordel antes de este escapar completamente e falara com as crianças. A rapariga parara de repreender o rapaz para lhe perguntar se era bruxa – parecendo, mais do que assustada, deliciada com a possibilidade – e o rapaz

atenuara as suas queixas para assinalar que *toda a gente* sabia que as bruxas andavam com grandes chapéus pretos. No final, Wren afastara-se dizendo que, infelizmente, não era, nem de perto nem de longe, tão emocionante como uma bruxa, com ou sem chapéu preto. Sentira-se satisfeita consigo própria e satisfeita com o mundo.

E depois...

Bem, e depois, deparou com o conde de Riverdale, olhos nos olhos, a meros metros de distância. Se a terra se tivesse aberto para a engolir inteira, não emitiria o mais pequeno queixume.

Como uma pateta, dera, de imediato, meia-volta para regressar pela direção de onde viera, ao mesmo tempo que a sua mente processava a informação visual de que ele trazia uma jovem pelo braço, estando ambos acompanhados por uma senhora mais velha. Sentiu uma desagradável impressão que não parou para analisar. Mas, de qualquer forma, ele seguira-a, tocara-lhe no braço e falara-lhe, embora posteriormente ela não conseguisse lembrar-se de uma palavra daquela breve interação a não ser que ele lhe pedira para visitar a mãe e a irmã e que ela anuíra a fazê-lo na manhã seguinte. Aquilo de que se lembrava com muito mais clareza era que a senhora que lhe dava o braço era muito jovem e muito bonita e que a senhora mais velha que tossira duas vezes o fizera com uma irritação de tipo possessivo.

Durante a noite toda, entre fugazes episódios de sono, Wren acalentou o desejo de regressar à casa de Withington. De madrugada, quase a dormir, decidira que era precisamente isso o que iria fazer. Relaxou e sentiu-se infinitamente melhor.

Por isso, na manhã seguinte, percorria South Audley Street, à procura do número da porta. Desta vez, Maude estava consigo e porque assim era Wren parou diante da casa correta quando poderia tê-la passado, fingindo não a ter visto. Tão grande era a sua covardia. Galgou os degraus com firme determinação e fez soar o batente contra a porta.

Menos de um minuto depois, já dentro da casa, subia uma escadaria imponente atrás do mordomo, que a saudara com uma vénia assim que lhe comunicara o seu nome e nem sequer subira previamente para verificar se Mrs. Westcott estava em casa. Conduziu-a para uma sala destinada, obviamente, a receber visitas, depois de anunciá-la, e ela encavalitou o véu sobre a aba do chapéu. As duas senhoras estavam de pé – não havia mais ninguém na sala – e ambas sorriam. Mrs. Westcott aproximou-se dela, com a mão direita estendida.

– Fico tão contente que tenha vindo, Miss Heyden – declarou, segurando a mão de Wren num aperto firme antes de largá-la. – O Alex disse-nos que está na cidade a tratar de negócios. É generoso da sua parte conceder-nos um pouco do

seu tempo. Venha sentar-se. Espero que goste de café. É o que está a caminho, mas não será incômodo nenhum trazer-lhe um chá se for essa a sua preferência.

– Café seria perfeito – devolveu Wren. – Obrigada. Espero não estar a tomar tempo que gastariam com coisas mais importantes.

– Esta manhã, nada poderia ser mais importante – declarou Lady Overfield quando Wren se encaminhou para o cadeirão que lhe fora indicado. Então, surpreendeu Wren beijando-a no rosto, na face arroxçada. – Posso ficar com o seu chapéu? Tem estado muito ocupada, desde que chegou à cidade?

Wren tirou o chapéu e sentou-se. Mãe e filha estavam sentadas lado a lado no sofá.

– Cheguei apenas ontem – explicou. – Fui caminhar em Hyde Park para apanhar ar e fazer algum exercício, depois da viagem, e encontrei Lord Riverdale lá.

– Então espera-a um dia ocupado, hoje? – comentou Mrs. Westcott.

– Sim. – Wren apertou as mãos sobre o regaço e depois soltou-as, abrindo os dedos sobre o vestido. – Algumas lojas de Londres comercializam os nossos artigos e julguei que seria interessante ver como são expostos. Vendem bem, mas talvez eu possa fazer algumas sugestões. – Parou abruptamente. – A verdade é que não vim para tratar de negócios.

– Então veio para se divertir – disse Lady Overfield, com um sorriso afetuoso. – E nisso Londres tem uma oferta espantosa. Mas permita-me que lho diga pessoalmente, embora o tenha feito numa das cartas que lhe escrevi, que fiquei fascinada com o que li sobre a vidraria. Não fazia ideia do planeamento, da perícia e da mestria que estão envolvidas e da importância das estratégias de vendas. Tenho muita curiosidade em ver produtos acabados. Poderia ir consigo a algumas das lojas?

O café chegou naquele momento, acompanhado de um prato de biscoitos doces.

– Onde está alojada? – perguntou Mrs. Westcott, depois de a criada sair da sala. – Num lugar confortável, espero?

– Num pequeno hotel para senhoras – informou Wren. – É bastante respeitável.

Começava a apreciar o espaçoso esplendor da sala de visitas, tão diferente da de Brambledean Court. Uma grande quantia de dinheiro fora gasta naquela casa para a manter tão bela e moderna quanto confortável. Por aquilo que ouvira antes de conhecer o conde de Riverdale, este não herdara a casa com o título e a propriedade. A casa fora atribuída, com o grosso da fortuna, à filha legítima do conde, aquela que crescera num orfanato e se casara posteriormente com um duque.

– «Para senhoras. Respeitável» – repetiu Mrs. Westcott, com um esgar. – É tão mau como soa?

Wren mordeu o lábio inferior para evitar uma gargalhada.

– O meu quarto parece uma cela de freira – explicou – e a proprietária parece uma madre abadessa sem hábito. Existe uma lista de regras afixada na parte de dentro da porta principal, assim como na parede do meu quarto, cuja regra número um indica que não é permitida a entrada de pessoas do sexo masculino em circunstância absolutamente nenhuma. Ontem à noite diverti-me a pensar em pessoas do sexo feminino a subir e descer escadas carregadas de mobílias pesadas e a limpar as chaminés. Mas é impossível negar que se trata de um estabelecimento muito respeitável.

Todas se desfizeram em gargalhadas e, paradoxalmente, Wren sentiu uma vontade enorme de chorar. O tio e ela tinham olho para o absurdo e a sua tia possuía um revigorante sentido de humor. Todos se riam com frequência. Quantas vezes se rira desde a morte deles?

– Poderá continuar respeitável sem si, Miss Heyden – replicou energicamente Mrs. Westcott, estendendo-lhe o prato de biscoitos pela segunda vez. – Não me diga que o colchão da sua cama não está cheio de palha, pois eu não acreditarei. Trouxe uma criada consigo, não foi? Mas não vieram de carruagem, pois não? Teríamos ouvido.

– Viemos a pé – respondeu Wren, pegando noutro biscoito e dando-lhe uma dentada. Ainda se sentia algum do calor da cozedura. Estava fresco, delicioso. O seu pequeno-almoço fora uma refeição espartana: uma torrada, já com uma finíssima camada de manteiga e sem compota nem doce de laranja, e chá descolorado.

– Então, a sua criada vai regressar de carruagem para embalar as suas coisas e as dela e trazê-las para aqui – informou Mrs. Westcott. – Ficaré connosco durante a sua permanência na cidade, Miss Heyden.

– Oh. Não! – exclamou Wren, com algum alarme. – Não desejo incomodá-la, minha senhora.

– Não será incómodo nenhum – afirmou Lady Overfield. – Foi especificamente convidada, se bem se recorda, tanto pelo Alex como por mim, que o fizemos também em nome da nossa mãe. Ontem à tarde, o Alex voltou a sugerir que lhe pedíssemos que se mudasse para cá. Concordámos os três que não deveria ser deixada sozinha num hotel.

– Mas... – replicou Wren, franzindo a testa. – Não podem desejar *verdadeiramente* a minha presença. Oh... Peço perdão. Só poderão dar uma resposta a isto porque são senhoras, e são também generosas. Mas ambas sabem que, antes de chegarem ao Wiltshire, ofereci, de forma algo escandalosa, a minha

fortuna ao conde de Riverdale em troca de casamento. Sabem o quanto esta... noção o escandalizou. E não podem negar, não se forem verdadeiramente honestas, que, quando me conheceram em Brambledean, ficaram horrorizadas com a perspectiva de ele poder casar-se comigo. Naquele dia reconheci essa impossibilidade e libertei-o de qualquer obrigação que ele possa ter sentido depois de prolongar a nossa convivência durante mais de duas semanas. Despedi-me. Não negarão, creio, mesmo sendo demasiado educadas para dizê-lo em voz alta, que ficaram muito aliviadas quando ele lhes comunicou isso mesmo.

As duas senhoras recuaram nos cadeirões como se pretendessem vincar a distância que as separava dela. Fez-se um breve silêncio.

– Eu fiquei – admitiu Mrs. Westcott.

– Mãe – censurou Lady Overfield, franzindo a testa.

– Não, Lizzie. Miss Heyden está certa. Seria bom que houvesse mais honestidade entre as pessoas. Como é possível comunicar se todos são demasiados educados para expor o que realmente pensam?

Lady Overfield inspirou ruidosamente mas absteve-se de comentar.

– Amo fervorosamente os meus filhos, Miss Heyden – declarou Mrs. Westcott. – Mais do qualquer outra coisa na vida, quero vê-los felizes. Quero vê-los casados, e que possam estar acompanhados pela pessoa certa e aproveitar tanto os filhos deles como eu aproveitei os meus. Fiquei destroçada quando o casamento da Lizzie se transformou num pesadelo. Agora tenho-a novamente comigo e posso mais uma vez esperar o melhor e ter sonhos para ela. O meu coração encheu-se de mágoa quando a juventude do Alex lhe foi furtada após a morte do pai e a descoberta de que nem tudo era como devia ser em Riddings Park. Deixou para trás a vida de um jovem sem preocupações e regressou a casa para tratar de tudo.

– Foi algo que lhe deu satisfação, mãe – comentou Lady Overfield.

– Sim, creio que sim – acedeu Mrs. Westcott. – Mas está com trinta anos, Miss Heyden, e no ano passado começou a sonhar com casamento, amor e felicidade. Mas, depois, tudo mudou – para toda a família Westcott. Agora Brambledean é uma corda ao pescoço do meu filho e a negligência está fora de questão, porque o Alex é quem é e empréstimos e hipotecas não fazem qualquer sentido porque têm de ser pagos. Tudo em mim se revolta contra a possibilidade de ele se casar por dinheiro, mas é isto que ele sente que deve fazer. Sim, fiquei horrorizada, Miss Heyden. Não por causa da sua... mancha facial, embora provavelmente seja isso que julga. E não foi por se ter mostrado tão desconfortável quando nos conheceu, que nos deu a impressão de ser uma pessoa rígida, fria e inalcançável. Deveu-se ao facto de a menina ser rica e ele ser pobre, pelo menos atentando nas

suas novas responsabilidades, e tive grande receio de que nunca pudesse existir respeito ou afeto dignos desse nome entre os dois, já para não falar em amor e felicidade. Não suportava pensar que o meu filho pudesse ser visto como um mercenário.

– Mãe. – Lady Overfield pousou-lhe uma mão no braço.

– Não, Lizzie. Deixa-me terminar. Fiquei encantada quando partiu, Miss Heyden, e, depois, consternada, quando a Lizzie decidiu que iria visitá-la. Mas, então, chegámos aqui e o Alex tem sido acossado por pessoas ricas e ambiciosas que desejam casar as suas filhas. Não há uma única dessas raparigas que não me deixe cheia de apreensão. Não é por elas... Diria que são boas raparigas, com sonhos para elas próprias. Mas pelo Alex, que merece muito mais e muito melhor.

– Lamento. – Wren não conseguiu pensar em mais nada que dizer.

– Creio, Miss Heyden – prosseguiu Mrs. Westcott –, que talvez tenha mais substância do que todas aquelas pequenas juntas. E não tem pais ambiciosos.

– Não – confirmou Wren, que, por sua vez, também recuou no cadeirão.

– O seu tio e a sua tia tinham ambições para si? – perguntou Mrs. Westcott.

– Não da forma que está a pensar – devolveu Wren. – Queriam que eu fosse feliz. A minha tia desejava-o desesperadamente, mas ambos respeitavam os meus desejos.

– Ainda chora a perda deles – declarou Mrs. Westcott.

– Sim.

Então, aconteceu algo terrível. Wren sentiu o queixo a tremer. Estendeu uma mão sobre a metade inferior do rosto, mas não bastou. Tapou-o com ambas as mãos. O seu chapéu estava longe, bem como o véu.

– Oh... Peço imensa desculpa. – Mas a voz saiu-lhe aguda e tremida. Fungou.

Quando percebeu, já Mrs. Westcott estava sentada no braço do seu cadeirão, rodeando-lhe os ombros com um braço e segurando-lhe a cabeça contra o peito com o outro. Wren chorou até lhe doer o peito e as lágrimas correram até secarem. Um lenço foi-lhe parar às mãos, seguido de um guardanapo, e constatou que Lady Overfield se encontrava ajoelhada, no chão, diante do seu cadeirão.

– Peço imensa desculpa – voltou a dizer.

– Já tinha chorado? – perguntou Mrs. Westcott.

– N-não. – Passara por tudo com grande estoicismo. Não fazia sentido chorar e havia alturas em que a sua dor lhe parecia demasiado profunda para recuar perante um alívio tão superficial.

– Não teve ninguém com quem partilhar a sua dor – disse Lady Overfield. Não era uma pergunta. – Mas está entre amigos. Não tem de pedir desculpa.

Talvez não. Mas as palavras dela fizeram soltar ainda mais lágrimas.

– Não – interveio Mrs. Westcott, cingindo-a com mais força por um instante. – Não sou uma amiga, Miss Heyden. Sou mãe e vou comportar-me como tal. Brada aos Céus que insista em permanecer sozinha num hotel horroroso; ou em qualquer outro hotel. A sua tia não teria gostado. O seu tio não o teria autorizado, estou certa, pela forma como a introduziu no negócio e a tratava como uma igual. Vamos trazer imediatamente as suas coisas para cá e não quero ouvir nenhuma objeção. De modo que, agora, a Lizzie e eu vamos levá-la ao seu quarto, que já foi preparado, e mandamos trazer água, para poder lavar a cara e voltar a ficar apresentável. Neste momento, está com um aspeto terrível.

Wren riu-se, e depois verteu mais umas quantas lágrimas.

– Aviso-a de que é inútil tentar discutir com a minha mãe quando ela decide fazer de mãe – adjuvou Lady Overfield.

Foi com profundo constrangimento que Wren se levantou.

– Mas o conde de Riverdale... – principiou.

– Hoje de manhã, o Alex está na Câmara dos Lordes – informou Mrs. Westcott. – Mas está tudo tratado. Ficarà com o primo, o filho do meu irmão, e aproveitará o pretexto para se divertir na cidade na sua companhia. Ontem à noite falou com o Sidney e esperam-no. Sempre foram grandes amigos. Oh... As travessuras a que se dedicavam quando julgavam que eu e a minha cunhada não estávamos atentas.

– Eu diria, mãe, que, mesmo assim, vocês não sabiam da missa a metade – acrescentou Lady Overfield, entre risadas.

E foi assim que, entre alegres e ligeiras intervenções, levaram Wren até ao piso de cima, seguindo por um comprido corredor até alcançarem um dos quartos de hóspedes.

– Será maravilhoso tê-la aqui, Miss Heyden. Podemos ir consigo, se o desejar, ver o que tem a ver em Londres. Podemos apresentá-la a algumas pessoas e levá-la a alguns espetáculos. Ou não. Não será pressionada de forma alguma pelo simples facto de estar aqui.

Parecia estar tudo decidido, pensou Wren, sem ter recaído sobre si o ónus da decisão. Foi assim que se encontrou num bonito quarto, nas traseiras da casa, com vista para o que se afigurava um espaço verde, colorido e bem cuidado. Era demasiado tarde para dizer que não. De qualquer modo, sentia-se demasiado esgotada para argumentar. Estava ali, e Lady Overfield era sua amiga e Mrs. Westcott era sua... mãe? E o conde de Riverdale já tratara de se alojar noutro lado. Talvez não tivesse sequer de voltar a vê-lo e seria muito mais confortável se assim fosse.

Mentirosa. A voz interior manifestou-se apesar do seu cansaço.

– Obrigada – disse. – São as duas extraordinariamente gentis.

A tia Megan, concluía, não era a única senhora bondosa à face da Terra. Teria ela realmente acreditado que sim?

CAPÍTULO 9



Desde que Miss Heyden se despedira determinantemente dele, no domingo de Páscoa, que Alexander repetia para si próprio como era afortunado por ter escapado ao que seria, indubitavelmente, um casamento sombrio e cheio de dificuldades. Talvez o facto de pensar naquilo todos os dias, sem descanso, desde então, o devesse ter alertado para a possibilidade de não ter sido um desfecho tão feliz como ele julgava.

Naquele dia comparecera na Câmara dos Lordes, pois decorreria um importante debate no qual desejava participar, mas passou a manhã inteira a interrogar-se se ela teria visitado a mãe e Elizabeth, e sobre o que faria se não o tivesse concretizado. À primeira oportunidade, por volta do meio-dia, enviou uma breve mensagem e aguardou impacientemente que a resposta chegasse. Assim que a recebeu, ficou a saber que ela as visitara, de facto, e que fora persuadida a ficar.

Mais tarde, dirigiu-se para a morada de Sidney, inquieto com o que viria aquilo tudo a significar. Deveria o compromisso prévio considerar-se reatado? Existira alguma vez tal compromisso? Seria demasiado tarde para se colocar aquela questão? Perguntou-se se deveria ir imediatamente apresentar os seus cumprimentos ou se deveria deixá-lo para mais tarde. Talvez não estivessem em casa, sequer.

Perturbava-o, saber que ela viera. Deixara-o com emoções conturbadas, acima de tudo alívio por já não ter de lidar com elas e tentar decifrá-las. Queria que fosse a razão a ditar a escolha da sua noiva; queria ter essa oportunidade. O coração era demasiado imprevisível e demasiado capaz de sentir dor, dúvida e um manancial de outras coisas. Fora o seu coração que o impelira a ir atrás dela, no parque, quando teria sido tão mais sensato deixá-la partir.

Pro diabo com tudo!

A decisão sobre o que fazer a seguir foi-lhe arrebatada. Sidney não estava em casa. Trabalhava nos serviços diplomáticos e era frequente ter dias compridos de trabalho. Mas aguardava-o uma mensagem da mãe. A prima Louise, duquesa viúva de Netherby, convocara uma reunião de família, em Archer House, em Hanover Square, residência citadina do duque, seu enteado, e sua própria casa.

Estas reuniões eram uma raridade até ao ano anterior, mas houvera bastantes depois daquilo que a família designava coletivamente como «a grande catástrofe», e depois houvera uma trégua. Agora, voltava a ser enviada uma convocatória, e a reunião seria naquela mesma tarde. Alexander espreitou o relógio. Dentro de menos de uma hora, na verdade. E, quer quisesse quer não, ele era o chefe da família.

A prima Louise tinha tendência para ser excessivamente dramática. Ao sair da casa de Sid, Alexander pensava com os seus botões que funesta emergência se teria produzido agora para determinar que toda a família devia reunir-se. Esperou que não tivesse nada a ver com Harry. Harry Westcott, que fora conde durante o breve interregno até se descobrir a verdade acerca do seu nascimento, combatia na Península, sendo para todos uma fonte constante de preocupação. Não que tal fosse prerrogativa da sua família. Inúmeras famílias, tanto ricas como pobres, de toda a Inglaterra, deviam viver com uma inquietação semelhante. Nunca se sabia quando chegaria uma carta com as piores notícias que alguém poderia receber. Esperava que não tivesse chegado semelhante missiva. Céus... Esperava que não.

Ainda assim, devia ter acontecido algo, a não ser que a prima Louise pretendesse simplesmente anunciar o noivado da sua filha, Jessica, que, naquela temporada, com dezoito anos, fazia a sua apresentação à sociedade. Até então, fora muito procurada, em todos os eventos. O próprio Alexander o constataria. Afinal, era filha de um duque e detentora de um belo dote. Também era bonita e animada. Ele não identificara nem ouvira falar de nenhum pretendente em particular, mas era impossível saber.

Foi o último a chegar. A prima Louise ainda tinha a mãe viva – a condessa viúva de Riverdale – e duas irmãs. A mais velha, a prima Matilda, que não se casara, vivia com a mãe. A mais nova, a prima Mildred, era casada com Thomas, ou Lord Molenor, e tinha três filhos que ainda iam à escola. Estavam todos lá, exceto os rapazes. O duque de Netherby estava presente, com a sua duquesa. Anna era a filha nascida do primeiro casamento, secreto, do tio Humphrey, o falecido conde, com uma senhora chamada Alice Snow, e era a sua única filha legítima, como veio a revelar-se. Jessica estava lá. A mãe e a irmã de Alexander também estavam presentes. Faltavam a prima Viola, a anterior condessa de Riverdale, que agora se identificava como Kingsley, seu nome de solteira, e as duas filhas, Camille, agora casada com Joel Cunningham, e a viver em Bath, e Abigail. E Harry, evidentemente.

Alexander cumprimentou todos e instalou-se no seu sítio, diante da lareira, um hábito seu, embora certa vez tivesse constatado que tal poderia ser visto como uma tentativa da sua parte de manifestar superioridade na família. Declinou a

chávena de chá que a prima Louise lhe propôs e, à sua volta, a conversa recomeçou. Netherby, reparou, estava sentado num cadeirão no canto mais afastado do compartimento, junto a uma janela, em postura relaxada, tal como costumava fazer em qualquer sala, da mesma forma que Alexander gravitava para perto das lareiras. Talvez gostasse de observar o que se desenrolava diante dele sem ter de dar grandes voltas ao pescoço nem sentir a obrigação de participar. Talvez fosse uma forma de reconhecer a ausência de laços de sangue com a família Westcott. Era filho do duque de Netherby, que tomara a prima Louise como segunda mulher e fora o pai de Jessica.

Netherby estava esplêndido como sempre, constatou Alexander com ligeira irritação, com o cabelo louro impecavelmente cortado no mesmo generoso comprimento, a roupa a roçar o dândi mas sem o ser realmente, os dedos perfeitamente cuidados revestidos de anéis. As correntes, incluindo a do relógio cravejado e o monóculo que lhe adornavam sempre a cintura não se viam hoje em sítio algum. Segurava uma bebé, perfeitamente careca e de gordas bochechas, encaixada debaixo do queixo. Esta mamava no pulso e, salvo erro, numa das dobras da gravata do pai. Era, sem dúvida, uma visão incongruente. Netherby não estava em pânico com a possibilidade de queda de uma gota de... baba na sua camisa imaculada? Tratava-se, contudo, de um pensamento pouco generoso, pois Alexander aprendera durante o ano anterior que, apesar das aparências, nada havia de fraqueza, efeminação – ou petulância – em Avery Archer, duque de Netherby. Bem pelo contrário.

Alexander dirigiu a sua atenção para Elizabeth, que se sentara ali perto.

– Ela foi, então? – foi a pergunta desnecessária.

– Sim – confirmou a irmã. – Foi necessário algum esforço, tanto da minha parte como da parte da mãe, para persuadi-la a ficar connosco. Mas está completamente instalada. Creio que a alegrou bastante a perspetiva de ter uma hora para si própria, sossegada, quando viemos para aqui.

Porque teriam feito aquele esforço?, perguntou-se ele. Porque é que ele o sugerira, na noite anterior? Porque é que, durante o dia, quase não pensara em mais nada? Até àquele momento não pensara uma única vez em Miss Littlewood, nem em nenhuma das outras jovens cujas extremosas mães lhe lançavam ofensivas. Se voltasse a ver qualquer uma delas, passar-lhe-iam despercebidas. Mas Miss Heyden...

– Fui com ela à Catedral de St. Paul, a seguir ao almoço – comentou Elizabeth. – Sentou-se num banco, perto do fundo, Alex, e passou meia hora sem se mexer. Não andou a vaguear de um lado para o outro, a espreitar tudo, como fazem os outros estreantes. Limitou-se a contemplá-la, do sítio onde estava, e parecia extasiada, embora, na verdade, não conseguisse distinguir-lhe claramente

a expressão. Usava um véu.

– Pois – devolveu ele –, não me admiro.

– Amanhã de manhã vamos ver algumas peças da vidraria – declarou a irmã. – Estou realmente desejosa de o fazer.

Mas a prima Louise tossiu, assinalando que era chegada a altura de tratar do assunto daquela tarde. Todos ficaram em silêncio e a olharam com expectativa.

– Precisamos de decidir o que fazer quanto à Viola e à Abigail – disse.

– Não continuam em Hinsford Manor? – perguntou a prima Mildred. – Quando falei com a Viola, há cerca de um mês ou dois, parecia bastante animada com o regresso. Pelo que compreendi, foram bem recebidas pelos vizinhos.

O falecido conde e a sua família tinham preferido Hinsford, no Hampshire, a Brambledean, como casa de campo. Mas no ano anterior, Anna herdara-a e a prima Viola refugiara-se, com Camille e Abigail, em Bath, onde as filhas tinham ficado com a avó materna enquanto ela foi viver com o irmão para o presbitério do Dorsetshire. Anna persuadira-as, meses depois, a regressarem a casa. Oferecera-se para lhes dar a propriedade, tal como se oferecera para dar Westcott House a Alexander e, ao que tudo indicava, face à recusa da sua oferta, informara uns e outros de que legaria Hinsford a Harry e seus descendentes, e Westcott House a Alexander e a sua progénie. Camille ficara em Bath, claro, para se casar com Cunningham.

– Sim, continuam lá, sem dúvida alguma, Mildred – indicou a condessa viúva.

– Recebi uma carta ainda a semana passada. A Viola não parecia descontente.

– Não é a Viola a minha principal preocupação – voltou a prima Louise. – É a Abigail. Está com dezanove anos. É de nos perguntarmos quantos cavalheiros adequados encontrará no campo.

– Bom... Existe o problema do berço dela, Louise – assinalou a prima Matilda.

– É lamentável, mas a sua filiação ilegítima é uma daquelas realidades que não podem ser ignoradas. É improvável que conheça um cavalheiro adequado, esteja ela onde estiver. Talvez lhe seja igualmente agradável ficar com a mãe, tal como eu fiquei.

– Tentei persuadi-la a vir – declarou Anna, parecendo pesarosa. – Afinal, é minha meia-irmã e eu faria tudo o que pudesse para garantir que seria bem recebida pelas pessoas que realmente importam. Refiro-me a pessoas *generosas*. E *sensatas*. A Abigail não fez nada para merecer qualquer ostracismo. O Avery faria tudo o que estivesse ao seu alcance, o que é considerável. Tenho a certeza de que todos o faríamos, tal como fizemos em Bath, no verão passado, quando fomos celebrar o aniversário da avó. Talvez devêssemos *todos* tentar persuadi-la a vir.

– Podíamos convidá-la para ficar connosco – avançou a mãe de Alexander. –

Afinal, Westcott House foi sempre a sua casa quando estava na cidade. Seria um ambiente familiar. Talvez a Viola viesse com ela. Ela e eu sempre nos demos muito bem.

– Detestaríamos expor qualquer uma delas a possíveis indelicadezas, Althea – rebateu a prima Mildred. – E todos sabemos que a alta-rodas está pejada de puristas e sabemos a influência que têm. É claro que todos uniríamos forças para as proteger, porque são da nossa família e gostamos delas, mas...

– Detesto a alta sociedade – exclamou Jessica, com brusquidão, do alto da namoradeira onde se sentara, perto de Netherby. Tinha os joelhos dobrados e os braços apertados à volta destes. – Detesto as pessoas e detesto este lugar. Detesto Londres e a parvoíce que é a temporada. Quero ir para casa, mas ninguém me leva.

– Jessica. – A voz da prima Louise foi simultaneamente severa e preocupada. – Não é necessário tanto alarido.

– É necessário, sim. Odeio isto tudo! – declarou Jessica encostando a testa aos joelhos.

– Se o ódio resolvesse as injustiças e as mágoas do mundo, Jess – disse Netherby com um suspiro lânguido –, já todas estavam resolvidas há muito tempo. Infelizmente, só parece agravar os problemas. A tua mãe reuniu a família, para vermos se é possível encontrarmos uma solução exequível.

– Bem – reagiu a jovem, erguendo a cabeça e olhando por cima do ombro, para o irmão, com hostilidade –, Avery, há alguma solução? O mundo, na sua autoproclamada sabedoria, escolheu chamar bastarda à Abby... E, não, mãe, não vou evitar a palavra só porque é indelicada. É assim que lhe chamam, só porque o tio Humphrey foi mau e egoísta, e ainda bem que nunca gostei dele e sempre tive pena da tia Viola. Fico contente por ela nunca ter sido verdadeiramente casada com ele. Embora isto signifique que a Abby, o Harry e a Camille são filhos bastardos. Não me digas que não tem sentido odiar. Julgas que eu não sei?

Netherby olhou para Anna, que se debruçou sobre ele e lhe tirou a bebé dos braços, deixando atrás de si, na lapela do casaco, um rasto de considerável humidade. O duque levantou-se, afastou as pernas de Jessica e sentou-se ao lado dela, pousando-lhe um braço sobre os ombros.

– Estão a ver, é este o problema – interveio a prima Louise, indicando a filha. – A Abigail devia ter feito a sua apresentação à sociedade no ano passado, mas fomos obrigados a adiá-la quando o Humphrey faleceu. A Jessica ficou contentíssima com a perspectiva de fazerem a sua apresentação juntas. Mas não estava destinado a acontecer. E agora a Jessica não é capaz de se alegrar com a sua própria apresentação à sociedade. Andava cada vez mais infeliz, nestas últimas semanas, e nos últimos dias anda assim. Exige ir para casa, para Morland

Abbey.

– É jovem, Louise – replicou a condessa viúva. – Os jovens acreditam que podem fazer do mundo um lugar melhor pelo simples facto de o desejarem ou de esperarem que seja feita sempre justiça. É triste constatarmos, à medida que envelhecemos, que tal nunca poderá acontecer. Talvez devas fazer a vontade dela e levá-la para casa. Convida a Viola e a Abigail para te visitarem e deixa as raparigas aproveitarem a companhia umas das outras, onde o mundo da alta sociedade não seja uma ameaça constante para elas. São ambas muito jovens.

– Tenho de concordar com a nossa mãe – interveio a prima Mildred. – Haverá tempo de sobra para a Jessica procurar um marido, Louise. Só tem dezoito anos. Além disso, é muito bonita. E, mesmo que não fosse, é filha e irmã de um duque de Netherby. Não faltarão pretendentes quando ela estiver preparada para eles.

– *Nunca* vou estar preparada – declarou Jessica, contra o pescoço de Netherby.
– Não sem a Abby.

– Talvez seja necessário pensarmos em algum tipo de solução para a Abigail – acrescentou Alexander. – Poderá ser demasiado fácil partirmos do princípio de que deve estar satisfeita, agora que regressou à antiga casa e tem a companhia da mãe. A Jessica é a única de nós com honestidade suficiente para olhar de frente para um problema que devemos ajudar a resolver em conjunto, enquanto família. Talvez elas acedam a ficar uma temporada em Westcott House e talvez possamos encontrar alguns eventos sociais nos quais sejam bem-vindas e possam sentir-se à vontade. A filiação ilegítima não pertence, seguramente, à mesma categoria que o sarampo ou a peste. Coletivamente, exercemos uma dose considerável de influência. Deverá ser a mãe a escrever? E a Elizabeth também? Deverei ser eu?

Jessica fitava-o sem dizer nada.

– Provavelmente não vêm – observou a prima Matilda. – Escusas de fazer esse esforço, Althea.

– Consigo ser muito persuasiva, Matilda – replicou a mãe de Alexander, com brilho no olhar.

– Entretanto – acrescentou Elizabeth –, porque não vens connosco para Westcott House, apanhar ar e fazer algum exercício, Jessica? Temos uma hóspede, uma vizinha do Alex, de Brambledean. É uma senhora bastante sozinha, que perdeu o tio e a tia, os únicos familiares que tinha, no espaço de dias, há pouco mais de um ano. O Alex também virá, digo eu, apresentar-lhe os seus cumprimentos, embora fique com o Sidney Radley enquanto ela estiver de visita. Ele acompanha-te a casa, depois.

A prima Louise olhava para Elizabeth com óbvia gratidão.

– É nova? – perguntou a jovem. – Ou é velha? Não que importe. Eu vou, seja como for.

– É mais ou menos da idade do Alex – respondeu Elizabeth. – É horrivelmente velha, Jessica? Suplico-te que não digas que sim, pois eu sou mais velha do que o Alex.

– Não é *horrivelmente* velha – concedeu Jessica.

– Só velha – murmurou Alexander.

Cinco minutos depois, dirigiam-se todos para South Audley Street, Alexander com a mãe pelo braço, Elizabeth e Jessica à frente dos dois.

– Pobre Jessica – murmurou a mãe. – E pobre Abigail. Tenho tentado não pensar nela. Espero sinceramente conseguir persuadir a Viola a trazê-la até cá.

Alexander pensava com os seus botões como o receberia Miss Heyden. E como reagiria a ser apresentada a mais um membro da sua família?

Wren desfrutava do seu tempo a sós. Estava sentada no seu quarto, com um livro aberto sobre o regaço. Era um compartimento espaçoso, cheio de luz, o sítio perfeito para relaxar. Não estava realmente a ler. Pensava na maravilha que era a Catedral de St. Paul e a ainda maior maravilha de a ter visitado na companhia de uma *amiga*. E pensou no embaraçosamente longo ataque de choro daquela manhã, a primeira e única vez que chorara a morte da tia Megan e do tio Reggie. Contudo, não pensava realmente nas lágrimas que vertera mas sim na forma como Mrs. Westcott se transformara numa figura materna quase tão cheia de ternura como a sua tia Megan.

Recusava-se a sentir-se culpada tanto por ali estar como por obrigar o conde de Riverdale a sair. Ele pedira-lhe que viesse e Lady Overfield também o fizera. Ele encontrara-a no dia anterior, no parque, onde lhe repetira o convite. Era tão simples quanto isso. Ficaria, talvez uma semana, até ver os itens da sua lista, e depois partiria. E escreveria a ambas as senhoras depois. Os amigos eram demasiado preciosos para serem desperdiçados.

Os seus pensamentos foram interrompidos por uma ligeira batida na porta. Lady Overfield abriu-a, quando ela autorizou a entrada.

– Ah... – disse. – Receei que estivesse a fazer uma sesta. Não tivemos o cuidado de lhe dizer, creio, para se sentir à vontade para usar a sala de visitas, a biblioteca ou qualquer outra divisão, em qualquer altura. Não deve sentir-se obrigada a ficar aqui quando saímos. Embora tão-pouco seja obrigada a sair daqui se não o desejar.

Ela sorriu, com um brilhozinho no olhar.

– É tarde para o chá, mas vamos tomá-lo na mesma. O Alex voltou de Archer House connosco e trouxemos também a jovem Jessica, uma das nossas primas. Tem dezoito anos e teve um caso sério de melancolia. Fez a sua apresentação à

sociedade este ano, com grande sucesso, devo acrescentar. Provavelmente poderia estar casada trinta vezes no verão se tivesse escolhido fazê-lo e tal fosse permitido. Contudo, está desesperadamente infeliz, como só os jovens conseguem ficar neste género de circunstâncias, pois a prima e amiga querida não pôde estar aqui com ela. Trata-se da Abigail, cuja ilegitimidade foi descoberta no ano passado. A Jessica quer ir para casa e enfiar-se no campo, e deixou a família inteira num estado de consternação, pois lembrou ao resto de nós que há algo que não está nada bem com uma parte da família e que devíamos decididamente fazer algo a respeito disso, se é que é possível fazer alguma coisa. Mas estou a divagar. Convidámos a Jessica a passar cerca de uma hora connosco. Dissemos-lhe que tínhamos uma visita, e espero que possa descer. Mas não deve sentir-se obrigada a fazê-lo.

Era tão fácil, por vezes, julgarmos que somos as únicas pessoas do mundo a confrontarmo-nos com problemas, pensou Wren, especialmente quando nos isolamos completamente. Mas ali estava a clara evidência de que, na realidade, todas as pessoas os tinham, até as jovens de dezoito anos, bonitas e bem relacionadas, com o mundo a seus pés.

– Lady Overfield – disse –, creio que é muito matreira.

Lady Overfield pareceu ficar espantada por um momento, mas sorriu novamente.

– Se conhecer uma pessoa de cada vez – declarou –, acabará por conhecer o mundo inteiro. Mas falava a sério quando disse que não tinha de descer. Ninguém pensará mal de si.

Wren levantou-se. Sim, teria de ir. Era convidada daquela casa.

– Sabe, nunca me entreguei ao convívio social – explicou ela, ao mesmo tempo que alisava o vestido e tocava no cabelo para verificar se tudo estava no seu lugar. – Sempre que a minha tia e o meu tio recebiam em casa, eu ficava no meu quarto, embora eles não se cansassem de me convidar e, uma vez ou outra, tentassem ser mais persuasivos. – Voltando-se para a sua anfitriã, sorriu e disse: – Sigo-a.

Mas Lady Overfield não abriu imediatamente a porta.

– Adorava que me chamasse Elizabeth – disse –, ou, melhor ainda, Lizzie.

– Lizzie – repetiu Wren. – Eu sou a Wren.

– Wren?

– Como o pássaro – explicou ela. – O meu tio chamou-me assim quando me viu pela primeira vez, e o nome ficou. Antes disso era Rowena, mas nunca mais voltei a sê-lo.

– Wren – repetiu Lizzie. – É bonito – declarou, voltando-se para conduzi-la à sala de visitas.

A primeira pessoa que Wren viu foi o conde de Riverdale. Estava de pé, não muito longe da porta, moreno e atraente num casaco verde-escuro de tecido extrafino, calças escuras, botas altas reluzentes e camisa muito branca. O seu olhar encontrou o dela com um brilho sorridente; tinha-o em comum com a irmã. Wren estendeu a mão, que ele recebeu num aperto caloroso. Pareceu-lhe, de alguma forma, ser o seu coração que ele apertava. Esquecera-se de quão... viril ele era.

– Lord Riverdale – principiou. – Devo agradecer-lhe por me ter convidado para vir até aqui e por se alojar noutro lado, para eu não me sentir demasiado constrangida em ficar. Foi muito atencioso da sua parte.

– Assim que falou num hotel para senhoras de bem, soube que era a missão da minha vida salvá-la de um sítio assim – devolveu ele. – Veio-me logo à mente a imagem de colchões de tijolo e de grades nas janelas, e uma proprietária colossal com um molho de chaves a chocalhar na cintura.

– Oh... Não era assim tão mau – tranquilizou Wren. – Não me lembro de ouvir as chaves a *chocalhar*.

Ele riu-se e ela retirou a mão da dele, sentindo-a ferver. Esquecera-se do riso dele.

Não esquecera o seu beijo.

– Permita-me que lhe apresente a minha prima – prosseguiu ele –, ou *segunda* prima, para ser mais exato. Lady Jessica Archer é filha do falecido conde de Netherby e meia-irmã do atual. Miss Heyden, Jessica.

A jovem era bonita, loura, com a figura esguia e graciosa própria da juventude, embora a sua beleza se encontrasse um tanto maculada pela expressão levemente carrancuda do rosto e por uma boca petulante.

Wren sorriu.

– Muito prazer em conhecê-la, Lady Jessica – declarou.

– Que alta que é! – disse a rapariga. – Fico muito invejosa. Deve ser mais alta do que a maioria dos homens, mas imagino que, às vezes, seja maravilhoso. Há alguns homens que eu gostaria muito de olhar de cima. – E, surpreendentemente, atendendo a que fizera o cumprimento com uma expressão carrancuda, num instante o seu rosto abriu-se num sorriso encantador e ela riu-se com uma alegria pueril. – Não ficas invejosa também, Elizabeth? Claro que o Alexander não tem de recear olhares sobranceiros por parte de nenhuma mulher.

– Ser alta ajudaria sem dúvida a parecer distinta e elegante – replicou Lizzie. – Contudo, dificultaria a tarefa de se esconder, no meio de uma multidão, algo que pode revelar-se bastante útil em certas ocasiões.

Pronto, pensou Wren ao mesmo tempo que se sentava de um dos lados da lareira. Conquistava-se o mundo pessoa a pessoa. A rapariga não fugira a gritar

da casa assim que a vira.

Lady Jessica sentou-se perto dela enquanto Lizzie e a mãe se sentaram num aconchegante sofá, um pouco mais afastadas. O conde permaneceu em pé, junto às duas, pronto para distribuir as chávenas de chá que a mãe servia. Levou-lhes o chá, voltando, então, para junto do sofá, onde se dedicou a conversar, a meia voz, com as duas senhoras. Wren teve a sensação de que a disposição era deliberada, que os outros procuravam dar à sua familiar mais jovem a oportunidade de se recompor com uma pessoa nova, alguém de fora da família. E talvez procurassem dar-lhe a si a oportunidade de conhecer alguém sem o resguardo do véu. Tal como manifestara antes de descerem, Lady Overfield, isto é, Lizzie, era muito matreira. Eram os três. Sentiu-se invadir por uma inesperada onda de afeto.

– Perdeu a sua tia e o seu tio no ano passado, ouvi dizer – comentou Jessica. – Vivia com eles?

– Vivia – devolveu Wren. – Gostava imenso deles.

– E não há mais ninguém? – prosseguiu Lady Jessica.

– Não – replicou Wren, sem hesitação. – Só eu.

– Às vezes – retomou a rapariga –, penso que deve ser ótimo estar sozinho, não ter familiares. Não é que os meus não gostem de mim, Miss Heyden, e não é que eu não goste deles. Na verdade, é aqui que está o problema. Adoro o meu meio-irmão. No entanto, ele casou-se com alguém que eu detesto, embora também goste dela. É a única filha legítima do meu tio Humphrey, mas ninguém sabia, até ao ano passado. Nem ela sabia. Sabe o que é que aconteceu?

– Já me explicaram uma parte – devolveu Wren, mas a sua jovem companheira continuou com o discurso.

– Os outros três filhos do meu tio, os meus primos, foram deserdados – declarou a rapariga. – Chegaram ao ponto de perder a legitimidade do nascimento. Pode imaginar alguma coisa mais horrível? A Anastasia herdou tudo exceto Brambledean, que é só um fardo, de qualquer forma, e o Avery casou-se com ela. Estão os dois profundamente apaixonados e têm uma bebé adorável, e eu gosto dela e detesto-a ao mesmo tempo. Estou a falar da Anastasia. Quem me dera só gostar dela. Eu tento. Não faz sentido nenhum, pois não?

– Para mim faz todo o sentido – disse-lhe Wren, com verdade. – Era próxima dos seus outros primos?

– Adoro-os! – garantiu prontamente Lady Jessica. – Bem, a Camille foi sempre um bocado empertigada e pouco divertida, embora não deixasse de gostar dela. O Harry... que chegou a ser conde de Riverdale, por pouco tempo, depois da morte do meu tio, como talvez saiba, ou não... é lindo de morrer; mas é só meu primo e nunca foi meu namorado, nem nada do género. E a Abby foi

sempre a minha melhor amiga à face da Terra. É um ano mais velha do que eu e ficou desiludida, no ano passado, por não poder ser apresentada à sociedade, devido à morte do meu tio. Eu fiquei um pouco contente, mas é segredo, porque assim podíamos fazer a nossa apresentação juntas, este ano. Era o melhor plano *do mundo*. Mas agora ela não pode participar em nenhuma temporada nem casar-se com alguém respeitável, e o meu coração morreu dentro de mim. Às vezes desejo que me tivesse acontecido a mim, em vez dela. De certa forma, seria mais fácil de suportar. De modo que, está a ver, se não tivesse família, não seria infeliz. Não haveria nada que me causasse infelicidade. Estou a dizer disparates?

Wren deu-lhe umas palmadinhas na mão. Ao mesmo tempo, cruzou o olhar com o conde de Riverdale e pareceu-lhe ver inquietação nele... ansiedade, até, talvez. Mas a inquietação seria por si ou pela prima? Ele olhava diretamente para si, porém, até voltar a cabeça, para dar resposta a algo que Lizzie dissera.

– Talvez tenha ouvido falar no velho ditado, sobre a galinha da vizinha ser sempre melhor do que a nossa – disse Wren.

– Provavelmente não é melhor sem família, é isso? – devolveu a rapariga. – Lamento. Deve estar com vontade de me esmurrar pela minha ingratidão, insensibilidade e montes de outras coisas. Porque não se casou?

– Estava perfeitamente feliz com a minha vida até há pouco mais de um ano – declarou Wren, a quem a mudança brusquíssima de assunto não deteve. – Mesmo agora, continuo contente. Estou sempre ocupada. Sou uma mulher de negócios. Detenho uma fábrica vidreira, grande e próspera, no Staffordshire e tenho enorme orgulho nos nossos produtos, que são concebidos para serem objetos de arte, mais do que para terem uma função prática. Antes da morte do meu tio, já estava envolvida nos negócios, mas agora dou ainda mais de mim. Não quero que ninguém fique com a ideia de que sou uma mulher indefesa e dependo dos homens a meu soldo para tomar as decisões todas e fazer todo o trabalho.

Os olhos de Lady Jessica brilhavam. Todos os sinais de petulância tinham desaparecido.

– Que coisa fantástica! – exclamou. – Agora invejo-a ainda mais. É muito alta e é uma mulher de negócios. Nunca ouvi falar de nada assim. – Soltou mais uma gargalhada, o mesmo som jovial e feliz. Estava de costas para os seus familiares, que olharam todos na direção delas e sorriram. – É uma nódoa negra? Ou está sempre aí?

Foi a primeira vez que aludiu à mancha, não mais do que uma ligeira observação.

– Tenho-a desde que nasci – respondeu Wren.

– É uma pena – replicou Lady Jessica, observando detida e abertamente a face

esquerda do rosto de Wren. – Suponho que a amaldiçoe todos os dias da sua vida. Eu sei que o faria. É uma sorte que o resto do seu rosto, e mesmo esta face, se ignorarmos a cor, seja tão bonito. Oh, Céus... A mamã fulminava-me se estivesse aqui, e com razão. Devia ter fingido que não reparei, não devia? Peço imensa desculpa.

Mas Wren deu por si a sorrir inesperadamente.

– Uso um véu quase sempre que saio para algum lado onde possa ser vista por desconhecidos – explicou. – Até mesmo dentro de casa.

– Então as pessoas devem mesmo olhar para si – disse a rapariga. – Devem vê-la como uma mulher cheia de mistério. Extraordinário! Especialmente sendo tão alta – concluiu, rindo com alegria pueril.

– Algumas lojas de Londres vendem os meus produtos – informou Wren, falando um pouco mais alto e erguendo os olhos para incluir os restantes ocupantes da sala. – Amanhã de manhã, a Lizzie... Lady Overfield... e eu vamos procurar ver alguns deles, para apreciar como estão expostos. Gostaria de nos acompanhar? Se a sua mãe permitir, claro.

– Oh! Nada me agradaria mais. – A jovem pousou as mãos com força sobre o regaço e voltou a cabeça para olhar para o outro lado da sala, para os seus familiares. – Importas-te que vá, Elisabeth? E, prima Althea, *por favor*, será que posso ficar aqui hoje à noite para estar pronta de manhãzinha e a prima Elisabeth e Miss Heyden não terem o trabalho de esperar interminavelmente por mim em Archer House? Hoje à noite vai haver um serão horroroso, ao qual não faço qualquer intenção de comparecer. E já informei a minha mãe disso mesmo. Posso ficar, por favor?

– Temos de perguntar à tua mãe – replicou Mrs. Westcott. – Escreverei um bilhete e o Alex passará em Archer House a deixá-lo, quando regressar a casa do Sidney. Se a resposta for não, terá de voltar para nos informar e acompanhar-te a casa.

Posto isto, levantou-se e dirigiu-se à escrivaninha, que estava no outro extremo da sala, sentando-se para escrever o seu bilhete. Lady Jessica seguiu-a em passo saltitante, na expectativa de contribuir para a sua redação. O conde de Riverdale aproximou-se e ocupou o cadeirão que ficara vazio ao lado de Wren.

– Fez a felicidade da minha mãe e da minha irmã ao vir e dispor-se a ficar – disse –, e todos agradecemos a sua disponibilidade para ouvir as angústias da Jessica e ajudá-la a libertar-se um pouco delas. Parece ter sido muito bem-sucedida.

– Lady Jessica é muito jovem – devolveu ela – e é evidente que está muito magoada com o que sucedeu com a prima. Deve ser bastante pior, por vezes, ver sofrer aqueles que amamos do que sermos nós próprios a sofrer. A sensação de

impotência deve ser maior.

– Amanhã de manhã, a Lizzie e provavelmente também a Jessica, irão ocupá-la – prosseguiu ele. – Eu estarei na Câmara dos Lordes. Gostaria de dar um passeio no parque comigo, à tarde, se o tempo o permitir? Há percursos que são menos concorridos e, em diversos aspetos, mais pitorescos, do que o do Serpentine.

Tratar-se-ia novamente de simples gentileza? Ou... algo mais? Ela perscrutou os olhos dele, mas não encontrou qualquer resposta. Devia recusar educadamente. O que poderia ter existido entre eles terminara no domingo de Páscoa. Não queria revivê-lo pois, por qualquer razão, fora demasiado doloroso. E seguramente que ele também não. Ela sabia que ele não lhe ganhara particular afeto durante aquelas semanas de convivência e sabia igualmente bem que a sua riqueza, por si só, não constituía incentivo para ele.

Então, o que a fizera deslocar-se até ali, exatamente?

Por que razão, exatamente, a convidara ele quando a vira, no dia anterior, tendo, inclusive, pedido à mãe para persuadi-la a ficar?

– Gostaria – disse. – Obrigada.

CAPÍTULO 10



Alexander passou um serão de cavalheiros profundamente agradável na companhia do seu primo Sidney. Jantaram no White's e visitaram outro clube, onde tomaram algumas bebidas com amigos e ele ganhou trezentas libras num jogo de cartas, tendo passado, em seguida, a uma festa particular, onde perdeu duzentas e cinquenta. Quando regressaram a casa de Sidney, já a meia-noite passara há demasiado tempo, tinham partilhado uma boa dose de recordações e gargalhadas, para não falar em bebidas. Mas os tempos tinham mudado, concordavam ambos, e noites como aquela, embora agradáveis, tinham deixado de ser o ansiado ritual que eram há dez anos.

A mãe e a irmã aguardavam a chegada da prima Louise e de Jessica quando entrou em Westcott House, no dia seguinte, ao início da tarde. Estavam todas de saída para participar numa receção ao ar livre. A mãe escrevera à prima Viola e a Abigail, convidando-as para virem passar uma ou duas semanas em Londres na sua companhia.

– Não tenho a certeza se virão – observou a mãe. – Não há nenhuma reunião familiar em concreto com a qual possamos aliciá-las, como no ano passado, quando nos deslocámos todos a Bath para celebrar o septuagésimo aniversário da prima Eugenia. Os setenta e um anos não teriam a mesma força persuasiva, pois não?

– Provavelmente não – anuiu ele. – Como é que Miss Heyden encara a vinda delas?

– Insiste que não ficará mais do que uma semana – devolveu a mãe –, e é muito improvável que elas cheguem tão cedo. Na verdade, Alex, quanto mais penso no assunto, mais me inquieta a vinda delas. Afinal, estamos a viver naquela que era a sua casa e tu tens o título que pertenceu ao Harry por muito pouco tempo.

– As peças da vidraria da Wren são absolutamente admiráveis, Alex – anunciou Elizabeth, do sítio onde se encontrava, junto à janela. – Juro que tanto a Jessica como eu ficámos de boca aberta quando vimos a montra da primeira loja, esta manhã. Cada uma delas é uma obra de arte. Vou tentar persuadi-la a convidar-me a visitar o Staffordshire, assim que previr lá voltar. Quero observar

todo o processo.

– Sendo assim, vão tornar-se amigas – observou ele.

– Já somos amigas – declarou ela. – Chegou a carruagem da prima Louise, mãe.

Alexander desceu novamente com elas para ajudá-las a subir para o veículo e trocar cumprimentos com a duquesa viúva e Jessica.

Miss Heyden descia quando ele voltou a entrar. Estava elegante, com um vestido de passeio azul-claro de cintura subida. O chapéu de palha estava adornado com um véu da mesma cor, que ainda não lhe cobria o rosto.

– Estamos perto do parque – informou ele depois de executar uma vénia e lhe dar as boas-tardes. – Espero que não se importe de irmos a pé e não de carruagem, pois assim não ficaremos tão limitados aos sítios mais públicos.

– Mas foi para um passeio a pé que me convidou – devolveu ela, levando a mão ao véu, ao mesmo tempo que o mordomo abria a porta.

– Não o ponha – pediu. – Não é provável que deparemos com muita gente e, de qualquer modo, é bastante dispensável.

As mãos de Wren permaneceram no ar durante um instante. Depois suspirou e recolheu-as.

– Muito bem – disse. – E saíram ambos para a rua. Ela deu-lhe o braço e ele teve oportunidade de recordar, enquanto desciam a rua, como era confortável caminhar lado a lado com uma mulher que lhe era tão próxima em termos de altura e cuja passada acompanhava o seu próprio passo. – Lamento tê-lo privado de uma receção ao ar livre num dia tão bonito como este.

– Não planeava ir – replicou ele. – E, de qualquer forma, preferiria esta alternativa.

– É muito galante – declarou ela, franzindo a testa quando um cavalheiro passou por eles em passo apressado, dirigindo um curto aceno de cabeça a Alexander e levando os dedos ao chapéu para cumprimentar Miss Heyden.

– A Lizzie disse-me que conseguiram ver algumas das suas peças – comentou ele.

– É verdade. – A voz dela ganhou de imediato outra suavidade. – Em duas lojas, em Bond Street e Oxford Street. Foi muito empolgante, na verdade. Conheço bem os modelos, claro, estou sempre a ver os produtos finais nas oficinas e na loja que montámos para os visitantes. Mas, por qualquer razão, é bastante diferente e tem muito mais impacto vê-las entre outras peças da concorrência. Não se deixavam, de todo, ofuscar. Até tive o prazer de ver um cavalheiro a comprar um dos nossos vasos para oferecer à mulher.

– Espero que se tenha dado a conhecer – observou ele.

– Não dei – replicou ela, com ligeiro estremecimento. – Mas Lady Jessica deu.

Foi terrivelmente embaraçoso. – De repente, começou a rir-se. – E, devo admitir, verdadeiramente gratificante, também. O senhor fez questão de me cumprimentar, assim como o empregado, que me garantiu que as nossas peças nunca permanecem muito tempo nas prateleiras da loja.

– Não ficou aborrecida com a Jessica, então? – indagou ele, quando atravessavam a rua para entrarem no parque.

– Oh, não, de todo – declarou ela. – Apesar do meu total embaraço. Ela estava tão feliz por poder anunciá-lo, como se, de alguma forma, eu lhe pertencesse e ela pudesse regozijar-se com a minha vitória.

No dia anterior surpreendera-o a facilidade com que Jessica se entendera com ela e a reciprocidade com que Wren a acolhera. Parecia-lhe verdadeiramente trágico que a jovem tivesse passado tão grande parte da sua vida tão só e perguntava-se se os tios não teriam alguma responsabilidade, pois talvez tivessem exagerado na proteção que lhe dedicaram em lugar de procurar que ela deixasse o ninho quando se fizera adulta. Mas não devia julgar. Conhecia tão poucos factos. Ouvira, com grande satisfação, da boca de Jessica, que todos deviam vê-la como uma mulher cheia de mistério, sempre que surgia em público, com o rosto tapado por um véu. Mas ela era uma mulher misteriosa, mesmo sem o véu, pois usava camada sobre camada de véus interiores. Alexander tivera apenas breves, raros vislumbres da essência de Wren, e aquele era um deles. Os olhos dela cintilavam, tinha a face direita corada, e toda ela era juventude, simpatia e entusiasmo.

Não durou, evidentemente. Passaram por algumas pessoas, já depois de cruzarem os portões do parque, e de todas as vezes ela levava a mão esquerda ao chapéu, como se uma rajada de vento ameaçasse fazê-lo voar. Contudo, não baixou o véu e, sempre que não estava ninguém por perto, retirava a mão. Ele conduziu-os para um vasto relvado e, a seguir, na direção de uma fileira de árvores, na sua periferia. Um caminho serpenteava entre as árvores, acompanhando o limite do parque. A sombra tornava-o o sítio perfeito para passear. Habitualmente não era muito frequentado, pois a maioria dos visitantes preferia as áreas mais expostas do parque, onde poderiam encontrar amigos e conhecidos e dispor de um sem-fim de atividade humana para observar.

Falaram sobre a longa viagem que ela fizera a partir do Staffordshire, sobre o Serpentine, a Catedral de St. Paul e Bond Street, sobre a Biblioteca de Hookham, que ela visitara igualmente naquela manhã para requisitar alguns livros sob o nome de Elizabeth. Falaram sobre a Câmara dos Lordes e sobre alguns dos temas que estavam atualmente em debate, sobre as guerras e sobre o tempo. Passaram apenas por outro casal, que estava tão concentrado naquilo que parecia ser uma disputa, que manteve a cabeça baixa e os olhos no chão, enquanto

apressava o passo num silêncio tenso, para retomar a discussão ainda antes de a distância lhe garantir privacidade.

– Porque veio? – perguntou, finalmente, Alexander. Talvez não fosse uma pergunta justa, mas acabava de formulá-la.

Seguiu-se um momento de silêncio consideravelmente longo, durante o qual ele reconheceu vozes agudas e distantes de crianças em alegres brincadeiras e os chilreios e trinados dos pássaros.

– Quando o senhor e, depois, Lady Overfield, isto é, a Lizzie, me convidaram a vir – principiou ela –, pareceu-me simplesmente um convite impossível de aceitar. Mas, depois de estar no Staffordshire, recordei-o mais como um desafio perante o qual eu recuara, e perguntei a mim própria se se trataria realmente de uma questão de coragem. Sempre quis vir a Londres, visitar as famosas atrações. Gosto de pensar em mim própria como uma mulher forte e independente, e, de certa forma, sou-o e orgulho-me disso. Mas às vezes tenho presente a cobarde que se esconde dentro de mim. O meu véu é uma das suas facetas, admito-o. A minha tendência para viver uma vida de eremita é outra, embora goste genuinamente de estar só e nunca pudesse tornar-me uma pessoa verdadeiramente gregária. Vim, Lord Riverdale, para provar que conseguia fazê-lo. Não em resposta ao seu convite, nem ao da sua irmã. Teria sido desadequado, pois recusara um e outro. Tencionava, porém, visitar South Audley Street, para apresentar os meus cumprimentos. Ah... E para provar que não era demasiado covarde para o fazer.

– É preciso coragem para visitar os amigos? – perguntou ele.

– Não sei – replicou ela. – É preciso? Nunca tive amigos. É um amigo, Lord Riverdale? Para mim era e é o cavalheiro a quem um dia ofereci a minha fortuna em troca de casamento. Compreendi que o plano não daria bom resultado para nenhum de nós. Portanto, dificilmente podemos dizer-nos amigos, embora espere que não sejamos inimigos. Estamos algures entre um e outro. Conhecidos que se estimam, talvez. A sua irmã teve a gentileza de se designar minha amiga no dia em que me visitou, mas era uma amizade destinada a desenvolver-se sobretudo à distância, por carta. Sim, teria sido necessária coragem para visitar Westcott House, e não me parecia a coisa mais indicada para fazer de imediato. O senhor veio a Londres procurar uma noiva. Não fazia sentido eu interferir na sua busca e continua a não fazer. Mas encontrei-o aqui, por puro acaso, posso garantir-lhe, e senti-me obrigada a manter a minha promessa de visitar Mrs. Westcott. Depois, como sabe, acabei por ser persuadida a ficar. Espero que não julgue que este desfecho foi da minha responsabilidade.

– Sei que não – devolveu ele. – Fui eu quem o sugeriu à minha mãe e conheço bem o seu poder de persuasão.

– Espero que não tenha sido fonte de embaraço com a jovem que acompanhava junto ao Serpentine – observou ela. – É muito bonita. Embora, com certeza, não tenha visto em mim uma adversária.

– A mãe daquela bonita jovem tem planos traçados para mim – observou ele –, assim como o seu pai. Contudo, dedicarão a sua atividade casamenteira a outra pessoa, assim que compreenderem que não cobiço a mão da sua filha.

– Ah! – devolveu ela, detendo-se e retirando o braço do dele, para então se afastar um pouco em direção à berma e espreitar por uma abertura entre as árvores para o relvado ondulante que se estendia à sua frente e a alameda por onde, mais abaixo, circulavam as carruagens. – Tem mais alguém em mente, então.

– Sim – declarou ele.

Ela fitou o horizonte, alta, elegante, contida e novamente inalcançável.

– Espero, no interesse da sua mãe – disse –, e no seu também, que seja alguém que possa fazer mais do que simplesmente corrigir as suas finanças, Lord Riverdale. Espero que sinta algo por ela e ela por si.

– Respeito? – disse ele. – Apreço? A esperança do verdadeiro afeto? Estas três coisas são-me mais caras do que qualquer fortuna. Provavelmente seria capaz de levar as coisas a bom porto, em Brambledean, pese embora as dificuldades, apenas com os meus recursos e o trabalho árduo e as ideias inovadoras do meu administrador. As quintas demorariam alguns anos a alcançar a prosperidade e a casa teria de continuar desprovida dos cuidados que não representassem absolutas necessidades, mas eu poderia garantir a subsistência dos meus trabalhadores e das suas famílias. E talvez eles me perdoassem a ausência de prosperidade se vissem que eu estava com eles, a viver e a trabalhar ao lado deles. Não me casaria apenas por riqueza.

– Não – disse ela, sem tirar o olhar do horizonte, de queixo erguido, as mãos firmes na cintura. – Sempre o disse. É algo que respeito em si.

Ele contemplava, não a paisagem, mas sim Wren, o seu perfil determinado, orgulhoso, imperscrutável, belo. Mas cativante? Atraente? Uma mulher cheia de mistério. Jessica escolhera as palavras mais acertadas para descrevê-la, pensou. Desconhecida e, quem sabe, impossível de conhecer. Incomodara-o em Brambledean e deixava-o desconfortável naquele momento. Mas... vislumbrara algo exasperantemente fugaz por detrás do véu... Não... Não conseguia encontrar a palavra. Mas era algo que o convidara a continuar a procurar.

Ela voltou-se finalmente para ele.

– Desejo-lhe sucesso na sua busca – declarou. – Prosseguimos? Estou grata por me ter trazido aqui. Prefiro este lugar à zona mais concorrida perto da água. Há algo de tranquilizante num passeio por entre as árvores.

E havia algo de inquietante nos olhos dela. Tristeza? Anseio?

– Miss Heyden – disse –, aceita casar-se comigo?

O olhar dela ficou suspenso no dele.

– Oh... – replicou. Mas se tencionava dizer algo mais, foi impedida de fazê-lo pela inoportuna chegada de algumas pessoas. Três, na verdade, um homem e duas senhoras, que tentavam caminhar lado a lado num trilho que era estreito para dois. De imediato, Miss Heyden voltou-se, para observar o parque.

– Riverdale – saudou o homem, em tom afável.

– Matthews – devolveu Alexander, com um cordial aceno de cabeça. – Está um dia fantástico para um passeio, não é verdade? – Sorriu para as senhoras. Por sorte não conhecia nenhum deles suficientemente bem para se sentir obrigado a manter uma conversa. E eles prosseguiram o seu caminho depois de concordarem que, de facto, estava um belo dia.

Alexander ofereceu novamente o braço a Miss Heyden e seguiu um pouco mais para longe do caminho que deambulava por entre as árvores.

– Não negarei que a sua fortuna ajudará a atender às minhas necessidades mais prementes – retomou. – Já teve a oportunidade de conhecer Brambledean. Mas *não* é apenas a sua fortuna que me leva a pedir-lhe a mão. Rogo-lhe que acredite em mim.

– O que o leva, então, a fazê-lo? – indagou ela, sem se voltar para ele. – Respeito? Apreço? A esperança do verdadeiro afeto? Não pode fingir que gosta de mim.

– Não *fingirei* coisa alguma – replicou ele. – Tento ser honesto em tudo o que faço, mas é seguramente essencial que haja honestidade com a mulher com quem espero casar. Não fingirei que a amo, Miss Heyden, se por amor entender as enormes paixões que levaram a que se produzisse alguma da nossa poesia e teatro mais memoráveis. Mas creio que gosto o suficiente de si para convidá-la a partilhar a minha vida. A minha expectativa seria que este apreço se tornasse afeto. Mas o respeito é o fator mais importante que me levou a falar-lhe hoje. Respeito-a como a mulher de negócios e pessoa que é, embora seja verdade que mal a conheço. Pressinto que valerá a pena conhecê-la melhor, porém, e espero que possa sentir o mesmo por mim. Espero que, quando olha para mim, não veja apenas um homem mercenário para quem as coisas contam mais do que as pessoas. Peço-lhe que me desculpe. Não é propriamente o tipo de discurso que uma mulher espera ouvir do homem que a pede em casamento. Não levei um joelho ao chão, nem trouxe um botão de rosa, sequer.

– Não – constatou ela.

– Não era o tipo de discurso que esperava ouvir? – perguntou ele.

– Não – repetiu ela. – Não peço rosas nem joelhos no chão nem qualquer dos

adereços do romantismo. Seriam manifestamente falsos e levar-me-iam a desconfiar de tudo o resto que disse. Sei que não se casaria comigo apenas pelo meu dinheiro. O apreço e o respeito são talvez alicerces suficientemente firmes sobre os quais assentar um casamento, e eu gosto de si e respeito-o. Obrigada. Aceitarei, à experiência, casar-me consigo.

Ela continuava a olhar para o horizonte, com os olhos semicerrados para se proteger do sol. De repente, ele sentiu-se desconfortável. Era perfeitamente aceitável as pessoas casarem-se por motivos práticos, e não românticos. Estava sempre a acontecer, e tais casamentos eram muitas vezes sólidos, até felizes. Ele resignara-se ao facto de, também ele, dever fazê-lo. Mas não acreditava que não houvesse mais... intensidade de sentimentos. Ele acabava de lhe fazer aquele que era, provavelmente, o mais tosco pedido de casamento do mundo, e ela aceitara, sem convicção e sem o olhar. Poderia censurá-la?

– À experiência? – disse.

– A sua mãe e a sua irmã devem dar a sua aprovação inequívoca – declarou ela.

– É comigo que irá casar-se, Miss Heyden – replicou ele. – Iremos morar em Brambledean Court, no Wiltshire. Elas moram em Riddings Park, no Kent. Há uma longa distância entre as duas.

– São uma família muito próxima, Lord Riverdale – argumentou ela. – Elas amam-no profundamente e desejam a sua felicidade, acima de tudo. E o conde ama-as e não deseja causar-lhes infelicidade. São aspetos que não devemos desdenhar.

– Pensa que elas não concordarão, é isso? – perguntou ele. Contava que dessem a sua bênção, ainda que pudessem fazê-lo sem verdadeira alegria. – Os seus tios seriam contra, se estivessem vivos? E recusaria casar-se comigo, se eles se opusessem?

Ela ponderou a resposta.

– Não creio que se opusessem – concedeu.

– Mesmo se soubessem que não a amo e que não me ama? – perguntou ele.

– Veriam em si um homem bom e honrado – defendeu ela. – Seria algo que desejariam para mim. E confiariam na minha decisão, mesmo podendo ter dúvidas.

– Julga que a minha mãe e a Lizzie não confiarão na minha? – continuou ele.

– A minha tia e o meu tio teriam compreendido o meu motivo, tal como a sua família compreende o seu – devolveu ela. – São motivos muito diferentes, não são? Eu quero casar-me, ter um marido e uma família e o conde é uma boa escolha, pois é um homem honrado. Posso confiar que me tratará sempre com cortesia e respeito e que nunca me abandonará nem me desonrará. Posso confiar

que será um bom pai para os meus filhos. O conde, por outro lado, deseja poder cumprir as suas obrigações como conde de Riverdale e senhor de Brambledean. Quer uma mulher que disponha de capital suficiente para o possibilitar. E, evidentemente, quer uma mulher que possa dar-lhe herdeiros. As nossas famílias veriam de perspectivas muito diferentes a possibilidade do nosso casamento.

– A Lizzie e a minha mãe gostam de si – declarou ele.

– Surpreendentemente, acredito que sim – devolveu ela. – Mas poderão ter reservas quanto a eu ser sua mulher. Eu não sou como as outras mulheres, Lord Riverdale. E não me refiro apenas ao meu sinal de nascença. Se não fosse a exposição inerente à minha atividade na vidraria, seria uma completa reclusa. Tive uma boa formação e uma boa educação, mas, no meu caso, é tudo teoria e nenhuma prática. Bastaram estes últimos dias, embora o meu convívio se tenha limitado à sua mãe, à sua irmã e à sua prima, para testemunhar e sentir a minha diferença. Aquela jovem com quem estive aqui a passear... Embora a tenha visto brevemente, foi claro para mim que, além da sua beleza física, era também uma pessoa afetuosa, encantadora, feminina e... jovial.

– Podia ter proposto casamento a Miss Littlewood em qualquer altura, nas últimas três semanas – principiou ele. – Ela teria aceitado, e não é presunção da minha parte estar convencido disso. Não o fiz nem senti o menor desejo de o fazer, embora antes de voltar a vê-la tivesse constatado, com consternação, que muito em breve teria de escolher alguém não muito diferente dela, alguém cujo pai tivesse riqueza e desejasse tomar como genro um par do reino. Mas depois vi-a a si de novo e soube, quase de imediato, que *podia* sentir-me confortável com a perspectiva de a desposar. E isto por ser tão diferente das outras mulheres, e não apesar de o ser. Preferia casar-me consigo, Miss Heyden, do que com qualquer outra senhora que conheço, e julgo que a minha mãe também o preferiria. Assim como a Lizzie.

– Então, deve testar a sua convicção – declarou ela, voltando-se finalmente para o encarar. – Elas têm de aprovar. Não quero ser fonte de qualquer tensão numa família que é tão próxima. Isso vale mais do que qualquer outra coisa no mundo e deve ser preservado a todo o custo.

– E, contudo, deixou a sua família quando tinha dez anos e desde então que não diz uma palavra sobre eles – devolveu ele. Pelo menos era uma teoria para explicar o que acontecera. Era igualmente possível que tivesse ocorrido alguma catástrofe que vitimara toda a família, exceto a tia.

Durante um instante, o olhar dela permaneceu fixo no dele, mas logo ela lhe largou o braço, com brusquidão, deu meia-volta e voltou precipitadamente para o caminho que haviam abandonado, começando a percorrê-lo em sentido contrário. Ele foi atrás dela, maldizendo a sua absoluta falta de delicadeza.

– Miss Heyden. – Precipitou-se, pousando-lhe uma mão no braço. Ela parou mas não se voltou para ele.

– Por vezes, é a exceção que confirma a regra, Lord Riverdale – advertiu. – É uma frase feita, mas as frases feitas podem ter a sua verdade.

– Peça-lhe que me desculpe – disse ele, colocando-se à frente dela e segurando-lhe a mão direita enluvada entre as suas. – Lamento verdadeiramente tê-la incomodado. – Levou a mão dela aos lábios. Ela olhava para as mãos unidas com a testa franzida.

– Não creio poder trazer-lhe felicidade, Lord Riverdale – declarou ela, desencadeando nele uma expressão igualmente sisuda.

– Porque não? – reagiu ele. – Bem sabe que a felicidade não se conquista de uma vez só. Um pôr do sol, uma sonata, um livro ou um banquete não constituem, por si só, felicidade. Podem *originar* felicidade, mas cabe a nós permitir que o sentimento interaja com o momento. Com certeza que, se nos apreciarmos e respeitarmos mutuamente, se nos esforçarmos por viver e trabalhar um com o outro, por fazer da nossa casa um lar e dos filhos que receberemos como uma bênção uma família, poderemos certamente almejar alguma felicidade. Podemos até esperar momentos de verdadeira e sentida alegria. Mas apenas se o quisermos e nos esforçarmos para tal, e não nos permitirmos em momento algum tornar-nos complacentes ou imaginar que somos enfadonhos ou desadequados. E apenas se compreendermos que é ilusão acreditar num «felizes para sempre». Seja para quem for. Nem sequer para os que vão perdidamente apaixonados para o casamento.

Ela ergueu os olhos para ele, embora mantivesse a sisudez da expressão.

– Se Mrs. Westcott se opuser, compreenderei perfeitamente – afirmou. – Eu não desejaria que um filho *meu* se casasse comigo.

– Deus me livre! – replicou ele, de súbito sorridente. – Espero bem que não.

Ela devia ter percebido o que acabava de dizer, pois arrancou a mão das dele, encostou-a à boca, fitou-o horrorizada por um momento e... desatou às gargalhadas. Então, tudo fez sentido. Tudo. Ela era uma pessoa real, apesar das fortes armaduras, e tinha inteligência, consciência e opiniões próprias. E até sentido de humor. Havia substância no seu carácter e uma honestidade inabalável. Além do mais, se manter uma relação com ela ia ser difícil... Pois bem, também o seria com qualquer outra pessoa. Olhou rapidamente para a frente e para trás. O caminho estava deserto em ambas as direções.

– Estamos... noivos... à experiência, então, Miss Heyden? – perguntou.

Ela ficou imediatamente séria e recolheu a mão.

– Sim – disse. – À experiência.

– Então temos de celebrar – disse ele, segurando o rosto dela entre as mãos e

acariciando-lhe as faces. Ela agarrou-lhe os pulsos.

– Pode vir alguém – admoestou.

– Uma celebração muito breve – insistiu, dando-lhe um beijo. Recordou, de imediato, o choque que acompanhara o beijo que lhe dera em Brambledean. Sentira uma inesperada onda de desejo, que voltava a sentir naquele momento, por muito desadequado que fosse, pois encontravam-se num caminho público, no parque mais concorrido de Londres. A boca dela era macia e os seus lábios tremiam levemente contra os seus. Sentia a sua respiração quente no rosto, a firmeza das suas mãos nos pulsos dele. Não existia a menor lascívia naquele beijo, mas... Existia aquela certeza de que poderia desejá-la.

Ela afastou a cabeça com vigor.

– Estamos loucos? – perguntou, novamente sisuda. – Esquecemo-nos do aspeto mais importante.

– Que é...? – Ele recuou brevemente.

– A razão pela qual decidimos pôr um fim a tudo no domingo de Páscoa – devolveu ela. – Não me é possível tornar-me condessa, Lord Riverdale. Não tenho formação nem experiência. Sou uma mulher de negócios; o tipo de pessoa que a aristocracia designa, com alguma displicência, como «citadino». E quando não exerço essa função, sou uma eremita. E sou... – Fez um gesto brusco da mão esquerda na direção do rosto.

– Feia? – sugeriu ele? – Desagradável à vista?

– Marcada – devolveu ela.

– Apesar de eu nunca me ter horrorizado ao vê-la? – reagiu ele, apertando as mãos atrás das costas. Começava a ficar algo cansado da imagem que ela adotara de si própria. – E a minha mãe e a Lizzie tão-pouco? E a Jessica também não? Se é isso que quer, agarre-se à imagem que adotou de si própria como uma espécie de monstro, Miss Heyden, mas não espere que as outras pessoas a subscrevam.

– Continuo a não ter condições para ser sua condessa – insistiu ela. – Não sou capaz. Além do mais, não tenho vontade de aprender.

– Isso é que é uma pena – devolveu ele. – Quando nos recusamos a aprender, acabamos por limitar o nosso crescimento e não cumprir o nosso potencial. Mas esta é uma decisão que todos temos de tomar. O que será, se se casar comigo, Miss Heyden, é uma excêntrica. Os excêntricos são frequentemente pessoas admiráveis porque não receiam ser independentes em vez de procurar o conforto das massas, como faz a maior parte de nós, em maior ou menor medida. Os excêntricos, no melhor de si, ouvem a música que anima o centro do seu ser, deixando-se preencher por ela, dançando ao som da sua melodia enquanto as pessoas que não conseguem escutá-la arregalam os olhos de assombro e franzem o sobrolho de reprovção, e murmuram alusões a coletes de forças e asilos para

lunáticos.

Ela fitava-o sem nada dizer. Então, de repente, voltou a rir e todo o seu rosto se animou.

– Não é uma rosa que deveria ter trazido consigo, Lord Riverdale – disse. – Mas sim um pedestal onde me dispor. Desde que, ao que tudo indica, eu escolha estar no meu melhor.

– Continuamos? – sugeriu ele, e retomaram o caminho dos portões.

– Que aspeto específico *gostaria* que eu aprendesse, Lord Riverdale? – perguntou ela.

– Já está a fazê-lo – declarou ele. – Encontrou-se com a minha mãe e a minha irmã sem o seu véu. Conheceu a Jessica ontem sem ele. Saiu hoje sem o descer sobre o rosto. Suponho que me seja impossível sentir o quão difícil tudo isto tem sido para si, mas posso, pelo menos, apreciar a sua coragem. Desejo que possa fazê-lo repetidamente, uma pessoa de cada vez ou o mundo inteiro de uma assentada. Um passeio de carruagem no parque, talvez, ou uma ida às compras em Bond Street. Ou uma noite no teatro. Ou algo a uma escala escandalosamente grande, como um baile. Um baile de noivado, quem sabe. Ou apenas o resto da minha família, uma ou duas pessoas de cada vez. A minha prima Viola poderá passar uma temporada connosco, durante as próximas semanas, com Abigail, a filha.

– Isso é um aspeto específico? – questionou ela. – E o senhor, Lord Riverdale? Supostamente também o conde deve continuar a aprender se não deseja limitar o seu crescimento. Que aspeto específico pode desenvolver?

– *Touché*. – Ele abriu um sorriso. – Posso aprender a não mandar na vida dos que estão à minha volta.

Ela riu-se mais uma vez. O riso suavizava-a, deixando entrever a mulher que poderia ser se conseguisse ultrapassar o que quer que fosse que suspendera o seu desenvolvimento natural quando era ainda criança.

– Vou pensar no que disse – garantiu ela –, tendo presente que irá ocupar-se a aprender a não mandar na minha vida. Mas não haverá nenhum baile, nem de noivado nem de qualquer outra espécie. Lembre-se de que estou demasiado ocupada a dançar ao som da minha melodia individual.

Sentira-se mais esperançoso durante os últimos minutos do que em todo o outro tempo que passara com ela. Ela estava disposta, assim lhe parecia, a abrir-se, em pequenos passos, e ele reconhecera a sua própria necessidade de não ser inflexível. Mais importante ainda, ela era capaz de se rir e até de ter graça.

– Mas, antes de tudo, a sua mãe e a sua irmã devem concordar – lembrou ela.

Ocorreu-lhe que era algo triste não haver ninguém do lado dela cuja

aprovação ele devesse granjear. Ninguém com quem partilhar a celebração do noivado ou a planificação do casamento.

– No ano passado – retomou –, depois de a família saber da existência da Anna e quando todos tentavam prepará-la, o Netherby pediu a mão dela e a família começou a planear o casamento mais grandioso da história da aristocracia. Enquanto eles... nós... nos atarefávamos, o Netherby adquiriu uma licença especial e, uma manhã, fugiu com ela e casaram-se sem dizer nada a ninguém. Não deixou de ser um choque para toda a família, mas sempre julguei que era a melhor forma de o fazer. A Anna acabava de entrar para a aristocracia. Teria detestado a pompa e circunstância de um casamento público. E o Netherby simplesmente não o teria permitido. Gostaria que os imitássemos, Miss Heyden? Devo adquirir uma licença especial, algo que posso fazer amanhã, e casar-me consigo discretamente? Tornar-se-ia minha condessa sem qualquer alarido e teria a minha total permissão para ser tão excêntrica quanto desejasse durante o resto das nossas vidas.

Tratava-se de uma sugestão impulsiva da sua parte, mas não contava arrepender-se de fazê-la. Teve de aguardar que duas senhoras passassem para obter uma resposta por parte dela. Quando se cruzavam ela fez menção de levar a mão esquerda ao rosto, mas acabou por recolhê-la. As duas senhoras trocaram cumprimentos com Alex, que as conhecia de vista, olharam demoradamente para Miss Heyden e prosseguiram em silêncio até estarem resguardadas pela distância. Algumas salas de estar conheceriam nova animação, pensou ele.

– Sem falar, sequer, com a sua mãe e a sua irmã? – reagiu ela. – E sem conhecer a dimensão da minha riqueza? Sem assinar qualquer tipo de convenção nupcial?

– Aceitá-la-ei com base na confiança, se me aceitar a mim – afirmou ele. Começava a sentir-se algo tonto. Dentro de dois dias, podia ser um homem casado, dependendo da resposta que obtivesse.

Ela inspirou veementemente, retendo o ar por alguns instantes enquanto se dirigiam para a concorrida alameda das carruagens, perto dos portões.

– É uma ideia tentadora – assinalou ela. – Mas não me casarei consigo sem a total aprovação da sua mãe, Lord Riverdale.

CAPÍTULO 11



Wren subiu para o quarto assim que chegaram, tirou o chapéu e as luvas e sentou-se na cadeira da janela. Felizmente, Mrs. Westcott e Elizabeth ainda não haviam regressado da recepção e o conde não se demorara. Planeava, porém, voltar para o jantar. Ela pegou no livro que trouxera da biblioteca e abriu-o, antes de voltar a fechá-lo e pô-lo de lado, nem um minuto depois. Não conseguiria dedicar-se à leitura nos próximos instantes, seguramente. A sua mente fervilhava, como se uma colmeia inteira zumbisse dentro da sua cabeça.

Estava noiva. À experiência.

O seu sonho estava prestes a tornar-se realidade.

Estaria? Era impensável vir a tornar-se condessa de Riverdale. Ele escamoteara as suas apreensões assegurando-lhe que poderia assumir-se como uma reclusa excêntrica se assim o desejasse, mas ela não acreditava realmente que tal fosse possível. Já conhecera a mãe, a irmã e a prima dele. Outra prima, a condessa destituída, fora convidada para passar alguns dias com a filha naquela mesma casa. Como noiva, estaria ali quando elas chegassem, se chegassem, e ficaria até ao final da sessão parlamentar. Não poderia passar o dia inteiro escondida no quarto, dia após dia. Quanto tempo mais até ser desafiada a conhecer todos os Westcott? E os Radley, os familiares do lado da mãe? E, depois, quem se seguiria?

Mas porque não?

Talvez o seu rosto não fosse assim tão hediondo, afinal. Nenhuma das pessoas que conhecera começara a gritar nem cravara os olhos nela, horrorizada, nem a chamara de monstro ou manifestara vontade de confiná-la a um quarto trancado pelo lado de fora, com redes por cima da janela, não fosse alguém levantar o olhar e apanhá-la a espreitar à janela. Ninguém a chamara de castigo do inferno. Ninguém sugerira que o seu lugar era um asilo de lunáticos nem estivera na iminência de enviá-la para lá.

Wren abriu as mãos trémulas sobre o rosto e concentrou-se em controlar a respiração para não desmaiar. Não, claro que não. Há vinte anos que ninguém dizia ou fazia nenhuma daquelas atrocidades. Mas existia um certo tipo de memória que penetrava até aos tecidos, aos músculos, ao tutano de uma pessoa,

até aos mais profundos recantos da nossa mente e essência. Ver-se-ia, algum dia, como os outros a viam? Acreditaria, algum dia, naquilo que os outros viam?

Afastou as mãos do rosto e pousou-as no regaço, procurando com o olhar o espaço verde lá fora, as flores, os arbustos e as fileiras de hortaliças, de um lado, seguidos de uma espécie de jardim aromático, e inspirou a doçura do ar e os mil e um aromas que vogavam pela janela aberta com a suave brisa.

Estava noiva. Seria uma mulher casada. Todos os sonhos que alguma vez sonhara se tornariam realidade. E não iria ser um qualquer casamento. Iria casar-se com *ele*, com o conde de Riverdale, e tinha grande receio de estar apaixonada por ele. Mas porque escolhera a sua mente a palavra «recear»? Porque sabia que os seus sentimentos nunca poderiam ser correspondidos? Não importava. Ele prometera apreço, respeito e a esperança do verdadeiro afeto, o que lhe bastava. Dele bastavam, pois se havia coisa que ela aprendera sobre ele no breve tempo em que se conheciam era que se tratava de um homem honrado para quem a família se revestia da maior importância.

Wren fechou os olhos e continuou a absorver os aromas apaziguantes das ervilhas-de-cheiro, da menta e da salva. Receava, e este, sim, era definitivamente um receio, não ser capaz de mudar o suficiente para despertar nele verdadeiro afeto. Não fora apenas o seu rosto que ela escondera do mundo. Escondera-se por inteiro. Adotara como instinto esconder-se atrás de véus, e fizera-o durante tempo suficiente para desconhecer a forma de se libertar do seu jugo.

Conhecera quatro pessoas sem o seu véu facial. Até saíra sem ele naquela tarde. Mas conseguiria ela afastar o pesado véu que abatera sobre si própria? Na sua vida só o fizera com o tio e a tia. Tinha perfeita noção de que era *diferente*. Não era simpática nem afetuosa e nunca poderia sê-lo. Parecia incapaz de mostrar os seus sentimentos. Não era... Oh... Não era mil e uma coisas que as outras pessoas eram sem qualquer esforço.

O que *era* ela, então? Não queria definir-se para o resto da sua vida usando frases negativas.

Era uma mulher de negócios. Uma mulher de negócios bem-sucedida. Tinha uma boa cabeça e, curiosamente, trabalhava bem com outras pessoas. Era capaz de amar. Amara o tio e a tia com todo o seu ser. E rapidamente se afeiçoara a Elizabeth e Mrs. Westcott. Aparentemente, amava o conde de Riverdale. Sabia que amaria os filhos que teriam – quisesse Deus que os tivessem – com apaixonada adoração. *Incondicionalmente*.

Oh, Deus, santo Deus, amava-o... Cobriu novamente o rosto com as mãos. Mas seria de admirar? Ele fora o primeiro homem adequado que conhecera, com exceção de Mr. Sweeney e Mr. Richman, um e outro por ela dispensados em menos de meia hora. Talvez o que sentia não fosse amor mas simplesmente

gratidão.

Ou talvez fosse amor. Que diferença fazia uma palavra? Casar-se-ia com ele apesar das suas inquietações quanto a assumir-se como condessa de Riverdale. A sua aceitação do pedido dele era ainda provisória mas a mãe e a irmã dele não iriam, seguramente, negar-lhe a sua aceitação. Tinham-na persuadido a ficar. Tinham-lhe dito outras coisas... Oh! Ia casar-se com ele e não acreditava ter vivido momento mais feliz na sua vida.

Como que a comprová-lo, deixou cair algumas lágrimas que logo se apressou a limpar, correndo para o quarto de vestir.

Foi com redobrado cuidado que se vestiu para o jantar dessa noite. Tinha roupas elegantes, embora não fossem, com certeza, o último grito. Não tinha modista em Londres, mas tinha uma no Staffordshire, que a vestia há muito tempo e que a conhecia bem – a sua altura, o seu tamanho, as suas preferências, a sua personalidade. O vestido turquesa-claro que escolheu tinha a cintura subida, as mangas curtas e o decote amplo da moda, embora não em demasia. Tal como a maior parte dos seus vestidos, era estreito, mas possuía, contudo, movimento suficiente para não a fazer parecer um mastro de bandeira despido. Um bordado em tom mais escuro compunha o debruado. Pedira a Maude que lhe elevasse um pouco o penteado, embora soubesse que a faria parecer mais alta. Colocara as pérolas que os tios lhe tinham oferecido pelo seu vigésimo primeiro aniversário e olhou-se com aprovação ao espelho de corpo inteiro detendo-se com algum pesar no rosto.

Mas estava na hora, concluiu, endireitando os ombros e aprumando a postura, de esquecer o rosto, pelo menos conscientemente. Oxalá fosse assim tão fácil! Quase morrera, de tarde, quando abandonaram o quase isolamento do caminho do bosque para entrar na alameda das carruagens, junto aos portões do parque. Havia veículos e transeuntes por todo o lado. O véu que transportava sobre o chapéu parecia um peso bruto e ela tivera de exercer toda a sua força de vontade para não o estender sobre o rosto. E era certo que não tinham passado despercebidos. Mesmo que ele não fosse o conde de Riverdale, reconhecido por tudo quanto era aristocrata, havia que contar também com a sua altura, o seu físico perfeito e a sua beleza extraordinária para cativar as atenções gerais.

Mas ela sobrevivera.

Agora, estava sentada na sala de estar, assistindo à chegada das outras senhoras, também vestidas para o jantar. Sorriu-lhes.

– Gostaram da receção? – perguntou. – O tempo deve ter estado perfeito.

– Foi muito agradável – devolveu Elizabeth. – Foi em Richmond, numa daquelas mansões imponentes que dão para o rio. A minha mãe e eu fomos ambas convidadas para uma pequena viagem de barco. Eu limitei-me a

permanecer sentada no meu, como uma peça decorativa, enquanto o pobre Mr. Doheny se afogueava com o esforço de remar. Fui obrigada a manter um monólogo durante todo o passeio, pois ele só tinha fôlego para remar. A minha mãe ficou a passear durante mais de uma hora com Lord Garand, que parecia bastante descontraído quando chegaram. Quererá isto dizer que peso uma tonelada?

– Creio, querida – replicou a mãe –, que quer dizer que Mr. Doheny não sabe manejar um barco a remos. Lord Garand comentou que ele mergulhava os remos demasiado fundo e que parecia querer mudar o Tamisa de lugar a cada remada.

Todas se riram.

– E Lady Jessica? – indagou Wren.

– Passou o tempo praticamente todo no pavilhão de verão com a Louise – informou Mrs. Westcott –, enquanto um séquito de jovens andava por perto à espera de a verem, para lhe oferecerem comida ou uma bebida ou então levá-la a explorar o jardim de inverno ou a andar de barco. Ela parecia bastante feliz, embora os ignorasse a todos. Creio que a visita que nos fez foi muito benéfica para ela, assim como a expectativa de que a Abigail venha juntamente com a Viola. Devo agradecer-lhe a atenção que lhe dedicou, Miss Heyden, e tê-la levado a ver as suas peças, de manhã. Ela ficou encantada.

– Gostei muito da companhia dela – devolveu Wren. E talvez não fosse tão desprovida de afeto como receava. Lady Jessica parecera gostar realmente de si.

– E como foi o passeio em Hyde Park? – indagou Elizabeth.

– Foi encantador – declarou Wren. – Caminhámos entre as árvores e senti-me praticamente como se tivesse voltado ao campo. Sabe que o conde de Riverdale voltará para o jantar?

– Sim. O Lifford informou-nos – replicou Mrs. Westcott. – Fico contente por não termos nenhum compromisso marcado para esta noite. Assim, poderemos desfrutar da sua companhia durante o tempo que decidir ficar. E... Bom, aqui vem ele.

A porta abriu-se para dar entrada ao conde de Riverdale, magnífico no preto formal que envergava, de colete prateado e camisa imaculada. Foi também com ar descontraído e bem-humorado que atravessou a sala para dar um beijo à mãe e outro à irmã. Hesitou ao olhar para Wren e sorriu.

– Devo depreender – principiou – que nada foi comunicado?

Wren fechou os olhos por um instante.

– Sobre o quê? – perguntou Elizabeth.

– Sobre o meu noivado – esclareceu ele – e o de Miss Heyden. Sobre o nosso noivado. À experiência. – Talvez não estivesse assim tão relaxado, afinal.

– *O quê?* – exclamou Elizabeth, levantando-se de um salto.

– À experiência? – repetiu Mrs. Westcott, pousando uma mão no peito.

– Ah! – disse ele, olhando para Wren com um sorriso. – Nada foi comunicado. Hoje de tarde, mãe, pedi a mão de Miss Heyden. Sim, desta vez fui eu que a pedi. Ela aceitou. À experiência.

– À *experiência*? – Desta vez disseram as duas senhoras.

– Casarei com Lord Riverdale apenas se puder contar com a plena aprovação das duas – explicou Wren.

– Mas o que a levaria a pensar o contrário? – indagou Elizabeth.

– Desejam a felicidade dele. – Wren sentiu a voz vacilar e engoliu em seco.

– Julgámos que era evidente, quando veio visitar-nos – principiou Mrs. Westcott –, que reconhecíamos a possibilidade de um compromisso e possível casamento entre si e o Alex, Miss Heyden. E chega de *Miss Heyden*. É Wren. Avisei-a de que iria adotá-la. Não poderia ter sido mais clara, pois não?

– Oh... – Wren engoliu novamente em seco. Desta feita, ouviu um soluço evidente, vindo da sua própria garganta, e teve de pestanejar algumas vezes para se recompor.

– Creio, Miss Heyden – disse o conde –, que estamos noivos.

– Sim – replicou ela, abrindo e fechando as mãos sobre o regaço.

– Chegue aqui. – Mrs. Westcott levantou-se e estendeu os braços, e Wren também se levantou, vendo-se envolta num abraço afetuoso enquanto Elizabeth abraçava o irmão. Trocaram de lugar passados alguns instantes.

– Fico muito feliz pelos dois – declarou Elizabeth, ao mesmo tempo que abraçava Wren.

Seria possível? Elas estavam à espera? Tinha a sua aprovação?

– E agora temos um assunto concreto sobre o qual nos debruçarmos ao jantar – anunciou Mrs. Westcott, passeando o olhar pelos três com evidente satisfação.

– Temos um casamento para planejar.

Lord Riverdale trocou um olhar com Wren.

– O nosso casamento não carece de planificação, mãe – declarou. – Amanhã, tratarei de adquirir uma licença especial e de falar com o pároco de uma igreja discreta para nos casarmos no dia seguinte.

– Tal como a Anna e o Avery fizeram no ano passado – recordou Elizabeth. – Estive presente, como testemunha, Wren, e foi um dos casamentos mais maravilhosos que vi. Sim, um casamento com estas características adequa-se aos dois. O Alex detestaria o alarido inerente a um casamento grandioso e não estou a vê-la a apreciá-lo também. Mas, por favor, posso ir, como testemunha? Tenho experiência – concluiu, com uma risada.

– Posso dizer uma coisa? – pediu Mrs. Westcott. – Reconheço que foi uma estupidez da minha parte começar imediatamente a sonhar com um casamento

aristocrático e grandioso, na igreja de St. George, em Hanover Square. Pobre Wren. Mais valia atirarmo-la aos leões. E a Lizzie tem razão. O Alex também iria detestar o alarido.

– É verdade – declarou ele. – Lamento, mãe. Adorarias planejar um casamento grandioso, eu sei.

– Temos sempre a Lizzie – replicou ela. Franzia a testa, aparentemente pensativa. – Suponho que com o tempo acabará, inevitavelmente, por conhecer a nossa família, Wren, como nos conheceu a nós no domingo de Páscoa e à Jessica ontem. De um lado temos os Westcott e do outro os Radley. Esta primavera, estão quase todos na cidade. Sentir-se-ia preparada para conhecer toda a gente de uma vez só, no dia do seu casamento? Continuará a ser um casamento pequeno, embora não tanto como pretende. Ou existe outra possibilidade. Podiam celebrar o casamento em privado e reunir-se aqui a seguir, com a família, para um banquete nupcial. O que acha?

O que Wren achava, enquanto sentia um formigueiro nas mãos e fletia os dedos, era que a sua vida podia facilmente fugir-lhe do controlo, se não tivesse muito cuidado.

– Mãe – retomou o conde –, assegurei a Miss Heyden que nunca a pressionaria a conhecer quem quer que fosse nem a fazer nada que não desejasse. Ela tem receio de que casando-se comigo e tornando-se condessa de Riverdale se veja obrigada a desempenhar um papel social que não deseja. Garanti-lhe que não alimentaríamos expectativas a esse respeito.

Mas Mrs. Westcott tinha razão. Era absurdo pensar em casar-se com o conde de Riverdale e não conhecer mais nenhum elemento da família além da mãe, da irmã e de uma prima dele. Wren fechou os olhos por um instante.

– A carta que escreveu ontem à noite já foi enviada para Hinsford Manor, suponho? – perguntou a Mrs. Westcott, numa tirada aparentemente desconexa que fez com que todos se voltassem para ela com rostos inexpressivos.

– Sim – respondeu Mrs. Westcott. – Partiu ao meio-dia.

– Podia escrever outra? – pediu Wren. – Disse-me que duvidava que elas viessem sem o atrativo de uma reunião familiar concreta. Um casamento será o suficiente? Poderia escrever-lhes a convidá-las para o nosso casamento... na próxima semana e não daqui a dois dias? Um casamento *familiar*, que não representará para elas qualquer ameaça mas no qual a sua presença seria muito apreciada por toda a família, e pela noiva? E, depois disto, poderei enfiar-me em Brambledean e não conhecer mais ninguém durante o resto da minha vida.

Elizabeth, reparou, tinha lágrimas nos olhos e parecia morder o lábio superior. Mrs. Westcott continuava de testa franzida. O conde olhava muito atentamente para ela.

– Pode ser que resulte – declarou Mrs. Westcott. – Resta-nos tentar. Wren, minha querida, vou sufocá-la de amor. Está avisada.

– Wren – acrescentou Elizabeth –, pode escrever à prima Viola, e à Abigail também, e enviar a carta juntamente com a da minha mãe?

– Fá-lo-ei – disse Wren. O que pusera ela em marcha? Era demasiado tarde para revertê-lo. No mínimo, comprometera-se com a celebração de um casamento em família, dentro de uma semana. Nunca na sua vida se sentira tão aterrorizada.

O mordomo assomou à porta naquele momento para anunciar que o jantar estava servido.

O conde de Riverdale ofereceu a mão a Wren, fitando-a com intensidade.

– Obrigado – disse, suavemente. – Não julgue que sou insensível à magnitude do que acaba de propor e daquilo com que acaba de se comprometer. Tem o meu reconhecimento. Só espero poder ser merecedor de si.

Mais uma vez, as lágrimas ameaçavam cair, no que começava a tornar-se um incomodativo hábito. Ela deu-lhe a mão.

– Não é certo que não fuja antes da boda – replicou ela, com igual suavidade.

– Por favor não o faça – reclamou ele.

*

Foi assim que a possibilidade de contrair matrimónio, de forma discreta, dois dias após o pedido de casamento do conde de Riverdale, o que praticamente não lhe dava tempo para mudar de ideias, se eclipsou, por sua completa responsabilidade. Teria de esperar uma semana inteira. Pior, concordara em convidar a família Westcott e a família Radley tanto para a boda como para o banquete de casamento, que teria lugar em Westcott House. Concordara ainda que a cerimónia fosse celebrada na Igreja de St. George, em Hanover Square, a igreja de eleição da alta sociedade durante a primavera, embora a congregação não fosse grande. Afinal, não fazia sentido procurar uma igreja pequena e obscura numa rua secundária igualmente obscura, como haviam feito o conde e a condessa de Netherby, já que nada haveria de secreto no seu casamento.

Dois dias depois do passeio em Hyde Park, era anunciado nos jornais matinais o noivado de Miss Wren Heyden e Alexander Louis Westcott, conde de Riverdale. Nas páginas sociais, para mais, onde seria visto por todo o mundo elegante, e metade desse mundo, sem dúvida, lamentaria ver o conde subtraído às fileiras de solteiros cobiçáveis.

A tarde trouxe consigo um fluxo contínuo de visitantes, que Mrs. Westcott e Elizabeth receberam na sala de estar enquanto Wren, intimidada, permanecera no

quarto, escrevendo a Philip Croft para lhe contar quão gratificante fora ver por si própria as peças da vidraria em exibição nas vitrinas de famosos estabelecimentos londrinos. Elizabeth bateu à porta, porém, exatamente quando Wren pensava para com os seus botões que já todos deveriam ter partido.

– A prima Louise, a Jessica e a Anna ainda cá estão – informou. – Sabem como é ciosa da sua privacidade e compreenderão se não quiser descer, mas a Jessica implorou-me que viesse perguntar-lhe. Fica ao seu critério, Wren. – Fez um sorriso cúmplice. – Sei que é habitual seguir-se um «mas»... contudo, neste caso, não.

Wren suspirou e pousou a pena.

– Elas sabem? – perguntou. – A Lady Jessica disse-lhes? Ou a Elizabeth, ou a sua mãe?

– Do seu rosto? – perguntou Elizabeth, entrando no quarto. – Não. Porque o faríamos?

Porquê, de facto?, pensou Wren, levantando-se. Começava a aborrecer-se a si própria. Tinha uma marca muito desagradável à vista que lhe cobria a maior parte de uma face. E depois? Além do mais, tinha curiosidade em conhecer a famosa Anna, diminutivo de Anastasia, que crescera num orfanato e acabara duquesa e detentora de uma fortuna colossal. A famosa Anna, que, inadvertidamente, provocara o caos na família Westcott.

– Sigo-a – concluiu então, com um enorme suspiro que só veio aumentar o sorriso de Lizzie.

Em poucos minutos, eram mais duas almas a acrescentar à lista cada vez maior das pessoas que a tinham visto sem véu. E embora Wren suspeitasse que Lady Jessica comentara com elas o seu sinal de nascença, nem a mãe nem a cunhada desta lhe prestaram atenção, nem, talvez mais significativo, evitaram olhar para a sua face. A duquesa viúva de Netherby, ou prima Louise, era uma mulher atraente, um pouco para o forte, que não deveria ter mais do que quarenta e cinco anos. A duquesa, Anna, era uma mulher bonita de figura delicada, que irradiava uma serenidade risonha, o que intrigou Wren, atendendo a tudo o que sofrera no último ano e meio. Eram educadas, afáveis e gentis. Anna agradeceu-lhe especialmente a sugestão que fizera de convidar a antiga condessa e a sua filha para o casamento, assim como o facto de ter enviado uma nota pessoal a reforçar os esforços persuasivos de Mrs. Westcott.

– Talvez venham para um acontecimento como este – disse. – Alimento essa esperança. A Abigail é minha meia-irmã, Miss Heyden, e desejo, quase tanto como a Jessica, voltar a vê-la. E a tia Viola pertence a esta família tanto quanto qualquer um de nós e devia estar presente no casamento do Alex. – Fez uma pausa antes de acrescentar: – Lamento profundamente não ter ninguém do seu

lado para acompanhá-la. Deve sentir especialmente a falta dos seus tios esta semana. No entanto, é uma família acolhedora. Sei-o por experiência própria. Seremos todos seus primos. A Lizzie está em vantagem, claro. Será sua irmã.

– O Thomas, Lord Molenor, meu cunhado, parece recordar-se de Mr. Reginald Heyden, o seu tio, Miss Heyden, como um ancião venerável, quando ele próprio não passava de um rapazote que andava pela cidade – comentou a duquesa viúva. – Terá, sem dúvida, perguntas para lhe fazer. E sobre a sua tia também, apesar de Mr. Heyden, na altura, ser apenas viúvo do seu primeiro casamento.

– Casou-se com a minha tia há vinte anos – explicou Wren. – Vendeu a casa de Londres e nunca mais voltou.

A seguir, a conversa desenrolou-se agradavelmente mas as senhoras ficaram apenas vinte minutos mais. Agora, contudo, conhecera cinco membros da família, incluindo Mrs. Westcott e Elizabeth. Podia conhecer os restantes. Não seria fácil, mas conseguiria fazê-lo. Iria fazê-lo. Tratava-se do seu projeto mais recente e, como em qualquer um dos seus empreendimentos de negócios, não falharia.

E depois... Oh, depois... O casamento dos seus sonhos seria uma realidade e não teria de conhecer mais ninguém.

Quase acreditou no rumo dos seus pensamentos.

CAPÍTULO 12



Wren aguardava com expectativa a possibilidade de dar um passeio de carruagem durante a tarde, em Kew Gardens, com o seu noivo. Faltavam ainda três dias para o seu casamento e parecia-lhe que uma força invisível reduzira a passagem do tempo a uma fração da sua velocidade habitual. Contudo, sentia igualmente prazer em ir às compras com a futura sogra e a futura cunhada, e em permanecer simplesmente em casa a conhecê-las melhor e a aprender a estar descontraída na presença delas.

Porém, naquela tarde em particular, a sua futura família saía em visitas e Wren optara por ficar no seu quarto, no seu lugar preferido, junto à janela, a ler um dos livros que requisitara da Biblioteca de Hookham. O conde ainda demoraria uma hora a chegar. Garantira-lhe que iria adorar Kew Gardens, onde ela desejava particularmente ver o famoso pagode.

Quando ouviu os sons distantes de portas a fechar e vozes masculinas, olhou para o relógio da lareira. Ele devia ter-se enganado... ou ela. Chegara uma hora mais cedo, o que não era relevante, porém. Ela estava pronta para partir e desejosa de fazê-lo. Levantou-se, pegou nas luvas e no chapéu, no xaile e na sombrinha e desceu à sala de visitas em passo ligeiro.

A porta estava aberta. Wren viu que Mr. Lifford, o mordomo, se encontrava debruçado sobre outro homem, que se sentara num cadeirão próximo da porta. Começou por pensar que o noivo deveria estar a sentir-se mal e foi demasiado tarde que percebeu que se tratava de um desconhecido, pois já se encontrava dentro da sala e a sua presença havia sido notada. Os homens olharam ambos para ela, o mordomo com alguma consternação, o outro homem com um esgar e um olhar inexpressivo.

– Quem é a senhora? – perguntou este, levantando-se de um salto.

Tratava-se de um homem muito jovem, alto e magro de uma forma quase preocupante. Possivelmente já fora muito bem-parecido, mas, no presente, salvo duas manchas muito vivas nas maçãs do rosto, tinha um aspeto macilento. O cabelo louro estava desalinhado e algo baço. Envergava um casaco militar de cor verde, puído e poeirento, calças e camisa outrora brancas, talvez, mas que haviam deixado de sê-lo, e botas gastas e sujas de pó. Da distância a que estava,

Wren detetou um odor desagradável. Soube quem seria ainda antes de o mordomo se manifestar.

– O tenente Westcott regressou a casa, menina – comunicou Mr. Lifford. – Miss Heyden é convidada da família, senhor.

– *Capitão* Westcott – corrigiu o jovem, algo ausente, com a mesma expressão sisuda. Wren reparou que tinha os olhos brilhantes e febris, quase transtornados. – Raios partam isto tudo! A minha mãe não está, pois não? Nem a Cam. Ou a Abby. Saíram. Falhou-me a memória. Lembrei-me ontem. Pelo menos, julgo que foi ontem. Quem está em casa, Lifford? A Anastasia? Mas ela casou-se com o Avery. Com mil demónios, nunca devia ter entrado aqui, pois não? Eu sabia. Esqueci-me – ruminou, manifestamente trôpego.

Wren pousou numa mesa junto à porta tudo o que trazia nas mãos e avançou de imediato.

– É Harry Westcott – disse, pegando-lhe no braço. – Acaba de chegar da Península? Por favor volte a sentar-se. Mrs. Althea Westcott veio passar a temporada com Lady Overfield, mas saíram as duas, esta tarde. O conde de Riverdale não demorará a chegar. Mr. Lifford, talvez possa trazer um copo de água ao capitão? – Soube assim que lhe tocou que ardia de febre.

O mordomo partiu em passo apressado e o jovem voltou a afundar-se no assento.

– Riverdale. – Pousou um cotovelo no braço do cadeirão e levou três dedos à testa. Riu-se debilmente. – Esse era eu, por Deus, e o meu pai antes de mim. Mas já não é assim. Durante a viagem de navio e na carruagem lembrava-me perfeitamente. Como é que pude esquecer-me assim que pus os olhos na cidade? Se ao menos conseguisse cá chegar e entrar, pensei, estaria em casa. Até discuti com o condutor da carruagem alugada, quando ele me disse que esta não era a morada que eu lhe tinha indicado. – Sorriu, mas parecia destroçado.

– Está em casa – assegurou Wren, tocando-lhe levemente no rosto com os nós dos dedos, para verificar a temperatura. – Está com a sua família.

– Em casa – repetiu ele, fechando os olhos. – O mesmo sítio onde vive o sacana do Alex. Mas ele não tem culpa de nada, pois não?

– Não – devolveu ela.

– Contava encontrá-las aqui – retomou Harry. – A minha mãe e as raparigas. Mas não estão, pois não? Raios... Como é que pude esquecer-me? Lembrei-me quando estávamos no mar, mas voltei a esquecer-me. A Cam casou-se com um infeliz, um professor, porque achou que não conseguia melhor. A minha mãe tem medo de mostrar a cara onde possam reconhecê-la. Não está cá, pois não?

O mordomo voltara e Wren pegou no copo de água que este lhe apresentou, aproximando-o dos lábios do jovem enquanto ele bebericava. Então Harry

fechou a sua mão sobre a dela e bebeu com mais avidez. Ela duvidava que ele tivesse tido oportunidade de trocar de roupa, ou de lavá-la, desde que saíra da Península, apesar de ser oficial e, como tal, usufruir, supostamente, de tratamento preferencial entre todos os militares feridos com os quais teria sido enviado para casa.

– Quem é a senhora? Esqueci-me – perguntou ele, soltando o copo. – O que fez à sua cara? Passou-lhe ao lado uma bala de mosquete, foi? Parece ter escapado por pouco.

– O meu nome é Wren Heyden – replicou ela. – É um sinal de nascença.

– Claro – devolveu ele. – Não andam balas de mosquete a voar por estes lados, pois não? Estou em Inglaterra, não estou?

– Está – sossegou Wren, vendo-o reclinar-se no cadeirão com olhos subitamente lacrimojantes.

– Sabe, aquilo lá é uma galhofa – continuou ele, com um grande sorriso. – A minha mãe e as raparigas saíram, não foi? Devia ter mandado avisar, em Dover³, que estava a caminho. Mas voltei a ter um episódio de febre.

Wren trocou olhares com o mordomo.

– Mr. Lifford – disse –, o antigo quarto do capitão Westcott está desocupado?

– Está, menina – disse ele.

– Então, pode indicar o caminho? – prosseguiu. – Depois de ajudarmos o capitão a instalar-se, poderia mandar trazer uma bacia com água fria e alguns panos? E poderia chamar o médico da família? Venha, capitão Westcott. Ponha a mão no meu braço e vamos subir para o seu quarto. Poderá deitar-se e pôr-se confortável enquanto eu lhe molho o rosto, para ver se conseguimos baixar-lhe a febre.

– Oh... A minha mãe faz isso – devolveu ele. – Não precisa de se incomodar. – Mas acabou por se levantar e deixar que Wren lhe pegasse no braço e o conduzisse até às escadas, que subiram. A governanta viera ter com eles e colocara-se do outro lado do jovem, para ampará-lo.

– Mr. Harry – disse esta, com a voz cheia de emoção –, voltou para casa. Inteiro. A sua mãe vai ficar muito contente.

– Está tão contente – retorquiu o jovem – que saiu quando eu estava para chegar e levou as raparigas com ela.

A governanta estalou a língua.

– Ela está em Hinsford, louca de preocupação, Mr. Harry – continuou. – E Lady... Miss Abigail também. Deixaram-no sair daquele malfadado lugar para vir para casa, foi?

– Tiraram-me de lá à força – replicou ele, com vivacidade. – Voltaram a acertar-me no braço com uma espada. Não passou de um arranhão, mas depois

ficou infetado, apanhei a maldita da febre e quase fui desta para melhor. Como não morri, fizeram-me as malas e enviaram-me para casa. Ordens do coronel, até melhorar. Não quer pôr-me a vista em cima durante pelo menos dois meses, foi o que me disse. Portanto, aqui estou eu, são como um pero e a meio mundo de distância dos meus homens, onde devia estar. Sabe, aquilo lá é uma galhofa.

Quando terminou o relato, já o tinham levado para o quarto, já lhe tinham despido o casaco e tirado as botas e já o tinham deitado na cama. O mordomo fora procurar alguém que trouxesse imediatamente o médico, a governanta abriu a janela para renovar o ar e duas criadas entravam apressadas, uma com uma bacia de água e a outra com panos na mão e toalhas sobre o braço.

Meia hora depois, Wren estava sozinha com o jovem, de costas para a porta aberta do quarto. Mr. Lifford descera para aguardar a chegada do médico, as criadas tinham voltado a ocupar-se dos seus afazeres e a governanta estava na cozinha a supervisionar a preparação de nutritivos caldos e geleias para o capitão Westcott. Wren molhava-lhe o rosto com panos húmidos e frescos e escutava o seu discurso cada vez mais delirante. O braço direito do jovem, vira através da manga da camisa, assim que lhe tiraram o casaco, estava completamente ligado do ombro até ao pulso. Se o médico não viesse brevemente, teria de mudar ela própria a ligadura. Duvidava que o tivessem feito recentemente.

Voltou-se com alívio ao ouvir uma pancada ligeira na porta, esperando ver o médico ou – desejou com fervor – o seu noivo. O homem que aguardava à entrada, porém, não era decididamente o seu noivo e era impensável que se tratasse do primeiro. Longe de ser um homem alto, era, na verdade, vários centímetros mais baixo do que ela, mas enchia o quarto com a sua presença, embora ainda não tivesse cruzado o umbral. Era louro, bem-parecido, apresentava-se elegantemente vestido e ostentava anéis em vários dedos, um alfinete cintilante no intrincado nó do lenço e correntes ao nível da cintura. Tinha um aspeto magnífico, e uma aura de poder e de perigo. Segurava um monóculo de prata a alguma distância do rosto, mas contemplava a cena sem o seu apoio, com olhos sedutores e indolentes. Ela soube imediatamente de quem se trataria, tal como adivinhara a identidade de Harry Westcott, e sentiu-se mais exposta do que em qualquer outro momento dos últimos dias e semanas. Não havia véu que a pudesse proteger. Com a mão que não segurava o pano húmido, cobriu o lado esquerdo do rosto.

– Netherby, ao seu dispor, Miss Heyden – anunciou ele com voz cansada entrando no quarto até junto da cama. – Suponho que seja Miss Heyden. O Lifford mandou um moço de recados avisar-me, e pelos vistos o rapaz não poupou as pernas. Talvez se tenha esquecido de que deixei de ser o tutor do Harry desde que ele é maior de idade, há já vários meses. Mas estava

precisamente a sair de casa quando o rapaz chegou e, portanto, aqui estou. – Dirigiu a sua atenção para o jovem deitado. – Estás com uma febrezita, não estás, Harry? – Pousou os dedos impecavelmente arranjados na testa do capitão, já depois de Wren se afastar.

– Oh, és tu, não és, Avery? – exclamou o capitão, com voz irritada. – Se vieste impedir-me de me alistar, podes muito bem tirar o cavalinho da chuva. Quero pertencer ao exército. Gosto da vida militar. E deixaste de ser meu tutor.

– Facto pelo qual esta noite oferecerei uma prece especial de agradecimento – replicou o conde de Netherby. – Vim arrefecer-te os ânimos, Harry, embora Miss Heyden pareça estar a fazer um trabalho admirável sem mim. Espero que tenhas tido mais tento na língua com ela do que comigo.

– Claro que sim – retrucou o capitão Westcott, com irritação. – Que diabo, eu sei falar com uma senhora. Se queres ser útil, Avery, faz com que o guarda-fatos e a cómoda parem de andar de um lado para o outro. Dá-me cabo dos nervos.

– Vou dar-lhes uma palavrinha – tranquilizou o duque, olhando então para Wren. – Suponho que as primas Althea e Elizabeth não estejam em casa, nem tão-pouco o Riverdale? Peço desculpa por esta inesperada invasão da sua privacidade por mais dois membros da família do seu noivo, Miss Heyden. Sei que é uma pessoa algo solitária.

– Concordei em conhecê-los a todos no dia do meu casamento – adiantou Wren. – Que é apenas daqui a três dias. – Continuava com a mão esquerda pousada sobre o lado esquerdo do rosto.

O duque tirou-lhe o pano da outra mão, mergulhou-o na água, espremeu-o e estendeu-o sobre a testa do jovem.

– Todos nós temos coisas que preferimos esconder a ter de mostrar – replicou em voz baixa, como se falasse com o seu antigo tutelado mais do que com ela. – Eu era um rapaz pequeno, frágil, tímido e bonito que se viu atirado para um colégio interno quando tinha onze anos.

Ela só podia imaginar como teria sido. Os colégios internos privados para rapazes, paradoxalmente designados como escolas *públicas*, eram conhecidos pela sua brutalidade. Wren perguntou-se como é que ele operara a sua transformação, pois embora continuasse a ser um homem baixo, pouco corpulento e belo, não havia nele o menor indício de fragilidade, timidez ou feminilidade. Muito pelo contrário.

– Uma pessoa sucumbe – prosseguiu ele – ou... não. Creio que talvez a senhora esteja no processo de não sucumbir. Por que outra razão teria anuído a um banquete de casamento com desconhecidos que, por casualidade, são parentes do seu futuro marido? – Voltou a mergulhar o pano e a retirar o excesso de água. – Parece que o médico chegou finalmente.

Não foi ele, porém, mas sim o conde de Riverdale, quem assomou à entrada, procurando absorver a cena com que deparara.

– Como está ele? – perguntou, lançando um olhar a Wren.

– Alex? – O capitão Westcott girou a cabeça sobre a almofada. – Que diabo estás aqui a fazer? O quarto de um homem já deixou de ser o seu domínio privado? Devia estar ressentido contigo, não devia? Mas não me lembro porquê. Nunca tive nada contra ti. Onde é que estão a minha mãe e as raparigas? Porque é que tenho estas pessoas todas no meu quarto?

– Porque regressaste a casa em segurança de um cenário de guerra, Harry – esclareceu o conde, aproximando-se da cama –, e nós estamos radiantes por te ver. A tua mãe e a Abigail não demorarão a chegar. Vêm para o meu casamento com Miss Heyden, que será daqui a três dias. Pelo menos, creio que virão. A Camille está em Bath com o marido e os filhos. Soube pelo Lifford que chamaram um médico. A febre está alta? – A última pergunta foi dirigida a Wren.

– Sim – devolveu esta, tirando, por fim, a mão do rosto. – Tem um ferimento no braço direito que precisa de ser limpo e novamente protegido.

– Se não se importar de se retirar para se poupar a constrangimentos, Miss Heyden – interveio o duque de Netherby –, o Riverdale e eu trataremos de despir o Harry para deixá-lo mais confortável. E a nós também, espero. É que não cheiras a rosas, rapaz.

Wren dirigiu-se para o seu quarto. Alguns minutos depois ouviu o que seria, seguramente, o médico a chegar. Passou mais meia hora até o conde de Riverdale bater à sua porta.

– Como está ele? – perguntou ela, abrindo-a por completo. – Aquele pobre jovem. Enviaram-no para casa para recuperar de uma febre recorrente provocada por um ferimento que ficou infetado e, no seu delírio, julgou que estava de regresso à sua casa tal como era no passado. Esperava encontrar a mãe, as irmãs e a sua antiga vida.

– Foi minuciosamente lavado da cabeça aos pés e enfiado dentro de lençóis limpos, foi tratado e foi medicado – informou ele. – O Netherby está ao seu lado a ouvi-lo relatar as maravilhas do combate. Adormecerá em breve, garantiu-nos o médico, e agora que o ferimento está limpo e voltará a ter os cuidados adequados, a febre deve passar dentro de alguns dias, definitivamente. No entanto, necessitará de algum tempo para recuperar. Precisa de engordar, mas com tanta gente desejosa de se encarregar dele, não creio que vá demorar. Saímos para um passeio no jardim? Receio que seja um pouco tarde para irmos hoje a Kew.

Wren nem sequer passou pela sala de estar para resgatar o chapéu e demais

pertences. Saíram diretamente e ela, de braço enrolado no dele, deleitou-se ao sentir no rosto a brisa morna.

– Lamento imenso tudo isto – principiou ele, enquanto passeavam entre os canteiros de flores. – O seu desejo era modesto: ter alguém com quem se casar. Uma única pessoa, não toda a família dela. Prometi protegê-la de tudo isto e até agora tenho falhado miseravelmente. Julgará que sou um impostor e uma fraude.

– Não – disse ela.

– Quer regressar a casa, a Withington? – perguntou ele. – Sei que mandou a sua carruagem de volta depois de se mudar para aqui. Gostaria de regressar à privacidade e tranquilidade a que está habituada? Talvez eu possa, se tiver a gentileza e a disponibilidade para me dar uma segunda oportunidade, levar a licença especial para Brambledean, depois de cumprir com as minhas responsabilidades aqui, ou até mais cedo, se desejar, e poderemos casar-nos numa cerimónia reservada e viver lá uma vida igualmente resguardada.

– E na próxima primavera? – perguntou ela. Tinham chegado ao pequeno jardim de aromáticas, organizado em cordões entrelaçados de plantas, à moda antiga, com cada tipo de erva separado dos outros por pequenos muros de pedra. Os aromas eram tão cativantes como os das flores. – Não precisará de cá voltar nessa altura, todos os anos?

– Poderia ficar no campo quando eu estou no parlamento, se desejar – devolveu ele.

– Isso não seria um casamento, pois não? – rebateu ela. – Não fui obrigada a nada, Lord Riverdale. Não é responsável por mim. Escolhi conhecer Mrs. Westcott e a Lizzie. E Lady Jessica. Escolhi conhecer a duquesa viúva de Netherby e a duquesa. Aceitei fazer um casamento em família quando a sua mãe o sugeriu. Sugeri que convidássemos Miss Kingsley e a filha para o nosso casamento.

Sorridente, ele atraiu-a para um banco de madeira junto ao jardim de aromáticas.

– E suponho que tenha escolhido conhecer o Harry e o Netherby – provocou.

– Conheci-os em circunstâncias imprevisíveis – declarou ela. – Não foi culpa sua. E fico contente que tenha acontecido. Ele é impressionante, não é? Não sei bem porquê, mas é-o.

– O Netherby? – Alexander riu-se. – Costumava achá-lo um pouco tonto e escarnecia de quem parecia ver nele algum tipo de ameaça. Só que depois descobri que é, de facto, perigoso, embora quase nunca tenha necessidade de demonstrá-lo.

Ela fitou-o.

– Então? – desafiou. – Não pode dizer-me isso tudo sem se explicar.

– A prima Camille estava noiva do visconde Uxbury – principiou ele –, mas este obrigou-a a terminar o noivado assim que descobriu que ela era filha ilegítima. E também não foi nada simpático. Depois tentou insinuar-se à Anna. Quando apareceu, sem ser convidado, num baile em honra dela e tentou importuná-la, o Netherby e eu expulsámo-lo. Na manhã seguinte, ele desafiou o Netherby para um duelo em Hyde Park. Pensou, sem dúvida, que seria uma vitória fácil, sobretudo quando o Netherby, a quem cabia escolher armas, não escolheu nenhuma. Na manhã combinada, despiu-se até ficar só de calças; nem sequer as botas deixou. Eu era o padrinho dele e julguei que estava louco. Toda a gente pensou que ele estava louco. O Uxbury riu-se dele. Mas o Netherby arrasou-o, com os pés descalços. Quando o Uxbury se levantou, deu um salto, acertou-lhe com os dois pés por baixo do queixo e atirou-o ao chão. O Uxbury ficou algum tempo inconsciente. Acredito, contudo, que o Netherby foi meigo com ele. Fui e sou da opinião de que, se quisesse, o podia ter matado com a maior das facilidades. Posteriormente, explicou-me que tinha sido treinado em várias artes do Extremo Oriente por um velho mestre chinês.

– Oh! – Surpreendeu-se Wren. – Extraordinário!

– Fedelha sanguinária. – Ele dirigiu-lhe um grande sorriso. – A Anna pensou o mesmo e a Lizzie também. Estiveram lá ambas, escondidas em cima e atrás de uma árvore, respetivamente. As senhoras nunca estão presentes em duelos, devo acrescentar. A senhora também lá teria estado, se tivesse tido essa oportunidade, suponho.

– Oh, sem dúvida! – replicou ela, arrancando-lhe uma gargalhada.

– Miss Heyden, encaixará perfeitamente nesta família, bem vê – afirmou ele.

Ela sorriu-lhe. Que coisa boa de se ouvir. Como se ela não fosse assim tão diferente de Lizzie ou da duquesa de Netherby. E Wren compreendeu, com grande emoção, que sempre ansiara exatamente isso: pertencer, encaixar.

Ele ergueu uma mão, que lhe encostou ao lado esquerdo do rosto, fazendo deslizar suavemente o polegar sobre a pele.

– Obrigado – disse –, por cuidar do Harry, especialmente quando estava a cheirar tão mal e a usar aquele tipo de linguagem. É-nos muito querido. Se tivesse ficado com o título, honrá-lo-ia. Era muito novo e um pouco estouvado, mas não teria demorado mais do que um ano ou dois a assentar e teria feito muito melhor trabalho do que o pai. Tem um carácter sólido. A mãe tratou disso.

– Também não é responsável por ele – declarou ela. – Descobri qual é a sua debilidade, Lord Riverdale. Foi o próprio conde que o referiu em Hyde Park. Tomaria sobre os seus ombros todos os encargos do mundo, se pudesse, para resolvê-los. Não pode fazê-lo e nem sequer é boa ideia tentar. Na vida, todos temos de encontrar o nosso caminho. Creio que é a isto que se chama viver.

– Encontrar o nosso caminho? – devolveu ele. – Quer dizer que temos oportunidade de escolher? Não senti isso, no ano passado, quando a minha vida ficou de pernas para o ar e o meu único desejo era recuperar a minha antiga vida. Já estava orientado e seguia o meu caminho com determinação, muito trabalho e bastante satisfação.

– Fez escolhas, ainda assim – declarou ela. – Podia ter escolhido ignorar o pesado encargo de Brambledean e continuado no caminho que lhe era familiar. Podia ter escolhido casar por amor, ou não se casar. Podia ter escolhido qualquer uma das jovens que o favoreceram este ano. Podia ter ignorado o meu insolente pedido de casamento. Continua a ter escolhas a fazer e sempre terá. Eu também. Podia partir para Withington amanhã de manhã, se o escolhesse.

– E escolhe? – perguntou ele.

– Não – afirmou ela. – Vou continuar aqui e casar-me consigo. Já devo ter conhecido metade da sua família. Sobreviverei seguramente à outra metade.

Ele riu-se novamente e anulou a distância entre eles. Beijou-a doce, lenta e suavemente. Ela inspirou o cheiro a rosmaninho, salva, menta, tomilho e a fragrância mais distante das ervilhas-de-cheiro e das outras flores, e pensou que podia renunciar à paixão em troca daquela sensação de... De quê? Não conseguia dar-lhe um nome. Afeto, talvez?

– Vou subir para ver como está o capitão Westcott – anunciou com certo pesar quando ele ergueu a cabeça. – Talvez possa fazer alguma coisa para ajudar.

– *Capitão?* – Ele levantou-se e estendeu-lhe uma mão.

– Foi o que disse quando Mr. Lifford o tratou por tenente Westcott – explicou ela.

– Notável – devolveu Alexander. – Sabe que não é necessário ocupar-se dele. Há outras...

– Sim – disse ela, interrompendo-o. – *Eu sei.*

³ Cidade do sudeste de Inglaterra, maior porto do canal da Mancha (que separa a Grã-Bretanha do norte de França). (*N. da T.*)

CAPÍTULO 13



Alexander regressou à casa. O médico manifestou a opinião de que Harry não necessitava de cuidados permanentes, mas ele mandou preparar uma cama de apoio no quarto de vestir contíguo ao quarto de dormir de Harry, para estar disponível sempre que fosse necessário. Netherby aprovou. Harry resmungou.

A mãe de Alexander e Elizabeth ficou aliviada por contar com o apoio de uma presença masculina, sobretudo porque a febre de Harry ainda não tinha descido quando regressaram a casa e foram ver como estava. O jovem perguntou se estavam de visita à sua mãe, mas rapidamente se corrigiu, franzindo a testa.

Miss Heyden encontrava-se no quarto de Harry com Alexander nessa noite, molhando-lhe o rosto com panos frescos, quando a prima Eugenia, a condessa viúva de Riverdale, avó de Harry, chegou para visitá-lo, fazendo-se acompanhar inevitavelmente da prima Matilda, sua filha mais velha. Como seria de esperar, a atenção das duas concentrou-se exclusivamente em Harry durante algum tempo. Depois de alguns minutos, porém, a prima Matilda reparou em Miss Heyden, que se colocara junto à janela, olhando para ela com um misto de fascínio e de repulsa.

– Minha querida jovem – principiou –, o que aconteceu ao seu rosto? Peço-lhe permissão para lhe recomendar um unguento que o limpará em menos de nada.

– Não seas tola, Matilda – repreendeu a mãe. – Tem aspeto de ser uma marca permanente.

– E é, minha senhora – disse Miss Heyden, e Alexander, procurando os olhos dela, fez uma ligeira careta. Ela agraciou-o com um sorriso fugaz.

– Miss Heyden é minha noiva – explicou ele, passando às apresentações.

– Certo. Claro que é – continuou a prima Matilda. – Quem mais seria? Um véu podia deixá-la mais à vontade, Miss Heyden.

Alexander fechou os olhos.

– E deixa – declarou Miss Heyden. – Mas creio que é importante que a família de Lord Riverdale me veja como eu sou.

– E porque deveria ela usar um véu, Matilda? – interrompeu a condessa viúva, parecendo irritada, como lhe acontecia frequentemente com aquela filha. – É uma jovem singularmente bela, se ignorarmos as manchas arroxeadas, que,

suponho, deixaremos sequer de ver passado algum tempo. O Alexander demonstra grande sensatez ao não permitir que um pormenor tão trivial condicione a sua escolha. Está bem na altura de se casar e começar a povoar o quarto das crianças. Há uma escassez alarmante de herdeiros nesta família.

Alexander interrogou-se se a sua noiva à experiência não iria partir subitamente para o campo, na manhã seguinte. Mas esta apreciava a idosa com um ligeiro sorriso.

Harry, momentaneamente ignorado, riu-se debilmente.

– Não posso ajudar nesse departamento. Lamento, avozinha – disse. – Sou bastardo. Porque é que a minha mãe não está cá? Toda a gente está.

– Estás outra vez a delirar – advertiu a avó, sem cerimónia –, como parece que estavas quando chegaste, de tarde. Ainda bem que Miss Heyden teve a presença de espírito de te passar água no rosto para te arrefecer. Precisas de descansar e de pôr alguma gordura nesses ossos. A tua mãe e a Abigail provavelmente virão para o casamento do Alexander. A Althea está neste momento a escrever-lhes mais uma carta a informá-las da tua presença.

– O casamento do Alex – repetiu, colocando o braço bom por cima dos olhos. – Bem, pelo menos ninguém andará atrás de mim para casar e gerar herdeiros. É uma vantagem de se ser bastardo.

– Não devias usar essa palavra na presença da tua avó, Harry – admoestou a prima Matilda, arrancando nova gargalhada ao primo.

– Não me desculparei novamente – declarou Alexander em surdina quando a viúva e a prima Matilda desceram e Harry se deixou adormecer. – Iria achar-me um chato, com toda a certeza.

– Sem dúvida que sim – anuiu ela. – Não restará ninguém para eu conhecer no dia do meu casamento.

– Não se esqueça da família da minha mãe – assinalou ele.

– Não é provável que me esqueça – rebateu ela, fazendo uma careta.

– Não devia ocupar-se disto – disse ele, depois de ver Miss Heyden compor os lençóis de Harry, sem o acordar, e tocar à campainha para virem buscar a bacia e os panos e trazer novos.

– Porque não? – perguntou ela. – A sua mãe precisava de escrever à mãe do Harry, não fosse ela ter decidido não vir ao nosso casamento, e a Lizzie não sentiu que pudesse facilmente libertar-se do jantar de aniversário com o qual se comprometera. Porque não eu? Dentro de três dias, serei um membro da família de pleno direito.

E tudo indicava que estava a ser absorvida pela dita família, quer o percebesse quer não.

– O Harry alistou-se como soldado um dia a seguir à abominável reunião que

tivemos com o advogado dele – confidenciou Alexander. – Desapareceu e, quando o Netherby finalmente o encontrou, já estava no exército. Como o tirou de lá, continua a ser um mistério. Comprou-lhe uma patente de oficial, mas o Harry insistiu em ficar na infantaria e em ser promovido pelo seu próprio valor, sem recorrer ao porta-moedas do Avery.

– Então estava certo acerca dele – observou ela. – É um jovem de carácter sólido que irá orientar-se bem na vida e sair fortalecido deste revés. Embora seja evidente que ficou profundamente magoado com o que aconteceu. Não será fácil.

– Não – concordou ele.

– Mas não deve culpar-se – disse ela, ainda mais docemente. – É isto que lhe cabe a si aprender.

Harry abriu os olhos.

– Ou seja... – disse, olhando para Miss Heyden – Será minha prima segunda por afinidade. Já percebi. Embora possa não desejar relacionar-se comigo, mesmo com um parentesco tão distante – observou ao mesmo tempo que os seus lábios ensaiavam o antigo sorriso, encantador e travesso. – Não é confortável ter um bastardo na família, pois não? Ou sê-lo na família de alguém. Pergunte à minha mãe. Pergunte à Cam. Pergunte à Abby.

– Capitão Westcott – principiou ela –, inclinando-se ligeiramente sobre ele para lhe verificar a temperatura com os nós dos dedos. – Os laços familiares são demasiado preciosos para serem desperdiçados por uma razão tão insignificante.

– Insignificante? – ripostou ele com uma gargalhada.

– Sim, insignificante – repetiu ela. – É óbvio que é amado pela sua família, independentemente das transgressões do seu pai. E, sabe, chamar bastardo a si próprio magoa-os tanto quanto a si. Talvez mais.

Ele fitou-a com um misto de confusão e assombro, e disse: – Sim, minha senhora –, voltando a cair, de imediato, no sono.

Alexander ficou a vê-la estender sobre a testa do primo um pano humedecido com a água que acabava de chegar. *Os laços familiares são demasiado preciosos para serem desperdiçados por uma razão tão insignificante.* Que diabo acontecera à família *dela*? Ele nem sequer sabia o seu nome de infância, pois não? «Heyden» era o nome do homem com quem a tia se casara. E «Wren»? Seria o seu nome de batismo? Santo Deus, nem sequer sabia o nome dela! Dentro de três dias estariam casados e ele continuava atormentado com uma questão muito essencial: quem era esta mulher com quem estava prestes a contrair matrimónio?

A manhã seguinte viu chegar uma carta de Viola Kingsley, antiga condessa de Riverdale. Esta e a filha compareceriam ao casamento. Era demasiado tarde para lhe enviar a carta que tinham redigido para avisá-la da vinda do filho.

Chegaram no dia seguinte a Westcott, onde foram recebidas com abraços e calorosas boas-vindas, e onde as esperava um emotivo encontro com o capitão Harry Westcott, o qual, desrespeitando as recomendações, descera ao piso de baixo assim que ouvira a carruagem. A febre recuara na noite anterior e não voltara de manhã, mas, ainda assim, continuava fraco e cansado, e algo queixoso quanto aos caldos e às geleias que a cozinheira não parava de lhe enviar.

Wren olhava para os três, unidos num abraço apertado no vestíbulo principal, piscando os olhos. As senhoras, claro, tinham sido apanhadas completamente de surpresa e não queriam afastar-se dele.

Não era difícil ver a quem Harry fora buscar a sua beleza. A mãe, loura e elegante, continuava a ser uma mulher bela e a irmã mais nova, também de cabelo claro, era delicada e singularmente bonita.

Miss Kingsley foi a primeira a deixar o grupo. Aproximou-se da restante família com um sorriso e olhos cintilantes de lágrimas contidas.

– Althea – disse, dirigindo-se a Mrs. Westcott –, debes pensar que me esqueci das minhas boas maneiras. É um prazer enorme voltar a ver-te. Foste amorosa em nos convidares, à Abby e a mim, para vos visitarmos e assistirmos ao casamento, quando duvido sempre se ainda fazemos parte da mesma família. Elizabeth! Alexander! Estão ambos muito bem. Apresenta-me a tua noiva, por favor, Alexander. Presumo que seja a senhora – disse, voltando-se para Wren.

– É sim – disse o conde de Riverdale, enlaçando a mão de Wren no seu braço. – Primas Viola e Abigail, tenho o prazer de lhes apresentar a minha noiva, Miss Wren Heyden.

– Mãe... – interrompeu o capitão Westcott – Miss Heyden esteve a tratar de mim quando cheguei, cheio de febre. Refrescou-me a cara com panos húmidos e ouviu as barbaridades que eu disse sem me chamar idiota uma única vez. E hoje de manhã fez-me chegar uma torrada, um oásis no suplício de papas que me têm dado, sem um único pedaço de carne ou de legumes para um homem cravar os dentes.

– Ordens do médico, Harry – replicou Elizabeth, rindo-se. – E agora que denunciaste a pobre Wren, suponho que ela seja presa e arrancada à força daqui dentro da próxima hora, para ser penitenciada.

– Miss Heyden. – A antiga condessa estendeu a mão enquanto percorria o rosto de Wren com o olhar. – É um prazer enorme conhecê-la. Agradeço-lhe a mensagem que incluiu na segunda carta da Althea e o convite pessoal para o seu casamento. Foi decisivo para a nossa vinda. Não foi, Abby? E agora constato

que estou ainda mais em dívida para consigo. Tem estado a cuidar do meu filho e a impedi-lo de se alimentar a bifes e cerveja, com a febre que tem, o tonto. Perdoo-lhe a torrada desta manhã.

Ocorreu a Wren que deveria ter sido muito difícil para a senhora comparecer ao casamento do homem que ostentava agora o título que devia pertencer ao seu filho. E ir até àquela casa, que fora dela. Contudo, naquele momento apertava a mão da mulher que, no dia seguinte, assumiria o título que durante mais de vinte anos lhe pertencera, e sorria graciosamente como se não sentisse a menor angústia.

– Creio que não tardará a chegar a altura de comer bife e beber cerveja – disse Wren. – Deve achar o seu filho terrivelmente magro.

– Ah... Mas está vivo – replicou a senhora, com olhos ainda mais cintilantes.

– Muito prazer em conhecê-la, Miss Heyden – saudou Abigail Westcott, saindo do lado do irmão para estender a mão a Wren. – A minha prima Jessica escreveu-me a falar de si. Ficou impressionadíssima por conhecer uma mulher de negócios, muito bem-sucedida, para mais. Eu também fiquei impressionada. Obrigada por cuidar do meu irmão.

– Foi tarefa de todos – replicou Wren. – Mrs. Westcott, a Lizzie e eu revezámo-nos para ficar com ele durante o dia e, à noite, Lord Riverdale dorme no quarto de vestir. O duque de Netherby veio todos os dias passar uma hora ou mais com ele.

– E olhava para mim por aquele monóculo sempre que me queixava da comida – acrescentou, indignado, o capitão. – E fez questão de me informar que estou a ficar um chato. Trata-me como se fosse um rapazinho.

– Não consigo acreditar que estás aqui e que não estou simplesmente a sonhar – exclamou Abigail. – Não voltas para aquele sítio horrível, pois não? Promete-me que não.

– Para a Península? – reagiu ele. – Claro que vou voltar. Sou oficial, Abby. Capitão, imagina. Fui promovido... Logo a seguir a quase me terem arrancado o braço, na verdade. Tenho homens que contam comigo e não vou abandoná-los. Não quero abandoná-los.

– Eu sei – disse ela, revirando os olhos. – É uma grande galhofa. Bem. Não vou discutir contigo, Harry. Pelo menos hoje.

– Vamos subir para a sala de visitas – incitou Mrs. Westcott. – Devem querer beber alguma coisa.

– Vou acompanhar o Harry até ao quarto dele – declarou Lord Riverdale. – Gostarias de vir, Abigail?

– Subo num minuto, Harry – anunciou a mãe deste.

– Para me aconchegar os lençóis, suponho – replicou ele com um sorriso.

– Bem, sou a tua mãe – lembrou ela. Colocou-se ao lado de Wren ao subir as escadas. – Lamento muito, Miss Wren. As atenções deviam estar todas concentradas em si, hoje. Afinal, vai casar-se amanhã.

– Não me incomoda nada que estejam concentradas no capitão Westcott – declarou Wren. – O duque de Netherby informou-nos que o título de capitão lhe foi concedido por um ato de bravura extraordinária. Como obtive essa informação sobre o seu filho, não sei. Ele não disse nada a mais ninguém. É um jovem modesto e gosto muito dele.

– Caiu nas boas graças de uma mãe – disse Miss Kingsley. – Outra vez.

As notícias espalharam-se depressa. O duque de Netherby fez a sua visita habitual ainda de manhã, fazendo-se acompanhar da sua madrastra e de Lady Jessica. Miss Kingsley subiu até ao quarto do capitão não muito depois e Abigail desceu. Esta e Lady Jessica cruzaram-se a meio da sala de visitas e abraçaram-se entre exclamações e guinchos de alegria, estes de Lady Jessica. A seguir, sentaram-se na namoradeira, com as cabeças unidas e os rostos radiantes em alegre conversação.

Wren não foi ignorada. Muito pelo contrário. Viu-se incluída num grupo com Mrs. Westcott, Elizabeth e a duquesa viúva, que a inundaram de perguntas sobre as roupas que tinha comprado durante a semana anterior, para o casamento. Abigail foi sentar-se ao lado dela, depois de a prima ir até ao piso de cima, para ver como estava o capitão. «Se conseguir passar pelo Avery», rematara esta, fazendo uma careta ao mesmo tempo que abandonava a sala. Abigail queria conhecer os planos para o casamento. A mãe deu muita atenção a Wren durante o resto do dia e disse-lhe que estava muito feliz.

– O Alexander é uma das melhores pessoas que conheço; isto sem falar no aspeto fabuloso que tem – comentou. – E fico radiante por saber que terá uma união feliz.

Quanto ao próprio Lord Riverdale, passou o serão junto dela.

No piso de baixo, parecia grande a azáfama dos preparativos do banquete nupcial.

Revelava-se uma véspera de casamento movimentada e agradável, pensou Wren durante todo o dia, e a verdade é que estava a gostar. Contudo, tal não impedia que se sentisse também terrivelmente só. Os Westcott eram uma família unida, apesar das difíceis convulsões do ano anterior, que abalaram os alicerces familiares e ameaçaram fazê-los implodir. Ela sentia a sua solidão, a falta de uma família própria, como um peso físico. Quem sabe no dia seguinte seria diferente. Seria um membro daquela família. Uma Westcott. Seria uma deles.

Ou será que não?

Mesmo que tal acontecesse, poderia a sua nova família preencher o vazio

deixado pela sua própria – a família da noiva?

CAPÍTULO 14



Alexander aguardava do lado de fora da igreja de St. George, em Hanover Square, de braços esticados ao lado do corpo, a abrir e fechar as mãos. O seu casamento não seria uma das típicas cerimónias com que a alta sociedade brindava aquela igreja durante os meses da temporada. Havia muito poucos convidados e nenhum adorno. Não existia órgão nem coro, arranjos florais ou incenso, nem nenhuma carruagem coberta de flores. Nenhum noivo aguardava diante do altar que a noiva percorresse a nave pelo braço do pai.

Contudo, nada disto diminuía a grandiosidade da ocasião. Tratara de adquirir a licença especial e tomar as providências necessárias e, por fim, ali estava, tão nervoso como se o aguardassem trezentos convidados e três bispos no interior do templo.

Aguardavam-no, sim, os elementos da sua família, tanto do lado da mãe como do lado do pai, com exceção dos três rapazes da prima Mildred e de Camille e Joel Cunningham, e os filhos adotivos destes. Harry estava presente, magro e elegante, no seu uniforme militar algo coçado, mas também implacavelmente limpo e escovado.

A situação era muito assimétrica, claro, pois não havia família do lado da noiva. Talvez devessem ter mantido o plano original de um casamento ainda mais discreto. Ele sabia que ela sentia intensamente a falta dos tios, mas tal não podia ser evitado. E o resto da sua família? Existiria? Ele tinha grandes suspeitas de que sim. Ela ter-lhe-ia seguramente contado, por muito doloroso que fosse, se tivessem falecido todos em algum desastre quando ela era criança.

Um dia, impor-se-ia uma longa conversa sobre o seu passado. E um dia, teriam de falar sobre variadíssimas outras coisas. A semana voara num tal frenesim de atividade que nem sequer tinham falado na convenção nupcial. Ela não lhe revelara quaisquer detalhes da sua fortuna e não procurara obter dele quaisquer promessas quanto à forma como seria gerida e gasta. Uma mulher que lhe garantira, um dia, que não se casaria antes de proteger os seus próprios interesses.

No momento em que se perguntava se ela iria atrasar-se, viu surgir na praça a sua carruagem. Ele viera mais cedo, com Sid, de casa deste, na qual voltara a

passar a noite. Fletiu mais uma vez os dedos e deu um passo em frente, quando a carruagem se deteve ao fundo das escadas.

Primeiro ajudou a mãe a descer. Ela tomou as mãos dele nas suas, apertando-as com força e dizendo:

– Meu querido. Que dia tão bonito. Promete-me que serás feliz.

– Prometo, mãe. – Alexander beijou-a na testa e voltou-se para ajudar Elizabeth. Trocaram um abraço em silêncio e a irmã subiu os degraus com a mãe e desapareceu na igreja enquanto ele auxiliava a última ocupante.

A sua noiva envergava um vestido de cintura subida, elegante e de corte perfeito, de um vivo tom de rosa que articulava um inesperado e avassalador contraste com o seu cabelo escuro, algum do qual visível sob o chapéu bege de aba forrada a cetim rosa e um raminho de botões cor-de-rosa entre verdes num dos lados da copa. Largas fitas de cetim cor-de-rosa, unidas num grande laço por baixo da orelha esquerda, suportavam o conjunto. Não se via nenhum véu. Ela pousou a mão na dele e desceu com cuidado.

– Está linda – disse ele.

– O conde também – replicou ela com um sorriso.

Ele fez uma vénia sobre a mão dela, levou-a aos lábios e enlaçou-a no seu braço. Subiram juntos os degraus e entraram na igreja. Os poucos convidados que se encontravam reunidos junto ao altar pareciam perdidos na fria grandiosidade do templo. Lá dentro, predominava o odor a velas, a incenso antigo e a livros de orações. Como nenhum órgão tocava, ouviam-se os tacões das suas botas no chão de pedra, marcando a progressão dos dois. Ele olhou para a sua noiva, cuja mão repousava no seu braço, e sentiu toda a grandiosidade e significado daquele momento.

Tratava-se do dia do seu casamento.

Estava prestes a unir-se àquela mulher para o resto da sua vida. E parecia-lhe bem. Não houvera um longo noivado, um romance magnífico, nem uma declaração de amor, mas existia afeto e respeito de parte a parte, estava muito certo disso. E do seu lado existia admiração, seguramente.

Olhou de novo em frente, para o pastor, devidamente paramentado apesar da natureza discreta do casamento. Sid, o seu padrinho, o homem das alianças, encontrava-se de frente para eles, com uma expressão ansiosa no rosto. Os outros voltaram as cabeças, sorridentes, à passagem dos noivos. Detiveram-se diante do clérigo.

– Caríssimos – recitou este, após um momento de silêncio. Chegara, pensou Alexander, o momento mais solene e grandioso da sua vida.

O tempo voou. Em poucos instantes, ou assim lhe pareceu, o mundo tal como o conhecia mudara irreversivelmente, com a troca de votos e de alianças que

faziam deles marido e mulher, a ida para a sacristia para assinar o registo e o regresso para cumprimentar os convidados com beijos, abraços e apertos de mão. Rapidamente percorriam a nave na direção contrária e desciam os degraus da igreja, onde Sid, Jessica, Abigail e Harry os aguardavam com mãos-cheias de pétalas de rosa, assim como alguns curiosos, atraídos sem dúvida pelas carruagens elegantes que se encontravam paradas junto à igreja.

O sol brilhava.

Seguiram-se mais abraços, mais palmadas nas costas e mais felicitações, um pouco mais sonoros e entusiastas do que no interior da igreja, antes de Alexander ajudar a noiva a subir para a sua carruagem, para a viagem de regresso a South Audley Street. Iriam sozinhos. Por insistência dele, não arrastariam botas velhas, nem tachos, nem panelas à saída da igreja. E tratava-se de uma carruagem fechada, quando o tempo se adequava perfeitamente a uma caleche.

Os ornamentos, a ausência dos toques festivos que habitualmente atraíam as atenções para as carruagens nupciais, nada significavam. Estavam casados.

Ele pegou na mão dela quando a carruagem iniciou o movimento.

– Muito bem, minha senhora – principiou.

– Lamenta não ter tido um casamento mais grandioso? – perguntou ela.

– Não – declarou ele. – Lamenta não ter tido um casamento mais discreto?

– Não.

Ele levou a mão dela aos lábios.

– Creio – disse – que a vida inteira recordarei o nosso casamento como o casamento perfeito. Tal como foi.

– Eu também – replicou ela, num sussurro.

Contudo, durante o dia, houve alturas em que Wren desejou que se tivessem mantido fiéis ao plano original. Por pouco não entrou na carruagem que a levaria à igreja. Parecia-lhe uma impossibilidade física. Mas claro que o fez. A entrada na igreja, algo que, durante a viagem, estava praticamente convencida de que não iria concretizar, foi facilitada pelo facto de ele estar no exterior à sua espera. De repente, tratava-se do dia do seu casamento e nada mais importava. Desde que pousou a sua mão na dele para se apear da carruagem que só o viu a ele, e depois a igreja e o padre, que os aguardava, e sentiu apenas a alegria solene inerente à ocasião. Era *o seu casamento*. Mais do que isso, seria mulher do homem pelo qual, profunda e inesperadamente – e secretamente – se apaixonara. Oh... Ele desconhecia o alcance das suas palavras quando dissera na carruagem que o casamento fora perfeito. Nem o tormento de se deparar com as famílias Westcott e Radley em massa, à saída da sacristia, entre as quais algumas pessoas

desconhecidas, maculara toda a perfeição, pois todos se tinham mostrado tão gentis.

A alegria acompanhou-a durante o percurso até casa. E a visão da sala de jantar deixou-a sem fôlego e com lágrimas a bailar nos olhos. A porcelana, o cristal e o faqueiro mais delicados estavam dispostos com toda a formalidade sobre uma toalha de puro branco. Um elaborado arranjo de flores de verão adornava o centro da mesa e, em cada lugar, um botão cor-de-rosa erguia-se sobre um reluzente solitário, ao lado de um guardanapo de linho intrincadamente dobrado. Nas paredes, os candelabros estavam repletos de flores, folhas e fetos, pendendo de ambos os lados. Por todo o lado, velas ocupavam castiçais de prata, apesar do dia soalheiro. Um bolo de dois andares dominava uma mesa de apoio, todo branco, decorado com botões de rosa, ao lado do qual se via uma faca de prata com uma fita cor-de-rosa enrolada no cabo.

O que provocara as lágrimas de Wren foram os copos e os solitários. Eram da vidraria Heyden. O desenho fora o último que o tio Reggie aprovara.

– Onde é q...? – Deu meia-volta e olhou demoradamente o conde de Riverdale. Ele contemplava-a, sorridente, parecendo bastante satisfeito consigo próprio.

– Estive numa das lojas que visitou com a Lizzie, poucas horas depois – explicou este. – Felizmente, o dono tinha todas as peças de que eu necessitava. Queixou-se, porém, de que o deixava sem quase nada e que poderia demorar semanas até obter mais peças.

– Oh... – E devia ter pagado o preço de venda ao público quando poderia tê-las por... Mas não. Não concluiria a ideia, nem sequer na sua mente. – Obrigada – disse. – Oh... Como são desadequadas, as palavras. *Obrigada*, Lord Riverdale.

– Pode ser Alexander, agora? – replicou ele. – Ou Alex, até?

– Sim. – Mas não houve tempo para mais. Os convidados estavam a chegar.

Suportar até ao fim o banquete de casamento na companhia de um grande número de pessoas, por muito gentis que estas se revelassem, foi tremendamente difícil para Wren. Nunca fizera nada que se lhe assemelhasse minimamente. Pior, estava bastante exposta, sendo a noiva, e esperava-se que sorrisse e conversasse sem cessar. Nenhum dos presentes fazia a menor ideia da provação que para si representava tal papel. Houve discursos e brindes, durante os quais, inexplicavelmente, todos pareciam dirigir os seus olhares e sorrisos para *ela*, e não para a pessoa que se pronunciava. Depois, quando tudo terminou, retiraram-se para a sala de visitas e, de certa forma, a situação piorou, pois todos circulavam, como ela se recordava de ver fazer os vizinhos, naquele chá tenebroso em Brambledean. Só que, desta vez, não tinha um véu para se resguardar.

Pesando tudo, porém, não se arrependia de todo daquilo que concordara fazer. Pelo menos fizera-o. E agora conhecera praticamente toda a família do marido e essa ameaça deixara de pairar sobre si.

O seu *marido*. Sempre que o facto era mencionado – e foi-o por diversas vezes – sentia-se inundar de alegria. Quando, no distante mês de fevereiro, fizera a sua lista e começara a entrevistar os cavalheiros cujos nomes incluía, não acreditara realmente que o seu sonho pudesse concretizar-se, pois não?

Mas concretizara. Naquele mesmo dia.

O dia do seu casamento.

*

Partiram todos já a tarde ia avançada. Todos. Harry e Abigail com a prima Louise e Jessica, para passar a noite em Archer House. A mãe de Alexander e Elizabeth com a tia Lilian e o tio Richard Radley. Tudo fora combinado antecipadamente e foi concretizado entre uma profusão de votos, abraços e risos, deixando o noivo e a noiva sozinhos em Westcott House.

– Gostaria de dar um passeio no parque? – sugeriu Alexander, quando acenavam as suas despedidas à última carruagem. Precisavam ambos de apanhar ar e fazer exercício, parecia-lhe, e ele, pelo menos, ainda não estava preparado para a súbita quietude que se abatera sobre a casa.

– Adoraria – replicou ela. Não tirou o vestido cor-de-rosa do casamento mas pôs um chapéu mais discreto, um de palha que ele já conhecia, e desceu o véu sobre o rosto antes de saírem de casa. Ele ergueu as sobrancelhas. – Por favor, compreenda. Senti-me tão terrivelmente... exposta, durante o dia inteiro. Foi um esforço completamente novo para mim. Eram tantas pessoas! Até ao dia em que o conde apareceu em Withington pela primeira vez, não me tinha mostrado a ninguém a não ser aos meus tios, à minha precetora e a alguns criados de confiança. Em quase vinte anos. Nem sequer a ninguém da vidraria, gerentes ou não. A ninguém.

Era incrível pensar que ela passara quase vinte anos atrás de um véu; toda a juventude, todo o início da idade adulta.

– Não é minha intenção repreendê-la – declarou ele, quando começaram a descer South Audley Street. – Deve fazer sempre o que entender. Não vou portar-me como um tirano.

– Eu sei – afirmou ela, e ele voltou-se para lhe sorrir. Era ainda um pouco desconcertante pensar que ela era sua mulher, sua condessa.

– Já deu conta – principiou ele – de que não há nenhuma convenção nupcial? Uma vez disse-me que protegeria os seus direitos e as suas opções antes de se

casar.

– E já deu conta – devolveu ela – de que continua sem conhecer a dimensão da minha riqueza? Mas o casamento não é nenhum negócio, pois não? Estou habituada a fazer acordos e negócios, e a proteger cautelosamente os meus direitos e interesses. Mas o mesmo não deve acontecer no casamento.

– Decidiu confiar em mim, portanto? – perguntou ele.

Ela demorou algum tempo a responder.

– Sim – acabou por dizer. – E creio que o Alexander talvez tenha feito a mesma coisa. Pois não tem como saber... Eu posso ser pobre ou estar profundamente endividada.

– Sim – concordou ele. – Mas só a pedi em casamento porque desejava casar-me consigo, não com o seu dinheiro.

– Somos dois tontos – sentenciou ela quando atravessavam a rua para entrar no parque. – Ou é isso que me dizem os meus instintos de mulher de negócios. Mas já lhes disse para ficarem sossegados. Lembro-me sempre de uma coisa que a tia Megan me disse: o nosso cérebro não manda na nossa vida, a não ser que o deixemos. Quem manda somos *nós*.

– Não somos o nosso cérebro, então? – perguntou ele.

– Não – disse ela. – Temos cérebro, mas, por vezes, o nosso cérebro tenta fazer-nos acreditar que é nosso senhor. A minha tia era uma senhora pacata, que não tinha muito hábito de falar, mas era um poço de sabedoria.

– Sei que o dia de hoje foi um suplício para si, Wren – manifestou ele, ao mesmo tempo que a conduzia para o amplo relvado situado entre a alameda das carruagens e as árvores. – Sabia-o ainda antes de descer o véu sobre o rosto. Só espero que não tenha sido demasiado.

– Gosto muito da sua família – disse ela. – De ambos os lados. É um homem de sorte.

– Pois sou – concordou ele. Ele hesitou, mas só um momento. – Tem família?

Ela demorou muito a responder.

– Se, por família, entende pessoas com as quais tenho laços de sangue – principiou ela –, então presumo que sim. Não tenho a certeza. Vinte anos é muito tempo. Mas se, por família, entende laços de afinidade, lealdade e afeto, e todas as coisas que unem a família Westcott e a família Radley, então não. Não tenho família. Os meus tios estão mortos.

Ele continuou a olhar para ela. As carruagens, os cavalos e os peões sucediam-se na via principal, mas ali era mais sossegado.

– Poderá falar-me deles, um dia? – pediu.

– Talvez – devolveu ela. – Um dia.

– Mas não agora.

– Não – respondeu ela. – E talvez não fale. Não é uma história que eu deseje contar, Alexander, e não é uma história que deseje ouvir.

– Mas talvez precise de contar essa história – observou ele. – E talvez eu precise de ouvir. Não. Esqueça que o disse. Por favor. Não acrescentarei mais nenhum fardo à sua carga. – Embora ela fosse sua mulher, não detinha direitos sobre o seu coração e a sua alma. O que estava dentro dela só ela podia decidir reservar ou revelar. Ela casara-se com ele em confiança. Então, trataria de merecer essa confiança.

Ele falou do casamento e do banquete, de Harry, Abigail e Camille, de algumas das travessuras que aprontara com Sid quando eram rapazes. Ela falou da precetora e da tia, da altura em que os tios escolheram Withington House como residência campestre, consultando-a sempre.

Mais tarde, jantaram juntos, carnes frias e sobras do banquete, por insistência de Wren, em prol dos criados, para quem o dia fora invulgarmente trabalhoso, e passaram o serão na sala de visitas, onde continuaram a conversar. Desta feita, ela desejava falar sobre Brambledean Court e o que deveria ser feito primeiro, agora que havia recursos.

Alexander sentiu a estranheza da sua situação.

– Não posso, em consciência, fazer grandiosos planos para gastar o seu dinheiro, Wren – declarou.

– Que passou a ser o *nosso* dinheiro – declarou ela. – Não é meu, nem é seu, mas sim nosso. Temos de decidir em conjunto o que deve ser feito; em Brambledean, em Withington, em Riddings Park, na casa do Staffordshire, até na vidraria, se estiver preparado para se interessar pelo negócio. Sentir-me-ei desconfortável com o dinheiro se o Alexander estiver desconfortável. Espero que não. Nós somos um, agora.

– Não parece gramaticalmente preciso – replicou ele ao mesmo tempo que sentia o entusiasmo de constatar aquele facto. *Nós somos um, agora.* – Mas vou tentar. Exigirá alguma habituação. Desde a morte do meu pai que me encarrego sozinho de toda a gestão. No habitual decorrer das coisas, continuaria a fazê-lo após o casamento, e também sustentaria a minha mulher.

– Então o nosso casamento será bom para si – declarou ela, com vivacidade. – Será uma lição de humildade necessária. Necessito de ter voz na matéria em todas as decisões, Alexander, não porque o dinheiro tenha vindo de mim, pois desejava que assim não fosse, mas sim porque quero estar envolvida. Aliás, gosto e preciso de estar. Não sou de forma alguma uma mulher típica, como já poderá ter reparado. Sou capaz de trabalhar em cooperação com outras pessoas. Foi assim com o meu tio, especialmente durante os últimos anos da sua vida, quando já estava um pouco cansado. Trabalhávamos juntos e funcionava.

– Pois muito bem, falemos de Brambledean. Depende tudo das quintas, Wren. Sem elas, a propriedade não consegue prosperar e nós não conseguimos prosperar. Pobrezinhos de nós, poderiam dizer, quando dispomos de tantas outras propriedades e fontes de rendimento. Mas estão muitas pessoas dependentes de mim; de nós. E é por elas que é necessário assegurar a prosperidade das quintas.

– Então, diga-me o que pensa que terá de ser feito primeiro – pediu ela. – Sei muito pouco sobre exploração agrícola ou sobre gestão de vastas propriedades, mas aprenderei. Seja o meu professor.

Passaram a hora seguinte a debater e planejar, aspetos quotidianos e entediantes que teriam conduzido a maior parte das noivas à histeria ou ao coma no dia do seu casamento. Ela escutava, porém, reclinada na poltrona, com os braços cruzados sob o peito, a cabeça ligeiramente inclinada para um dos lados. De vez em quando falava para fazer uma pergunta pertinente ou para apresentar um comentário ou uma sugestão inteligente. Era como falar com outro homem, pensou ele, relaxando na sua poltrona, até perceber o que tinha pensado e ficar aliviado por não o ter verbalizado. Ela não era de todo como um homem, exceto, talvez, na sua vontade de usar a sua inteligência em toda a sua capacidade sem medo de ser considerada pouco feminina.

Na verdade, era muito feminina. Havia algo surpreendentemente atrativo – sexualmente, isto é – numa mulher que exigia ser levada a sério como pessoa de pleno direito. Embora não soubesse se seria intencional. Parecia-lhe que não.

A conversa chegou ao fim quando Lifford entrou com a bandeja do chá, acendeu as velas e correu os cortinados para vedar a entrada à escuridão da noite. Falaram de assuntos mais gerais até a conversa abrandar, enquanto terminavam o chá.

– Eu obtenho segurança com o meu casamento – declarou ele, por fim – e os meios com que reparar a negligência de décadas dos bens que herdei. E uma mulher inteligente com uma boa cabeça para os negócios. O que obtém em troca, Wren? – Desejou reformular as suas palavras assim que as proferiu. *Uma mulher inteligente com uma boa cabeça para os negócios.* Não era propriamente uma forma elogiosa de um homem descrever a sua noiva no dia do casamento.

– Casamento – respondeu ela, sem hesitação, com a cabeça ligeiramente inclinada. – É o que eu pretendia, lembra-se? Foi essa a razão que me levou a convidá-lo para Withington.

– Passei nos testes que definiu para mim? – perguntou ele.

– Sim – replicou ela.

Era impossível saber o que mais se encontraria por detrás da cândida resposta. Seria o casamento o objetivo supremo da existência dela? A segurança de ser mulher de alguém, de partilhar uma casa e uma família? Sexo? Ele sabia que o

incluía também nos seus desejos. Ela admitira-o claramente antes sequer de virem para Londres. Era impossível saber que sentimentos nutria por ele, e ele não podia perguntar, pois ela poderia fazer-lhe a mesma pergunta e ele não saberia como lhe responder. Desconhecia a resposta. Afeto, respeito e até admiração não lhe pareciam suficientes.

– Está pronta para se deitar? – perguntou.

– Sim – disse ela.

O capítulo final daquele dia de casamento teria ainda de ser escrito. Ele levantou-se e estendeu-lhe a mão. Ela segurou-a, levantando-se também, e ele entrelaçou o braço dela no seu. Prosseguiram para o piso de cima sem dizer uma palavra e detiveram-se à entrada do novo quarto de vestir dela, que ficava contíguo ao dele e assegurava a passagem para o seu novo quarto de dormir, do outro lado.

– Venho ter consigo dentro de meia hora, se me permitir – disse ele.

– Sim.

Ele segurou a mão dela entre as suas e levou-a aos lábios, abrindo, então, a porta e fechando-a atrás dela.

Não. Não sabia o que sentia por ela. Talvez não fosse importante, aquela incapacidade de encontrar a palavra apropriada. Tratava-se da sua noiva e, naquela noite, nada mais importava.

CAPÍTULO 15



Maude ajudou Wren a despir o vestido e desprendeu-lhe o cabelo enquanto manifestava que a sua tia seria a mulher mais feliz do mundo se ainda estivesse viva.

– Bem, a *segunda* mulher mais feliz do mundo, quero eu dizer – acrescentou.
– Penso que a menina será a mais feliz. E eu sou a terceira. Mas como ela já não está entre nós, Deus dê paz à sua alma, isso faz de mim a segunda.

Wren riu-se, limpou algumas lágrimas e abraçou a criada perplexa para, então, a dispensar. Vestiu a camisa de noite, uma camisa nova, de bom tecido, que Elizabeth a ajudara a escolher, e escovou o cabelo até o deixar resplandecente. Depois, ficou à espera, naquele quarto para o qual tinham mudado todas as suas coisas de manhã, quando ela saíra para a igreja. Era uma divisão encantadora, grande e quadrada, com um pé direito elevado e decorada com bom gosto, em tons pastel e dourado. Não dava para o jardim das traseiras, como o anterior quarto que lhe fora destinado, mas sim para a rua que passava em frente da casa. Continuava a ser uma vista bonita, porém, pois também a rua de uma cidade podia ter o seu encanto, o mesmo se passando com uma oficina industrial. A beleza assumia diversas formas.

Não estava nervosa. Talvez devesse estar. Uma senhora típica estaria, supôs. Mas ela sentia-se apenas eufórica e expectante. Mal conseguia esperar. Como um eco do pensamento, ouviu uma leve pancada na porta do seu quarto de vestir. Ela deixara-a entreaberta e Alexander entrou no seu quarto sem aguardar permissão. Achara-o esplêndido no preto e branco formal do fato de casamento, com o colete bordado a prata e o pescoço e os punhos adornados de rendas, mas não o estava menos naquele roupão de brocado cor de vinho, calçando chinelos de quarto. Era manifestamente óbvio que a largura dos ombros e do peito dele nada devia a enchimentos.

Ele passou os olhos pelo quarto.

– Nunca tinha entrado aqui – declarou. – É encantador, não é?

– É mesmo – anuiu ela.

– É uma pena que o meu predecessor, o meu querido Humphrey, não prodigasse a Brambledean os mesmos cuidados que a Westcott House –

observou ele.

– Ah... – replicou ela –, mas assim ter-nos-ia privado do prazer de sermos nós próprios a recriá-la.

Ele olhou para ela.

– É notável, essa forma de pensar – declarou. – Poderei então recordar o falecido conde de Riverdale com alguma consideração, correto? Ah, Wren, sempre me perguntei que comprimento teria. – Aproximou-se dela.

– O meu cabelo? – Abundante e praticamente liso, acobreado e brilhante, dava-lhe quase pela cintura. Sempre o considerara o seu melhor atributo.

– É lindo – disse ele.

– Pensei em entranchá-lo – disse ela –, mas sempre o usei solto, à noite, por vezes para desespero de Maude, quando é a ela que cabe desfazer os nós de manhã.

– Deve continuar a usá-lo solto – disse ele. – Ordens do seu marido. Recordasse do voto de obediência, seguramente. E, se a Maude protestar, dispenso-a sem qualquer recomendação para lhe demonstrar que tenciono ser senhor na minha própria casa.

Ela inclinou a cabeça com um sorriso lento, reconhecendo o brilho de diversão nos olhos dele.

– Tremo de medo.

– Que é como deve ser – replicou ele. – Nunca consegui compreender, Wren, porque é que os casais de classe superior dormem em quartos separados. Para provar que podem fazê-lo, talvez? Parece especialmente desconcertante quando os dois são jovens e os espera o prazer e a conceção de herdeiros. Conservará este quarto para sua utilização privada durante o dia e considerará o meu quarto o nosso quarto a partir desta noite?

Alegrava-a que ele falasse com ela como a uma igual, mais do que como a uma tímida noiva. Ficou igualmente agradada com a sua sugestão. A tia Megan e o tio Reggie sempre tinham dormido no mesmo quarto e na mesma antiga e enorme cama de dossel, cujo centro se abatia ligeiramente. Ela procurara-os algumas vezes, a gritar, nos primeiros tempos, em que ainda sofria de pesadelos, e eles pegavam nela e deitavam-na entre os dois, onde dormia quente e feliz, meio esmagada e em perfeita segurança.

– Sim – devolveu ela.

– Venha, então – convidou ele, pegando numa das velas que estavam sobre a mesinha e apagando as outras. Atravessou com ela os quartos de vestir até ao seu quarto, que era igual ao dela em forma e dimensão, mas distinto na decoração em tons vibrantes de vinho e dourado, encontrando-se iluminado por um candelabro sobre a cornija da lareira e duas velas em castiçais de parede, em

cada lado da cama de dossel. Ela passou a mão por uma das suaves espirais que ornamentavam as colunas lavradas ao fundo da cama.

– É um quarto excelente – comentou. – Mas teremos obrigatoriamente de fazer um trabalho ainda melhor em Brambledean – concluiu, voltando-se para ele com o rosto sorridente.

– Concordo perfeitamente – disse ele, pousando o castiçal junto do candelabro. – Mas talvez possamos deixar essa conversa para outra ocasião. Confesso que esta noite dou por mim algo desatento.

– Eu também – disse ela, recebendo um beijo dele.

Compreendeu quase de imediato que ele iria fazer as coisas com calma. A cama estava ali ao lado, completamente ignorada, de momento. Ele já a beijara outras vezes, mas haviam sido demasiado fugazes para alguém tão sedento de contacto humano íntimo como ela. Sabia muito pouco. Praticamente nada, na verdade. Contudo, sabia o suficiente para estar consciente da existência de todo um mundo de experiência erótica que lhe fora negado. Ou que ela negara a si mesma. Naquela noite começaria a retificar esse facto e alegrava-a que ele não se apressasse.

Ele abriu a boca dela com a sua, introduziu a língua e começou a fazer-lhe coisas que a levaram a agarrar-se às dobras do seu roupão, sem saber se conseguiria manter-se em pé. Acariciando ao de leve as superfícies mais sensíveis, desencadeava dentro dela tumultos de sensação intensa. Mas não se ficou pela sua boca. As mãos dele percorriam todo o seu corpo, parecendo encontrar curvas onde ela não acreditava existirem e apreciando outras que ela julgara desadequadas.

Por fim, ele abriu as mãos sobre as suas nádegas e apertou-a contra si. A solidez masculina daquele corpo musculado deixou-a à beira de perder os sentidos. O que não aconteceria, pois não tinha intenção de perder um único momento. Sentia que ele estava excitado, mesmo não tendo nenhuma experiência. Inspirou lentamente, ao mesmo tempo que inclinava a cabeça para trás e a boca dele, liberta da sua, desceu-lhe pelo pescoço num rasto de beijos.

Por favor, não pare. Oh... por favor... não pare!

– Venha deitar-se – murmurou ele, contra os seus lábios, os olhos lânguidos nos seus.

– Sim.

– Poderei libertá-la, primeiro, da camisa de noite? – perguntou ele.

Oh. A sério? Agora? Com tantas velas acesas?

– Só se permitir que o liberte do seu roupão – devolveu ela.

– Combinado. – Riu-se suavemente. – Sou o primeiro.

Ele levantou-lhe a camisa, que retirou assim que ela levantou os braços.

Depois, deixou-a cair ao chão e deu um passo atrás, com as mãos pousadas nos ombros dela. Wren constatou que, curiosamente, não se sentia constrangida, embora tivesse de resistir a desculpar-se. Não tinha formas. Bom, talvez exagerasse, mas escultural não era com certeza. Contudo, ele escolhera casar-se com ela, disso não havia dúvida. No domingo de Páscoa ela libertara-o de qualquer obrigação que ele pudesse julgar ter para com ela. Mais tarde, em Londres, ele pedira-a em casamento por sua própria iniciativa. Tivera opções – aquela jovem bonita e formosa com quem o vira a passear no parque, por exemplo.

– Tem um físico de atleta, Wren – declarou ele. – Se existissem mulheres atletas, estou certo de que aspirariam a ter o seu corpo.

Ela olhou, sobressaltada, para ele, vendo enrugarem-se-lhe os cantos dos olhos.

– Não parece ser um grande elogio, pois não? – perguntou ele. – Era minha intenção que fosse, embora talvez não devesse tê-lo dito em voz alta. É magnífica.

Ele não podia estar a falar a sério. Por outro lado, ele não lhe mentiria. E, se o fizesse, não teria escolhido aquele elogio. Ela gostou. Oh... Como gostou.

– E hoje reparou?

Ele alçou as sobrancelhas com ar inquiridor.

– *Reparou?* – repetiu ela, percebendo na forma como o olhar dele incidia sobre a sua face esquerda que a compreendera.

– Com toda a franqueza, digo-lhe que não, Wren – garantiu ele. – Palavra de cavalheiro. Não reparei. Julgo que não reparei o dia inteiro. O que significa alguma coisa, creio eu.

– Que não é grande observador? – replicou ela. Mas, embora gracejasse, sentiu-se verdadeiramente animada. Seria possível alguém olhar para si e conseguir, de facto, não reparar? Os tios sempre lhe tinham dito que assim era, claro, mas eles conheciam-na desde pequena. E ela sempre duvidara se não seria o amor a falar, mais do que a evidência da verdade.

Ela desapertou a faixa que lhe prendia o roupão à cintura e colocou-lhe as mãos nos ombros, por baixo do tecido. Só então reparou que ele não trazia mais nada vestido. Empurrou o roupão e viu-o deslizar pelos braços e pelo tronco e amontoar-se no chão. Ele afastou-o com os pés, tirando também os chinelos.

Ela olhou para ele como ele olhara para ela, o corpo banhado pela luz das velas. E... Oh, Céus... Não havia palavras para aquilo. Fez deslizar as mãos, leves como penas, sobre o peito dele, sentindo os músculos firmes. Depois, fê-las subir até aos ombros, sentindo o seu calor e a sua solidez. As pernas dele eram compridas e poderosas, um pouco mais compridas do que as suas. A anca e

a cintura esguias. E oh... estava pronto, sem sombra de dúvida. Tal como ela. Sentia uma vontade implacável... ou algo mais forte e mais físico do que a mera vontade, embora não encontrasse o termo certo para designá-lo. Levantou a cabeça para olhar para o rosto dele antes de se voltar e se deitar sobre a cama.

– Deseja que apague as velas? – perguntou ele.

Ela hesitou.

– Não. – Desejava ver além de sentir. Possuía cinco sentidos. Porquê anular deliberadamente um deles?

Quando ele se deitou ao seu lado e se voltou para ela, Wren julgou que não poderia estar mais pronta para a consumação. Mas podia, como descobriu ao longo dos minutos seguintes. E, novamente, não notou nenhuma pressa por parte dele. As mãos e a boca de Alexander deambulavam pelo seu corpo, explorando-a, provando-a, enquanto as suas próprias mãos, inicialmente desorientadas e impreparadas, lhe seguiam o exemplo, descobrindo a masculinidade e a singularidade, a par de uma beleza capaz de levá-la novamente à iminência do desmaio, caso não existissem sentimentos mais poderosos a mantê-la muito consciente e muito presente.

Ele deitou-a de barriga para cima, por fim, colocou-se em cima dela, afastou-lhe bem as pernas com as suas e enfiou as mãos por baixo do seu corpo, fazendo-a sentir o seu peso, deixando-a quase sem fôlego mas não sem desejo. E ela sentiu-o na sua parte mais sensível, procurando, explorando, encontrando. Entrou dentro dela. Ela inspirou lenta e profundamente, sentindo a dureza que a abria, que a alargava, que a magoava, cada vez mais fundo, passada a agudeza da dor, até, maravilhada, se ver preenchida por ele.

Finalmente. Ah, finalmente! Finalmente.

Ele ficou quieto por alguns momentos e, então, transferiu algum do peso para os braços, contemplando-a, com os olhos impregnados de uma expressão que ela nunca lhe vira.

– Lamento – murmurou ele.

Lamentaria a dor?

– Eu não – declarou ela. Teria suportado muito mais para ter aquilo, aquela união do seu corpo com o corpo de um homem, a certeza de que, afinal, podia ser uma mulher por inteiro, e também uma pessoa por inteiro.

Ele encostou a cabeça à almofada, ao lado da sua, começando a retirar-se. *Por favor, não*, Wren desejou dizer, mas sem o fazer. Momentos depois teve a satisfação de senti-lo parar no último instante e entrar novamente, uma vez e outra, até os seus movimentos assumirem uma cadência rápida e firme. E, sim. Oh, sim... Não era uma completa ignorante. Já tivera oportunidade de observar o reino animal e não era assim tão diferente com os humanos. Era aquilo que

acontecia. Era aquela a consumação, o ato amoroso, que se repetiria incontavelmente ao longo das noites, semanas e anos seguintes. Seria assim que se tornariam marido e mulher. Seria assim que teriam filhos e filhas. Concentrou-se em experimentar cada sensação desconhecida e nova, em perceber a sua inesperada humidade e a respiração ofegante dos dois, em absorver os odores inebriantes do suor e de algo mais, inequivocamente carnal, na visão do cabelo escuro misturado com o seu e nos ombros musculados que a dominavam, no corpo que embatia ritmadamente contra o seu.

Aquela era a sua noite de núpcias, exclamou para si própria com deliberada exultação, quando a urgência e o prazer se fizeram unos em todas as fibras do seu ser. A noite de núpcias dos dois. A primeira noite do seu casamento. Alegrou-se por ter decidido confiar nele, não só na questão do dinheiro mas em tudo. Seria um bom casamento.

Após uma sucessão indefinida de minutos – o tempo deixara de ter significado – os movimentos dele tornaram-se mais rápidos e mais urgentes até que pararam de repente, com ele profundamente dentro de si. Ela sentiu derramar-se um líquido quente e soube, não sem pena, que estava terminado. Momentaneamente, porém. Haveria outras alturas. Estavam casados e fora ele quem sugerira que dividissem um quarto e uma cama.

Ele emitiu um som de satisfação masculina que não se traduziu em palavras, relaxou todo o seu peso sobre ela e, se Wren não se enganava, adormeceu prontamente. A possibilidade divertiu-a e ela sorriu. Devia pesar uma tonelada. Mas não desejava acordá-lo.

Alexander não dormia. Apenas se permitira aquele relaxamento total depois do esforço físico, mesmo sabendo que deveria estar a esmagá-la. Passara muito tempo. Demasiado tempo. E o que aceitara estava aquém daquilo que sonhara. Tratava-se de um pensamento desleal, contudo, e ele deitou-se ao lado dela e cobriu-os a ambos com os cobertores. Sentia-se demasiado preguiçoso para sair da cama e apagar as velas. Ela estava voltada para ele, com o rosto parcamente iluminado pela luz bruxuleante das velas e o cabelo escuro em desalinho sobre o ombro e um dos seios. Isto dava-lhe um aspeto mais jovem e mais evidentemente feminino do que o habitual.

Perguntou para si próprio se teria tomado a decisão certa, ao persuadi-la a fazer do quarto e da cama dele seus também. Afigurava-se-lhe, estranhamente, um compromisso maior do que o simples laço matrimonial que estabelecera com ela naquela manhã. Tratava-se de uma perda de privacidade, da perda de um sítio para onde se retirar que fosse só dele. Mas não podia continuar a pensar assim e

não o faria. Tomara a decisão quando a pedira em casamento. Nada de meias medidas. Nada de se remeter para um sonho que deixara de poder alcançar. Vendo bem, a maior parte dos sonhos era assim, razão pela qual, precisamente, detinham esse nome.

Devia habituar-se à presença dela na sua cama, em parte porque tinha necessidades, tal como ela, mas mais ainda porque tinha deveres para com o seu título e posição, que se sobrepunham aos seus deveres financeiros. A prima Eugenia, a condessa viúva, declarara-o sem rodeios há não muito tempo. Havia uma escassez alarmante de herdeiros na família Westcott. Ele era o único, na verdade, embora nem sequer fosse o herdeiro. Era o titular. Se falecesse antes de gerar pelo menos um filho, teriam de recorrer às pernas principais da árvore genealógica, para descobrir um ramo mais produtivo, ou teria de se proceder à suspensão do título. Era seu dever conceber vários filhos e, esperava, algumas filhas. Gostava da perspectiva de ter meninas. Contudo, a sua mulher estava quase nos trinta. Deviam proceder sem demora.

– Magoei-a? – perguntou.

– Não me importei – disse ela, embora não o negasse. Mas não, não se importaria. Ela quisera casar-se. Queria igualmente ter filhos. Se alguma vez sonhara com um amor romântico e apaixonado, também ela tomara a decisão de se contentar com um substituto mais discreto. Não era necessariamente uma coisa má. Havia esperança.

– Julgo que não voltará a acontecer – disse ele. – A dor, quero dizer.

– Não.

– Fui muito pesado? – perguntou ele.

– Alexander – devolveu ela. – Fiquei satisfeita. Julguei que todos os homens a partir de determinada idade possuíam experiência suficiente para não sentir tais ansiedades.

Santo Deus! Como era oportuno o fraco bruxulear das velas, pois quase de certeza que corou naquele momento. Não era virgem antes daquela noite. Tivera uma amante muito satisfatória, dez anos antes, quando frequentara Oxford. Uma taberneira. Não uma das empregadas, mas sim a dona do estabelecimento, uma viúva, com mais vinte anos do que ele, robusta, cordial e afetuosa, e dotadíssima nas artes do amor. Não que ele possuísse termo de comparação, era verdade, mas não duvidara na altura e não duvidava no presente que se tratara da melhor professora que qualquer jovem podia desejar. Haviam-se despedido sem nenhum problema depois de ele terminar o curso e, desde então, tivera muito poucas mulheres. Por um lado, Riddings Park ocupara-o bastante. Por outro... Bom, procurar mulheres de costumes fáceis, duro eufemismo para designar as mulheres que eram obrigadas a vender o corpo para subsistir, sempre lhe

parecera de muito mau gosto.

– É que – principiou ele – sempre me pareceu algo sórdido procurar relações casuais.

– Então salvei-o de uma vida de quase celibato? – perguntou ela.

Que conversa estranha.

– Salvou, deveras – reconheceu ele. – Wren, obrigado por se casar comigo... Sem uma convenção nupcial. Obrigado por confiar em mim. – Segundo a lei, tudo o que fora propriedade dela, incluindo a sua própria pessoa, pertencia-lhe agora. Se aquela realidade era desconcertante para ele, quanto não seria para ela?

Ela absteve-se de falar, limitando-se a fitá-lo.

– Aprendi a confiar quando tinha dez anos – declarou. – Foi um pouco como saltar da janela do último piso tendo alguém no chão com uma simples almofada na mão enquanto a casa ardia atrás de mim. Tive fé na pessoa que me salvou e aprendi que a confiança e o saber em quem confiar estão entre as qualidades mais importantes que qualquer pessoa deve cultivar. Sem confiança não existe... nada. A convenção ter-me-ia feito sentir que talvez tivesse alguma dúvida, portanto escolhi não alimentar esse medo.

Ele continuou a fitá-la durante bastante tempo, perguntando-se se faria tenção de continuar, de lhe contar o que representava aquela casa a pegar fogo na sua vida. Mas ela não avançou mais.

– Mesmo assim – contrapôs ele –, nos próximos dias, trataremos de consultar um advogado. Não quero que fique totalmente dependente da minha lealdade. Além do mais, há coisas que devem ser escritas e devidamente atestadas. Eu poderia morrer a qualquer momento.

– Por favor, não faça isso – replicou ela.

– Vou tentar. – Ele sorriu-lhe e ergueu uma mão para lhe afastar o cabelo. Possuía seios pequenos, mas bonitos e firmes. Ele levou a mão ao seio que tinha exposto, envolveu-o com a mão e tocou no mamilo, que endureceu ao sentir-se afagado. – Está muito dorida?

Ela pensou por um momento e abanou a cabeça.

– Julgar-me-ia demasiado insaciável? – perguntou, depositando-lhe suaves beijos na testa, na têmpora, no pescoço, no rosto, na boca.

– Não – devolveu ela.

Estava húmida e quente quando ele voltou a penetrá-la e ela apertou-o com os músculos internos enquanto elevava os joelhos e pousava os pés na cama. Ele moveu-se prontamente dentro dela, de olhos fechados, suportando o peso do corpo nos braços, sentindo-se insaciável apesar do veredito dela, e atingiu rapidamente o clímax. Desta vez, continuou abraçado a ela, não a soltando quando se deitou no colchão, e sentiu o suave calor do seu corpo, ao colocar

novamente os cobertores sobre os dois, e soube que ela, relaxada, se preparava para dormir, com a cabeça aninhada no seu braço.

Sim, contentara-se com menos do que sonhara, mas, provavelmente, o mesmo acontecia com quase todos os homens e mulheres que se casavam. Não podia haver assim tantos que se dedicassem à procura do amor e menos ainda que o encontrassem. Vieram-lhe à mente Anna e Netherby, e até Camille e Joel Cunningham, mas não ia começar a fazer comparações. Fosse como fosse, não tinha nenhuma certeza, pois não? Era impossível saber como era, de facto, o casamento de outra pessoa. Ninguém o conhecia exceto o casal. Fariam do seu casamento o que escolhessem fazer. Na verdade, era uma boa reflexão com a qual dar início a tal compromisso.

Adormeceu.

CAPÍTULO 16



— Talvez devesse ter pensado em levá-la numa viagem de núpcias – comentou Alexander, na manhã seguinte, segurando nas mãos de Wren. – À Escócia. Ou aos Lagos. Ou a Gales.

– Nós – corrigiu ela. – Nós talvez devêssemos ter pensado nisso. Mas não quero fazer uma viagem de núpcias. O Alexander quer?

– Não – declarou ele. – Mas não me parece bem estar aqui sentado a escrever uma carta, de manhã cedo, no dia a seguir ao nosso casamento, além de estar prestes a partir para a Câmara dos Lordes, deixando-a sozinha.

Tinham-se dedicado os dois a escrever uma carta ao administrador de Brambledean com instruções sobre o que desejavam que fizesse de imediato. Wren supôs que seria deveras um pouco estranho ocuparem-se daquela forma, mas porque não? Trabalhar assim com ele fazia-a sentir-se tão casada como o que haviam feito na noite anterior. E ela gostava da sensação de estar casada.

– Nunca me importo de estar sozinha – declarou ela. – Além do mais, também tenho trabalho a fazer. Recebi relatórios e consultas da vidraria, nos últimos dias, e devo responder-lhes sem demora, como faço sempre. Um deles tem o esboço detalhado de um novo modelo, que necessita da minha aprovação. À primeira vista, não tenho a certeza de que possa dá-la. Preciso de me concentrar melhor nesta questão.

Devia igualmente escrever mais algumas cartas; uma à governanta de Withington, outra à casa do Staffordshire, uma terceira a Philip Croft, o seu gerente, a respeito da sua mudança de nome e estado civil.

– O que está a dizer-me, de facto – principiou ele, aproximando uma das mãos dela dos lábios –, é que mal pode esperar que eu saia para o meu trabalho para poder dedicar-se ao seu – concluiu, com olhos sorridentes.

– Ah... – devolveu ela – o cavalheiro começa a aprender.

Ele deu uma gargalhada.

– Creio que poderá contar com um dia sossegado – declarou ele.

– Sim. – Mas a verdade é que sentiu algum pesar quando, alguns minutos depois, ficou a vê-lo sair de casa. Teria gostado de prolongar aquela sensação de intimidade um pouco mais.

Um dia sossegado. Parecia-lhe ter sido há décadas, o último dia que passara sozinha. Desfrutaria daquele dia sabendo que, mais tarde, o seu marido regressaria a casa. Devia ser uma das palavras mais maravilhosas da língua inglesa – *marido*.

O seu dia a sós começou bem. Escreveu primeiro as cartas e depois analisou os desenhos da vidraria. Continuava sem conseguir decidir-se quanto às espirais multicolores que seriam gravadas no cristal no novo lote de copos, caso desse a sua aprovação. O efeito seria impactante; mas primaria também pela elegância? Era a derradeira bitola pela qual julgava todos os desenhos e a única diferença, embora ténue, entre ela e o tio. A beleza incontestável apelara a um e outro, assim como a elegância, mas o tio Reggie tinha a inclinação de colocar mais ênfase na primeira, enquanto ela se inclinava para a segunda. Claro que a linha que separava uma e outra era, na maior parte das vezes, tão subtil que a decisão não era fácil de tomar, tal como naquele momento.

Passara metade da manhã completamente absorta no seu trabalho quando fez a descoberta simples de que, se omitisse as espirais amarelas, ou, melhor ainda, alterasse a cor, o efeito se transformava por completo. Elegância total. Mas, no preciso momento em que o constatava, sorrindo, o mordomo entrou com uma salva de prata, apresentando o correio da manhã. Atrás dele uma criada transportava uma bandeja de café e biscoitos de aveia.

– Para mim? – perguntou ela ao mordomo. De quem poderiam ser todas aquelas missivas?

– Sim, minha senhora – confirmou ele, inclinando a cabeça. – E tomei a liberdade de colocar o jornal da manhã no tabuleiro. – Ele e a criada saíram da sala.

Wren pegou no molho de cartas e passou os olhos por elas. Seriam seguramente para Alexander ou para a mãe dele, ou para Elizabeth. Mas todas se encontravam endereçadas ou à condessa de Riverdale ou ao conde e à condessa. E quase nenhuma tinha franquia, reparou. Deviam ter sido todas entregues em mão. Pegou no jornal, que se apresentava cuidadosamente dobrado na página das notícias sociais e viu o comunicado do seu casamento, assim como uma coluna social a comentar quem tinha estado presente. No texto, Wren fora identificada como «a herdeira fabulosamente rica da vidraria Heyden». Oh, Céus.

As cartas eram todas convites, para um sem-número de divertimentos da alta sociedade que teriam lugar nos dias e semanas seguintes, desde bailes a receções, incluindo um piquenique, um chá prolongado e um serão musical. Oh, Céus, outra vez. Concretizavam-se os seus piores receios. Fora aquela a razão pela qual retirara, no domingo de Páscoa, a proposta que fizera a Alexander. Mas ele prometera... Bom, iria simplesmente reivindicar isso dele. Ela fora tão longe

quanto estava disposta a ir a nível social, o que era muito mais do que inicialmente previra. Conhecera a maior parte da família dele. Fora passear algumas vezes a Hyde Park, uma das quais sem véu. Por mais que gostasse da família dele, o esforço exauria-a. Ansiava pela sua privacidade de uma forma visceral e não se exporia mais.

Teria de responder a todos aqueles convites, supunha, embora fosse aguardar e mostrá-los primeiro a Alexander. Sentou-se, com a sua tranquilidade severamente afetada, para beber o café. Mal dera duas dentadas num dos biscoitos, porém, quando a porta voltou a abrir-se para dar entrada à prima Viola. No dia anterior, toda a família lhe pedira que se tratassem pelo primeiro nome. Lá se ia o seu dia de tranquilidade, pensou enquanto se levantava. Mas não teria sido pior receber primeiro alguns dos outros familiares. Sentia-se extremamente constrangida por receber naquela manhã a senhora que há pouco mais de um ano ostentara o título que agora lhe pertencia e que habitara aquela casa com os filhos.

A prima Viola parecia igualmente desconfortável.

– Sou a primeira a voltar? – perguntou. – Peço imensa desculpa. Pensei que encontraria a Althea ou a Elizabeth, e talvez também o Harry e a Abby. Julguei que teria ido a algum lado com o Alexander.

– Ele não quis de todo faltar à sessão da Câmara dos Lordes desta manhã – explicou Wren.

– No dia a seguir ao casamento? – questionou a outra senhora, com ar de perplexidade. Mas, depois, soltou uma gargalhada. – É mesmo do Alexander.

– E eu própria também tinha trabalho a fazer – acrescentou Wren.

– Oh... Interrompi-a...

– Não, de todo – garantiu Wren. – Venha sentar-se. O café foi feito agora e não faltam chávenas. Deixe-me servi-la.

Um minuto depois estavam sentadas, uma de cada lado da lareira, numa sala que, de algum modo, parecia maior e mais silenciosa do que há cinco minutos.

– Esta situação revela-se bastante mais embaraçosa do que esperava quando sugeri convidá-la para o casamento – principiou Wren. – E mais embaraçosa do que parecia ser quando chegou. Depois de ontem deve... Bom, está seguramente ressentida comigo.

– A Wren é de uma honestidade revigorante – afirmou Viola. – É evidente que me sinto extremamente desconfortável, mas não sinto qualquer ressentimento em relação a si, Wren, nem em relação ao Alexander. Ainda que não tivesse tido a gentileza de me convidar, e à Abby, para o seu casamento, e ainda que não tivesse evidenciado a extraordinária generosidade que demonstrou para com o Harry, continuaria a não suscitar em mim qualquer ressentimento. Existe apenas

uma pessoa merecedora dele, e essa pessoa está morta. Quanto a isto não direi mais, pois trata-se do meu marido e devo-lhe lealdade, até na morte, ainda que o casamento não seja legal. Não sou nenhuma santa, porém. A verdade é que senti ódio intenso e ressentimento para com a Anastasia durante muitos meses, mesmo negando-o, e compreendo a falta de lógica de tais sentimentos. Mas depois vi com que persistência tentava ser gentil e generosa para com os meus filhos, meios-irmãos dela, e até para comigo, e tive uma boa conversa com ela quando estivemos em Bath, no ano passado. E estou determinada a gostar dela. Isto pode parecer algo estranho de se dizer, Wren, mas o afeto nem sempre é um sentimento. Às vezes é, sobretudo, uma decisão. Decidi gostar dela e acredito que acabarei por senti-lo.

– Eu acho-a encantadora, devo confessar – disse Wren. – Na verdade, acho toda a família encantadora. Acolheram-me de bom grado, apesar de tudo.

– De tudo? – Viola observou-a em silêncio durante alguns instantes. – Refere-se ao seu rosto? Ou refere-se ao seu dinheiro?

– Um pouco de ambos, suponho – devolveu Wren. – Num dos jornais de hoje descreviam-me como uma herdeira fabulosamente rica. Hoje toda a gente vai dizer por aí que alguém tão bem-parecido como o Alexander não se teria casado com uma mulher com o meu aspeto se não fosse pelo dinheiro.

– E importa-se com o que as pessoas dizem? – perguntou Viola.

– A Viola importa-se?

– *Touché* – replicou esta, rindo suavemente. – Porque me escondi no campo com a Abby e me recusei a vir para Londres, até agora? Suponho que todos nos importemos, Wren, por muito que tentemos dizer aos outros e a nós próprios que não. Sim, importo-me. Não sabe o que é perdermos a nossa identidade, quando já passámos os quarenta. A maior parte de nós, quer o reconheçamos, quer não, retira a sua identidade de coisas, pessoas e circunstâncias, e dos nossos próprios nomes. Só quando todas estas particularidades nos são retiradas é que nos fazemos a pergunta: *Quem sou eu?* Não acontece a muitas pessoas, claro. É mais assustador do que consigo exprimir em palavras, perguntarmo-nos se existimos sequer, de facto, sem todas essas coisas. Chamo a mim mesma Viola Kingsley porque era por este nome que me conhecia, em rapariga. Contudo, não retrata bem quem sou hoje em dia. Peço-lhe que me desculpe. Não costumo falar de forma tão despudorada sobre mim mesma.

– Eu compreendo – assegurou Wren. – Não nasci com o nome de Wren Heyden. Adotei-o quando tinha dez anos, e com ele toda uma nova identidade. Consigo compreender o que aconteceu consigo, embora, no meu caso, a transformação tenha ocorrido numa fase diferente da vida, e tenha sido uma mudança para melhor.

– Dez anos – repetiu Viola. – Oh, pobre rapariga. Não sabia disso. Sei muito pouco sobre si, a não ser que é bela e generosa. Não duvide. Não vale a pena ficar tão cética. E, embora saiba muito pouco, pressinto que será a mulher perfeita para o Alexander. Ele precisa de uma pessoa tão séria e inteligente quanto ele. E de alguém que o faça sorrir, como sorria ontem.

– Oh... – replicou Wren, encantada. – Creio que é algo de bom que podemos fazer pelos outros, não é? Fazê-los sorrir?

Sorriram uma para a outra como se quisessem comprová-lo. Podia estabelecer uma amizade genuína com aquela mulher, pensou Wren, com calorosa esperança. Primeiro Lizzie, agora Viola. Ah... Perdera tanto na sua vida de autoimposta reclusão. Viola optara por se colocar de parte no ano anterior. Ela fazia-o há quase vinte anos.

Foi como se Viola lhe lesse os pensamentos.

– Vê o que sai das conversas? – principiou. – Eu teria ficado aqui sentada hoje de manhã, a morrer de embaraço, a falar sobre o tempo e a rezar para que a Althea e a Elizabeth, ou os meus filhos, voltassem rapidamente, caso a Wren não tivesse optado por falar abertamente do constrangimento que ambas sentimos. Ao falarmos abertamente, cada uma de nós descobriu que não é a única a sofrer. Por vezes parece que fomos injustamente escolhidas quando todas as outras pessoas continuam a ter uma vida feliz e sem sobressaltos, não é?

– É verdade. – Wren sorriu novamente, passando a temas mais leves. – Vai a alguma reunião social enquanto está na cidade? – perguntou. – A Abigail vai?

– A minha sogra, isto é, *antiga* sogra, e a Matilda querem muito que eu vá – respondeu Viola. Ontem fizeram questão de frisar que o que me aconteceu não foi de forma alguma culpa minha e que a alta sociedade, na sua maioria, teria todo o prazer em voltar a ver-me e apreciaria o meu regresso. Creem que devo fazer esse esforço, pela Abby. Acreditam que ainda é possível, sobretudo com a influência conjunta da família e do Avery, proporcionar-lhe uma apresentação decente à sociedade e encontrar um marido consonante com a educação dela. No entanto, é a Abby quem terá de tomar a decisão e eu não consigo prever qual será, embora possa ter um bom palpite. Se decidir fazê-lo, porém, não será comigo ao seu lado. Terá patronos mais poderosos. Quanto a mim, não tenho qualquer desejo de voltar a ser favorecida. Não é que tenha medo de mostrar a cara, mas... Bom – Viola sorriu –, talvez tenha um pouco de medo.

– Hoje de manhã chegou uma pilha de convites – comentou Wren, acenando a cabeça na direção do tabuleiro. – Não esperava recebê-los. Quer-me parecer que sou muito ingénua. O nosso casamento foi anunciado e comentado nos jornais de hoje, e o facto é que agora sou a condessa de Riverdale. Vou recusá-los a todos, claro.

– Vai? – questionou Viola. – Soube que passou anos a esconder-se e a usar um véu facial quando tinha de sair. Mas ontem não usou nenhum. O Alexander não tentará insistir consigo para que compareça a alguns desses eventos, pelo menos?

– Não – devolveu Wren.

– Di-lo com completa confiança – comentou Viola. – Então não terá vida social, enquanto condessa de Riverdale?

– Não – confirmou Wren, abanando a cabeça.

– Somos duas mulheres temerosas, não somos? – Viola fez uma careta e fitou Wren com expressão interrogativa. – Iremos mesmo sucumbir aos nossos medos? Ou trataremos de nos desafiar mutuamente? De nos mostrarmos juntas em Londres, ainda que possamos não o fazer na alta-roda? Visitamos juntas algumas das galerias e igrejas, e talvez a Torre de Londres, nos próximos dias, antes de eu regressar a casa? Por estranho que pareça, visitar a cidade não é uma ocupação habitual da condessa de Riverdale. São muitas as festas e outros eventos sociais a ocupar-lhe o tempo. Corrirei o risco muito real de ser reconhecida e a Wren correrá o risco de ser vista. Pois, para ser um verdadeiro desafio, terá de ir sem véu. O que me diz? Vamos a isso?

Wren hesitou apenas um instante.

– Qual véu? – replicou. Ambas riram novamente.

Naquele momento, a porta abriu-se mais uma vez para dar entrada a Harry, Abigail e Jessica, que pareciam trazer consigo o sol, a juventude e a energia, assim como o tagarelar e o riso. Harry fez a sua vénia e as jovens abraçaram-nas às duas.

– Gostou de se ver descrita como «herdeira fabulosamente rica»? – perguntou Jessica a Wren, com uma risada. – O Avery, claro, assinalou que a palavra «herdeira» não se adequa, pois a Wren já é a proprietária da fortuna da vidraria.

– Eu não gostei nada da descrição – comunicou Abigail. – Implicava sub-repticiamente que o Alex se casou consigo por causa da sua fortuna e nada mais. O Alex sempre foi um dos meus preferidos. Sempre o admirei e sei que é algo que ele não faria nunca, em hipótese alguma, mesmo precisando de dinheiro para consertar os estragos daquela ruína que o nosso pai lhe deixou. Estava absolutamente maravilhosa ontem, Wren, e completamente radiante.

– Hoje continua radiante – declarou Jessica, rindo-se, algo constrangida. – Espero que não se importe de eu ter vindo, com a Abby e o Harry. Suponho que o Alex tenha ido para a Câmara dos Lordes?

– Avisei-te para não apostares comigo, Jess – interrompeu Harry, deixando-se cair num cadeirão, parecendo algo pálido, alegre e bastante cansado.

– Já viu a Josephine, Wren? – perguntou a Abigail. – A bebé da Anastasia e do Avery? É linda. Mãe, tens de ir vê-la. A Anastasia diz que tens de ir. Está

desiludida, claro, por eu não poder passar o verão em Morland Abbey, como ela estava a contar, mas compreende que queiramos ficar em Bath para apoiar a Camille. Diz que ela e o Avery provavelmente vão lá depois de o bebé nascer.

Harry bocejou.

Mrs. Westcott e Elizabeth chegaram a casa poucos minutos depois e a conversa prosseguiu com maior volume e entusiasmo. Wren riu-se interiormente. Teria mesmo contado com um dia sossegado? Fora isso o que realmente desejara? A verdade é que estava a gostar daquele ambiente familiar e de fazer parte dele.

– Suponho – principiou Elizabeth – que o Alex tenha ido para a Câmara dos Lordes. Às vezes tenho vontade de bater no meu irmão.

– Está ainda mais encantadora esta manhã, Wren – declarou a sogra, acenando levemente a cabeça com uma expressão satisfeita, e Wren percebeu que o que a senhora lhe dizia realmente era que tinha ar de quem passara uma boa noite de núpcias. Mas, uma vez que as palavras e o aceno tinham fluído discretamente no meio da conversa, Wren não se sentiu demasiado constrangida.

E, então, a porta abriu-se mais uma vez, dando entrada a Alexander em pessoa, que, belo como sempre, pareceu ficar bastante surpreendido. Wren levantou-se.

– Ah... uma festa de família enquanto o senhor da casa está ausente? – provocou ele. – É este o resultado de agora haver uma senhora da casa?

– Na verdade, Alex, a tua presença é bastante supérflua – retrucou Elizabeth.

– Hum... – replicou ele, parando no meio da sala, junto a Wren, para levar aos lábios a mão dela. – Saí mais cedo da Câmara dos Lordes para a levar naquele passeio de carruagem a Kew que não chegou a fazer na semana passada. Imaginei que estivesse aqui sozinha.

– Então enganou-se profundamente – devolveu ela. – Hoje sou uma Westcott, senhor, e desfruto da companhia da minha família.

Ele abriu um sorriso.

– Está a pôr-te no lugar, Alex – comentou Harry, com um novo bocejo.

– Abdicarei, porém, de usufruir ainda mais do prazer da sua companhia para dar um passeio com o meu marido.

O sorriso dele abriu-se ainda mais.

– E eu sou o portador de mais um convite para esta noite – retomou Alexander. – O Netherby vai levar a Anna ao teatro, mas declara que o seu camarote privado é demasiado espaçoso para ficarem «perdidos lá dentro sozinhos», nas palavras dele. Quer que vamos com eles. E quer que a prima Viola e a Abigail venham também, e o Harry, se lhe apetecer. Não lhe dei uma resposta, mas adverti-o de que, possivelmente, todos vocês declinariam o

convite. Ele limitou-se a encolher os ombros e a pôr aquele ar de aborrecimento, característico dele. Nenhum de vocês deve sentir-se obrigado a nada. E eu terei a maior satisfação em passar a noite em casa, na vossa companhia.

Oh! – Wren girou a cabeça para olhar para Viola e ambas trocaram sorrisos travessos.

– Um desafio ainda mais intimidante do que aquele a que nos propusemos – declarou Viola.

Todos a olharam com ar inquiridor. Exceto Wren.

– Teremos coragem? – perguntou. Teria ela coragem, por Deus? Deveria fazê-lo?

Viola ergueu o queixo, pensou por um momento e assentiu.

Wren voltou-se para Alexander.

– Ficaríamos num camarote privado? – perguntou. – Num teatro escuro?

Ele hesitou.

– Num camarote privado, sim – respondeu ele. – Mas antes de a peça começar o teatro estará perfeitamente iluminado e todas as pessoas olharão para todos os lados para ver quem mais está presente, e quem está com quem, e que temas poderão alimentar as conversas. Seria uma altura de grande exposição. Depois do comunicado desta manhã, não faltaria a curiosidade de ver pela primeira vez a nova condessa de Riverdale, a herdeira fabulosamente rica da vidraria Heyden. E depois dos acontecimentos do ano passado, o reaparecimento da antiga condessa, e do filho e da filha desta, também não deixaria ninguém à míngua de tema. Receio que o camarote do Netherby atraia o mesmo nível de atenção que o palco depois de iniciada a peça.

– Considera que não devemos ir, então? – indagou ela.

– Não me cabe a mim tomar essa decisão – devolveu ele, com firmeza.

– Irra! – exclamou Harry. – Eu preferia enfrentar o ataque de uma coluna militar do Boney, todos a gritar *vive l'empereur* entre toques do tambor, naquela maneira irritante deles. Eu não vou. Além disso, quando chegar a hora, eu estou é pronto para me enfiar no vale dos lençóis até de manhãzinha.

– Eu vou – disse Abigail –, se a Jessica também puder vir. Nunca me deram permissão para ir ao teatro antes de fazer dezoito anos, e depois não podia. Eu vou.

– Eu também vou, Abby – declarou Viola.

Aquilo não era nada justo, pensou Wren. Lenta e penosamente, acabava por se ver completamente exposta, quando nunca quisera prestar-se a isso. Só que não era uma questão de injustiça. O convite fora feito e a decisão de aceitá-lo ou não cabia-lhe unicamente a si.

– Eu vou – disse.

Alexander segurou-lhe ambas as mãos, apertando-as com força, enquanto por trás dela se ouvia uma ligeira ovação e, depois, risos.

– Oh, bravo, Wren! – disse Elizabeth. – E Viola e Abigail também.

– Então, eu teria sido o ganhador da aposta – acrescentou Alexander. – Infelizmente para mim, o Netherby não quis apostar.

O que fizera ela?, pensou Wren, sentindo uma pontada de pânico. O que fizera ela?

– Mas, primeiro, quero ir até Kew Gardens – concluiu.

CAPÍTULO 17



Todos quantos se dirigiram para o teatro em busca de novos temas para os seus mexericos, tanto quanto procuravam diversão no palco, encontrá-los-iam nessa noite em abundância sem ter de desviar o olhar do camarote privado do duque de Netherby. O duque e a duquesa estavam presentes, assim como o conde de Riverdale, com a sua recente e misteriosa mulher, a «herdeira fabulosamente rica da vidraria Heyden», a qual algumas pessoas alegavam ter visto na sua companhia em Hyde Park, embora nenhuma devidamente. Algumas comentavam, até, que ela circulava escondida por um véu. A antiga condessa, que fora desapossada do título, e que ninguém via há mais de um ano, encontrava-se também no camarote, numa concertação de antigos e atuais parentes, assim como a sua filha bastarda. A irmã do duque de Netherby, a jovem Lady Jessica Archer, cuja beleza emudecera de espanto a nata da sociedade durante a sua apresentação, decorrida naquele mesmo ano, mal foi notada perante o deslumbramento evocado pelas damas que a acompanhavam.

Quando Wren entrou no camarote do duque, pelo braço do marido, já depois de se ter exposto aos olhos de todos à entrada do teatro, no *foyer* e nas escadas, tinha perfeita consciência de que não podia ter escolhido uma forma mais pública de se apresentar à sociedade. E julgou perceber, no desconcerto do primeiro impacto, que todos os outros camarotes, as galerias e a plateia estavam apinhados de gente. Era provavelmente fantasioso supor que todos os olhos se voltaram para eles, mas talvez não fosse. Tratava-se de uma loucura de proporções épicas, que não teria acontecido se ela e Viola não tivessem acabado de se desafiar mutuamente a enfrentarem o mundo juntas. Sendo que, por mundo, se entendia Londres, a cidade, não as pessoas e, particularmente, não a alta sociedade.

Alexander sorriu-lhe enquanto a conduzia para uma cadeira junto à parte da frente do camarote, que lhe proporcionava uma vista desimpedida do palco. Felizmente era a sua face direita que se encontrava voltada para o teatro. Sentiu-se reconfortada pelo sorriso dele e preservou a sensação. A visita a Kew Gardens tinha sido esplêndida. Falaram, riram e tocaram-se frequentemente, tanto quando viajaram lado a lado no cabriolé desportivo como quando passeavam pelos

jardins. Sentira que ele desejava estar ali com ela, que apreciava a sua companhia, que, tal como ela, recordava as intimidades da noite anterior e experimentava já a expectativa de viver de novo o prazer. Sentira-se... casada. A sua felicidade teria sido imaculada e completa se não se sentisse também um pouco apreensiva com o serão que a aguardava.

Vivia-o, agora, e era tão pavoroso quanto receara. Não demoraria muito a levantar-se de um salto e sair dali a correr. Mas correr para onde?

– Faz isso muito bem – murmurou-lhe Alexander ao ouvido.

– E isso é? – perguntou ela.

– Essa postura de perfeita serenidade, o queixo erguido, o olhar reto – indicou ele. – Parece que é duquesa há vinte anos.

– Ao passo que na realidade sou condessa há...? Trinta e três horas? – arriscou ela.

– E está muito bonita, devo acrescentar – disse Alexander.

– Bajulador!

A duquesa, Anna, ainda estava de pé, a falar com Viola, cuja mão segurava entre as suas.

– Estou encantadíssima que tenha vindo, tia Viola – declarou. – E estou muito irritada com a Camille e o Joel, e disse-lhes isso mesmo na minha última carta. Estava desejava de que viessem todos passar pelo menos um mês em Morland Abbey, este verão. Queria ter tempo de sobra para mostrar a Josephine e para conhecer a bebé adotiva deles, a Sarah. E para voltar a ver a filha adotiva, a Winifred. Lembro-me bem dela, do orfanato. Desfez-se em lágrimas quando a Camille e o Joel a adotaram, assim como à Sarah. Mas este verão decidiram ter o seu próprio bebé. Egoístas. E, portanto, a Viola e a Abigail irão para Bath e o Avery e a Josephine terão de ir também, para vos ver a todos.

Viola e Abigail sorriam ambas. Anna gracejava, compreendeu Wren. A duquesa tentava também desviar a atenção delas durante aqueles confrangedores primeiros minutos da exposição a que se sujeitavam pela primeira vez depois de, no ano anterior, as suas vidas terem mudado de forma tão catastrófica. Wren ficara a saber que Joel Cunningham, o marido de Camille, crescera no orfanato de Bath, como Anna, e era o seu melhor amigo. Recordou-se do momento em que Viola lhe dissera que decidira gostar de Anna, embora ainda não o sentisse, de facto. Era uma ideia a ponderar.

O duque de Netherby estava ainda mais magnífico do que o habitual, vestido de cetim e renda quando a maior parte dos cavalheiros, incluindo Alexander, envergavam o preto e branco apanágio da elegância. Munido do seu monóculo, lançava um olhar sobre o teatro com altiva languidez. A luz dos candelabros refletia-se nas joias engastadas no punho do aparelho e à volta dele, e nas pedras

que lhe adornavam os dedos e o pescoço. Revelava-se uma presença reconfortante, tal como se propunha ser, adivinhou Wren. Assim como Alexander, sentado ligeiramente atrás de si, com a mão pousada ao lado da dela no corrimão de veludo, sobrepondo o dedo mínimo ao seu. Esporadicamente, sentia a carícia dele.

– Quando começará a peça? – perguntou ela.

– Deve estar a começar – respondeu-lhe ele. – Mas começa sempre um pouco mais tarde para dar tempo aos mais atrasados de chegarem, os quais, ao sabê-lo, se permitem chegar ainda mais tarde.

– Creio que a falta de pontualidade é também uma forma de reconhecer o facto de que a maior parte das pessoas vem ao teatro para ver os outros, tanto quanto para ver a peça, Alexander – observou Viola.

– Ah, quanto cinismo... – comentou o duque com um suspiro. – Quem é que disse que «a peça é a coisa, eu sei»?

– William Shakespeare – replicou Jessica.

– «... com que vou enlaçar a consciência do rei» – acrescentou Abigail.

– Pois – devolveu ele, em surdina.

Wren observava um grupo de pessoas que entravam no camarote em frente ao deles, antes vazio. Duas senhoras e quatro cavalheiros. Elas eram ambas louras e encontravam-se completamente vestidas de branco. Poderiam ser irmãs. Uma delas sentou-se num dos lados do camarote, e um dos cavalheiros instalou-se junto a ela, ligeiramente atrás. A outra senhora sentou-se no centro. Parecia pequena e quase frágil entre a corte de três cavalheiros, que se desfaziam em atenções para com ela – um deles ajustando-lhe a cadeira, o outro retirando-lhe o leque da mão e abanando-o suavemente diante do seu rosto e o terceiro trazendo algo, um banco, porventura, do fundo do camarote, que pousou aos pés dela. Ela sorriu, melíflua, aos três, voltando-se para a corte de admiradores que povoava as galerias e a plateia, ou assim pareceu a Wren, que, inicialmente, se inclinava para a diversão.

Mas teve uma sensação estranha. Uma ligeira tontura. A ameaça de um zumbido nos ouvidos. Não podia ser, evidentemente. Tinham passado vinte anos e, com esses anos, as suas lembranças. Contudo, mesmo que a sua memória estivesse perfeitamente preservada, o tempo – vinte anos, neste caso, teria provocado alterações significativas. A senhora levantou uma mão enluvada de branco, em reconhecimento da homenagem que lhe prestava um grupo de cavalheiros da plateia, e inclinou a cabeça num cumprimento gracioso. Mas havia algo em ambos os gestos...

– Como será que ela consegue... – comentou Viola, com diversão na voz.

– Com uma peruca, cosméticos e um batalhão de artistas – replicou Jessica. –

Mas de perto, tia Viola, tem um aspeto verdadeiramente grotesco.

Podiam estar a falar de qualquer pessoa. E, de qualquer forma, as conversas terminaram rapidamente, pelo menos no camarote deles, quando a luz diminuiu para dar início à peça. Era a primeira representação dramática à qual Wren assistia e ficou maravilhada com os cenários, os fatos, as vozes e os gestos dos atores, a sensação de fabulosa irreabilidade que a arrastou para outro mundo, quase a fazendo esquecer-se do seu. Teria ficado completamente absorvida se pudesse ignorar a palpitante agitação do seu coração.

Não podia ser.

Como será que ela consegue...

Com uma peruca, cosméticos e um batalhão de artistas.

E, imediatamente antes de o silêncio ocupar o camarote, a voz de Alexander: *... até a filha é mais velha do que eu; mais velha, talvez, do que a Lizzie.*

Podia estar a falar de qualquer pessoa. Não perguntou.

– Abigail, segura o meu braço – disse o duque de Netherby, quando se iniciou o intervalo –, e vamos sair do camarote; podemos, até, beber uma limonada, Deus nos ajude. Jess, segura no meu outro braço para eu ficar equilibrado.

– Devo fazê-lo? – perguntou Abigail.

– Uma pergunta sem resposta – declarou ele –, e extremamente aborrecida.

Ela colocou a mão no braço dele depois de olhar para a mãe, e saíram os três do camarote.

– Vamos, também, tia Viola? – sugeriu Anna.

– Oh... Porque não? – devolveu Viola, levantando-se.

– Wren? – Alexander estava em pé ao seu lado, com uma mão estendida. – O que deseja fazer? Podemos simplesmente esticar as pernas aqui dentro, se quiser.

– Obrigada. – Ela deu-lhe a mão e levantou-se. Não voltou a cabeça, mas a sua visão periférica mostrou-lhe que as duas senhoras continuavam no camarote e que outros cavalheiros entravam, presumivelmente para apresentar os seus cumprimentos.

– Está a gostar da peça? – perguntou Alexander, segurando-lhe na mão.

– Muito – disse ela.

Ele aproximou a cabeça, franzindo ligeiramente a testa.

– O que se passa? – perguntou. – Arrepende-se de ter decidido vir? Está a ser demasiado para si?

– Estou bem – afirmou ela. Mas sentia o invulgar impulso de se aproximar fisicamente dele, de se abandonar contra o seu corpo, de sentir a segurança dos seus braços ao seu redor. Talvez fosse mesmo aquilo. Talvez fosse demasiado para ela. Coisas demasiado importantes a acontecer com excessiva rapidez na sua vida.

Ele continuava a fitá-la, intrigado. Foram interrompidos quando a porta se abriu e os Radley entraram, o tio e a tia de Alexander, que tinham vindo cumprimentá-los, acompanhados por um casal de amigos. Ficaram apenas alguns minutos, o suficiente para a tia Lilian lhe comunicar o quanto gostara do casamento e para o outro casal os felicitar, e para o tio Richard comentar que faziam corar Alexander.

Assim, voltaram a ficar novamente sós e Wren deu meia-volta para regressar ao seu lugar. Olhou sem querer para o camarote em frente. Uma senhora e um cavalheiro estavam ainda sentados. A maior parte dos cavalheiros que visitaram o camarote estavam agora de saída, apresentando vénias à outra senhora, enquanto um dos elementos da sua corte fora buscar-lhe um copo com uma bebida, que lhe apresentava, por sua vez, com uma vénia graciosa. A senhora, todavia, ignorava-os a todos. Segurava um lornhão cravejado de pedras e olhava diretamente para o camarote deles. A outra senhora e o cavalheiro que a acompanhava também olhavam. Ambos os lados do seu rosto estavam visíveis, constatou Wren. Sentou-se muito depressa e concentrou-se no palco vazio.

– Está a atrair as atenções daquele lado – comentou Alexander. – Espero que não a incomodem. Na verdade, devia sentir-se lisonjeada, Wren. Não é habitual Lady Hodges reparar noutras senhoras que não ela própria. Tem sido a coqueluche da alta sociedade durante pelo menos os últimos trinta anos, embora apareça mais raramente nos últimos anos e sempre de forma cuidadosamente orquestrada.

Não podia ser, pensou mais uma vez Wren ao mesmo tempo que os outros regressavam ao camarote para a segunda parte da representação. *Não podia ser*.

Mas era-o, de facto.

Lady Hodges...

No que tocava a Alexander, o serão correrá bem. A prima Viola mostrara-se tranquila e digna, à semelhança do que sempre fora, tanto quanto ele se recordava. Dirigiu breves acenos de cabeça a algumas pessoas quando saíam do teatro, mas não trocara palavras ou sorrisos com ninguém. Abigail, igualmente digna, sorria timidamente, enquanto Jessica se mostrara exuberante. Anna comentara a qualidade da apresentação. Netherby mostrava-se imperturbável, como sempre. Wren falara com admiração sobre a peça e agradecera afetuosamente a Anna e a Netherby, abraçando a primeira e apertando a mão ao segundo, antes de subir à carruagem depois da prima Viola e Abigail.

– Então? – perguntou ele quando a carruagem se afastou. – Eu diria que todas estiveram mais do que à altura do desafio. Sentem-se satisfeitas? – Wren

contara-lhe do acordo a que ela e a prima Viola tinham chegado, embora o intuito tivesse sido apenas sair uma vez ou duas para visitar a cidade.

– Estivemos, sem dúvida – afirmou Viola. Tinha a mão de Abigail sobre a sua, reparou Alexander. – Provámos algumas coisas a nós próprias e, quem sabe, a outros também. Abby, foi uma experiência a ser repetida?

– Foi agradável – devolveu Abigail – e aprecio o esforço que a Anastasia está a fazer para voltar a integrar-nos na família e, até, na sociedade. Tenho a certeza de que esta noite foi ideia dela, mais do que do Avery.

– Não foi da Jessica? – perguntou a mãe.

– Não – respondeu Abigail. – A Jessica quer fazer o oposto, a tontinha. Quer renunciar à sociedade para estar comigo. Não compreende que temos, uma e outra, de encontrar o nosso lugar no mundo, mas que se tratará de lugares necessariamente muito diferentes.

Mostrava-se bastante madura para alguém tão jovem, pensou Alexander. Era fácil esquecê-lo, pois era uma jovem de estatura pequena, doce, sossegada e de aspeto algo frágil.

Movimentou-se ligeiramente no assento para encostar o ombro ao de Wren. Ela ficara silenciosa. Apesar da forma elogiosa como falara sobre a peça, depois de esta terminar, ele tivera a curiosa sensação, durante a segunda metade, de que ela não se encontrava realmente lá. Pegou-lhe na mão. Ela não a retirou, mas também não acusou o toque.

– Não, mãe – retomou Abigail. – Não tenho grande desejo de mais noites destas. De festas, é certo que não. Já não. Foi ótimo vir para o casamento do Alexander e da Wren, e estar novamente com a família. E foi uma surpresa maravilhosa encontrar aqui o Harry.

– Voltamos para casa nos próximos dias, então? – sugeriu a prima Viola. – E levamos o Harry connosco? Ele insiste que, dentro de uma ou duas semanas, ficará suficientemente bem para regressar à Península, mas quando o mandaram para casa, tanto o cirurgião do exército como o comandante lhe disseram para parar durante pelo menos dois meses. Vamos engordá-lo e, quem sabe, levá-lo a Bath para ver a Camille e a avó Kingsley, e para conhecer o Joel, a Winifred e a Sarah.

– Parece-me bem, mãe – declarou Abigail. – Só tenho de convencer a Jessica de que o mundo não acabou para mim. O da Cam não acabou, pois não? Na verdade, está a começar.

A mãe de Alexander e Elizabeth encontravam-se em casa quando eles chegaram, acabadas de regressar de um sarau musical na residência de uma das amigas da segunda. Queriam falar sobre a sua noite e queriam saber como correra a ida ao teatro. Entraram todos juntos na sala de visitas, exceto Wren,

que se esgueirou para o piso de cima sem dizer uma palavra. E Harry retirara-se ainda antes da partida deles para o teatro.

– A Wren foi deitar-se? – indagou Elizabeth, cinco minutos depois, ao constatar que a cunhada não regressava.

– Não tenho a certeza – devolveu Alexander. – Talvez precisasse de estar sozinha. Esta última semana tem sido plena de desafios e esta noite talvez tenha sido um bocado de mais para ela.

– Ela viveu a vida inteira como uma eremita? – perguntou Abigail. E sempre com o véu?

– Sim – confirmou Alexander.

Abigail pareceu um tanto surpreendida quando Viola, a mãe, acrescentou:

– Lamento muito, Alexander, se fui causadora de angústia à tua mulher. Desafiei-a a enfrentar o mundo comigo. Tenho um enorme apreço por ela, sabes isso.

– Todos nós temos, Viola – declarou a mãe de Alexander. – Mas não deves culpar-te. Sabemos que a Wren tem ideias muito fortes e que não se deixa convencer a fazer algo que não deseja.

Cinco minutos mais tarde, Alexander sentia-se preocupado. Contara ver a sua mulher regressar, caso contrário ela ter-se-ia certamente despedido com algum tipo de justificação, como o cansaço.

– Vou subir para ver como ela está – disse ele.

Não estava na cama – pelo menos, não na deles. Nem estava no quarto de vestir dela nem no seu próprio quarto. Pelo menos assim julgou inicialmente. Não havia nenhuma vela acesa. Onde estava ela, então? Pousou a vela que transportava na mesa junto à janela e espreitou para fora, quase como se esperasse vê-la descer a rua. Atrás de si, o quarto estava silencioso, mas uma impressão na nuca advertia-o de que não estava só. Voltou-se.

Deparou com ela sentada no chão no outro lado da cama, aninhada junto a um canto, com os joelhos recolhidos contra o peito, um braço a agarrar as pernas, o outro sobre a cabeça. Não emitia nenhum som. Ele sentiu uma reviravolta no estômago e os joelhos vacilantes.

– Wren? – Disse-o com doçura.

Não obteve resposta.

– Wren? – Aproximou-se e aninhou-se diante dela. – O que se passa? O que aconteceu?

Como única resposta, os braços apertaram-se um pouco mais à volta dela.

– Deixa-me ajudá-la a levantar-se daí? – perguntou ele. – Fala comigo?

Ela disse algo, mas os joelhos abafavam as palavras.

– O que disse? – pediu ele.

– Vá-se embora. – Desta vez, ouviu-a bem.

– Mas porquê? – indagou ele.

Não obteve resposta.

Sentou-se cuidadosamente ao lado dela, com as costas contra a parede, as mãos apoiadas nos joelhos dobrados. Não havia muito espaço e o lado esquerdo do seu corpo pressionava o dela.

– Desiludi-a – disse, com suavidade. – Prometi dar-lhe a vida que escolhesse e, contudo, estou a cada passo a incentivá-la a fazer o que a deixa desconfortável. Dirá que não a obriguei a fazer nada, mas a minha prontidão para deixá-la decidir, sempre que é chamada a expor-se mais, tem sido uma forma de coação. Talvez tenha sentido necessidade de me provar algo, e a si. Não tem de provar nada, Wren. Se eu tivesse sido mais firme e recusado as possibilidades que se apresentaram em algumas ocasiões, talvez tivesse conseguido salvá-la desta espécie de... colapso. Devia ter recusado o convite do Netherby e nem sequer o ter mencionado em casa. Portar-me-ei melhor, no futuro, prometo-lhe. Quer regressar a casa, a Brambledean? Amanhã? Lá poderá viver como deseja viver, e eu ficarei feliz com a sua felicidade. Eu importo-me, Wren. Eu importo-me muito consigo.

E importava-se, de facto. Se pudesse pegar em toda a fortuna dela e atirá-la para o meio do oceano Atlântico, tê-lo-ia feito, naquele momento, sem a menor hesitação. Importava-se. Com ela. Profundamente.

Ela continuava sem nada dizer. Ele colocou um braço à sua volta. Estava rígida como uma estátua.

– Wren – insistiu ele. – Wren, meu amor, fale comigo.

Ela balbuciou algo.

– O que disse?

Da vez seguinte, distinguiu bastante bem as palavras.

– Ela é minha mãe.

O quê? Não o proferiu em voz alta. Mas a quem é que ela se referiria? Franziu a testa, pensativo. O que acontecera? Seria apenas a tensão de se ver demasiado exposta a outras pessoas... A desconhecidos? Teria chegado a um ponto de rotura algures a meio do serão? *A meio*. Notara-a diferente, da primeira para a segunda parte. Desde o início que se mostrara um pouco tensa, mas não perdera o domínio de si, e ele acreditava que vira a peça, ainda que talvez não da forma relaxada que lhe permitiria deixar-se absorver. Algo a perturbara durante o intervalo, embora ela o negasse, e depois ficara praticamente em silêncio e... ausente. Desaparecera para o piso de cima sem dizer uma palavra, assim que entraram em casa.

Ela é minha mãe.

O que diabo acontecera? Fragmentos da noite vieram-lhe à mente. Lembrou-se, então, das duas mulheres de branco que tanto a haviam observado. Lembrou-se de palavras, algumas das quais proferidas por ele.

Como será que ela consegue...

Com uma peruca, cosméticos e um batalhão de artistas. Mas de perto... tem um aspeto verdadeiramente grotesco.

Até a filha é mais velha do que eu; mais velha, talvez, do que a Lizzie.

Está a atrair as atenções daquele lado. Espero que não a incomodem. Na verdade, devia sentir-se lisonjeada, Wren. Não é habitual Lady Hodges reparar noutras senhoras que não ela própria. Tem sido a coqueluche da alta sociedade durante pelo menos os últimos trinta anos, embora apareça mais raramente nos últimos anos e sempre de forma cuidadosamente orquestrada.

Santo Deus. Oh! Santo Deus!

– Lady Hodges? – perguntou.

Ouviu um gemido abafado.

Ele voltou-se da melhor forma que conseguiu no espaço reduzido e colocou um segundo braço à volta dela. Não era fácil de conseguir, atendendo a que ela estava completamente enrolada, como um novelo, sobre si própria.

– Oh, Wren. Meu Deus... – disse. – Minha querida. Deixe-me abraçá-la. Vou pegar em si, levá-la para o nosso quarto e abraçá-la na cama. Autoriza-me?

Ela não disse nada, mas, quando ele se levantou e inclinou para pegar nela, ela deixou que lhe colocasse um braço por baixo dos joelhos e outro nas costas, por baixo dos ombros. Deixou descair a cabeça sobre o ombro dele, de olhos fechados. Ele atravessou os dois quartos de vestir com ela ao colo e pousou-a na cama, que estava aberta para a noite. Tirou-lhe os sapatos que levava ao teatro e todos os ganchos do cabelo que conseguiu encontrar. Depois, deitou-se ao lado dela e cingiu-a contra si. Não tentou falar com ela. Às vezes, pensou, a preocupação e o amor – sim, o *amor* – tinham a sua própria voz.

Não conhecia Lady Hodges, mas sabia algumas coisas sobre ela. Todos sabiam. Era uma famosa excêntrica, se é que esta era a palavra adequada para descrevê-la. Tanto quanto se sabia, fora uma rapariga de beleza extraordinária, filha de um cavalheiro de meios muito modestos. Emudecera a alta sociedade de espanto com a sua beleza quando o pai obtivera de um parente distante o convite para apresentá-la num baile da sociedade juntamente com a filha. Pouco depois, casara-se com um barão abastado. Desde então, fizera da sua beleza o negócio da sua vida, tendo escravizado dezenas de homens. A história não teria sido tão invulgar se ela não se empenhasse de forma tão excessiva em preservar a sua beleza – e a sua corte – mesmo depois da juventude, do início da idade adulta e até da meia-idade. Os jovens eram atraídos pela sua fortuna e pela sua fama

peculiar, e ela mantivera uma das filhas por perto para – ou assim reza a história – se prestar ao elogio de que as duas pareciam irmãs. Alguns lisonjeadores em particular chegavam a insistir que ela parecia a irmã mais nova. Mas Jessica tinha razão. Por muito jovem e encantadora que a mulher parecesse ser a uma certa distância, ou à meia-luz, de perto compunha uma grotesca paródia da juventude. Era do conhecimento geral que a vaidade e a egolatria daquela mulher não tinham limites.

E ela era a *mãe de Wren*.

CAPÍTULO 18



Sem saber como, Wren conseguira manter o controlo durante a segunda metade da representação, na altura de se despedir do duque, da duquesa e de Jessica, e, por fim, durante a viagem de carruagem até casa. Contudo, quando subiu para o seu quarto, em passo apressado, sem se incomodar em levar uma vela ou em acender alguma quando lá chegou, percebeu que se precipitava num abismo de vinte anos. Quando alcançou aquele recanto, se escondeu atrás da cama e se enrolou sobre si própria o mais que conseguiu, aqueles vinte anos tinham deixado de existir. Regressara ao quarto pequeno da sua infância, à frágil criança que fora, e todo o mundo de deslumbramento, riso, amigos, afeto, família e amor estava do outro lado da pesada rede que cobria a sua janela e do outro lado da sua porta, a qual, a maior parte das vezes, se encontrava fechada à chave.

A vertigem da sua descida ao passado não teria sido tão total, porventura, caso não tivesse deparado com aquela imagem surreal, no camarote em frente ao deles, pois vinte anos haviam passado desde que a tia Megan a levara para sempre de Roxingly Park. A sua mãe, contudo, naquele tempo todo, nada mudara. Tinha o mesmo aspeto jovem, delicado, de um encanto quase etéreo. A outra mulher, a que se assemelhava tanto a ela mas se sentara mais afastada, perscrutando a sala com orgulhosa altivez, mudara, se, de facto, se tratava de Blanche. A sua irmã mais velha, a preferida da mãe, porque era loura e bonita como ela, embora não tivesse o mesmo encanto, tinha dezasseis anos quando a vira pela última vez. Era alguém que podia ser mostrada sem que a ofuscasse.

Fora vista. Wren sabia que sim. Talvez a tivessem procurado inicialmente por mera curiosidade, tal como todos os outros, pois acabava de se casar com o conde de Riverdale, mas ninguém tinha qualquer outra informação sobre ela, exceto o facto de ser proprietária da vidraria Heyden. Era impossível que a tivessem reconhecido, especialmente quando lhe viam apenas o lado direito e provavelmente não a teriam reconhecido pelo nome que a identificara nos jornais. Embora o certificado de adoção manifestasse que o pai de Wren dera a sua permissão, era improvável ele ter dito algo à mãe, que teria rejeitado sabê-lo.

Tinham-na visto, todo o seu rosto, durante o intervalo, quando espreitara para o camarote delas e se vira observada pela mãe, de lornhão em punho. E tinham

compreendido, assim o denotaram os seus rostos. Mas como é que ela o percebera de tão longe e através das lentes de um lornhão? Era evidente que não conseguiria. No entanto, Wren soubera-o. Talvez o tivesse percebido mais na linguagem dos corpos do que nas expressões dos rostos. Soubera que elas sabiam. E soubera-o ainda antes do esmagador golpe de ouvir o nome dela. Lady Hodges.

Estava profundamente mergulhada nas suas memórias quando percebeu a presença de Alexander no quarto. Ou talvez «memórias» fosse a palavra errada, pois não recordava quaisquer incidentes específicos da sua infância. Encontrava-se, sim, profundamente mergulhada num devaneio de identificação. Voltara a ser aquela criança, sozinha e sem amigos – quase sem amigos. Contudo, nem sequer essa leve e frágil memória do amor abriu caminho até àquela criança, que se aninhava a um canto, com os braços apertados contra o corpo para lhe conferirem proteção e torná-la mais pequena e menos visível. Se, ao menos, conseguisse tornar-se completamente invisível...

Ouviu um nome que lhe pareceu familiar, tal como a voz que o dizia, embora não conseguisse situar de imediato um ou outro.

– Wren?

Provinham de muito longe, do futuro, aquele nome e aquela voz. Mentalmente, afundou-se ainda mais dentro de si própria. Mas o futuro não lhe daria descanso.

– Wren? O que foi? O que aconteceu?

O que *acontecera*? Ela cingiu os braços contra o corpo com mais força.

– Deixa-me ajudá-la a levantar-se daí? – perguntou ele. – Fala comigo?

E, de repente, soube quem era Wren e a quem pertencia a voz. Aquele futuro, porém, não passava de uma ilusão. Ela era aquilo, aquela criança da qual não podia libertar-se, apesar do desespero da sua infelicidade. Não podia ser mais ninguém. Tudo não passara de um sonho absurdo.

– Vá-se embora – disse, repetindo as palavras mais claramente, visto que ele não as tinha compreendido. Mas ele não partiu. Em vez disso, sentou-se cuidadosamente ao seu lado, entre a cama e a parede, e começou a falar consigo. Não ouviu todas as palavras que ele disse nem sentiu os braços dele à sua volta, pois encontrava-se ainda fechada dentro do seu antigo «eu»; mas ouviu a dor dele. E talvez tivesse sido essa a sua salvação, aquilo que possibilitara o seu resgate. Pois ela aprendera – o seu «eu» futuro, aquele que se chamava Wren, aprendera muito recentemente – que a dor não era apanágio seu, que outras pessoas sofriam, que o sofrimento podia isolar uma pessoa ou conduzi-la para fora do cárcere da sua solidão, na consciência do sofrimento partilhado, e de uma coragem partilhada, de uma empatia que atingia os confins do mundo.

Viola. Abigail e Harry. Jessica. E agora Alexander. Ela atraía-o para a sua escuridão e ouvia a dor na voz dele.

– Wren – disse ele. – Wren, meu amor, fale comigo.

E ela disse-lhe, duas vezes, pois ele não ouviu da primeira. Disse-lhe. *Ela é minha mãe*. E voltou a precipitar-se no abismo.

Mas ele não deixou. Ou, pelo menos, não a deixaria precipitar-se sozinha. Levantou-se, segurando-a, e levou-a consigo, para longe daquele quarto e para dentro do quarto dele, pousando-a na cama, cuidando para que ficasse confortável e, por fim, deitando-se ao seu lado e abraçando-a.

Meu amor, dissera.

Querida.

Dissera igualmente o nome da sua mãe e ela ouvira-se gemer.

Agora, ele não falava. Tratava-se de Alexander e aquele não era o quarto dele. Era o quarto dos dois. Ele era o seu marido. Fizera amor com ela ali mesmo, na noite anterior, por três vezes. Com prazer. Não consistira apenas na consumação de um dever. Ela tê-lo-ia percebido. Ela agradara-lhe. Ele partira para a Câmara dos Lordes, de manhã, impelido pelo dever, mas saía cedo para regressar a casa e levá-la a Kew Gardens, onde falara com ela e lhe tocara sem qualquer sinal de repulsa. Estivera relaxado e feliz. Rira-se do assombro com que ela contemplara o pagode, mas de forma afetuosa. Dissera-lhe que ela parecia uma criança, para quem o mundo era um prodígio de novidade, ao que ela replicara que ele estava completamente certo. Ambos se tinham rido, então, e durante algum tempo haviam caminhado de mãos dadas, e não com a sua mão apenas pousada no braço dele. Ele não compreendera inteiramente, porém, que, apesar dos seus vinte e nove anos, ela experimentava as maravilhas da infância pela primeira vez.

Ele não compreendera, então. Talvez compreendesse agora.

Oh, Alexander, Alexander, o que é que eu lhe fiz?

O quarto estava mergulhado na escuridão. Nenhuma vela ardia como na noite anterior. Ele encontrava-se completamente vestido, com exceção dos sapatos, que tirara. Ela sentia as dobras suaves do lenço dele contra o rosto e os botões das suas calças contra a cintura. O fato tão bonito que ele envergava ficaria implacavelmente amarrotado, bem como a sua nova camisa de noite. Ele estava quente e relaxado, mas não dormia, constatou-o à medida que voltava a si própria, que voltava a ser Wren, Wren Westcott, condessa de Riverdale, e não Rowena Handrich, a mais nova das raparigas e a segunda mais nova dos filhos do barão e de Lady Hodges. A filha cuja existência a maior parte das pessoas desconheceria, exceto, talvez, na forma de rumor, a mancha na vida perfeita de Lady Hodges.

– Alexander – disse ela com suavidade, inspirando o calor e o cheiro, agora familiares, da sua colônia e do seu corpo.

– Sim – devolveu ele.

Ela continuou de olhos fechados, permitiu que o futuro atravessasse toda a sua história e se convertesse no seu presente, notou o conforto e a suavidade da cama que a acolhia, a sólida força protetora do homem que sentia desde a cabeça até aos pés, ouviu os cascos de um cavalo solitário que passava na rua e o toque distante de um relógio algures dentro de casa e ousou sentir-se novamente quase segura. Embora não soubesse exatamente de que forma se sentira insegura. Não se tratara do medo físico de que a magoassem, a levassem dali ou a matassem, mas sim do medo mais profundo e mais primitivo de se perder a si própria, ou a pessoa em quem se tornara naqueles vinte anos de distância que interpusera entre si e a criança que fora. Não deixara a criança para trás, porém. Não poderia fazê-lo. E talvez nunca o fizesse porque ela merecia melhor da vida. Fora uma criança inocente.

– Vou contar-lhe – declarou. – Mas é uma história sombria e eu tenho receio de atraí-lo para a minha obscuridade. Não o merece. Eu não devia...

– Wren – disse ele, com a boca encostada à cabeça dela, a voz suave e profunda. – Se bem se recorda, pedi-a em casamento. Depois de me ter pedido a mim, retirou a sua proposta. Há uma semana, pedi-lhe a sua mão porque queria casar-me consigo. E sabia que os dez anos que desconheço da sua vida eram anos sombrios. Sabia também que acabaria por conhecê-los. Apesar disso, casei-me consigo.

Ela suspirou profundamente.

– Importa-se? – perguntou. – Disse há pouco que sim.

– Importo-me – declarou ele.

– Preferia que não – replicou ela. – Seria capaz de me ouvir desapaixonadamente, sem se deixar envolver.

– Espero que não seja verdade – continuou ele. – Espero ser sempre capaz de sentir compaixão pelo sofrimento, mesmo não tendo uma relação pessoal com as pessoas envolvidas. Mas tenho uma relação pessoal consigo. É minha mulher. E, sim, importo-me.

Ah... Ele falava a sério, então. *Ele falava a sério*. Saboreou aquela constatação. *Ele importava-se*.

– Faça amor comigo primeiro – disse ela. – Por favor, faça amor comigo.

E ele fez. Sem se demorar a despi-los mais do que o essencial. Sem nenhuma da ternura que ela esperaria, se tivesse parado tempo suficiente para acalantar qualquer expectativa. Sem afastar os cobertores. Sem tomar o tempo dele, nem o dela.

No espaço de segundos estavam no outro lado da cama, enrolados na própria roupa, nos lençóis e nos cobertores, afastando-os com impaciência, beijando-se com uma ferocidade devoradora, fazendo deslizar mãos ansiosas sobre os corpos, frustrando-se com a roupa, entrelaçando e afastando pernas. Ora estava ele em cima dela, ora ela em cima dele. Ele segurou-a por trás dos joelhos, subiu-os, amarfanhou a saia dela entre os dois, segurou-a e levantou-a, fazendo-a descer sobre o membro totalmente ereto. Ele disse alguma coisa. Ela disse alguma coisa. Mas as palavras eram desprovidas de sentido e, portanto, ela não as recordava.

E amaram-se sofregamente. Não havia outra palavra para o que aconteceu nos minutos seguintes. Amaram-se com uma intensidade violenta, procurando prazer, reconforto, sabe Deus o quê, no anseio de alcançar algo que não tinha definição. Nem explicação. O puro anseio. Com os olhos bem fechados, os músculos, ora relaxados, ora tensos, acompanhando o vaivém desenfreado. *Por favor, oh, por favor...* As mãos dele a apertar as nádegas dela, as dela firmes nos seus ombros como garras, o lenço dele a roçar-lhe o queixo. *Por favor, oh, por favor...*

Sentiu um misto de dor e prazer quase insuportável quando os músculos se contraíram ferreamente, o movimento cessou e ela fechou os olhos com ainda mais força. O movimento, agora, era só dele. Entrou profundamente dentro de si, retirou-se, voltou a entrar e permaneceu. E os músculos cederam e a dor explodiu, deixando, de repente, de o ser para se transformar, incrivelmente, em algo tão oposto que «prazer» não chegava para abarcá-lo. Ouviu-se suspirar ruidosamente e, então, sentiu aquele adorável calor líquido no seu centro, que ela tão bem recordava da noite anterior.

Estava cheia de calor e tinha as mãos cobertas de suor. Sentia o corpete e as mangas colados ao peito e aos braços, e o lenço e a gravata dele húmidos. Ofegavam, um e outro. Wren desabou sobre ele e Alexander estendeu-lhe as pernas para que acompanhassem as suas e abraçou-a. Estranhamente, apesar do calor e da humidade e do desconforto das roupas emaranhadas, apesar de tudo, ela deixou-se adormecer. Mas não durante muito tempo, adivinhou, quando acordou. Ele não dormia. Passava-lhe os dedos pelo cabelo num toque delicado. Ela suspirou, mas o que se ouviu assemelhava-se a um gemido. Ele encostou-lhe uma mão ao rosto, ergueu-o e beijou-a.

– Deve limpar-se – declarou. – Venha. Eu chamo o meu criado de quarto e a Wren chama a sua criada. A seguir, mando vir um chá para si. Sentamo-nos e falamos.

Ela só desejava fechar novamente os olhos e dormir, mas ele tinha razão. Estavam demasiado desconfortáveis para passar bem a noite. E, se ela não

falasse naquele momento, poderia não o fazer nunca mais. Poderia tornar-se presa do isolamento e do silêncio. Seria tão fácil...

Ele libertou-os dos lençóis e cobertores e saíram da cama, sacudindo as roupas em vão, quase na mais completa escuridão, e por fim transitaram para o quarto de vestir de Wren. Ele acendeu as velas de um candelabro antes de regressar ao seu quarto de vestir e fechar a porta que os dividia. Ainda não era meia-noite, constatou ela, quando olhou para o relógio. Pensava que era muito mais tarde. Puxou pela corda do sino para chamar Maude e desejou, então, ter pedido a Alexander que lhe desaperiasse as costas do vestido, para poder, pelo menos, tirá-lo. O que pensaria Maude? E como estaria o seu cabelo?

Mas não deixaria que aquilo a preocupasse.

A cama estava feita e convidativamente aberta, de ambos os lados, constatou Alexander, quando saiu do quarto de vestir para o quarto de dormir, e as velas estavam acesas. Viu o tabuleiro do chá e uma garrafa de cristal cheia de *brandy* pousados na mesa junto à lareira, ao lado de um prato de bolo de frutas, sem dúvida parte do bolo de casamento que não levaria cobertura. A ala dos criados fervilhava seguramente de comentários acerca da sensual evolução do seu casamento. Envergava um fino roupão de seda por cima de uma camisa de noite.

Santo Deus, aquela mulher! De perto, era tão grotesca como Jessica comentara. À distância e na luz relativamente escassa do teatro, parecera mais jovem do que Wren. Contudo, tratava-se da sua mãe. Havia algo lúgubre naquilo tudo, pensou, servindo-se de um copo de *brandy* e bebendo-o de um trago. Sentira o estômago às voltas, ao ver Wren enrolada num canto, como um novelo. E a voz dela, quando falara, dizendo-lhe para partir, dizendo-lhe que aquela mulher era sua mãe, era aguda como a de uma criança. Receara não ser capaz de resgatá-la.

Tê-la-ia resgatado? De certa forma, o que acontecera na cama há cerca de meia hora fora o melhor sexo da sua vida, paixão irreprimida de ambos os lados. Mas não devia cometer o erro de pensar que tinham feito amor. Existira dentro dela um desespero que procurara um escape sexual. E ele dera-lhe o que ela desejava. Fora sexo desenfreado desprovido de amor. Não, não fora isso. Ele dera-lhe o que ela queria *porque se importava*. E ele não se importava apenas porque se tratava de um ser humano que era sua mulher, mas por ser ela, por ser Wren. Ele prometera-lhe apreço, respeito e a esperança do verdadeiro afeto e fazia questão de cumprir a sua promessa. Mas havia mais. Ele não sabia o como, o onde, ou o porquê e não iria analisá-lo até à morte. Era homem, por amor de Deus. Mas, fosse o que fosse, consistia em mais do que aqueles três simples

votos com que se comprometera quando a pedira em casamento.

Ela saiu silenciosamente do seu quarto de vestir, arranjada e bonita, numa camisa de noite comprida com mangas curtas, o cabelo bem escovado e preso na nuca. Estava pálida. As manchas roxas da face esquerda, com o contraste, pareciam mais escuras. Os olhos, cansados, não se levantaram para ele. Esteve a ponto de sugerir que fossem deitar-se, mas conteve-se. Deixá-la-ia decidir.

– Posso servir-lhe uma chávena de chá? – perguntou.

– Obrigada.

Ela foi sentar-se numa das cadeiras de braços próximas da lareira que ele raramente usava, já que gostava de descer ao piso de baixo para ler, na sala de visitas ou na biblioteca, e também não tinha o hábito de beber sozinho à noite.

Ele pousou ao seu lado a chávena e o pires, assim como um prato de bolo, mas ela ignorou-os e ficou a vê-lo sentar-se na poltrona da frente, embora o seu olhar não encontrasse o dele.

– Lamento, Alexander – principiou, com voz inexpressiva. – Estou profundamente marcada, horivelmente marcada. E não me refiro apenas ao meu rosto. É muito mais profundo. Tão profundo que se torna impossível alcançá-lo, ou curá-lo. Lamento.

Ele sentiu um arrepio. Havia casos sem esperança, tinha consciência disso. Mas, quanto a Wren, não podia acreditar. Não no caso da mulher que se tornava mais preciosa para ele a cada dia que passava.

– Conte-me – disse.

Ela encolheu os ombros, sem os baixar. Abraçou-se e fez deslizar as mãos sobre a pele exposta, como se sentisse frio, embora a noite estivesse agradável. Ele levantou-se, afastou um pouco da poltrona dela a mesa com a chávena e o prato, agarrou na manta axadrezada que estava dobrada aos pés da cama, segurou em Wren para se sentar debaixo dela e pô-la no seu colo. Foi mais difícil do que com uma mulher mais baixa, mas conseguiu. Acomodou a cabeça dela no seu ombro e envolveu-a com a manta, encostando, então, o queixo à sua frente.

– Conte-me – pediu de novo, contrariando a sua decisão anterior de deixá-la decidir, pois teve o arrepiante pressentimento de que ela, se não o fizesse naquele momento, poderia nunca fazê-lo, permanecendo para sempre fora do seu alcance. Talvez até dela própria. Ah, bom Deus... O que sabia ele de lidar com pessoas marcadas, *horivelmente marcadas*?

Ela permaneceu muito tempo em silêncio antes de começar a falar com a mesma voz inexpressiva.

– Há pessoas que são completamente centradas nelas próprias – principiou –, para as quais mais ninguém existe a não ser para as observar, ouvir, elogiar, admirar e adorar. Creio que deve ser algum tipo de doença. A minha mãe era

assim. Era espantosamente bela. Talvez todas as crianças pensem o mesmo das suas mães, mas eu creio que, mesmo por critérios objetivos, o seu encanto não conhecia igual. Exigia adoração. Reunia à sua volta pessoas que a adorassem. Homens, sobretudo, mas não exclusivamente. Todas pessoas *belas*. Não parecia rejeitar rivais mas parecia sentir que a presença de alguém menos belo a rebaixava.

Ah... Não era difícil de ver onde aquilo iria desembocar.

– Era louca pelos filhos e exibia-os aos outros como uma extensão de si própria, para que os admirassem – continuou. – Primeiro a Blanche e o Justin, que eram louros e lindos como ela, e a seguir a Ruby, que era morena como o nosso pai, mas igualmente adorável. E depois nasci eu, com uma... grande mancha vermelha a cobrir-me um lado do rosto e da cabeça, como um morango grande e maduro. Mandou que me levassem assim que me viu. Não suportava olhar para mim. Via-me como um castigo que recaía sobre ela por discutir violentamente com o nosso pai quando descobriu que estava grávida de mim. Para ela, eu não passava de uma punição cruel.

Alexander abriu a boca para dizer que a mãe sentiria, seguramente, afeto por ela, mas não chegou a dizer nada. Por qualquer razão, não duvidava que a mulher fosse tão narcisista como Wren relatava.

– Ela e o meu pai saíam de casa com frequência – continuou Wren. – Ela gostava de frequentar as festas e os bailes da cidade. Quando estavam em casa, gostava de receber visitas, por vezes em festas que duravam semanas. E, quando ela estava, tinham de me esconder; quando havia convidados, tinham de me trancar no quarto, não fosse eu sair e ser vista.

– Não havia sala de aula? – perguntou ele. – Uma sala reservada às crianças onde os adultos não entravam? Nenhum passeio?

– As minhas irmãs e irmão mais velho adoravam-na – replicou ela – e imitavam-na. A Ruby virava-me as costas sempre que eu entrava numa divisão. O Justin fingia que começava a vomitar. A Blanche irritava-se e dizia-me para eu voltar para o meu quarto, para eles poderem esquecer que eu existia e onde não poderia estragar a vida à pobre da nossa mãe e a todos eles. A preceptora encolhia os ombros e fingia que eu não existia. Às vezes saía quando só estávamos nós, as crianças, em casa, mas o Justin e a Blanche trancavam-me no quarto quando algum amigo deles ia para lá brincar.

– E o seu pai? – perguntou ele.

– Raramente o via – devolveu ela. – Nenhum de nós o via. Não se interessava por crianças, suponho. Talvez não soubesse como me... segregavam.

– Ninguém ficou do seu lado? – perguntou ele.

– Só o Colin – declarou ela. – Nasceu quatro anos depois de mim; era louro,

muito bonito e doce. Às vezes entrava no meu quarto com brinquedos e livros, mesmo quando estava fechado, pois aprendera a dar a volta à chave do lado de fora. Perguntava-me sempre como estava o meu rosto e insistia em dar-lhe um beijo para que ficasse melhor. E espalhava os brinquedos dele à minha volta e fingia ler-me os livros, até conseguir realmente fazê-lo. Eu não sabia ler. Uma vez fomos brincar os dois lá para fora, e corremos, subimos às árvores e... rimos. Oh... Como foi bom. Eu costumava ouvir os outros a brincar e a rir lá fora...

Seguiu-se um silêncio prolongado, durante o qual Alexander a abraçou com força e beijou na nuca. As palavras dela impressionaram-no profundamente, mas não deixava transparecer o horror que sentia.

– O que aconteceu quando tinha dez anos? – perguntou.

– Aconteceram algumas coisas ao mesmo tempo – declarou ela. – A tia Megan foi visitar-nos. Era irmã da minha mãe, mas nunca tinha ficado connosco. Elas eram diferentes como a noite do dia. Eu nunca soube porque o fez. Ela nunca o revelou. Mas teve conhecimento que eu existia e foi ver-me ao quarto. Lembro-me de ela me abraçar e me beijar e de perguntar como era possível fazerem aquele alarido todo por causa de uma mancha vermelha numa face. Naquela altura, o inchaço praticamente já não existia e o vermelho transformara-se quase todo em roxo. Então, passado um dia ou dois, chegaram visitas, com filhos, e ninguém trancou a minha porta. Não era minha intenção mostrar-me nem tentar brincar com eles, mas saí para os observar. Estavam entretidos a jogar em grande animação junto ao lago e eu subi a uma árvore o mais perto que consegui sem ser vista. Mas perdi o equilíbrio e caí. Não me magoei, mas assustei tanto as crianças que uma delas caiu ao lago e as outras desataram a correr para casa, aos gritos. As minhas irmãs foram atrás delas, e o meu irmão mais velho também, depois de me avisar que me metera em grandes sarilhos. Eu tirei a criança do lago, que era pouco profundo e não oferecia risco, e voltei para o meu quarto.

Alexander fechou os olhos.

– A tia Megan foi buscar-me, quando já estava escuro, e disse-me que ia levar-me para um sítio onde estaria em segurança e seria amada durante o resto da minha vida – completou. – Não me lembro de sentir grande coisa. Creio que estava exausta de chorar. Nunca fora amada por ninguém, a não ser o Colin, e gostava da minha tia, por isso fui com ela sem um queixume. Mas ela não estava a levar-me de lá sem ninguém saber. Quando passávamos pela sala de visitas, a minha mãe assomou à porta e disse à tia Megan que estava a ser uma tonta, que se arrependeria de me levar, que seria muito melhor deixar que me levassem para o hospício, tal como ela planeava fazer no dia seguinte.

Alexander respirou fundo.

– Eu nem sequer sabia o que aquilo era – declarou Wren. – Perguntei quando

estávamos a caminho de Londres, mas a minha tia disse-me que também não sabia. – Wren inspirou trémula e profundamente. – Não voltei a ver nem a ouvir falar da minha mãe ou de qualquer um deles até agora... até há algumas horas, no teatro. Durante quase vinte anos. E ela está exatamente na mesma.

Tinha a respiração algo irregular. Ele cingiu-a a si.

– Ela viu-me – disse. – Reconheceu-me.

– Agora pertence-me, Wren – declarou ele. – É propriedade minha. Não para a tyrannizar, mas sim para a manter em segurança, para que possa libertar-se desses medos e desses horrores. Eu cuido daquilo que é meu e isto é muito mais do que um juramento.

Até a ele as palavras soaram presunçosas. Não tinha sequer a certeza do que queria dizer com aquilo. Como é que podia aprisioná-la e libertá-la ao mesmo tempo? Mas sabia com toda a certeza que falava com o coração e que nunca, de forma alguma, trairia a confiança que ela depositava nele.

– Eu importo-me – disse-lhe ele.

CAPÍTULO 19



Wren acordou lentamente de um sono profundo, para o calor, o conforto, a luz do dia e os sons de rodas e cavalos e de uma voz humana a emitir um grito do outro lado da janela, e para o facto de estar aninhada nos braços do seu marido. Então, lembrou-se de tudo – do dia anterior, o primeiro, por inteiro, da sua vida de casada.

– Que horas são? – perguntou, esticando o pescoço, sem ver se ele estaria acordado ou não.

Estava. Fitava-a, com o cabelo despenteado, a camisa de noite aberta no pescoço. Ela também tinha a sua vestida. Um homem de camisa de noite, pensou, conseguia ser tão tentador como se estivesse nu. Pelo menos, aquele conseguia, e tratava-se do único homem que lhe interessava.

– Suficientemente tarde para dar satisfação aos nossos criados e esperanças aos nossos parentes – declarou ele.

– Oh.

– É importante – disse ele.

– Manter as aparências?

– Julgo que talvez seja mais do que isso, não acha? – perguntou ele.

Eu importo-me, dissera-lhe ele na noite anterior. *Agora pertence-me, Wren. É propriedade minha. Não para a tiranizar, mas sim para a manter em segurança, para que possa libertar-se desses medos e desses horrores. Eu cuido daquilo que é meu e isto é muito mais do que um juramento.* Palavras estranhas que poderiam tê-la inquietado. Mas não, pois compreendera a intenção que as motivara. E depois de se terem deitado novamente na cama, ele fizera amor com ela devagar, com doçura e meiguice.

– Obrigada por me escutar – disse ela. – Tento não sentir pena de mim própria, mas ontem à noite foi avassalador e acabei por sobrecarregá-lo. Ao longo da minha vida tenho recebido enormes bênçãos, bênçãos maravilhosas, e continua a ser assim. Não voltarei a atirar para cima dos seus ombros a minha escuridão.

– Evitar sentir pena de si própria poderá, por vezes, levá-la a não expor o que deve ser falado e sanado – refletiu ele.

– Vai chegar atrasado à Câmara dos Lordes – assinalou ela.

– Hoje não vou – replicou ele. – Atrevo-me a dizer que o país não entrará em colapso como consequência disso. Passarei o dia de hoje com a minha mulher. Se ela o desejar, evidentemente.

– Ela vai pensar no assunto – devolveu Wren, que ergueu os olhos e levou um dedo ao queixo. – O assunto teve a devida ponderação. Ela deseja.

– Wren – replicou ele, rindo-se baixinho e encostando a sua testa à dela. – Poderei ser capaz de faltar uma vez às sessões parlamentares, mas não dispenso o pequeno-almoço.

Pouco tempo depois entraram juntos na sala do pequeno-almoço, onde todos ainda se encontravam, embora parecessem já ter terminado. Wren sentiu-se intensamente constrangida quando os olhos de todos se voltaram na direção deles, como também muito satisfeita por terem tido o jantar de núpcias e o pequeno-almoço do dia anterior para os dois. Seguiu-se uma animada troca de cumprimentos.

– Espero ter-te deixado salsichas e *bacon* suficientes, Alex – comentou Harry. – Depois de doze horas de sono ininterrupto e daqueles dias pavorosos a papas e geleias, estava esfomeado.

– Chega para mim – devolveu Alexander, espreitando os pratos. – Mas não tenho a certeza se bastará para a Wren.

– Se não me deixou duas torradas, Harry – principiou Wren, sentando-se entre a sogra e Abigail –, terei de dizer à cozinheira para voltar a pô-lo a caldo.

– Deixei. Juro! – replicou ele, com uma risada. Tinha mais cor no rosto e engordara um pouco naquela última semana.

– Cansou-se muito, ontem à noite, Wren? – indagou a sogra, pousando uma mão sobre a dela enquanto o mordomo lhe servia café e a torrada.

– Muito – devolveu Wren. – Peço, contudo, desculpa por não lhes ter desejado boa-noite antes de subir. Foi rude da minha parte.

– Oh, estava claramente mais do que cansada – declarou Elizabeth. – Estava exausta. A ida ao teatro deve ter sido um esforço enorme para si, além de tudo o mais.

– Também o foi para a Viola e a Abigail – observou Wren. – Mas fizemo-lo, portanto hoje podemos orgulhar-nos de nós próprias.

Só peço que ninguém fale na minha mãe.

– Passarei o dia com a Wren – afirmou Alexander. – Ontem foi um erro. Por vezes há coisas mais importantes do que o cumprimento do dever.

– Ah! – replicou Elizabeth. – Ainda há esperança para ti, Alex.

– Creio, Wren – retomou Mrs. Westcott, dando-lhe palmadinhas na mão –, que já se nota a sua influência positiva sobre o meu filho.

– Não regressa hoje a casa, espero? – perguntou Wren a Viola.

– Não – replicou esta, abanando a cabeça. – A Mildred e o Thomas organizaram um piquenique em família, em Richmond Park.

– A Wren e o Alex estão convidados, claro – disse Mrs. Westcott. – Mas tenho a certeza de que todos compreenderão, se preferirem passar o dia sozinhos.

– Creio que a Wren tem necessidade de passar um dia sossegado – devolveu Alexander.

Wren perguntou-se até que ponto compreenderiam eles que o simples facto de estar ali era uma absoluta novidade e que implicava grande esforço da sua parte, estar sentada a uma mesa com mais seis pessoas, participando na conversa. Durante o último ano vivera praticamente no silêncio total. Mas aquelas pessoas, agora, eram a sua família. Assim como os restantes Westcott e Radley, que também se tinham mostrado gentis para com ela.

O dia tranquilo que Alexander preconizara pareceu-lhe infinitamente desejável mas...

– Seria uma pena sermos os únicos a faltar a um piquenique de família – declarou.

Ele possuía olhos extraordinários. Não só pelo azul claríssimo como pela capacidade de sorrir mesmo quando o seu rosto parecia imperturbável.

– Sim, seria – concordou ele.

Seria possível, agora, perguntou Wren a si própria, seguir em frente, ser feliz, ter acertado, finalmente, as contas com o passado? Agora que voltara a ver a mãe e sentira a verdadeira força da dor que guardara dentro de si durante vinte anos? Mas falara sobre isso, será que conseguiria esquecer? Ou, se fosse impossível fazê-lo, conseguiria pelo menos libertar-se da sensação de que o âmago do seu ser consistia num poço de escuridão sem fim?

Seria possível ser... normal?

Richmond Park fora estabelecido como parque privado para caça ao veado durante o reinado de Carlos I. Contudo, embora continuasse a ser propriedade real, encontrava-se agora aberto ao público. Consistia numa vasta extensão de bosques, relvado e jardins, pontuada por um certo número de pequenos lagos conhecidos como Pen Ponds. Era um encantador reduto campestre, suficientemente próximo de Londres, que possibilitava breves interregnos à vida da cidade a todos quantos nela deviam passar a maior parte dos seus dias. Era o sítio perfeito para um piquenique e o tempo cooperara, tal como vinha a acontecer nas últimas semanas. Portanto, desfrutavam de um céu azul, com fofas nuvens brancas em quantidade suficiente para proporcionar uma ou outra sombra.

Alexander sentia-se satisfeito por estar com a família, embora esperasse ter oportunidade de passar algum tempo a sós com Wren. Devia tomar uma decisão quanto ao que fazer com o que agora sabia, mas, primeiro, necessitava de perceber como estava a sua mulher. Wren dormira profundamente – sabia-o porque o mesmo não acontecera com ele – e acordara parecendo revigorada. Parecia ter recuperado a energia, embora ele não fosse néscio ao ponto de acreditar que estaria curada.

A família permaneceu junta durante algum tempo, sentada em mantas sobre o relvado, com árvores atrás de si, um dos pequenos lagos à sua frente. Wren segurava a filha dos Netherby, uma carequinha de grandes bochechas, que começava a ensaiar o sorriso aberto e desdentado dos bebés. Tinha Anna de um dos lados, Abby do outro e Elizabeth por perto. Estava completamente rendida à bebé, que tinha a cabeça pousada nos seus joelhos erguidos, a mãozinha na sua, os pés encostados ao seu abdómen. Parecia felicíssima e ocorreu a Alexander que a maternidade lhe cairia muito bem, tal como a paternidade a ele. Muito em breve, esperava.

Jessica e Harry estavam junto da água. Ela falava animadamente sobre alguma coisa. Os mais velhos estavam reunidos num grupo, à volta da cadeira destinada à prima Eugenia, a condessa viúva. Netherby mantinha-se um pouco afastado, como era frequente, encostado ao robusto tronco de uma árvore, indolente e elegante. Vestido com a mesma sumptuosidade de sempre, abria a tampa incrustada de uma caixa de rapé.

No passado, Alexander não gostava dele. Julgara-o fútil, alguém que não levava a sério a sua posição e as suas responsabilidades. Em troca, sentira-se também pouco apreciado e rotulado, sem dúvida, de soturno e enfadonho. Mudara de opinião durante o último ano, com toda a turbulência familiar que se seguira à morte do antigo conde. Duvidava que fossem algum dia amigos próximos, pois eram demasiado diferentes em quase todos os aspetos imagináveis, mas sentia que se respeitavam mutuamente e que talvez, até, se apreciassem. E confiavam um no outro. Pelo menos, ele confiava em Netherby. Aproximou-se dele. Netherby fechou a caixa de rapé, que acabou por não usar, devolvendo-a ao bolso.

– Um piquenique de família na Inglaterra rural – comentou ele, com uma espécie de suspiro. – É profundamente comovente, não acha?

Alexander sorriu. Há poucos minutos, Netherby segurava na filha, sujeitando-se a que ela lhe beliscasse o nariz.

– O que sabe sobre o Hodges? – perguntou.

– Sobre Lord Hodges? – Netherby franziu os lábios. – O que deseja saber, meu caro? A história da sua vida? Não saberia relatá-la. Nunca fui estudante

devoto de história social.

– Que idade julga que terá? – perguntou Alexander. Não conhecia de todo Lord Hodges, mas vira-o algumas vezes.

– Vinte e tal – sugeriu o duque.

– Não será trinta e tal?

– Diria que não – devolveu Netherby –, a não ser que, tal como a mãe, tenha descoberto a fonte da juventude.

– Qual é o nome dele? – voltou Alexander.

Netherby pôs-se a pensar.

– Alan? Conan?

– Não é Justin? – sugeriu Alexander.

– Colin – declarou Netherby em tom definitivo. – Presumo que haja uma razão de ser para as suas perguntas, Riverdale. A visão de uma supostamente jovem Lady Hodges, na noite passada, talvez? Asseguro-lhe que se trata da mãe, e não da mulher, do homem.

– Ele vive com ela? – perguntou Alexander.

– Hum... – Netherby levantou o monóculo, batendo com ele nos lábios. – Porque é que eu sei que vive muito perto do White's? Ah, sim, já me lembro. Fez uma piada quando alguém lhe perguntou se tinha ido a cavalo para o clube. Referiu que seria bastante despropositado, pois podia subir para o dorso do animal à porta de casa e desmontar pelo pescoço, no White's, sem que o dito tivesse de dar um único passo. Presumo que tenha exagerado, a não ser que se trate de um cavalo extraordinariamente comprido.

– Vou descobrir – declarou Alexander. – E visitá-lo.

– Vai visitá-lo para averiguar o comprimento do cavalo? Talvez seja capaz de levar comodamente cinco pessoas, mas o lombo do pobre animal iria, necessariamente, abater-se no meio.

– É irmão da Wren – comunicou Alexander.

– Ah! – Os olhos entediados semicerraram-se para contemplá-lo com sagacidade. – O que faria de Lady Hodges sua mãe e Lady Elwood sua irmã.

– Lady Elwood? – perguntou Alexander. – A outra senhora que estava no camarote, na noite passada?

– Ela mesma – declarou Netherby. – Que, pouco a pouco, se torna mais velha do que a própria mãe.

– O pai e o irmão mais velho devem ter morrido – observou Alexander.

– Havia um irmão mais velho? – indagou Netherby. – Nunca tive o prazer de o conhecer. A sua mulher não comentou nada, ontem, no teatro.

– Não – continuou Alexander. Não se falam há bastante tempo.

Harry e Jessica tinham voltado para junto do grupo e o jovem esticara-se em

cima de uma das mantas, com um braço sobre os olhos. A mãe sentou-se ao lado dele, dizendo-lhe algo, enquanto lhe acariciava o cabelo.

– Parece-lhe que o Harry vai voltar?

– Para a Península? – replicou Netherby. – Sem dúvida. Ficou completamente de rastos com os ferimentos e a febre, mas está determinado.

– Tem sido a escola dele, então? – arriscou Alexander.

– *A escola?* – O duque cogitou na resposta, batendo de novo ao de leve nos lábios com o monóculo. – Diria que a vida é a escola de todos nós, Riverdale. Ou passamos ou sucumbimos. Somos todos testados de maneiras diferentes. O exército é o campo de provas do Harry.

Ter-se-lhe-ia afigurado uma resposta peculiar se não tivesse aprendido já que Netherby não era de todo o que parecia na imagem que projetava para o mundo. Perguntou-se qual teria sido o campo de provas do duque. Alexander tinha consciência do seu, que continuava a testá-lo. E, se Netherby estava certo, como seguramente acontecia, o teste nunca seria um só. A vida consistia numa série contínua de testes, todos, alguns ou nenhum passíveis de superação e aprendizagem, ou do seu contrário.

Wren fazia a bebé saltitar sobre os seus joelhos. Abby, ajoelhada ao lado delas, tentava fazê-la sorrir. Anna, por seu lado, sorria alegremente.

– A Wren não via nem sabia de nenhum deles desde os dez anos de idade, altura em que a tia a tirou de casa – continuou Alexander. – A mãe estava prestes a interná-la num hospício.

– Por causa do rosto dela – completou Netherby. Não era uma pergunta. – Porque era imperfeito e a sobrevivência da senhora depende da sua própria beleza e da perfeição de todos quantos a rodeiam.

– Exatamente – declarou Alexander.

– Quer que o acompanhe? – perguntou Netherby.

– Não – devolveu Alexander. – Mas obrigado.

A bebé, alegre, feliz e saltitante, começou, de repente, a chorar. Anna levantou-se imediatamente, arrebatando a criança das mãos de Wren. A bebé continuava a berrar, no que se afigurava um assomo de capricho mais do que de dor.

– Ah! – exclamou Netherby, desencostando-se da árvore –, parece que está na altura de procurar um canto sossegado. Devíamos ter chamado a nossa filha de *Tyranny*⁴, em vez de Josephine. Estômago de Eterna Exigência seria demasiado longo. Afastou-se, sem pressas, em direção à sua família.

– Wren – chamou Alexander, que continuara no encalço dele –, vem dar um passeio comigo?

Seguiram por entre as árvores, numa direção diferente da que Anna e Avery tinham tomado com Josephine.

– Nunca tinha pegado num bebê – disse Wren. – Oh, Alexander... – Mas sentiu-se uma tonta. Todas as mulheres eram perdidas por bebês, não era assim? Talvez fosse isso que assegurasse a proteção das crias humanas. Ela desejava ter a sua própria família mas fora sem dúvida o casamento que mais ocupara os seus pensamentos. Agora que estava casada, ansiava pela maternidade? Nunca estaria satisfeita?

– Quem sabe o próximo ano não lhe traz um bebê, Wren. – Ele libertou o braço do dela e pousou-o nos seus ombros para a cingir a si. Surpreendida, ela colocou o braço à volta da cintura dele. – O que deseja fazer? Quer ir para casa? Quer ficar?

– Eu *estou* em casa – declarou ela, e quando ele girou a cabeça para a olhar, os seus rostos ficaram a escassos centímetros de distância.

– Em Londres? – perguntou ele.

– *Aqui* – declarou ela, e ele inclinou ligeiramente a cabeça. Sabia que ele compreendera que não se referia a Richmond Park. – Vou parar de fugir, Alexander. Encarreguei a Maude, antes de sairmos de casa, de fazer desaparecer todos os meus véus, antes de eu voltar. Disse-lhe que podia vendê-los, se desejasse, mas ela afirmou que os queimaria com o maior dos prazeres.

– Wren – disse ele, beijando-a, primeiro na testa e depois na boca.

– Sou aquilo que sou – afirmou ela.

Ele inclinou a cabeça para ela.

– São as palavras mais belas que a ouvi pronunciar – declarou.

Ela sentiu os joelhos trémulos. *Eu importo-me*, dissera-lhe ele, na noite anterior. E era verdade. Eram as palavras mais belas que o ouvira pronunciar, mas não lho comunicaria. Seria revelar demasiado sobre si própria.

Ela ergueu os olhos para um velho carvalho junto ao qual haviam parado.

– Não subo a uma árvore desde que caí daquela, no dia em que saí de Roxingly – comentou.

– Não pensa, por acaso, fazê-lo agora, pois não? – provocou ele.

Vários ramos eram largos e quase paralelos ao chão, alguns muito próximos. E alguns dos ramos mais altos eram facilmente acessíveis a partir dos mais baixos. Não era nenhuma criança. Há vinte anos que não subia a uma árvore e, mesmo então, não era frequente fazê-lo. Envergava um vestido de musselina florido. Tinha um físico de atleta, segundo ele, e medo de alturas. Mas, de súbito, aquela árvore encarnava todas as barreiras que algum dia se haviam interposto entre ela e a sua liberdade. Era uma tolice. Uma criancice. Daria cabo

do vestido e mostraria as pernas. Os seus sapatos eram totalmente desadequados. O mais certo seria voltar a estatelar-se no chão e partir todos os ossos do corpo, para não falar na cabeça. Necessitava de fazer uma lista de prós e contras.

– Porque não? – replicou, desenlaçando o braço da cintura dele, sacudindo o braço dele dos seus ombros e atacando o carvalho, decidida.

Bom, não se tratou propriamente de um ataque, mas certo é que conseguiu trepar para o ramo mais próximo, da forma mais desajeitada possível, tendo prosseguido, periclitante, para o ramo seguinte e atacado um terceiro, mais alto ainda, antes de olhar para baixo. O seu lado racional dizia-lhe que continuava pateticamente próxima do chão, que, se Alexander estendesse um braço e ela esticasse uma perna, ele conseguiria, sem esforço, segurar-lhe no tornozelo ou até no joelho. O seu lado irracional dizia-lhe que corria o risco de bater com a cabeça no céu antes de cair por ali abaixo como Ícaro. Sentiu as pernas bambas.

Ele tinha um enorme sorriso. Tirara o chapéu e atirara-o para a relva.

– Diria que não subo a uma árvore há quase vinte anos – anunciou.

Ela correspondeu ao sorriso antes de concluir que olhar para baixo não era uma boa ideia. Ele subiu ao seu encontro, pousou uma bota no ramo onde ela estava sentada e continuou. Sentou-se num ramo contíguo ao dela, ligeiramente acima, pousando as mãos nos joelhos.

– Eu creio que há quase vinte anos que não subia a uma árvore – anunciou ele.

– Não me subestime – advertiu ela, compondo-se para se encostar ao ramo. – Tenho uma pergunta. Como é que descemos?

– Quanto a si, não sei – devolveu ele –, mas eu tenciono descer da mesma forma que subi.

– Bem me parecia – disse ela. – O problema reside precisamente aí.

– Não se preocupe – replicou ele. – Quando chegar a hora do lanche, eu trago-lhe comida.

Então, a conversa pareceu-lhes tão despropositada que desataram às gargalhadas, mortos de riso.

– E talvez uma manta, para se aquecer quando a noite cair – acrescentou ele, solícito.

– E o pequeno-almoço amanhã de manhã? – sugeriu ela.

– É muito exigente – retrucou ele.

– Ah, mas, o senhor importa-se comigo – replicou ela, voltando-se para o fitar.

As gargalhadas cessaram. Ele susteve o olhar dela, com um sorriso, e ela desejou não ter dito aquilo. Embora ele o tivesse dito primeiro. Na noite anterior.

– Claro que sim – declarou ele. – Portanto, é melhor que me diga o que devo trazer-lhe para o pequeno-almoço.

– Torradas e café – indicou ela. – Doce de laranja. Leite com açúcar.

– Wren – disse, sem desviar o olhar. – Arrepende-se de alguma coisa?

Ela fechou os olhos e abanou a cabeça. Como poderia arrepender-se? Sim, o casamento era muito diferente do que ela esperara. Desafiava-a de formas que não imaginara. E só estavam casados há dois dias. Mas adorava. E adorava-o a ele.

Não lhe perguntaria a ele se se arrependia de alguma coisa. Seria uma pergunta sem sentido. Se existisse arrependimento da parte dela, ele podia fazer alguma coisa, como levá-la para casa e deixá-la entregue à vida de eremita a que estava habituada. Se houvesse arrependimento da parte dele, porém, ela nada podia fazer para melhorar a sua vida.

– Ficamos em Londres, então, até ao final da temporada? – perguntou ele. – E depois regressamos a Brambledean? E talvez ao Staffordshire?

– Iria viver para lá comigo? – perguntou ela.

– Claro – declarou ele. – Não planeio afastar-me da minha mulher durante mais do que algumas horas de cada vez. Além do mais, poderei ter de lhe segurar na mão quando se encontrar com a sua equipa de gestores, desenhadores e artesãos sem véu pela primeira vez.

Ah, isso não lhe ocorrerá.

– Sim, ficamos aqui – confirmou ela.

– Mas não literalmente aqui – provocou ele, descendo do seu ramo para o dela, e ainda para o seguinte, como se descesse as escadas de uma casa. – Dê-me a sua mão. Prometo não a deixar cair.

Ela pousou a mão na dele com a certeza de que era verdade.

⁴ Em português, literalmente, «Tirania». (N. da T.)

CAPÍTULO 20



Alexander descobriu o que desejava saber no dia seguinte, ao início da tarde, quando visitou o White's. O apartamento de Lord Hodges ficava a poucos minutos a pé do clube, embora fosse necessário um cavalo de comprimento considerável para fazer a ponte entre os dois lugares. Felizmente para ele, descobriu quando fez soar o batente na porta, o homem estava em casa. Um criado conduziu-o ao piso de cima, deixando-o numa sala de forma quadrada, mobilada e decorada com requinte. Lord Hodges assomou à porta cinco minutos depois.

E, sim, concluiu Alexander, Netherby estaria seguramente certo, confirmando a sua própria impressão. Teria uns vinte e cinco anos. Era alto e bem-parecido, e tinha a elegância própria da juventude e o cabelo louro e curto. Fitou o seu visitante com educação e curiosidade, saudando-o e apertando-lhe a mão.

– A que devo a honra? – perguntou, indicando um cadeirão.

Alexander sentou-se.

– Creio que será *Colin* Handrich e não Justin? – indagou.

Uma ruga sulcou brevemente o rosto de Lord Hodges.

– O meu irmão morreu há dez anos – disse. – Três anos antes do meu pai.

– Tem três irmãs – disse Alexander.

– Lady Elwood e Mrs. Murphy – informou o jovem. – Tive uma terceira irmã, mas faleceu há cerca de vinte anos, ainda criança. Peço desculpa, Riverdale, mas qual é o propósito destas perguntas?

– De uma coisa fico satisfeito, pelo menos – declarou Alexander. – Não sabia. Devo esclarecê-lo: a sua terceira irmã não está morta. É minha mulher, a condessa de Riverdale.

Hodges olhou-o, inexpressivo, riu-se levemente e franziu novamente a testa.

– Está enganado – afirmou.

– Não estou – declarou Alexander. – O que recorda dela?

– Da Rowena? – Lord Hodges recuou no cadeirão. – Estava sempre doente. Raramente saía do quarto. Nunca ia connosco para o quarto das crianças, nem para a sala de aula, nem saía de casa. Tinha uma enorme... mancha vermelha, tipo morango, que lhe cobria metade do rosto e da cabeça. Penso que deve ter

ditado a sua morte, embora o inchaço tivesse começado a diminuir e a perder alguma cor. A minha tia levou-a, um dia, a um médico que disse que conseguia curá-la. Mas ela acabou por morrer. Lamento o mal-entendido. Casou-se com outra pessoa. Li o comunicado do seu casamento, há um dia ou dois. Aceite as minhas felicitações.

– Obrigado – disse Alexander. – Mas informaram-no mal. A sua tia levou a sua irmã para Londres, onde contactou um antigo patrão, um tal de Mr. Heyden, na expectativa de que conseguisse ajudá-la a empregar-se. Ele casou-se com ela e juntos adotaram a sua irmã, tendo-lhe alterado o nome para Wren Heyden. Criaram-na e educaram-na. Infelizmente, faleceram ambos no ano passado, no espaço de poucos dias, deixando-a sozinha e muito rica.

– A herdeira da vidraria Heyden – soprou Hodges, como se falasse consigo próprio. – Foi assim que descreveram a sua mulher no anúncio.

– Possui casa perto de Brambledean Court – retomou Alexander. – Foi lá que a conheci, no início do ano. Casei-me com ela há três dias.

O jovem olhava para ele, embasbacado.

– Deve estar enganado – disse de novo.

– Não estou – declarou Alexander.

Lord Hodges agarrou com força os braços do cadeirão.

– A minha mãe sabe? – perguntou.

– Poderá ter tirado as suas conclusões quando viu a minha mulher, no teatro, há dois dias – esclareceu Alexander.

– A minha tia *raptou* a Rowena? – exclamou Lord Hodges.

– Planeavam enviar a sua irmã para um hospício, no dia seguinte – revelou Alexander. – Eu utilizaria a palavra «salvou» em vez de «raptou». Além do mais, a sua mãe viu-as sair e não fez nada para as impedir.

– Céus. – Hodges empalidecera visivelmente. Tinha os nós dos dedos brancos, agarrados aos braços do cadeirão. – Mas recordo-me que ela era perfeitamente sã de espírito, embora não soubesse ler nem escrever. Julgariam que não? Era por essa razão que a tinham quase sempre trancada dentro do quarto?

– Creio – disse Alexander – que era por causa do seu aspeto.

Lord Hodges levantou-se de um salto, atravessou a sala em direção a um aparador, pegou numa garrafa de cristal, mudou de ideias e pousou-a, colocando-se diante da lareira, com uma mão apoiada no lintel acima da sua cabeça inclinada.

– Eu tinha cinco ou seis anos quando a levaram – principiou. – Lembro-me tão pouco do que aconteceu. Sei que chorei quando soube que ela tinha morrido e que perdi a fé no poder da cura e da oração. Costumava beijar-lhe o rosto sempre que a via, na esperança de que ficasse melhor, e de rezar para que

acontecesse um milagre. Peço desculpa. Que memória embaraçosa para se expor desta forma. Foi a sua aparência, então? O sinal de nascença? Era por isso que a trancavam e que queriam interná-la num hospício?

Tratava-se de perguntas que não careciam de respostas. Alexander não avançou nenhuma, mas não ficou em silêncio.

– Talvez as suas preces de infância tenham sido atendidas – declarou. – Lembra-se da sua tia?

– Nem por isso – devolveu Lord Hodges. – Lembro-me que chegou e que levou a Rowena, para irem ao médico, alguns dias depois. Não me recordo de mais nada. Foi bondosa com ela?

– Ela e o marido inundaram-na de amor e de aceitação – disse Alexander – e deram-lhe uma boa educação. Quando ela mostrou interesse na fábrica vidreira, o tio treinou-a para ocupar o seu lugar e deixou-lha em testamento. É uma mulher de negócios fantasticamente bem-sucedida.

Lord Hodges não disse nada. Tinha fechado os olhos.

– Não vive com a sua mãe – comentou Alexander.

– Não. – O jovem abriu os olhos.

– Ela mencionou a ida ao teatro? – perguntou Alexander.

– A mim não – disse Lord Hodges. – Não a vejo muito. Não a vejo nunca, na verdade, a não ser quando esbarro com ela por acaso em algum espetáculo. Mas não me alongarei mais. É um assunto de família.

– Compreendo – devolveu Alexander.

– Um assunto de família. – Lord Hodges deu uma risada. – Mas o senhor é família, não é verdade? É meu cunhado.

Pois, pensou Alexander. Não lhe ocorrera antes.

– Afaste-a da minha mãe – pediu Lord Hodges, em voz baixa. – Ela ainda tem o sinal de nascença?

– Permanece a cor arroxeadada – disse Alexander. – É uma mulher linda.

O jovem fez um meio sorriso e virou-se de costas para a lareira.

– A minha mãe não irá gostar – declarou. – À sua volta, só permite beleza imaculada, que escravizará se tiver oportunidade. Mantenha a Rowena longe dela.

Lord Hodges inspirou fundo, preparando-se para falar, mas expirou lentamente e aguardou alguns instantes.

– O meu pai escapou morrendo – disse. – O meu irmão mais velho alcoolizando-se, e morreu por isso, mais novo do que eu sou agora. A minha irmã mais velha é uma sombra da mulher que podia ser. A minha irmã do meio casou-se com um irlandês quando tinha dezassete anos, fugiu para a Irlanda com ele e nunca mais voltou. Eu fiquei com uns tios durante as férias grandes, depois

de o meu pai morrer, e em Oxford, quando fui para a universidade. A seguir, mudei-me para este apartamento. A Rowena foi salva pela tia... Céus, nem sequer me lembro do nome dela.

– Megan – avançou Alexander.

– Pela tia Megan – retomou Hodges. – Afaste-a da minha mãe. Não é nada leal dizer isto e esforço-me sempre por preservar o decoro, ainda que seja apenas na minha mente. Honrar pai e mãe, como se diz. Mas a Rowena é minha irmã e o senhor é meu cunhado. Afaste-a dela. – Regressou ao cadeirão, onde se sentou pesadamente enquanto Alexander o contemplava em silêncio. – É verdade, então? Ela está viva? Todos estes anos...

– Quer vê-la? – perguntou Alexander.

– Céus... – disse Lord Hodges. – Ela deve detestar-me.

– Ela recorda-o – principiou Alexander – como a única pessoa que, naqueles dez anos de vida, a tratou com gentileza. Lembra-se que lhe dava beijos no rosto, que destrancava a porta do quarto para brincar com ela. Lembra-se de brincar uma vez consigo no exterior.

– Disseram-me que não devia voltar a fazê-lo. – O jovem pareceu ficar absorto em pensamentos. – Tinha-me esquecido. Disseram-me que ela estava doente e que não devia sair. Lembro-me de lhe ler histórias porque ela não sabia ler. Eu devia ter acabado de aprender. – Olhou para Alexander. – Será que me detesta?

– Não. – Alexander levantou-se. – Vou para casa. Quer vir comigo? Só não posso garantir que ela lá esteja.

– Vou. – Lord Hodges levantou-se também. – Também estava de saída para algum lado, mas juro-lhe que não consigo lembrar-me para onde. Eu vou. Céus. *Rowena.*

Alexander não fazia a menor ideia se estaria a fazer a coisa certa. Iria descobrir, supôs.

*

Viola e Abigail deviam regressar a casa no dia seguinte, levando Harry com elas. Naquele dia, Wren fora visitar a Torre de Londres com Viola e Lizzie, enquanto a mãe desta fazia uma visita ao irmão e à cunhada e Abigail passava a manhã com Jessica, aproveitando a oportunidade para ver a bebé, sua sobrinha, mais uma vez. Harry fora reclamado pelo duque de Netherby, para praticar um pouco de esgrima na tentativa de treinar a força do braço que, de qualquer forma, recuperava bem. A meio da tarde, porém, já todos tinham regressado a casa. Jessica chegara com Abigail e depois iria com esta, com Viola e com Harry

jantar a casa da condessa viúva e da prima Matilda.

Wren sentia-se algo exausta, algo que lhe acontecia com bastante frequência nos últimos dias. Saíra sem véu e sem passar despercebida. E, em casa, parecia estar constantemente rodeada de pessoas. Pessoas bem-intencionadas, era verdade, pessoas das quais gostava cada vez mais, mas, ainda assim, pessoas. Elizabeth e a mãe passariam o serão fora. Talvez, pensou Wren, esperançosa, entre as conversas alegres que animavam a hora do chá na sala de visitas, tivesse oportunidade de passar um serão tranquilo sozinha com Alexander. Seria uma enorme felicidade. E não acreditava que ele se importasse, pois, tanto quanto lhe dissera, durante vários anos mal viera a Londres, tendo optado por permanecer em Riddings Park. Continuava a preferir a vida sossegada do campo ao bulício da cidade.

Recostou-se no cadeirão, bebericou do chá, aproveitou a companhia e ansiou pelo serão. Quando a porta da sala de visitas se abriu e ela viu Alexander, sentiu-se feliz. Mas ele dirigiu um cumprimento a todos sem fechar a porta atrás de si nem avançar.

– Wren – disse –, pode descer à biblioteca comigo? Há uma pessoa que queria que conhecesse.

Outra vez? Quem seria agora?, perguntou-se, com algum desalento. Não teria ela conhecido na última semana pessoas suficientes para o resto da sua vida? Ele estava, sem dúvida, a ser injusto.

– Claro – anuiu, levantando-se. Não o censuraria à frente de todos. Quase lhe perguntou quem era enquanto desciam as escadas, mas rapidamente poderia vê-lo por si mesma.

Tratava-se de um homem jovem, alto e elegante, bem vestido, louro e muito atraente. Ele voltou-se para eles assim que entraram na biblioteca, parecendo tão pouco à vontade quanto ela se sentia. E Wren sentiu algo mais, também. Pavor? Os olhos dele cravaram-se nela.

– Roe? – perguntou, a voz pouco mais do que um sussurro.

Só uma pessoa a tratava por aquele nome... Um rapazinho louro de cabelo revoltado que a visitava com os seus brinquedos e livros, e os seus beijos redentores. Aquele homem...

– *Colin?* – exclamou, apertando as mãos ao lado do corpo.

Os olhos dele perscrutaram-lhe o lado esquerdo do rosto e depois os olhos.

– Roe – repetiu. – És tu. És tu?

Wren sentiu-se ficar sem um pinga de sangue. Parecia-lhe que contemplava o fundo de um comprido túnel. Uma mão agarrou-a com firmeza pelo cotovelo.

– Trouxe Lord Hodges para te ver, Wren – disse Alexander.

Lord Hodges? Não era o seu pai. Justin, não era, com certeza.

– Sim, sou o Colin – disse o jovem, atravessando a biblioteca em grandes passadas e segurando-lhe as mãos com força esmagadora. – Roe. Oh, Céus, Roe! Pensei que estavas morta. Julgava que tinhas morrido há vinte anos.

Um rapazinho de seis anos. Um rapazinho alegre, com os seus brinquedos e os seus livros, e os seus beijos reconfortantes, que parecia espalhar alegria por onde passasse. A única pessoa que a amara na sua infância.

– Céus! – disse ele. – Disseram-me que tinhas morrido.

Se lhe apertasse as mãos com mais força, partir-lhe-ia alguns dedos.

– Costumavas beijar-me na face para eu ficar melhor. Lembras-te, Colin? E conseguiste. Vês? Não chegou a desaparecer, mas está melhor. E tudo o resto melhorou, também. Exceto ter ficado sem ti. E sempre me perguntei... Sempre sofri com a tua ausência.

– Eu também sobrevivi – declarou ele e, quando sorriu, ela reconheceu, sem sombra de dúvida, o rapazinho sorridente, embora, naquele momento, tivesse de elevar o olhar uns quantos centímetros. – Ainda não consigo acreditar, Roe. Estás viva. Estes anos todos...

Eu também sobrevivi... Estranha escolha de palavras.

– Talvez seja melhor sentarmo-nos – sugeriu Alexander.

Serviu um copo de vinho a cada um enquanto Wren se sentava com Colin no confortável sofá de couro, diante da lareira. Ele pegou-lhe novamente nas mãos assim que se sentaram como se temesse vê-la desaparecer se não a segurasse. Alexander instalou-se num dos cadeirões próximos.

– Não, não chegou a desaparecer – comentou Colin, inclinando a cabeça para lhe observar a face esquerda –, mas não importa, Roe. O Riverdale tinha razão. És linda. E afortunada. Se não tivesses o sinal, terias ficado. A tia Megan tratou-te bem? O Riverdale diz que sim.

– Era um anjo – disse Wren. – E uso a palavra com total sinceridade. Tal como o tio Reggie, com quem ela se casou. Mas, Colin... *Lord Hodges?*

– Nunca mais soubeste de nós, então? – indagou ele. – O nosso pai morreu há sete anos de ataque cardíaco. O Justin morreu três anos antes dele. Há uma causa oficial, mas a verdade é que bebeu até morrer. Provavelmente não sabes mais nada sobre nós, pois não? A Blanche casou-se com Sir Nelson Elwood. Vivem com a nossa mãe. Não têm filhos. A Ruby casou-se com o Sean Murphy quando tinha dezassete anos e partiu para a Irlanda com ele. Nunca vem cá, mas eu já lá fui algumas vezes. Eu... Tu e eu temos três sobrinhos e uma sobrinha. Tenho um apartamento aqui em Londres, onde passo o ano.

– Não vives com a... mãe? – perguntou ela.

– Não. – Ele soltou-lhe a mão e pegou no copo de vinho. – Suponho que não tenhas sido uma criança frágil, pois não? Não era por isso que quase nunca saías

do quarto.

– Não – confirmou ela.

– Suponho que te fechavam lá dentro – continuou ele – porque representavas uma mancha no mundo perfeito dela. As crianças pequenas são muito ingênuas, acreditam em tudo o que lhes dizem. Suponho que seja natural. Têm de ganhar gradualmente discernimento e cinismo. Fiquei orgulhoso de mim quando aprendi a dar a volta à chave. Lembro-me de o fazer para poder entrar e brincar contigo, mas nunca parei para pensar porque é que uma irmã que era frágil tinha de ficar trancada dentro do quarto. Mas, Wren, pudeste escapar enquanto eras pequena. Se não tivesses a marca, terias sido destruída como todos nós, porque és muito bonita e provavelmente já o eras em criança. Mas perdoa-me. Aqueles dias devem ter sido para ti desprovidos de qualquer bênção.

– Tu eras uma bênção – declarou ela.

Tanto ele como Alexander lhe sorriram e ela contemplou um e outro, sentindo um grande amor.

– Quanto a nós, éramos apenas os lindos filhos dela – declarou Colin. – Eu tinha a língua um pouco presa e como me achavam muita graça só tardiamente me foi permitido ultrapassar isso. E não era autorizado a cortar o cabelo de uma forma que considerava decente para rapaz porque era louro e encaracolado e as pessoas davam-me pancadinhas na cabeça e ficavam deliciadas comigo. E disseram-me que tinhas morrido. Lembro-me de ir para o teu quarto, nessa noite, e de pôr o meu tigre preferido por baixo dos teus lençóis, para te aquecer, e de pôr o livro que mais gostavas que eu te lesse na almofada, para te manter acompanhada. Mas parece que acabei por ficar lá a fazer ambas as coisas. Creio que adormeci a chorar. Na manhã seguinte, houve um coro de protestos por não ter dormido na minha cama.

– Obrigada – disse ela. – Apesar de eu não ter sabido, obrigada, Colin.

– Porquê Wren? – perguntou ele.

Ela sorriu.

– Foi assim que o tio Reggie me chamou quando me viu pela primeira vez – explicou ela. – Disse que eu parecia um passarinho, porque era magra e tinha olhos grandes. A tia Megan também passou a chamar-me Wren e eu gostei. Quando me adotaram, tornei-me Wren Heyden, o nome que usei até me tornar Wren Westcott, há três dias. – Olhou para Alexander e sorriu novamente.

– Não creio que me habitue a usá-lo, embora seja bonito – observou Colin.

– Claro que não – disse ela. – Chama-me Roe. Só tu me chamavas assim, e eu associo esse nome a alegria, amor e carinho.

Ele suspirou e dirigiu o olhar para Alexander.

– Há tantas coisas que quero saber – declarou. – Quero saber de tudo. E quero

contar-vos tudo, também, suponho eu. Tantos anos perdidos... Mas não devo ocupar mais o vosso tempo, hoje. Riverdale, tenho uma dívida de gratidão para consigo que talvez nunca me seja possível saldar. Nunca teria descoberto. Li o anúncio do seu casamento, mas o nome Wren Heyden não me dizia nada. Nunca teria descoberto, mesmo que a visse, pois tem o rosto diferente do que eu lembrava. Teria passado o resto da vida a acreditar que a minha irmã estava morta.

– Fica, por favor – pediu Wren, esquecendo o quanto desejara passar o serão a sós com Alexander. – Fica para o jantar. Vem conhecer a minha sogra, a minha cunhada e os meus primos. Provavelmente até já conheces alguns.

– Infelizmente, não posso – devolveu ele. – Tenho um compromisso que não posso mudar. Um amigo tem uma irmã que precisa de companhia para ir a Vauxhall, e a companhia serei eu. É uma rapariga tímida, que não está a adaptar-se muito bem ao convívio da alta sociedade.

– Então deves mesmo ir – anuiu Wren, quando ele se ergueu e lhe estendeu as mãos para ajudá-la a levantar-se.

– Roe – disse ele, segurando-a com mais força –, fica longe dela. É minha mãe... *nossa* mãe... e eu não diria uma palavra desleal a seu respeito a ninguém de fora. Disse isto mesmo ao Riverdale há pouco, mas só depois de ele me convencer plenamente de que era meu cunhado. Ela é um veneno, Roe. Só existe uma pessoa no mundo dela: ela própria. Todos os outros são parte de uma encenação da qual ela é o centro ou existem para contemplá-la com temor e admiração. Consegue ser cruel para qualquer pessoa que não cumpra o papel que lhe foi destinado. Custa-me dizer palavras tão desleais sobre a minha própria mãe, mas é tua mãe também e não vai ficar contente se te vir. Receará ser exposta como alguém que, afinal, não é assim tão perfeita. Fica longe dela. Esquece que ela existe. Mas imagino que já te propusesses fazer isso mesmo.

– Colin. – Ela sorriu-lhe. – Hoje, algo se curou dentro de mim. *Existiu* bondade naqueles anos.

– Tenho a certeza de que hoje à noite vou acordar pensando que tudo isto não passou de um sonho – disse ele. – E, por uma vez na vida, vou gostar de acordar e constatar que não o é. *Estás viva*.

– Sim. Diverte-te em Vauxhall.

– Com certeza – replicou ele com um sorriso. – Miss Parmiter pode ser tímida e a alta sociedade pode não ter reparado muito nela, mas eu reparei. Roe, posso dar-te um beijo?

– Claro que sim. – Ela riu-se quando ele lhe beijou a face esquerda e a abraçou com força. Ela retribuiu o abraço pensando que a escuridão nunca era completa. Os seus primeiros dez anos estiveram muito perto de o ser; tão perto

que ela quase esquecera o finíssimo raio de luz que fizera toda a diferença... O rapazinho de rosto alegre que se tornara naquele jovem bem-apegoado. O seu irmão.

Foram despedir-se de Colin à porta, ela e Alexander, depois de ele aceder a voltar no dia seguinte. Depois, voltaram para a biblioteca. Ele segurava-lhe na mão, reparou, entrelaçando os dedos. Levou-a para o sofá e pôs um braço à sua volta. Ela pousou a cabeça no ombro dele e fechou os olhos. Sentiu-o limpar-lhe o rosto com um lenço.

– Se fosse o outro irmão, não lhe teria dito – revelou ele.

– O Justin? – devolveu ela. – Suponho que também ele tenha sofrido. Não há ninguém que beba até morrer por prazer.

– Foi cruel consigo – assinalou ele.

– Era apenas um rapazinho – disse ela. – A Blanche e a Ruby eram apenas duas miúdas. Tenho de perdoar, Alexander, ainda que seja apenas na minha cabeça. Se um deles tivesse o meu aspeto e eu tivesse o aspeto deles, e estivesse sob a influência da minha mãe, quem pode dizer que eu não teria tido exatamente o mesmo comportamento?

Ele inclinou a cabeça e beijou-a.

– Vou procurá-la – declarou ela.

O braço que lhe cingia os ombros ficou tenso.

– À sua mãe?

– Sim.

– *Porquê?* – questionou ele. – Wren, não há qualquer necessidade de o fazer. O seu irmão disse que não deve fazê-lo, e terá, com certeza, razões para tal. Na verdade, mostrou-se bastante categórico. Não há necessidade de o fazer. Deixe-me levá-la para casa. Eu próprio desejo ir para casa. Vamos.

– Sabe onde ela vive? – perguntou ela.

– Não. – Ele soltou um suspiro. – Mas não deve ser difícil descobrir.

– Poderia fazê-lo, por favor? – pediu Wren. – Vou visitá-la.

Ele não voltou a perguntar porquê, e ainda bem. Ela não saberia explicar. A não ser pelo facto de o seu passado estar finalmente a ser revelado. Começara com a visita ao teatro e a posterior revelação da sua história. E agora aquilo. Teria de terminar o que fora iniciado ou iria corroê-la por dentro. Não procurava uma cura. Não tinha a certeza se seria possível, como talvez não o fosse para Colin e as suas irmãs. Queria apenas enfrentar as suas memórias, incluindo aquelas que, de tão profundas, se tornava impossível trazer à mente. Apenas isso. A razão era esta.

– Wren. – Sentiu os braços dele à sua volta, o rosto dele encostado à sua cabeça. – O que faço consigo? Não, não responda. Sei o que vou fazer consigo

durante o próximo dia ou dois. Vou acompanhá-la na sua visita a Lady Hodges.

– Sim – devolveu ela. – Obrigada. Que seja para breve, Alexander. A seguir, quero ir para casa consigo.

CAPÍTULO 21



Viola partiu na manhã seguinte depois do pequeno-almoço, com Harry e Abigail. Foi com ruidosa agitação que todos se despediram entre abraços, beijos e até algumas lágrimas.

– Escute, Wren – principiou Harry, quando se despedia dela. – Espero que não me tenha levado a mal, o primeiro dia ou dois, depois de nos conhecermos. Creio que me lembro de lhe perguntar, com alguma rudeza, quem era e de exigir a presença da minha mãe e de me faltar de dizer coisas sem nexo. E não quero sequer pensar no que seria o meu aspeto, ou o meu cheiro.

– Está tudo esquecido, exceto a alegria de saber quem era – declarou ela, dando-lhe palmadinhas no braço bom. – Aproveite o seu tempo de descanso no campo. – Ainda assim, Wren duvidava que o jovem fosse relaxar tanto quanto a mãe e a irmã desejavam. Estava com um aspeto bastante mais enérgico e inquieto, e também mais saudável, do que há uma semana.

– Obrigado por tudo o que fez por mim – agradeceu ele, dando-lhe um abraço apertado – e por convidar a minha mãe e a Abigail. Sei que foi ideia sua utilizar o seu casamento como incentivo adicional. Obrigado, Wren.

Abigail também lhe deu um abraço.

– Sim, obrigada – disse. – Foi importante eu ter vindo, pela pobre Jess. Levou muito a peito as mudanças da minha vida. Pude passar alguns dias com ela e explicar-lhe que estou em paz com tudo e que não sou uma personagem de uma tragédia pela qual ela tem de sacrificar as esperanças e a felicidade dela. Foi mais fácil convencê-la pessoalmente do que por carta. E foi maravilhoso voltar a ver toda a gente e conhecê-la a si. Penso que é perfeita para o Alex. Para começar, é quase tão alta como ele – concluiu, com uma gargalhada. – Obrigada, Wren, por tudo.

Viola segurou-lhe uma mão entre as suas.

– Obrigada – declarou –, pelos cuidados que tão carinhosamente prodigou ao meu filho. Obrigada por ter dado à Abby e à Jessica a possibilidade de passarem algum tempo juntas. De certa forma, são mais irmãs do que primas e os acontecimentos deste último ano foram difíceis para elas. E, obrigada, Wren, pela... sua amizade. Sinto que encontrei uma amiga, e isto não é algo que diga a

muitas pessoas. Tem sido uma inspiração para mim, com a sua tranquilidade e a sua coragem.

– Saiba que é uma das coisas mais maravilhosas que alguém podia dizer-me – declarou Wren. – E tenha a certeza de que é uma felicidade enorme poder chamá-la de amiga. Aproveite as próximas semanas com o Harry. Escrevo-lhe e espero vê-las brevemente.

– Também lhe escreverei.

E abraçaram-se, entre o barulho e a confusão das despedidas.

Wren reparou que Harry também dera um abraço a Alexander, completando-o com uma dose de palmadas nas costas. Até ouviu o que lhe dizia.

– Não guardo ressentimentos, Alexander – disse –, apesar de saber que tendes a pensar que sim. Quando te vejo a ir para a Câmara dos Lordes, só penso em como seria um suplício para mim. Deem-me um campo de batalha que eu fico satisfeito.

Posto isto, saíram todos para o passeio e Alexander ajudou as senhoras a subir para a carruagem, seguidas por Harry. Dois minutos depois, o veículo descia South Audley Street, desaparecendo à vista de todos.

– A Viola mudou – comentou a sogra de Wren. – Sempre gostei muito dela, sempre tão elegante, digna e graciosa. Continua a sê-lo, mas agora já não a acho distante. Parece mais afetuosa.

– Creio que esse distanciamento se devia à infelicidade do seu casamento, mãe – declarou Elizabeth. – Não perdeu nada, ao não conhecer o primo Humphrey, Wren.

– Eu gosto muito dela – comentou Wren, quando voltaram para dentro de casa. – E a Abigail é um amor e muito madura para a idade que tem.

– Aposto que o Harry, se tiver voto na matéria, regressa à Península antes de os dois meses terminarem – acrescentou Alexander. – Disse-me que a vida de oficial lhe assenta melhor do que a de conde. Com algum jeito, até acredita nisso.

– Wren? – Elizabeth deu-lhe o braço para subirem as escadas. – Lord Hodges é seu irmão?

Alexander informara a mãe e a irmã do parentesco entre os dois.

– Sim – confirmou Wren. – O Colin tinha seis anos quando saí de casa. Adorava-o. Disseram-lhe que eu tinha morrido.

A sogra, que seguia atrás delas pelo braço do filho, suspirou ruidosamente, abstendo-se, porém, de comentar.

– Ontem, apanhou um susto maior do que o meu – retomou Wren. – O que me deixou mais desconcertada foi saber que ele era Lord Hodges. O meu pai estava vivo quando saí de casa e o meu irmão mais velho também.

- Oh... – disse Elizabeth.
- Vou visitá-la – disse Wren quando entravam na sala de visitas.
- Lady Hodges? – Mrs. Westcott olhava-a com perplexidade. – Oh, Céus. Vai com o seu irmão?
- Não – disse Wren. – Ele não costuma estar com ela e aconselhou-me veementemente a evitá-la.
- Mas irá, mesmo assim? – perguntou a sogra. – Wren, será sensato?
- Elizabeth soltou o braço de Wren para se sentarem.
- Consigo compreender o desejo da Wren, mãe – declarou. – Não sei a sua história, Wren, mas talvez possa imaginá-la, do pouco que conheço... Ela é sua mãe e poucas palavras são necessárias. Sim, claro que deve ir, e aplaudo a sua coragem. O Alex vai consigo?
- A contragosto – informou ele, fitando uma e outra com o sobrolho franzido. Não se sentara. – Deve tratar-se de lógica feminina. Tanto para o Hodges como para mim é uma loucura. E eu *conheço* a história da Wren, Lizzie, ou, pelo menos, uma parte. Diria que existe muito mais. Sim, amanhã vou com ela, de manhã, se a senhora estiver em casa. E depois faltarei ao resto da sessão parlamentar. Vou levar a Wren para casa. Não, melhor dizendo, a Wren e eu vamos para o nosso lar juntos. Para Brambledean.
- Com a minha bênção – declarou a mãe. – E *lar* é a palavra correta. A Wren não deixará que seja de outra forma.
- Agora, se me permitem – interrompeu Alexander –, tenho uns assuntos a tratar.
- Wren foi despedir-se dele.

Lady Hodges vivia com a filha mais velha e o genro em Curzon Street, num solar que era propriedade do filho mas que este não habitava. Não saía muito e quando o fazia escolhia sítios como o teatro, onde fosse vista mas não corresse o risco de se expor à luz do sol ou a qualquer luz direta, e, preferivelmente, onde se encontrasse a alguma distância dos seus admiradores. Em casa, ocupava divisões cujos cortinados permaneciam corridos e as velas, embora em quantidade, estavam engenhosamente dispostas para dar uma impressão acolhedora, alegre, e para fazer sobressair as joias sem iluminar diretamente a senhora. Rodeava-se de jovens belos, atraídos pelos presentes que lhes dava e pela fama da sua beleza, que perdurava há mais de trinta anos e se tornara lendária. A filha mais velha, que continuava encantadora, embora já com mais de trinta anos, ficara com ela, e os outros filhos haviam partido por vários motivos, o seu filho mais velho por ter morrido. Gostava de ter Blanche por perto para ter

a satisfação de ouvir que pareciam irmãs.

A sua vaidade não conhecia limites. Quando se olhava ao espelho – e só o fazia depois de passar uma ou duas horas nas mãos de um pequeno batalhão de criadas, posticeiros, estilistas, manicures e maquilhadores – via a jovem de dezassete anos que emudecera de espanto a nata londrina. Cativara uma dúzia, ou mais, de cavalheiros, entre os quais um duque, que era casado, e que lhe dera carta-branca e riquezas inimagináveis e um barão abastado e bem-parecido que lhe propôs casamento. Quando escolhera o último, sentira como único pesar a impossibilidade de trocar os títulos dos dois. Teria gostado de ser duquesa.

Encontrava-se em casa, a meio da sua *toilette*, quando um laçao bateu à porta do seu quarto de vestir e murmurou uma mensagem a uma das criadas que, por sua vez, informou uma criada de maior gabarito, a qual informou a senhora que o conde e a condessa de Riverdale estavam de visita e desejavam cumprimentá-la.

Ficou surpreendida. Perplexa, na verdade, e nada satisfeita. Era a última coisa que esperava. Ouvira falar – e quem não ouvira? – da mulher feia de rosto arroxado com quem o conde de Riverdale se vira obrigado a casar, pois a carência económica assim exigia e ela era fabulosamente rica. Olhara com curiosidade para a mulher quando a vira no camarote que ficava diante do seu, do outro lado do teatro, tal como qualquer outra pessoa. E inicialmente perguntara-se, não sem alguma desilusão, porque seria tão impreciso o relato da sua aparência.

Depois, durante o intervalo, tivera oportunidade de ver a condessa de frente. Blanche também a vira. E Lady Hodges sentira um grande desconforto. Pois o rosto da mulher era de facto arroxado, *do lado esquerdo*. E era algo parecida com... Mas preferiu não ver a semelhança, a qual seria, sem dúvida, fruto da sua imaginação.

Contudo, naquela noite, deitada na cama, sentiu avivarem-se as memórias. Lord Riverdale casara-se com Miss Wren Heyden, herdeira da fortuna da vidraria Heyden. Megan envergonhara, certa vez, a família, empregando-se como dama de companhia de uma inválida, uma tal de Mrs. Heyden, mulher de um homem muito rico. Pelo menos, julgava que o nome era Heyden. A mulher morrera passado alguns anos. E se...?

E se alguém suspeitasse que a horrorosa condessa de Riverdale saíra do seu ventre, como castigo pelo muito que praguejara contra Hodges por sobrecarregá-la com mais uma gravidez e porque tentara de tudo para abortar?

O seu primeiro instinto foi dizer que não estava em casa. E se o despeito por se verem repudiados lhes destravasse a língua? A mulher não estaria seguramente à espera de que a recebessem de braços abertos e a cobrissem de

beijos, pois não? Traria problemas? Seria mesmo Rowena? Aquela feiosa da Megan conseguira mesmo «caçar» um marido rico? Ficara com a Rowena e mudara-lhe o nome? Que tipo de nome era Wren? A Megan ainda estaria viva? Lady Hodges não via a irmã nem tivera notícias dela desde que esta saíra de sua casa com a criança nos braços, cheia de indignação, um dia antes de a levarem para o asilo, onde devia estar desde que nascera.

– Levem-nos para o salão rosa e informem-nos de que desço já – ordenou.

Ainda estava a meio da *toilette*, mas eles que esperassem. Não iria apressar ninguém. Tratava-se da parte mais importante do seu dia.

– E digam a Sir Nelson e Lady Elwood que devem acompanhar-me. E a Mr. Wragley e Mr. Tobin também, assim que eles chegarem.

Sentaram-se lado a lado em silêncio. Alexander pousara a mão sobre as mãos dela, entrelaçadas sobre o regaço. Wren não se voltava para olhar para ele. Procurava a concentração, tal como fazia quando se dedicava a qualquer aspeto da sua atividade. Não iria permitir-se cometer distrações.

E Alexander *era* uma distração – solidário e silenciosamente reprovador. Não, essa não era a palavra certa. «Dedicado» seria mais preciso – silenciosamente dedicado. Ela sabia que ele receava por si e que desejava com todo o seu ser protegê-la da dor. Sabia também que ele não interferiria, que a deixaria fazer o que tivesse de fazer, que a apoiaria no que quer que fosse.

Era enternecedor e dava-lhe alento. Mas era uma distração.

Dominava-a a impressão de fazer parte de um cenário. A sala estava na penumbra, tal como a sala para a qual ela convocara os três primeiros cavalheiros da sua lista de potenciais maridos. Porém, como os cortinados eram de cor rosada, também a sala, igualmente iluminada por candelabros e candeeiros de parede, assumia essa tonalidade. Viam-se alguns cadeirões, além do sofá para onde tinham sido conduzidos pelo mordomo, mas um deles evidenciava-se dos restantes. Só podia ser descrito como um trono, pensou Wren. Encontrava-se voluptuosamente revestido de veludo cor-de-rosa, com braços e espaldar ricamente trabalhados, e possuía pernas mais longas do que os restantes cadeirões. Dois degrauzinhos de veludo facilitavam o acesso. Era impressionante. A luz refletia-se no dourado mas deixava o cadeirão em si na penumbra. Toda a cena se lhe afigurava estranhamente familiar, embora não soubesse como era possível, pois passara a maior parte da infância confinada ao seu quarto.

Ocorreu-lhe várias vezes que a sua mãe poderia estar a fazer alguma espécie de jogo e que talvez tencionasse deixá-los ali à espera durante o dia inteiro.

Houve momentos em que estive perto de me levantar e sugerir que regressassem a casa, mas procurei sempre recuperar a concentração.

Alexander, bendito fosse, não disse uma palavra, embora os seus dedos lhe afagassem levemente a pele, por vezes, em vez de permanecerem imóveis.

E, então, a porta abriu-se e cinco pessoas entraram na sala: a mais jovem das duas senhoras que ocupavam o camarote que ficava diante do deles, e que Wren agora sabia ser Blanche; o homem que as acompanhara, e que devia ser o seu marido; dois cavalheiros muito jovens, donos de uma beleza quase perfeita e... a sua mãe.

Alexander levantou-se e fez uma vénia algo rígida. Wren continuou sentada e contemplou detidamente cada uma das figuras principais. Blanche não mudara muito, exceto na idade que se notava ter. Era alta, elegante, loura e muito bonita. O marido também era um homem bonito, embora fosse evidente pelo seu aspeto algo inchado e as faces algo rosadas que bebia de mais há demasiado tempo. A mãe... Bom, tinha o vulto esguio de uma rapariga, embora se notasse o corpete bem apertado. O vestido branco de musselina, cheio de pregas e folhos, era de mangas compridas e delicadas, que terminavam em abundantes punhos rendados, tapando-lhe as mãos até às pontas dos dedos. Anéis resplandeciam naqueles dedos de unhas compridas e pintadas. Uma estola de renda branca, engenhosamente disposta, tapava-lhe os seios e o pescoço. Tinha o cabelo louro, apanhado no alto da cabeça de forma juvenil, com caracóis que lhe desciam sobre o pescoço e as têmporas. Era, sem dúvida, uma peruca. O rosto era pálido e delicado, os olhos redondos e inocentes, orlados de longas pestanas um pouco mais escuras do que o cabelo e tão artificiais como este. Os lábios eram generosos e cor-de-rosa.

À ténue luz rosada da sala tinha um aspeto jovem, delicado e belo, e tão irreal que... Sim, as palavras de Jessica impunham-se. Parecia grotesca. Uma mulher que devia estar com cinquenta e muitos anos não devia ter o aspeto de uma rapariga acabada de ingressar no mundo dos privilegiados.

O espetáculo era, no seu todo, extraordinário. Foi em completo silêncio que os cinco atravessaram a sala e os dois belos cavalheiros ofereceram cada um a sua mão a Lady Hodges para a ajudar a subir para o seu trono. De imediato, um deles pegou num leque de penas cor-de-rosa de uma mesa próxima, entregando-o ao outro, que começou a abaná-lo diante do rosto dela. Sir Nelson Elwood, entretanto, sentava Blanche num dos cadeirões mais modestos.

– Lord e Lady Riverdale – principiou Lady Hodges, com voz doce de rapariga, que, pela sua familiaridade, provocou um arrepio em Wren. – Creio que se impõem felicitações. É sempre um prazer apreciar o amor entre os jovens.

Alexander voltara a sentar-se.

– Obrigada, mãe – disse Wren.

A senhora gesticulou, elegante, e o homem que segurava o leque recolheu-o.

– Ah! – reagiu ela – Então é mesmo a Rowena. Está com um aspeto um bocadinho melhor. Mas ainda bem que recebeu uma fortuna. Desejo que tenha um casamento feliz.

– Obrigada – repetiu Wren.

– E o que posso fazer por si – perguntou a mãe –, além de expressar os meus votos de felicidade?

– Nada – declarou Wren. – E os seus votos de felicidade são desnecessários. Vim porque tinha necessidade de vir, porque queria olhar para si uma vez mais como uma mulher adulta que aprendeu a valorizar-se. Precisava de confrontar a escuridão de uma infância que criança nenhuma devia ter de suportar, sem nenhum afeto, sem qualquer mostra de amor por parte de ninguém a não ser o meu irmão mais novo, com o qual me reuni ontem, para grande alegria de ambos. A crueldade que mostrou ao dizer-lhe que eu tinha morrido só foi ultrapassada pela crueldade prolongada a que submeteu uma criança que, sem qualquer culpa disso, nasceu com uma marca facial. Queria olhá-la nos olhos e dizer-lhe que, ao investir na adoração de si própria e na beleza física, que nunca é duradoura, pelo menos a frescura da juventude, perdeu muitas das alegrias que poderia ter tido na sua vida. Ignorou o amor e o afeto que poderia ter recebido da sua família e de outras pessoas. Eu só queria amar e ser amada. Não a odeio. Já sofri o suficiente e é provável que nunca consiga libertar-me completamente dos efeitos dos maus-tratos a que fui submetida. Não acrescentarei ódio a esse fardo, o qual me esforçarei durante toda a minha vida por dissipar. O que sinto é pena, pois talvez não consiga evitar ser assim, tal como eu não consigo apagar este sinal de nascença do rosto.

Sentiu novamente os dedos de Alexander no seu pulso.

– Minha querida Rowena. – A mãe pegara no leque de penas e abanava-o junto ao rosto. – Tive-a comigo e cuidei de si durante dez longos anos, apesar do seu aspeto monstruoso e de todos me rogarem que a pusesse em algum lugar onde só os bem pagos para o fazerem tivessem de olhar para si. É provação suficiente ter de fazê-lo neste momento... compadeço-me de Lord Riverdale... mas talvez não se recorde como era o seu aspeto na altura. Pelo que vejo, a Megan resolveu martirizar-se e ficar consigo, e persuadiu também aquele velho, que, seguramente, ainda não tinha recuperado da morte da mulher, a casar-se com ela e assumir o encargo das duas. Presumo que ela já tenha morrido. Pobre Megan. Mas a senhora é rica e conseguiu comprar um marido, e um título, até. Volto a felicitá-la. Devia agradecer-me e não encher-me de recriminações. Mr. Wragley, a minha caixinha de cheiros, por favor.

Um dos jovens apressou-se a levar-lha.

– Blanche – disse Wren, dirigindo-se à irmã. – Nunca a conheci bem. Não tive oportunidade. Gostaria de conhecê-la melhor, como irmã, se também o desejasse.

Blanche fitou-a com frio desdém.

– Não, obrigada – declarou, e o marido, que não fora apresentado, pousou-lhe uma mão no ombro.

Wren levantou-se.

– É tudo – disse. – Não volto a incomodá-la, mãe. E não exporei deliberadamente o seu segredo repugnante, embora acredite que rapidamente se saiba que sou irmã de Lord Hodges. O Colin e eu amávamo-nos profundamente quando éramos crianças e continuaremos a amar-nos agora e no futuro.

Alexander ergueu-se ao lado dela e falou pela primeira vez em mais de uma hora.

– Agradeço-lhe ter-nos recebido, senhora – principiou. – Era importante para a minha mulher voltar a vê-la e falar consigo. Será mais feliz agora, acredito. E a felicidade dela é importante para mim. Mais importante do que qualquer outra coisa, na verdade. Pode estar certa de que não me casei com ela por dinheiro. Eu amo-a, compreende? – Com isto, deu meia-volta e ofereceu-lhe o braço. – Wren?

Saíram juntos da sala e desceram as escadas que conduziam ao vestíbulo. Um lacaios segurava a porta aberta. E teriam, seguramente, saído daquela casa sem mais uma palavra se alguém não tivesse dito o nome de Wren. Voltaram-se. Os dois jovens corriam atrás deles, mas só falaram depois de os alcançarem no vestíbulo.

– Aborreceram Lady Hodges – declarou um.

– A fealdade deixa-a transtornada – explicou o outro.

– E quando ela fica aborrecida, nós também ficamos – disse o primeiro.

Era a vez do segundo:

– É nosso desejo expresso, que, no futuro, mantenham a distância.

– Nós, e todos os seus devotos amigos, zelamos sempre pelo cumprimento dos seus desejos – disse o primeiro. – E seria do seu interesse, Lady Riverdale, manter o silêncio acerca do seu parentesco com...

Não teve oportunidade de terminar. O outro jovem tão-pouco teve oportunidade de esgrimir mais um argumento. Aconteceu tudo tão rapidamente que nem sequer deu a Wren tempo para pestanejar. Primeiro, o jovem que falava naquele momento foi agarrado pelo lenço do pescoço, depois o outro, sendo ambos transportados para trás até embaterem na parede e ficarem imobilizados, muito direitos, mal tocando no chão com as botas elegantes. Os seus rostos assumiam um tom de azul idêntico.

– Wren – disse Alexander, com voz inalterada –, meu amor, podes sair e esperar por mim na carruagem.

Mas ela ficou e observou, muda de espanto. Ele não parecia fazer uso de grande força ou energia, e a sua voz não se mostrava ofegante. Olhou, primeiro para um dos jovens, e depois para o outro, que continuava a imobilizar.

– Não gosto de ouvir o nome da minha mulher na vossa boca – disse, com voz serena mas curiosamente ameaçadora. – Não me recordo de dar permissão a nenhum dos dois para se dirigirem a ela diretamente. Tão-pouco me recordo de sua senhoria o ter feito. Tal permissão está-vos negada. O nome da minha mulher não voltará a aflorar aos vossos lábios em circunstância alguma. Não voltarão, nunca mais, a comunicar-lhe qualquer advertência ou ameaça. Não emitirão qualquer opinião sobre ela. Se, algum dia, se cruzarem novamente com ela, devem baixar os olhos e apertar os lábios. Se tiverem ordens em contrário e lhes obedecerem, é o vosso pescoço que arriscam. E tratem de transmitir esta mensagem aos vossos correligionários para me pouparem ao tédio de ter de repeti-la. Compreenderam?

Pés e mãos balançaram, olhos esbugalharam-se. Nenhum dos jovens parecia ser capaz de se defender daquela singular investida. Nem mesmo de respirar.

– Não se trata de uma pergunta de retórica – fez notar Alexander, ao não obter qualquer confirmação. – Carece de resposta.

– Sim – guinchou o primeiro cavalheiro.

– Compreendemos – chiou, ao mesmo tempo, o segundo.

Alexander abriu as mãos e soltou-os. Caíram ambos ao chão. Levantaram-se com completa deselegância e fugiram a toda a brida pelas escadas. Alexander esfregou as mãos como se estivessem conspurcadas. Voltou-se para o lacaio, o qual, de boca aberta, continuava a segurar a porta. Deparou com Wren.

– Ah – soltou –, a minha sempre obediente mulher. Venha. Creio que não temos mais nada a fazer aqui.

Ela pousou-lhe a mão no braço sem dizer uma palavra.

CAPÍTULO 22



Antes de subir para a carruagem, atrás de Wren, Alexander indicou ao cocheiro que continuasse até indicação em contrário.

Ela sentou-se, muito direita, do seu lado da carruagem, com o rosto ligeiramente voltado para espreitar pela janela. Apanhara-o de surpresa, na visita. Ele contara que fizesse perguntas à mãe para tentar compreender os porquês da sua infância e do tratamento a que fora submetida. Contara que procurasse algum tipo de reconciliação, algum sinal de que a mãe, afinal, nutria sentimentos maternos por ela, como também algum remorso. Esperara emoção, lágrimas, drama... Alguma manifestação de dor e de paixão.

Em vez disso, ela fora magnífica. E ele compreendera porque contrariara as recomendações dele, e as do irmão.

Vim porque tinha necessidade de vir, porque queria olhar para si uma vez mais como uma mulher adulta que aprendeu a valorizar-se. Precisava de confrontar a escuridão de uma infância que criança nenhuma devia ter de suportar... Queria olhá-la nos olhos e dizer-lhe que perdeu muitas das alegrias que poderia ter tido na sua vida... Não a odeio... O que sinto é pena, pois talvez não consiga evitar ser assim, tal como eu não consigo apagar este sinal de nascença do rosto.

Mas não podia ignorar o facto de aquela mulher de aspeto sinistramente juvenil e voz de rapariguinha ser a mãe de Wren.

Pegou na sua mão macia, que sentiu inicialmente fria e inerte. Mas logo ela aninhou a mão na sua e partiram com um ligeiro solavanco da carruagem.

– Obrigada – disse ela. – Como é que conseguiu fazer aquilo? Eram dois.

– Foram uma séria desilusão – declarou ele. – Estava ansioso por uma boa luta, mas aqueles dois nem para isso serviam.

– É... doloroso ouvir dizer que tínhamos um aspeto monstruoso – continuou ela –, mesmo quando nos garantem ter havido uma ligeira melhora e desprezamos a pessoa que no-lo diz.

– Que não deixa de ser sua mãe – devolveu ele.

– Pois não. – Ela fechou os olhos durante uns instantes, inclinando-se ligeiramente sobre ele até os ombros dos dois se tocarem. – Há uma imagem que

nos ocorre imediatamente quando pensamos na palavra «mãe»: a sua mãe, a sua tia Lilian, a prima Louise, a Anna. Mas uma mulher não assume necessariamente esse papel pela simples razão de ter dado à luz uma criança, pois não? A minha mãe é... Qual é o problema dela, Alexander? Não conseguirá mesmo evitar ser a pessoa que é, ou ser *como* é? Ou será que conseguiria? Não. Não responda. – Enfiou o seu braço no dele e aproximou-se mais. – Não importa. Fui para me libertar definitivamente dela. Não sou ingénua ao ponto de acreditar que seja assim tão simples, claro, mas visitá-la foi um passo importante e fui capaz de o dar. Não me martirizarei por causa dela. É como é. E a Blanche é como é. – Dito isto, suspirou profundamente. – Alexander, que fardo tenho sido para si.

– Não senti um único vestígio de arrependimento – replicou ele, verdadeiro.

– Obrigada – agradeceu ela de novo, após um breve silêncio. – Obrigada por lhe dizer que se importa com a minha felicidade.

– E importo.

– E obrigada por lhe dizer que me ama – continuou.

– E amo.

– Eu sei. – Ela voltou a mão na dele para os dedos se entrelaçarem. – Obrigada.

Mas não sabia. Não sabia que algo ocorrera dentro dele quando pronunciara aquelas palavras. Qualquer homem que se prezasse teria dito o mesmo nas mesmas circunstâncias, claro, mas a diferença é que, daquela vez, não fora a sua cabeça a falar. Fora outra parte de si, uma parte inconsciente. E as palavras surpreenderam-no pela sua verdade, atingindo-o como um raio. Amava-a mesmo. O que quer que isso fosse.

Ela julgava seguramente que ele exagerara no afeto. Mas enganava-se. Ele não era particularmente bom com palavras, a não ser aquelas mais práticas com que tratava da vida de todos os dias. Era capaz de organizar um discurso coerente, contundente, até, na Câmara dos Lordes, sem ter de ditá-lo a um secretário. Mas não tinha palavras para explicar, nem sequer a si próprio, o que acabava de descobrir sobre o que sentia pela mulher que desposara. «Amor» abrangia esses sentimentos mas revelava-se desadequado.

Fora a voz do seu coração, supunha, à qual não reconhecia propriamente grande eloquência. Só sentimento. Era um homem, por amor de Deus, não estava habituado a analisar os seus estados interiores. E, se continuasse a tentar, acabaria com uma dor de cabeça.

– Obrigada – repetiu ela, no silêncio que se abatera sobre os dois. – Sinto o coração cheio e só consigo pensar nesta palavra. Que pode ser vazia ou poderosa. Para mim, é poderosa.

Tal como as palavras «eu amo-te» eram poderosas para ele.

– Vamos para casa – declarou. – Amanhã.

Ela voltou-se para ele e sorriu.

– Para a paz, tranquilidade e o desafio do trabalho que é necessário empreender.

– Sim – concordou ele. – Para a nossa nova vida juntos. Faremos de Brambledean um lar, Wren, uma propriedade próspera, detentora, a seu tempo, de um parque bem cuidado que empregará muita gente e de uma casa cheia de criados, digna da sua grandiosidade. Mas, acima de tudo, será um lar. O nosso lar. E dos nossos filhos, se tivermos essa bênção.

– Soa-me a felicidade – declarou ela. – O paraíso. Amanhã?

– Amanhã – garantiu ele. Debruçou-se para tocar no apainelado, assinalando ao cocheiro que deveria regressar a South Audley Street. Não sabia para onde rumavam depois de saírem de Curzon Street. Não prestara atenção.

– A sessão parlamentar ainda decorre – disse ela.

– Não me importo de faltar... – principiou ele, mas foi interrompido por ela.

– Não – cortou Wren. – Tenho estado a pensar, Alexander. É seu dever ficar e sempre prezou o dever. É algo de que sempre gostei e que sempre admirei em si, inclusive o facto de se sentir culpado por ter faltado a algumas sessões, desde que voltei a Londres. O casamento não deve mudar ninguém naquilo que lhe é mais intrínseco, apenas reforçar o que já existe.

– Preferia levá-la para casa, amanhã – declarou ele. – Também possuo deveres para consigo.

– Quero ver o Colin mais vezes – continuou ela. – Muito mais vezes. Temos vinte anos para pôr em dia. Quero conhecê-lo e quero que ele me conheça. É meu *irmão*.

Ele suspirou mas não disse nada.

– Mal conheço a sua tia Lilian e o seu tio Richard – prosseguiu –, ou o Sidney, a Susan ou o Alvin. Gostei deles quando os conheci, no nosso casamento, e gostava de os ver mais. Quero passar algum tempo com a prima Eugenia, a condessa viúva. Quero ouvir as histórias da sua vida. Quero conhecer melhor a prima Matilda, que aborrece a mãe com todos os cuidados que lhe dedica e com o amor imenso que tem por ela. Mal conheço a prima Mildred e o primo Thomas. Quero saber mais coisas sobre os rapazes deles, que ainda estão na escola e parecem ser uns verdadeiros diabinhos. Quero conhecer melhor a prima Louise e o Avery. E a Anna e o bebé. Quero saber como está a Jessica, agora que voltou a ver a Abby. E quero conhecer melhor a sua mãe e a Lizzie. São a única mãe e a única irmã que terei, portanto quero acarinhá-las.

Ele sorriu levemente.

– Tudo isto – perguntou –, para me persuadir a cumprir o meu dever e assistir

até ao fim à sessão parlamentar?

– Também – declarou ela. – Mas refiro-me igualmente a tudo o resto. Vivi durante vinte anos num casulo protegido e confortável, depois de viver encerrada num quarto durante dez. Agora, avancei alguns passos, periclitantes, em direção ao mundo, e necessito de dar mais alguns antes de me retirar para a paz e sossego de Brambledean. Se formos agora para casa, poderei não voltar a sair.

– Pensei que era isso que desejava – replicou ele.

– Era – declarou ela. – E é. Mas aprendi algo sobre mim própria recentemente, que o tio Reggie costumava dizer a meu respeito. Sou teimosa até à exaustão. Recusei-me teimosamente a encarar o mundo enquanto ele viveu. Agora recuso-me teimosamente a *não* o fazer.

– Ah... – devolveu ele. – Casei-me com uma mulher teimosa, bem vejo. Soa-me a desafio. A seguir vai dizer-me que deseja experimentar um grandioso baile aristocrático.

Seguiu-se silêncio. Mas o silêncio pode ter a sua própria natureza. Nem todos os silêncios são iguais. A carruagem deteve-se diante de Westcott House. Um dos cavalos resfolegou e bateu com os cascos. Um cão latiu ao longe. Dentro da carruagem só havia silêncio.

– Sim – disse Wren.

As famílias Westcott e Radley, assim como Lord Hodges, haviam sido convidadas para um chá em Westcott House. A mesa da sala de jantar ostentava a melhor porcelana da casa, carregada de uma sumptuosa diversidade de sanduíches, *scones* e bolos.

– Tem todo o ar de ser uma reunião de família, Althea – comentou a prima Matilda, depois de se encontrarem todos instalados e aplacarem algum do seu apetite. Lady Josephine Archer, que fora impedida por um coro de protestos de ser levada pela ama, era passada de pessoa em pessoa, para saltitar sobre joelhos brincalhões, ser ninada por braços carinhosos e abanada sobre cabeças atentas.

– Não podemos reunir-nos apenas para desfrutarmos da companhia uns dos outros? – assinalou a sogra de Wren. – Não podemos dar uma festa de boas-vindas a Lord Hodges? Mas tens razão, Matilda. Não vos convidámos só para celebrar. Espera-nos a tarefa de planear o baile de apresentação da Wren à alta sociedade.

Todos os olhos se voltaram para ela. Colin, que estava sentado ao seu lado, alçou as sobrancelhas e abriu um grande sorriso.

– Ando a dizer isso mesmo desde o início – declarou Matilda. – Trata-se da condessa de Riverdale, uma posição de grande prestígio. Mas informaram-me

que é algo solitária e que o Alexander tinha escolhido fazer-lhe as vontades.

– Respeitar as suas decisões, Matilda – corrigiu a mãe –, tal como faria qualquer marido digno desse nome. É evidente que a Wren mudou de opinião.

– A mãe e eu ficámos deliciadas – replicou Elizabeth.

– Eu também – reforçou a tia Lilian. – De que serve ter um conde e uma condessa na família se não temos oportunidade de os mostrar publicamente aos nossos amigos e vizinhos? – rematou, olhando para Wren e Alexander com olhos cintilantes e suscitando o riso de todos.

– Tirou-me as palavras da boca – declarou o tio Richard.

– Dança, Wren? – indagou a prima Mildred. – Se não dançar, ou desejar recordar alguns passos, conheço um professor de dança que...

– Não se tratará, esperamos – principiou Avery, com certa preocupação – do mesmo homem que contrataram para ensinar a Anna a dançar, no ano passado, tia?

– Mr. Robertson, sim – confirmou a senhora.

– Aposto que, se eu não tivesse intervindo quando ele ensinava a valsa – prosseguiu Avery –, ainda estaria a tentar transmitir à Anna a forma perfeita de colocar a mão esquerda no ombro dele, a posição específica de cada dedo e o ângulo preciso a que deveria colocar a cabeça, assim como a expressão exata que deveria ostentar.

– E se a Lizzie e o Alex não me tivessem mostrado como fazê-lo – acrescentou Anna, soltando uma gargalhada –, e se o Avery não tivesse dançado comigo e quebrado todas as regras que o pobre Mr. Robertson se esforçara por ensinar. Tenho de concordar... lamento, tia Mildred... que, por ser tão meticoloso, Mr. Robertson pode tornar-se intimidante para alguém que deseja apenas conseguir dançar sem massacrar os pés do seu par. Seja como for, praticar algumas danças antes do seu primeiro baile é seguramente uma boa ideia, Wren. A tia Mildred tem razão no que diz. A Lizzie e o Alex ajudam-na. Quer que o Avery e eu nos juntemos? E talvez Lord Hodges?

– Nós também! – avançou Susan Cole. – Podemos, Alex? Seria muito divertido. E traremos o Sidney connosco. Lady Jessica talvez se disponibilize, para haver pares.

– Quem tratará da música? – indagou a prima Louise. – Não se ponham a olhar para mim. O nosso professor de música estava sempre a dizer à minha mãe, quando eu era pequena, que não tinha jeitinho nenhum. A Mildred é melhor. E a Matilda melhor ainda.

– Não tenho praticado – protestou a prima Matilda. – E nunca me dei muito bem com a valsa. Não conheço nenhuma partitura adequada.

– O meu irmão é um pianista de mão cheia – assinalou a sogra de Wren. –

Seremos capazes de te convencer, Richard?

– Com algum esforço – devolveu ele, em tom brincalhão. – Isto é, se a Wren sentir necessidade de praticar. Ela ainda não se pronunciou sobre o assunto.

– Bom – principiou esta –, quem me ensinou a dançar foi uma preceptora muito rigorosa e provavelmente tão exigente com os pormenores como Mr. Robertson. Mas foi há muito tempo e não incluiu a valsa. Além disso, as únicas pessoas com quem dancei foram os meus tios e ela. Não tínhamos pessoas para completar todas as danças, por exemplo.

– Então temos trabalho a fazer – declarou a prima Matilda. – E onde será o baile, Althea?

– Pensei dá-lo aqui – respondeu Alexander. – Abrindo as portas que separam a sala de visitas da sala de música e tirando a maior parte da mobília e dos tapetes, conseguimos proporcionar um espaço...

– Percebi, Riverdale – interveio Avery –, que fomos convocados para planejar um baile aristocrático, não uma reunião para um punhado de convivas. Será dado, como só poderia ser, no salão de baile de Archer House. Foi lá que, no ano passado, demos o baile em honra da Anna, como deves lembrar-te, e, este ano, em honra da Jessica. Estamos a tornar-nos organizadores bastante experientes, embora me custe admiti-lo. E por «estamos», devo confessar que me refiro essencialmente à minha madrastra, à Anna e ao meu pobre e martirizado secretário. Minha querida Wren, se deseja apresentar-se à alta sociedade, deve fazê-lo com toda a pompa e circunstância, convidar todos os que são alguém neste mundo e enfiá-los a todos num dos maiores salões de baile de Londres, assim como salões adjacentes, e, no dia seguinte, suportar os relatos de surpresa por ter sido tão concorrido. Tudo o menos será desmerecedor da sua coragem.

Coragem. Seria isso o que a impelia? Ditaria a sua perdição, aquela pequena palavra? *A seguir vai dizer-me que deseja ir a um grandioso baile aristocrático,* desafiara Alexander, em tom de brincadeira, quando seguiam juntos de carruagem. Ao que ela replicara com mais uma pequena palavra – *sim*. Que proferira por capricho, num acesso de obstinada determinação, de negar à mãe qualquer possibilidade de destruir o resto da sua vida; de não lhe permitir ter sobre ela qualquer influência futura, na verdade.

Permaneceria algum tempo mais em Londres porque o seu marido valorizava o cumprimento do dever. E, entretanto, aproveitaria para conhecer melhor a família deste, assim como o seu irmão Colin. Não iria para Brambledean devido a uma necessidade de se esconder e lamber feridas. Iria para lá quando fosse altura de ir. E iria ocupar-se, procurar conhecer os vizinhos melhor, já que a primeira vez que se cruzara com eles, no chá oferecido por Alexander, não fora um início auspicioso.

Iria ser tão normal quanto lhe fosse possível.

Mas um baile aristocrático?

Em Archer House?

Colin, reparou ela de repente, apertava-lhe a mão, por cima da mesa que os separava. Alexander, que ocupava a cabeceira, fitava-a com aquela expressão que ela preferia acima de todas – aparentemente grave, mas de olhos sorridentes.

– Poderá escolher reunir algumas pessoas aqui, como disse o Netherby, se desejar, Wren – declarou Alexander. – E se alguém tiver algum comentário a fazer sobre a sua coragem, pode dirigi-lo a mim.

Avery, reparou Wren, levou o monóculo ao olho, tratando de examinar Alexander durante um bom bocado, enquanto Anna se ria e lhe pousava uma mão no braço.

– Esteve bem, Avery, deves reconhecê-lo – declarou Elizabeth, com voz risonha.

– Se tiveste a coragem de visitar a nossa mãe, Roe – assinalou Colin, discreto, ao seu ouvido –, nada está fora do teu alcance.

– Quero dançar a valsa – declarou ela, à mesa inteira. – E, para dançar a valsa, ouvi dizer, é necessário espaço. Creio que o salão de baile de Archer House o proporcionará em abundância. Obrigada, Avery, Anna e prima Louise. A mãe, a Lizzie e eu ajudaremos na organização. É decoroso uma senhora convidar um cavalheiro para dançar? Sei a resposta. A minha precetora ficaria com palpitações só de o ouvir. Mas irei fazê-lo na mesma. Quero dançar a valsa com o Alexander.

– É uma mulher com discernimento, Wren – declarou a prima Mildred, batendo palmas. – O Alex é o melhor dançarino de todos nós. Oh... Com exceção, talvez, do Thomas e do Avery. E de Mr. Radley, e de Mr. Sidney Radley, diria, e de Mr. Cole. E talvez de Lord Hodges.

– Podes parar de dizer asneiras, Mil – assinalou o primo Thomas, provocando a risota geral.

O sorriso no olhar de Alexander ficou mais intenso e contagiou-lhe o rosto quando olhou para os olhos de Wren.

– Eu ensino-lhe – declarou. – E, claro que dançaremos a valsa juntos no seu baile de debutante. Insisto. Um marido deve, pontualmente, impor a sua autoridade.

Wren teria estado no seu elemento, durante as duas semanas que se seguiram, a organizar o baile. A sogra e a prima Louise, porém, assenhoraram-se alegremente da tarefa, enquanto Mr. Goddard, o secretário de Avery, tratava de

tudo o que havia a tratar, com eficiência e discrição. Se este alguma vez desejasse abandonar o serviço do duque, pensou Wren com os seus botões, embora tal lhe parecesse altamente improvável, tinha um lugar para lhe oferecer no Staffordshire.

Entretanto, também ela se atarefava. Havia uma modista a visitar na companhia de Elizabeth, pois apesar de possuir vários vestidos de noite que julgara adequados para qualquer ocasião, aparentemente estava enganada. E, se se dispunha a estrear um vestido, então, havia que estrear também tudo o resto: roupa interior, corpete, sapatos, meias de seda, leque e uma tiara cravejada de joias e ornada de plumas – embora não estivesse convicta de que fosse usar esta última aquisição.

Havia duas famílias com as quais deveria entrosar-se mais profundamente. Visitou todos os seus familiares, geralmente acompanhada de Elizabeth. Foi passear em Hyde Park com diversas combinações possíveis de parentes. Escreveu a Viola. Chegou até a escrever uma carta para se apresentar a Camille e a Joel. Esperava, dizia, visitar brevemente Bath com Alexander, para os conhecer, assim como às filhas e ao bebé que não demoraria a nascer.

Colin aparecia de visita quase diariamente. Por vezes, sentavam-se na biblioteca, só os dois, a falar dos anos em que estiveram separados, a conhecer-se melhor, a habituarem-se a serem irmão e irmã. Por vezes sentavam-se na sala de visitas ou na sala de jantar, na companhia de Alexander, da sua sogra e de Elizabeth. Certa vez, ele levou-a a passear em Hyde Park no seu cabriolé desportivo, embora evitasse os espaços de maior exposição. Despedia-se sempre dela beijando-lhe a face esquerda com o seu beijo redentor e um riso alegre.

Numa das vezes que conversavam a sós na biblioteca, ela abordou um tema que discutira com Alexander na noite anterior.

– Colin – principiou –, disseste-me que passas o ano em Londres. Suponho que isto signifique que não te sentes confortável em Roxingly, apesar de ser propriedade tua. Seria uma possibilidade para ti viver em Withington House, no Wiltshire? Fica apenas a cerca de treze quilómetros de Brambledean. Pensei em vender a propriedade, mas gosto muito dela. Guarda memórias que me são muito queridas. Preferiria, de longe, que fosse habitada por um membro da família.

Ele fitou-a com ar de ponderação.

– Já pensei em adquirir uma propriedade no campo, para usufruto próprio – admitiu. – Poderei comprá-la a ti, Roe. Gosto da ideia de ter uma casa perto da tua.

– Não – interrompeu ela, levantando um dedo. – Não precisas de a comprar. Eu dou-ta. O Alexander aprovará.

Mas ele mostrou-se irredutível, claro está. Mesmo que se mudasse para

Withington, nunca se aproveitaria da bondade dela.

– Então fazemos o seguinte – declarou Wren. – Vens este verão e ficas o tempo que quiseres. Pagas os ordenados dos criados e as outras despesas. Passado um ano, decides se desejas fazer dela a tua casa e, se assim for, compra-la. Mas só se assim for, Colin. Sem obrigações.

Ele abriu um grande sorriso e estendeu a mão para fechar o negócio.

– Oh... Amo-te tanto, Colin – declarou ela.

– Roe – disse ele, com a mão ainda na dela –, escreves à Ruby? Acho que ela vai gostar de saber que estás viva e não guardas ressentimentos. Lembro-me de ela me dizer, mesmo antes de se casar com o Sean Murphy e partir para a Irlanda, que o maior arrependimento da sua vida era nunca te ter defendido quando eras viva.

Wren fitou as mãos unidas e soltou um suspiro profundo. Hesitou longamente.

– Muito bem – disse, por fim. – Porque és tu a pedir-me, Colin. O pior que ela pode fazer é ignorar a carta. Ou responder-lhe.

– Foram muito maus para ti? – perguntou ele.

Ela abanou a cabeça.

– Vou escrever-lhe – afirmou.

– Obrigado – replicou ele, levando a mão dela aos lábios.

Durante aquelas semanas tratou dos relatórios que não paravam de chegar da fábrica vidreira. A sugestão da ligeira alteração de cor que fizera ao novo modelo fora bem recebida e rapidamente poderia ver amostras do produto, antes de ser colocado no mercado.

E aprendeu a dançar. Depressa se tornou evidente que o que julgava saber se revelava terrivelmente desadequado, mas atacou o desafio com determinação. O tio Richard, ao *pianoforte*, deu provas de uma grande dose de paciência. Assim como todos os outros dançarinos, que ofereceram com generosidade o seu tempo e quase todas as tardes se dirigiram a Westcott para a ajudar. E ela acabou por aprender, entre trabalho duro e alegres gargalhadas. Os familiares que não tomavam parte ativa nas danças apareciam com frequência para os apreciar e dar a sua opinião e o seu incentivo. A mãe de Alexander estava sempre presente, rindo e sorrindo, abanando a cabeça ao ritmo da música. A prima Matilda anunciou que apareceria para valsar na tarde em que Wren finalmente interiorizou os passos, enquanto treinava com Alexander. Elizabeth dançava com Sidney, Anna com Avery, Susan com Alvin e Colin com Jessica.

– Embora possa questionar se é apropriado dançar-se com alguém de quem não se é familiar de sangue ou casado, ou, pelo menos, noivo – acrescentou, para óbvio desconforto de Jessica e Colin.

– Se eu fosse cinquenta anos mais nova – comentou a condessa viúva –, não

desperdiçaria o meu tempo a dançar com um irmão, um pai, nem um marido, sequer. Nunca perdoarei a quem quer que tenha inventado a valsa não o ter feito meio século mais cedo.

– Perfeito. – Alexander sorria para Wren, cuja mão repousava na sua, o braço dele ainda à volta da sua cintura. – Ou eu sou o professor perfeito ou a Wren é a aluna perfeita.

– Ou ambas as coisas – devolveu ela.

– Ou ambas as coisas – anuiu ele.

Aquelas duas semanas foram atarefadas e um pouco assustadoras, pois a cada dia ela se perguntava com mais veemência o que fora provocar. Foram, também, cheias de felicidade. Pois havia sempre as noites por que ansiar, aquelas horas em que se encontrava a sós com o marido. Adorava estar deitada na cama com ele, por vezes na escuridão, outras com algumas velas acesas. Nem sempre faziam amor, embora habitualmente fizessem, e por vezes faziam-no à noite e de manhãzinha. Mas falavam sempre, de braços entrelaçados, e dormiam bem e profundamente. Ela sabia que ele gostava dela, que a respeitava e que se importava consigo. Mais do que isso. Sabia que sentia afeto por ela. E bastava. Fora com isso que sonhara, e mais ainda. Só esperava que continuasse assim, que não se encontrassem apenas numa fase de lua de mel do casamento, que se desvanecesse com o tempo. Porém, não acreditava que isso acontecesse. Cabia-lhe a ela zelar para que assim continuasse, sem nunca se acomodar nem render à preguiça.

Trataria de fazer o seu casamento funcionar, tal como trataria de o fazer com a sua vida.

Se não existisse ainda um baile a enfrentar... onde todos os que eram alguém, nas palavras de Avery, estariam presentes. Dos convites que enviara, apenas três tinham sido recusados, exprimindo pesar. Apenas três. O suficiente para lhe dar palpitações.

Mas dançaria a valsa com Alexander.

CAPÍTULO 23



— Diria que está arrebatadora — declarou Alexander —, mas poderei não ter a opinião mais neutra. O que diz, Maude?

Entrara no quarto de vestir da sua mulher para averiguar se ela estava pronta para o baile. Era evidente que sim. Apresentava-se diante do tremó jovem e vibrante, num vestido de seda amarelo-claro recoberto de fina renda, cintura subida, decote amplo e mangas curtas, de bainha profusamente franzida e recortada. As luvas e os sapatos eram da cor do marfim. O cabelo escuro estava preso na nuca, em elaborados caracóis, o que a tornava mais alta, descendo em pequenos cachos junto ao pescoço e ao rosto. Ah... Mas ainda não estava pronta. O colar de pérolas repousava ainda no toucador.

— Disse a mesma coisa cinco minutos antes de vossa senhoria entrar — afirmou Maude. — Desta vez penso que acredita em mim. Em nós. Vossa senhoria.

— Acredito — replicou Wren, com uma risada. — Creio que sou a mulher mais bonita deste mundo. — Rodou sobre uma perna e o vestido acompanhou o movimento. — Pronto. Estão satisfeitos?

— Sente-se — indicou Maude. — Esquecemo-nos das pérolas.

— Eu trato disso — disse Alexander. — Pode ir jantar, Maude. Creio que ainda não o fez.

— Trate de ir ao baile, então — replicou Maude, dirigindo-se a Wren. — E não se esqueça do que Mr. Heyden lhe dizia sempre. Não há nada que não consiga fazer se se dispuser a isso.

— Não me esquecerei, Maude — garantiu Wren. — Obrigada.

Wren olhou com pesar para Alexander depois de a criada sair.

— Está mais nervosa do que eu — disse.

— Não está nervosa? — perguntou ele.

— Não — declarou ela. — Estou aterrorizada.

Alexander sorriu-lhe. Ficara algo surpreendido com a sua preferência pela delicadeza em detrimento da ousadia, na escolha do vestido. Ela, a sua mãe e Lizzie tinham conspirado para manter completo segredo. Imaginara que a escolha dela recaísse sobre um azul real ou um cor-de-rosa de tom vivo, ou até um vermelho-vivo, cores arrojadas para reforçar a coragem. O amarelo foi uma

escolha inspirada. Na verdade, era um pouco mais vivo do que julgara. Foi então que compreendeu.

– Narcisos em junho? – comentou, indicando o vestido com ambas as mãos. – Arautos da esperança?

– Dancei sozinha entre eles em Withington – disse ela. – Esta noite serei um deles e dançarei acompanhada.

– Pode acreditar que sim – declarou ele. – Sente-se enquanto lhe coloco o colar.

Ela sentou-se, entregou-lhe as pérolas e inclinou a cabeça. Ele enfiou-as num bolso, tirou um colar de diamantes de outro, colocou-lho e apertou-o. Pousou-lhe as mãos nos ombros.

– Obrigada. – Ela ergueu a cabeça para se ver ao espelho, levantando ao mesmo tempo uma mão para tocar no colar, que estacou a meio do caminho. Era um cordão de ouro, cravejado a todo o comprimento de pequenos diamantes, com um maior ao centro, que repousava mesmo acima do seu decote. – Oh... – exclamou, fazendo deslizar um dedo sobre o colar. – Oh...

– Nunca ofuscarão o brilho dos narcisos – assinalou ele –, mas está mais do que na altura de lhe oferecer um presente de casamento.

– Nunca deve ter existido um colar mais bonito – declarou ela. – Oh... Obrigada, Alexander. Mas como são desadequadas as palavras.

– Vem acompanhado de brincos – rematou ele.

Ela voltou-se para o olhar.

– Nunca usei brincos – disse, enquanto ele os tirava do bolso e os dispunha na palma da mão. Dois diamantes, um pouco mais pequenos do que a gema do colar, engastados em ouro. – São admiráveis. Veja como a luz se reflete neles. Nem sequer sei como colocá-los.

– Nem eu – devolveu ele. – Também nunca usei brincos. Tentamos juntos, a crer na teoria de que dois cérebros são mais eficazes do que um só?

– E que quatro mãos são melhores do que duas? – replicou ela, aproximando uma mão da dele, que lhe colocava um dos brincos na orelha esquerda. Deixou repousar as mãos no regaço enquanto ele colocava o segundo e depois levantou-se e lançou-lhe os braços ao pescoço. – Alexander, obrigada. Fico tão contente por os dois cavalheiros que encabeçavam a minha lista não terem dado em nada. – Soltou uma gargalhada. Na verdade, assemelhou-se mais a um risinho nervoso.

– E eu fico muito contente por não ser o número quatro da lista – devolveu ele. Pois o número três poderia ter-me privado da oportunidade de a conquistar.

– Nunca – disse ela. – Alexander? Nunca se arrepende...

Ele pousou-lhe um dedo nos lábios.

– Tem de perguntar novamente? Comporto-me como um homem que parece

arrependido de algo que tenha feito recentemente? – perguntou ele. – Pensamos em descer? Seria muito confrangedor perdermos a oportunidade de assumir a nossa posição na fila de receção de um baile que é dado em sua honra, por chegarmos demasiado tarde a Archer House.

Os olhos dela arregalaram-se de preocupação.

– Não corremos o risco de que isso aconteça, pois não? – perguntou.

– Bem – principiou ele, entrelaçando o braço dela no seu. – A mãe e a Lizzie podem começar a pensar que descemos pela janela e saímos sem elas.

Ela pegou no xaile finíssimo e no leque que aguardavam em cima do toucador e Alexander ouviu-a exalar um suspiro antes de se voltar para ele e sorrir.

Wren ficou com o coração nas mãos assim que chegaram a Archer House, ao avistar a passadeira vermelha que fora estendida sobre o degrau e o passeio. No interior deparou com um vestíbulo imponente e uma escadaria decorada com flores brancas, amarelas e cor de laranja, assim como copiosas quantidades de folhas verdes. Os criados estavam presentes em número maior do que o habitual, na sua libré elegantíssima, que incluía um casaco dourado de cetim, calças até aos joelhos, meias e luvas brancas, sapatos de fivela, e perucas empoadas e alvíssimas. No piso de cima, os salões de portas abertas convidavam a espreitar os arranjos florais sumptuosos, os candelabros e as mesas de toalhas brancas e engomadas. Alguns pareciam destinar-se ao relaxamento, para os convidados que desejassem escapar ao ruído e à agitação do baile por uns instantes. Outros adequavam-se aos jogos de cartas. Um grande salão que ficava contíguo ao salão de baile estava preparado para servir bebidas e comida, apesar da ceia que seria servida mais tarde.

Tudo prenunciava uma ocasião grandiosa, *e fora preparado em sua honra.*

E havia ainda o próprio salão de baile. Wren vira-o numa visita anterior e ficara deslumbrada com a sua dimensão e a sua magnificência. Agora, mal o reconhecia, em todo o seu esplendor de flores e candelabros e candeeiros de parede nos quais ardiam centenas de velas, no chão encerado que brilhava à luz das velas e nos seus cadeirões estofados de veludo verde-escuro dispostos em dupla fila a toda a volta.

Nunca se sentira tão intimidada. Havia apenas três meses levava a vida de uma reclusa, que se munia cuidadosamente de um véu nas raras ocasiões em que se aventurava a sair de casa. Mesmo dentro de casa usava o véu sempre que a presença de um desconhecido o justificava. A primeira vez que o levantara diante de alguém que não a conhecia, em quase vinte anos, fora durante a visita que Lord Riverdale lhe fizera, por seu convite. Seria possível que se tivessem

passado apenas três meses? Como era possível que tivesse chegado até ali em tão pouco tempo? E porque faria *aquilo*? Representava tudo o que se negara tão convictamente a fazer.

Avançara alguns passos no salão de baile enquanto todos os outros – os membros da sua família: Avery e Anna, a prima Louise e Jessica, a prima Mildred e o primo Thomas, a condessa viúva e a prima Matilda – se reuniam no exterior, a conversar, enquanto aguardavam a chegada dos primeiros convidados. Porque faria ela aquilo? Ninguém a pressionara. Na verdade, ninguém apresentara sequer a sugestão de dar um baile em sua honra. Nem sequer Alexander pretendia fazê-lo, naquela tarde, em que regressavam juntos de carruagem. Seria a sua mãe, então? Seria a sua mãe o motivo pelo qual concretizava algo que nunca se atreveria sequer a imaginar? Será que o facto de voltar a vê-la e a ouvi-la a fizera acreditar que a única forma de se libertar do passado seria abrir completamente a porta da prisão da sua infância, abrindo-se corajosamente ao mundo? Seria um baile aristocrático a forma mais gritante de o fazer? E será que a libertaria? Estaria ela liberta, naquele momento?

Supunha que não. Mas os milagres nem sempre ocorriam num único instante. Por vezes aconteciam a cada passo dado em frente quando o instinto insistia em dois passos atrás. Por vezes ocorrem no simples ato de coragem de dizer: «Basta. Nunca mais.» Procurou com a mão a face desprovida de véu e sentiu uma ameaça de pânico. Portanto, deu mais um passo em frente.

Sentiu um braço no seu braço direito e, quase em simultâneo, outro no esquerdo.

– Pergunto-me – disse Anna – se sentirá o mesmo profundo temor que eu senti neste preciso salão, no ano passado, Wren. Suponho que sim, embora aparente a mesma tranquilidade e a mesma firmeza de sempre.

– Ainda bem que as nossas saias são compridas – devolveu Wren. – Não conseguem ver os meus joelhos a tremer.

– Se lhe serve de alguma consolação – disse Anna –, acrescentarei que o meu primeiro baile nesta casa será sempre uma das minhas recordações mais queridas.

– Tinha razão quanto às cores, Wren, embora eu estivesse com dúvidas – declarou Elizabeth. – O seu vestido é perfeito. Tal como disse a mãe antes de sairmos de casa, é como ter a primavera e o verão num só.

– E eu tinha razão quanto ao Alexander, Lizzie – disse Wren. – Reconheceu a referência aos narcisos sem precisar que lho explicasse.

E, então, muito antes de se sentir preparada – alguma vez se sentiria? –, os convidados começaram a chegar e estava na altura de formar a fila de receção, enquanto o mordomo, devidamente uniformizado, assumia o seu lugar à porta do

salão de baile para anunciar os convidados à medida que pisavam o topo da escadaria. Anna e Avery encontravam-se junto à porta, Wren e Alexander ao lado deles, Elizabeth e a mãe a seguir.

E Wren ali permaneceu, sorrindo e inclinando a cabeça, apertando mãos, oferecendo, até, a face para o beijo ocasional, durante uma hora inteira, enquanto perto de trezentos membros da mais fina flor da sociedade desfilavam diante de si, olhando-a e cumprimentando-a. Não fez qualquer esforço para esconder o lado esquerdo do rosto. Comportou-se como se fosse isenta de mácula. Houve vários olhares prolongados, algumas sobranceiras alçadas, um monóculo erguido e dois esgares explícitos. Foi tudo. Todas as outras pessoas a saudaram com sorrisos e comentários educados. Várias mostraram-se até calorosas nas suas congratulações. O monóculo erguido, constatou Wren, apenas depois de o ver transitar para o salão de baile pela mão da dona, pertencia à mais velha das duas senhoras que vira a passear junto ao Serpentine com Alexander, no dia em que ela própria chegara a Londres.

– Creio que está na altura de abrir o baile – anunciou Avery, por fim, com o monóculo cravejado de joias a meio caminho do olho. – Devo felicitá-la, Wren, e agradecer-lhe efusivamente. Este terceiro baile que organizamos em Archer House, comigo como seu duque, destina-se a ser tão surpreendentemente concorrido quanto os outros dois. Um tal sucesso poderá apenas reforçar a minha reputação.

Wren riu-se, tal como ele esperara que fizesse, percebeu pelo olhar divertido que lançava na sua direção. E voltou o seu rosto sorridente para Alexander, o qual, por qualquer arte, conseguia estar ainda mais belo do que o habitual, na sua casaca preta, calças de cetim prateadas pelo joelho e colete bordado a prata, meias e camisa brancas, laço vistoso no pescoço e punhos adornados de rendas.

– O primeiro ato está concluído – declarou ela. – Passemos agora ao segundo. O baile.

– Vale sempre a pena recordar – disse ele ainda antes de a conduzir para o centro, para formarem a primeira quadrilha da noite – que a maior parte das pessoas também estará ocupada a dançar, e concentrada no seu pequeno mundo, e todos quantos não estão a dançar dedicam-se ou a conversar entre eles ou a observar uma centena de dançarinos. Temos sempre tendência para julgar que todos estão a observar-nos. O que só muito raramente é verdade.

– Ah! – replicou ela, com uma gargalhada. – Uma oportuna lição de humildade. – Mesmo assim, não ficou convencida. Alexander atrairia seguramente uma boa dose de olhares onde quer que se encontrasse e, portanto, também ela estaria na mira destes, por uma série de razões. O baile era dado em sua honra. Era a nova condessa de Riverdale, uma desconhecida do mundo

aristocrático. Devia ter-se espalhado a notícia da sua mancha facial e, mesmo que assim não fosse, todos os presentes aproveitariam o serão para olhar bem para ela. Era invulgarmente alta. Fora descrita nos jornais matinais, no dia a seguir ao casamento, como «a herdeira fabulosamente rica da vidraria Heyden». Era a irmã recém-descoberta de Lord Hodges. Portanto, só podia ser filha da famosa – ou infame – Lady Hodges. Oh... Não faltavam razões para receber com ceticismo a tentativa de apoio de Alexander. Mas pouco importava. Estava ali e não iria dar dois passos atrás – nem um, sequer. Nem iria continuar especada no mesmo lugar. Avançou de braço dado com o marido, as costas direitas, o queixo erguido, um sorriso no rosto e um brilhozinho nos olhos, para rematar.

O pior tinha passado. Já fora vista por todos.

Na verdade, não tinha. Havia o baile, ainda. E ela não conseguia lembrar-se de uma única dança nem dos passos e das figuras que as compunham. As suas pernas pareciam feitas de pedra, os joelhos presos, os pés demasiado grandes para a sua altura.

– Wren – disse Alexander, pousando a mão sobre a dela. – Admiro-a, sabe? Mais do que a qualquer outra pessoa.

Mas que auxílio poderia ela ter nisso?

Netherby poderia, sem sombra de dúvida, apregoar que o terceiro baile organizado em Archer House gozava de tanto êxito quanto os dois que o precederam, pensou Alexander, durante o serão, e faria isso mesmo no final da noite, nem que fosse para arrancar um sorriso a Wren. Não que fosse necessário arrancar-lhe sorrisos naquela noite, pois ela não parara de sorrir desde que o primeiro convidado assomara à porta do salão de baile. E não se tratava apenas de um sorriso social. Resplandecia. Parecia a pessoa mais feliz do baile, os ombros direitos, a cabeça erguida. E dançava todas as danças, com ele, com Sidney, com o irmão, com um dos amigos do irmão, com Netherby, com desconhecidos aos quais fora apresentada na fila de receção. E dançava com precisão e parecendo divertir-se. Fora cear pelo braço do tio Richard.

Talvez só ele compreendesse a coragem que exigira dela, enfrentar aquela noite. Ou talvez não. A sua mãe e Lizzie compreenderiam seguramente. Como também, suspeitava, Anna e Netherby, e... bem... a sua família inteira. Assim com o Hodges. Este chegou mesmo a abordar Alexander durante um intervalo entre danças, depois da ceia.

– Como é que a Roe consegue ser um sucesso tão grande depois de viver como uma eremita durante vinte anos? – questionava. – Onde é que ela vai buscar aquela firmeza e aquela coragem, Riverdale? Honestamente, não me sinto

digno de ser seu irmão.

– Nem eu de ser seu marido – garantiu Alexander, dando uma risada. – Ao que parece, o tio batizou-a de Wren porque parecia um pássaro engaiolado. Julgo que esse pássaro descobriu finalmente que a porta da gaiola esteve aberta durante estes anos todos, e saiu a esvoaçar e descobriu que vale a pena lutar pela liberdade.

– Sim – concordou o irmão. – Está na luta, não está?

– Pode crer – devolveu Alexander. – Este salão de baile é o seu campo de batalha.

– Pedi a Miss Parmiter a honra da próxima dança – informou Hodges. – Tenho de ir reclamá-la. É uma valsa e ela só há uma semana tem a aprovação de uma das patronas do Almack's para a dançar.

Wren não obtivera tal aprovação, embora várias das patronas estivessem presentes no baile e a concedessem sem dúvida, se a tal fossem solicitadas. Contudo, a sua mulher já tinha quase trinta anos, era a condessa de Riverdale e não precisava da aprovação de ninguém para fazer coisa alguma. Dançara a valsa com o irmão, que Alexander observara, morto de pesar por se ver privado desse prazer. Contudo, a etiqueta decretava que não poderia dançar mais de duas vezes com a mulher durante o serão, e ele preferira aguardar pela valsa mais tarde. Por aquele momento, na verdade. Dançara todas as danças com pares diferentes, mas aquela era a dança que tanto aguardara. Reservara-a para ela. Seria desastroso chegar ao seu lado e constatar que outra pessoa a reivindicava.

Ela sorriu ao reparar que ele se aproximava. A um observador descomprometido, pareceria que a sua expressão não se alterara, pois passara a noite inteira a sorrir, mas ele detetava uma qualidade mais profunda, uma efusão no olhar que ela reservava só para si. E estava mais do que na altura de ambos reconhecerem o que acontecera desde aquele primeiro e tenebroso encontro em Withington, desde a supressão da proposta no domingo de Páscoa, desde o pedido dominado pela sensatez e a razoabilidade que lhe apresentara em Hyde Park. Pois *algo* acontecera. Tudo acontecera, na verdade, e ele estava certo de que não poderia ser o único visado.

– Minha senhora – declarou, pegando na mão dela e oferecendo-lhe uma vénia sem tirar os olhos dos seus –, trata-se da minha dança, creio eu.

Elizabeth, ao lado, abanava o leque com expressão divertida.

– Creio que sim, cavalheiro – devolveu Wren. – E estou quase certa – acrescentou, depois de ser conduzida ao centro – de poder prometer não lhe pisar os pés, pois não pisei os do Colin uma única vez.

– Wren – retomou ele, enquanto um dos violinistas afinava ainda o seu instrumento e os outros dançarinos se reuniam à volta deles –, conseguiu.

Enfrentou o mundo sem medo e provou que é capaz de fazer tudo aquilo a que se disponha.

– Ah... Mas não sem medo – disse ela.

– Com coragem, então – concedeu ele. – A coragem não é necessária onde não existe medo, afinal, e a Wren é a mulher mais corajosa... não... a pessoa mais corajosa que algum dia conheci.

– Mas não acredito que conseguisse atravessar o canal da Mancha até França – declarou esta.

– E escolheria tentar?

– Não – replicou ela, ao som das risadas dos dois.

E ouviu-se a música. Valsaram timidamente, primeiro, concentrando-se em efetuar os passos de forma correta e em encontrar um ritmo comum. Então, ele fê-la desenhar uma volta, ao que ela ergueu o rosto corado e sorridente. As costas dela arquearam-se com o prazer de sentir a mão dele na cintura. A mão esquerda pousou-lhe no ombro enquanto a direita permanecia segura na sua. E o mundo convertera-se num lugar maravilhoso, e a felicidade era real mesmo que só de vez em quando, em momentos de alegria consciente, como aquele, assomasse em todo o seu fulgor. A família dele, e dela, os amigos, os pares e os conhecidos dançavam à volta dos dois no prazer partilhado da celebração da vida, da amizade e do riso. Tinha a sua mulher nos braços e iniciavam ambos um casamento que, com a graça de Deus, lhes traria contentamento e mais do que isso ao longo dos anos até à velhice e, quem sabe, mesmo depois.

Outros casais rodopiavam à sua volta, o rasto das velas espiralava acima das suas cabeças, as flores emanavam os seus perfumes inebriantes e a música vibrava no mais profundo dos dois.

Ela sorriu-lhe, e ele sorriu-lhe, e, na verdade, nada mais importava, nada existia além dela – e dele. Além dos dois.

– Ah! – soltou ela, num suspiro, quando a música terminou. – Tão depressa?

– Venha – disse ele. Não sabia se ela teria prometido a dança seguinte. Nem se importava. Conduziu-a para a varanda além das portas envidraçadas, e pelos degraus até ao jardim. Estava iluminado por coloridas lanternas suspensas das árvores, e pouco concorrido. Ele deteve o passo assim que ficaram debaixo de um salgueiro, ao lado do qual existia uma fonte, e abrigados dos olhares da casa.

– Feliz? – perguntou.

– Hum... – devolveu ela, agarrando-se ao seu braço. – Está maravilhosamente fresco cá fora.

– Suponho que continuará a insistir que aguardemos pelo final da temporada parlamentar antes de nos instalarmos em Brambledean.

– Sim – declarou ela. – Porque o dever que o prende aqui é importante para si

e, como tal, para mim.

– Partiremos no dia seguinte, sem falta – continuou ele. – Ao raiar do dia. Quero estar em casa. Consigo.

– Soa divinalmente bem, não soa? – devolveu ela.

– Wren. – Alexander voltou-se para ela e segurou-lhe o rosto entre as mãos. – Sou culpado de um engano terrível. E enganei-nos aos dois. Suspeitei, evidentemente, quando insistiu em terminar a nossa relação em Brambledean. Soube, evidentemente, quando voltei a vê-la junto ao Serpentine. A verdade salta aos olhos desde que lhe propus casamento, naquele dia, no parque. Desde então que clama pela minha atenção.

Ela ergueu as mãos, pousando-as sobre as dele.

– O quê? – replicou ela, num mero sussurro. A luz das lanternas oscilou com a brisa sobre o seu rosto.

– Amo-a – declarou ele. – À falta de melhor palavra. Mas talvez seja a acertada, afinal, pois engloba tudo o resto e vai além, ainda. Amo-a mais do que... Bem, não sou muito bom com palavras. Amo-a.

A luz escassa revelou o sorriso doce, sincero e radiante de Wren.

– Oh... – replicou esta, num sopro fascinado. – Escolheu a palavra mais bela da língua inglesa, Alexander. É que também o amo. Creio que conheço os meus sentimentos desde o momento em que, em Withington, o vi atravessar a porta da minha sala de visitas, parecendo desorientado por não a encontrar cheia de convidados. Sei seguramente desde o domingo de Páscoa. Cortou-me o coração deixá-lo partir, mas teria sido pior permitir que ficasse, ou assim pensei. Depois de voltarmos a encontrar-nos, escolhi aceitar a esperança do afeto e foi bom ter a certeza de que se importava comigo. Tentei dizer a mim mesma que seria suficiente. Tentei não ser gananciosa. Mas agora... Oh, Alexander, agora...

Ele tocou-lhe na testa com a sua.

– E, sabe? Já passaram pelo menos algumas semanas desde que reparei pela última vez – declarou ele. – Pergunto-me se ainda aí estará. – Ergueu a cabeça e perscrutou com ar concentrado a face esquerda de Wren. – Confirmo que está. Como é possível eu não ter reparado?

Ela ria-se.

– Talvez – disse ela – porque estava ocupado a reparar em mim.

– Ah! Sem dúvida que sim – declarou ele.

Sorriram um para o outro e ele beijou-a, enquanto ela unia calorosamente as suas mãos às dele.

...porque estava ocupado a reparar em mim.

Ah, Wren...

Sim.

Table of Contents

[Ficha Técnica](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)